

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Maristela Rosa da Silva**

**“O que é ser mulher negra no Brasil?”: O *Youtube* a serviço de uma nova representação**

Juiz de Fora

2020

**Maristela Rosa da Silva**

**“O que é ser mulher negra no Brasil?”: O *Youtube* a serviço de uma nova representação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Juiz de Fora  
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rosa da Silva, Maristela.

“O que é ser mulher negra no Brasil?” : O Youtube a serviço de uma nova representação / Maristela Rosa da Silva. -- 2020.  
212 f. : il.

Orientador: Paulo Roberto Figueira Leal  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Comunicação Digital. 2. Internet. 3. Identidade Feminina Negra. 4. Interseccionalidade. 5. YouTube. I. Figueira Leal, Paulo Roberto, orient. II. Título.

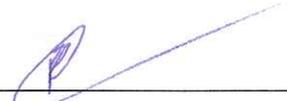
**Maristela Rosa da Silva**

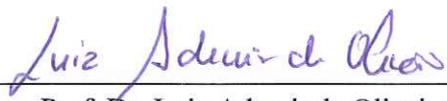
**“O que é ser mulher negra no Brasil?”: O *Youtube* a serviço de uma nova representação**

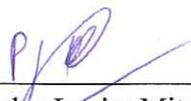
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 17 de FEVEREIRO de 2020

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
PhD Gladys Lanier Mitchell-Walthour  
University of Wisconsin Milwaukee

Dedico este trabalho à minha mãe, irmã, avós, tias, primas, amigas e à todas as mulheres negras que fizeram e fazem parte da minha vida, formação e trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Este é, com toda certeza, um trabalho construído a muitas mãos e mentes. Começo este agradecimento com um frio na barriga em pensar que, até mesmo em meio às minhas próprias dúvidas, esta dissertação foi concluída. Diante de tanto trabalho, de tanto esforço e aprendizado, preciso agradecer a muitas pessoas.

Primeiramente a mulheres negras, como Sueli Carneiro, Giovana Xavier, Djamila Ribeiro, Cláudia Pons Cardoso e tantas outras que ajudaram, com suas pesquisas e com seus trabalhos intelectuais, a tornar possível esta pesquisa feminina e negra, não só no objeto de análise e na autoria, como também nas referências bibliográficas. Pensar nossa realidade enquanto mulheres pretas passa, também, por reconhecer nossa intelectualidade e nossas intelectuais.

Preciso também agradecer imensa e infinitamente ao meu orientador, Paulo Roberto, porque eu simplesmente não sei o que faria da minha vida acadêmica sem ele. Paulo soube falar e calar quando foi preciso. Soube me dizer para onde ir ou simplesmente me deixar escolher, aparentemente, sozinha. Este trabalho jamais estaria pronto sem essa ajuda preciosa, sem seu olhar afetuoso, sem suas correções pontuais. Paulo, muito obrigada. De coração!

Uma das partes mais difíceis deste trabalho foi acreditar que ele estaria pronto a tempo e de forma satisfatória. Para que isso ocorresse, eu precisei trabalhar e reclamar muito para aliviar a tensão, e Marco Aurélio, meu companheiro de vida, sempre esteve lá para me ouvir e me apoiar, para puxar a minha orelha e me perguntar se eu estava mesmo escrevendo ou só procrastinando. Obrigada por ser a minha base.

Ao escrever este trabalho e refletir sobre todas as opressões sofridas por nós, mulheres negras, me veio à mente e ao coração, inúmeras vezes, a imagem da minha mãe, minhas avós, minhas tias, primas e outras tantas mulheres negras que conheço que resistiram e resistem todos os dias. Preciso agradecer a elas por abrirem os caminhos para que eu estivesse aqui e para que eu continue a percorrer meu caminho.

Agradeço também aos meus queridos colegas de pós-graduação, especialmente meus companheiros do grupo de pesquisa, Viviane, Déborah, Manoel e Willian, que já se tornaram amigos queridos, pessoas que me ajudaram a passar estes dois anos de forma mais leve. Aprendi e aprendo muito com cada um.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a compreender como mulheres negras têm falado sobre si mesmas e, assim, vêm construindo narrativamente uma representação midiática do que é ser mulher negra no Brasil. Esta dissertação tem como objeto de análise quatro canais do *YouTube*, a saber: Camilla de Lucas, Gabi Oliveira, Nátaly Nery e Rayza Nicácio. Foram escolhidos canais comandados por mulheres negras, uma vez que o principal objetivo foi identificar como a construção identitária feminina negra é feita por quem faz parte deste grupo social e se, ao ter a oportunidade de falar de si, essas mulheres e criadoras de conteúdo criam uma “contranarrativa”, ou seja, uma narrativa que rompe com a representação tradicional da mídia brasileira sobre a mulher negra. Parte-se da hipótese de que sim, há esta ruptura, uma vez que o que temos na mídia nacional tradicional, na maioria das vezes, é o olhar masculino e branco construindo as narrativas de representação de diferentes grupos, incluindo o feminino negro. Para tanto trouxemos à tona o conceito de midiaticização, que trata justamente das transformações sociais ocasionadas pelo surgimento de novas mídias. Este conceito nos ajuda, especialmente na atualidade, a compreender como diferentes instâncias da vida social contemporânea estão direta ou indiretamente atravessadas pelas mídias digitais e pelo *on-line*. Num segundo momento, este trabalho é dedicado a investigar e compreender como diferentes setores da mídia tradicional do Brasil, a saber: televisão, publicidade, jornal impresso, cinema, entre outros, representam a mulher negra. Antes disto, porém, discute-se como se dá a construção da identificação identitária de um grupo e qual o papel da representação midiática nesta construção. Parte-se, na quarta parte deste trabalho, para a análise dos canais escolhidos para a análise, onde percebe-se que, com 16 vídeos, 4 vídeos de cada canal e um total de 4 horas 14 minutos e 04 segundos de material analisados, cinco abordagens narrativas são identificadas, sendo essas: 1) protagonismo próprio; 2) beleza/estética; 3) educativo/informativo; 4) ativista/militante e 5) conquistas pessoais. Em análise a esses canais percebe-se, portanto, que há sim a construção de uma representação midiática que atua como uma “contranarrativa” à mídia tradicional do país, uma vez que esta pauta a mulher negra como serviçal, subserviente, coadjuvante, vítima social, tendo seus traços tratados como um problema a ser concertado. Porém, observa-se, nestes canais no *YouTube*, narrativas que colocam essas mulheres negras como protagonistas, usando seus próprios traços como fonte de inspiração e beleza, se apresentando como “bem sucedidas” e questionadoras da sociedade a sua volta.

**Palavras-chave:** Midiaticização. Internet. Mulher Negra. Interseccionalidade. YouTube.

## ABSTRACT

This paper aims to understand how black women have talked about themselves and, thus, constructed narratives in media representation of what it is to be a black woman in Brazil. This dissertation has as its object of analysis four *YouTube* channels, which are named as: Camilla de Lucas, Gabi Oliveira, Nátaly Nery and Rayza Nicácio. Channels led by black women were chosen since the main objective was to identify how black female identity construction is done by those who are part of this social group and if, by having the opportunity to talk about themselves, these women and content creators create a “counter-narrative” that it is the one that breaks with the traditional representation of the Brazilian media regarding black women. It is assumed that there is a rupture, bearing in mind what we have in the traditional national media is in general the male and white gaze that constructs the narratives of representation of different groups, including the black female. For this reason we brought up the concept of mediatization, which deals precisely with the social transformations caused by the emergence of new media. This concept helps us, especially nowadays, to understand how different instances of contemporary social life directly or indirectly intersects with digital and on-line media. Second, this work is dedicated to investigating and understanding how different sectors of traditional media in Brazil, such as television, advertising, print newspaper, cinema, among others; represent the black woman. Before this, however, there is a discussion of how the construction of identification of a group occurs and what is the role of the media representation in this construction. In the third part of this work, we start by analyzing the channels chosen for the analysis, which shows that with 16 videos that correspond to 4 videos of each channel and a total of 4 hours 14 minutes and 04 seconds of analyzed material, five narrative approaches are identified, such as: 1) self-protagonism; 2) beauty/aesthetics; 3) educational/informative; 4) activist/militant and 5) personal achievements. Analyzing these channels, therefore, it is clear that there is a construction of a media representation that acts as a "counter-narrative" to the traditional media of the country, since this displays the black woman as a servant, a subservient, a coadjutant and a victim in society, having her traits treated as a problem to be fixed. However, it is observed, in these *YouTube* channels, narratives putting these black women as protagonists, using their own traits as a source of inspiration and beauty, presenting themselves as "successful" and questioning the society around them.

**Keywords:** Mediatization. Internet. Black Woman. Intersectionality. YouTube.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Panorama geral dos canais Camilla de Lucas, Gabi Oliveira, Nátaly Neri, Rayza Nicácio .....	68
Quadro 2 – Panorama geral dos vídeos analisados no canal Camilla de Lucas .....	71
Quadro 3 – Panorama geral do canal Gabi Oliveira .....	79
Quadro 4 – Panorama geral dos vídeos analisados no canal Nátaly Neri .....	88
Quadro 5 – Panorama geral canal Rayza Nicácio .....	100

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Camilla de Lucas .....	70
Figura 2 – Gabi Oliveira .....	78
Figura 3 – Natály Neri .....	87
Figura 4 – Rayza Nicácio.....	99

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MIDIATIZAÇÃO.....	15
3	A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE VISTA SOB O OLHAR INTERSECCIONAL: a representação midiática das mulheres negras no Brasil..	38
3.1	IDENTIDADE.....	38
3.2	INTERSECCIONALIDADE.....	44
3.3	MULHER NEGRA E REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA.....	49
4	ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE 4 MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE.....	66
4.1	CANAL CAMILLA DE LUCAS.....	70
4.1.1	Vídeo <i>Fingi que era milionária em lugares caros</i> .....	72
4.1.2	Vídeo <i>Minha rotina noturna real!</i> .....	74
4.1.3	Vídeo <i>Problemas de pessoas altas!</i> .....	75
4.1.4	Vídeo <i>Fingi que era uma Kardashian na rua e olha o resultado</i> .....	76
4.2	CANAL GABI OLIVEIRA.....	78
4.2.1	Vídeo <i>Testando novidades Fenty Beauty   DePretas</i> .....	80
4.2.2	Vídeo <i>80 Tiros e o os privilégios do homem negro   Papo DePretas</i> .....	83
4.2.3	Vídeo <i>Reagindo a suposições de vocês sobre mim  DePretas</i> .....	84
4.2.4	Vídeo <i>O melhor gel para cabelos crespos!!!! DePretas</i> .....	85
4.3	CANAL NÁTALY NERI.....	87
4.3.1	Vídeo <i>Óleos essenciais e vegetais para sua pele feat. Daiana Petry #3</i> .....	89
4.3.2	Vídeo <i>Cotas para pessoas trans #VidaUniversitária</i> .....	91
4.3.3	Vídeo <i>Absorvente e calcinhas ecológicas (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor)</i> .....	94
4.3.4	Vídeo <i>Você, eu e esse canal</i> .....	96
4.4	CANAL RAYZA NICÁCIO.....	99
4.4.1	Vídeo <i>E se eu ficasse careca? Você ainda ficaria aqui?</i> .....	1000
4.4.2	Vídeo <i>É Oficial, sai do apartamento 84...   Rayza Nicácio</i> .....	10202
4.4.3	Vídeo <i>Mais poderosa, Lisa X Cacheada? #RAYRESPONDE</i> .....	103
4.4.4	Vídeo <i>Temos bancadas, pisos e a chegada do closet !@RAYZAHOME #DIARIODAOBRA  RAYZA NICÁCIO</i> .....	104
5	CONCLUSÃO.....	106
	REFERÊNCIAS.....	114
	ANEXOS.....	119

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser desenvolvido à medida que observamos o espaço de relevância que as mídias digitais têm alcançado no espaço cotidiano brasileiro, e como grupos sociais, antes relegados a um espaço minoritário dentro das mídias tradicionais, potencialmente poderiam aproveitar as plataformas *on-line* para veicular seus próprios conteúdos. Então a principal pergunta a se fazer é: De que modo esses grupos se apresentam quando falam diretamente por si mesmos, e não mais mediados pelas estruturas tradicionais?

Pensar este trabalho foi, primeiramente, fazer um exercício de análise das possibilidades e limitações da Internet dentro do cenário nacional. Quando falamos de mídia tradicional, por exemplo, pensamos especialmente na TV aberta, cujo sinal alcança quase 98% dos lares brasileiros (enquanto a Internet alcança um pouco mais de 50%). Se a TV tem o potencial de falar com quase todo mundo, a Internet se estabelece como canal no qual quem tem acesso a esta pode se tornar não apenas espectador, mas também produtor de conteúdo.

Produzir este conteúdo, obviamente, demanda condições que, dependendo do formato e da plataforma, implicam acesso não só à própria rede, mas também a equipamentos e conhecimentos específicos (câmera, editor de vídeo, tempo para que esta produção aconteça). Falar da potencialidade do mundo digital é, portanto, falar também do acesso que alguns têm – e outros não – tanto à Internet quanto à expertise por ela exigida. Num país marcado pela desigualdade social entre distintos grupos étnicos, entre distintos gêneros e distintas classes, a questão é ainda mais relevante.

Porém, mesmo com as possíveis barreiras de acesso, a possibilidade de produção de conteúdo se dá de uma maneira nunca observada nas mídias tradicionais, como TV, revista, rádio, jornal, cinema e outros. Se tínhamos algumas agências, emissoras, produtoras e redações no controle da produção midiática, e essa produção vinha essencialmente de homens brancos, hoje observamos um outro cenário. Assim, falar da realidade *on-line* é também falar de um potencial expandido de pessoas cada vez mais diversas produzindo conteúdo.

Mas como esses grupos fazem uso, efetivamente, destas ferramentas? Se é verdade que há evidências de que a rede mundial de computadores acaba por ser colocada a serviço da propagação dos mesmos padrões vistos nas mídias tradicionais, sobretudo concentrando a maior audiência em conteúdos produzidos por homens brancos, como os grupos minoritários articulam suas próprias narrativas nestas plataformas?

Portanto, olhar para as mídias digitais como uma possibilidade de quebra de paradigmas foi o primeiro disparador para este trabalho. O segundo foi perceber a maneira

como grupos sociais pouco representados ou apresentados de forma estigmatizada dentro das mídias tradicionais brasileiras têm se apropriado de plataformas *on-line* para apresentar a si mesmos. Como mulheres, LGBTs, negros, indígenas e outros têm usado a possibilidade de comunicação *on-line* para falar de si, de suas necessidades e de como querem ser vistos?

Neste sentido, este trabalho escolheu se debruçar sob a produção de mulheres negras nas plataformas digitais, a fim de entender, justamente, qual a representação que elas têm feito de si mesmas ao produzirem conteúdos para seus canais no *Youtube*. A partir do que falam (e de como falam), pretende-se aqui depreender sobre o modo como elas significam o que é ser mulher negra e como mobilizam os recursos digitais para construir essas narrativas – essa é a questão central proposta pelo presente trabalho.

Este grupo identitário foi escolhido em função de sua relevância. O Brasil é o segundo país do mundo com maior população negra (atrás, em termos absolutos, apenas da Nigéria), fruto de séculos de escravidão racializada – e com indicadores, ainda hoje, a revelarem um enorme fosso entre as condições de vida de brancos e de negros. E tem também uma longa cultura de patriarcado e de machismo. Mulheres negras, portanto, constituem um grupo especialmente estigmatizado e estereotipado pela mídia tradicional.

Ressaltamos que o entendimento da questão racial, neste trabalho, passa pela compreensão de que o conceito de “raça” se dá no que diz respeito à construção social racializada que reconhece, através de fenótipos, o grupo racial a que o indivíduo pertence. Entendemos, portanto, que biologicamente a “raça” é humana, mas no que se refere a representações e dinâmicas sociais o termo, para nos direcionarmos à pessoas negras, se adequa a este estudo.

Pensando no que se refere às mulheres negras, um dos conceitos que norteiam este trabalho é o de *interseccionalidade*, que dá conta justamente de compreender que opressões de gênero, raça, classe, entre outras, quando interligadas em um único grupo social, produzem experiências sociais específicas que precisam ser nomeadas. No que diz respeito ao feminino negro se faz necessário entender que falar de “ser mulher” não é o suficiente, da mesma forma que tratar o “ser negra” também se faz insuficiente com as experiências que este grupo identitário carrega.

Assim, partindo de uma pesquisa sobre a representação da pessoa negra nos espaços de mídia tradicional brasileira, estabelecemos, posteriormente, um recorte interseccional nas diferentes formas de produção midiática tradicional do país, incluindo TV, cinema, publicidade e outros veículos. Desta forma, buscamos compreender quais as principais representações feitas do grupo social feminino negro no espaço destas mídias.

Porém, antes de estabelecermos esta representação midiática, partimos de outro conceito que se faz imprescindível neste trabalho, a “mídiatização”. Este dá conta das mudanças sociais ocasionadas pela infiltração das mídias em vários aspectos da vida cotidiana. A mídiatização traz o entendimento de que o dia a dia em sociedade, as relações de poder e a forma como grupos sociais enxergam uns aos outros está intimamente ligado à forma como as mídias se apresentam de maneira cada vez mais forte na vida social.

Mais que isso, o conceito de mídiatização nos ajuda a compreender especialmente como as mídias digitais e as plataformas *on-line* têm contribuído para modificar tanto as dinâmicas sociais, quanto os paradigmas de criação e difusão de conteúdo midiático, uma vez que, como dito anteriormente, as plataformas *on-line* permitem que quem consome também se torne produtor de conteúdos que serão consumidos por outros – que, por sua vez, também podem se tornar produtores.

Assim, após a discussão sobre a realidade mídiatizada vivida na atualidade, partimos para a compreensão de outros dois conceitos que estão presentes neste trabalho: identidade e representação. Nesta discussão, a principal questão foi discutir de que forma a identidade social é construída e qual o papel que a representação midiática assume nesta construção. Com a resposta a esta pergunta, entendendo como mulheres negras são representadas na mídia, e munidas de um recorte interseccional, pudemos partir para a análise do objeto escolhido.

Para a análise de um conteúdo *on-line* na Internet escolhemos o *YouTube* como campo de coleta de material, isso porque esta é, atualmente, a maior plataforma de compartilhamento de vídeos do mundo. O *YouTube* funciona hoje 100% com o material produzido por criadores de conteúdo em todo o mundo. Com diferentes temas envolvidos nesta criação, esses produtores criam, através de postagens regulares, uma plataforma de fãs e um modelo de negócios que têm rendido, para alguns, dinheiro e notoriedade. A ocupação de *youtuber*, ou seja, aquele que produz conteúdos para a plataforma *YouTube*, já é vista como uma profissão.

Com a plataforma escolhida precisávamos estabelecer critérios para a escolha dos canais analisados. Para tanto determinamos, em primeiro lugar, que os canais escolhidos precisavam estar ativos no momento que este trabalho estivesse sendo produzido, com ao menos uma postagem por semana, sendo estes comandados por mulheres negras – mulheres essas que já tivessem se declarado negras em algum conteúdo próprio na própria plataforma do *YouTube*.

Estabelecemos ainda que escolheríamos apenas canais brasileiros com 200 mil inscritos ou mais, uma vez que este é um alcance considerado relevante de acordo com as diretrizes da própria plataforma. Os canais em questão também precisavam contar com

postagens regulares durante o mês de abril de 2019, período escolhido para esta análise. Foram seis os canais que cumpriram, no levantamento feito, por todas estas exigências. Porém, para que pudesse ser realizado da maneira mais completa que possível, escolhemos os quatro que obtiveram o maior engajamento nos vídeos, ou seja, maior número de visualizações e comentários durante o período escolhido para análise.

Desta forma, os canais escolhidos foram “Camilla de Lucas”, “Gabi Oliveira”, “Nátaly Neri” e “Rayza Nicácio”. Para a análise destes canais escolhemos o mês de abril de 2019, visando observar um momento destes canais onde não houvesse interferências relacionadas a datas comemorativas – o objetivo foi o de analisar o cotidiano narrativo produzido nestes canais. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo, com objetivo de esmiuçarmos a narrativa presente nos conteúdos selecionados e, a partir daí, compreendermos quais eram as representações feitas por essas criadoras sobre a identidade feminina negra (mesmo em postagens cuja discussão não fosse sobre o tema).

Neste trabalho, partimos da hipótese de que essas mulheres negras, ao produzirem conteúdo próprio na Internet, têm criado uma contranarrativa ou uma narrativa contra-hegemônica do que é ser mulher negra. Supomos inicialmente também que estas mulheres estabelecem, ainda que através de conteúdos diferentes, um fio condutor que as assemelham nesta comunicação com o público.

Para testar a hipótese, a mobilização da metodologia de análise de conteúdo adequou-se por permitir a busca de padrões de organização do material publicado, o que nos possibilitou compreender quais foram as principais abordagens narrativas escolhidas por estas criadoras de conteúdo, se e o quanto havia coincidências entre essas narrativas. Ao apontar como as criadoras construíam suas narrativas, buscava-se verificar se, ao estabelecerem seus discursos e suas posturas, elas rompiam com a construção midiática hegemônica da representação feminina negra.

Nosso objetivo, ao final deste trabalho, é o de compreender quais construções narrativas são mobilizadas por mulheres negras quando, através de uma ferramenta midiática, elas têm a oportunidade de construir uma representação ou representações que dão conta de uma construção identitária do grupo social ao qual elas pertencem. Assim, o que é ser mulher negra para essas criadoras de conteúdo *on-line*?

Para responder a esta pergunta discutiremos, no capítulo 2, o poder e alcance das plataformas digitais na sociedade atual, resgatando a origem da criação da Internet, visando compreender seu estágio atual, comparando com o alcance ainda relevante, especialmente no Brasil, das mídias tradicionais. Já no capítulo 3 trataremos de como se dá a construção

identitária de grupos sociais e qual o papel da representação midiática nesta construção, para, por fim, entendermos qual a representação feminina negra dentro da mídia tradicional feminina.

A análise dos canais escolhidos é desenvolvida no capítulo 4, por meio de uma tabela inicial que descreve o panorama geral do que encontramos nos quatro canais, para, em seguida, realizar a análise mais aprofundada de cada um deles e de cada vídeo selecionado. Por fim, as considerações finais estão no capítulo 5.

## 2 MEDIATIZAÇÃO

A fim de que possamos compreender como processos comunicacionais têm sido utilizados atualmente para a construção de uma identidade negra – através das mídias digitais – é importante que, anteriormente, entendamos dois fenômenos que fazem com que estes acontecimentos valham o esforço deste estudo, sendo estes: a centralidade da mídia na vida cotidiana e a mediatização. Estes dois são importantes e aparecem juntos nesse capítulo, uma vez que um possibilita a existência do outro.

Afinal de contas, porque estudar fenômenos comunicacionais se faz importante em uma sociedade como a nossa? Flores e Barichello (2009) nos ajudam a compreender esta importância, ao alertar para o fato de que a comunicação está na base da nossa existência, e que é através dela que os processos em sociedade se constroem e se constituem em fenômenos sociais. Assim, a comunicação e também seus processos midiáticos têm participação direta nas nossas configurações socioculturais. Os autores observam que até mesmo nossa maneira de agir e de ver o mundo têm relação direta com os mecanismos comunicacionais que adotamos. (FLORES; BARICHELLO, 2009).

Assim, o conceito ou a ideia de “centralidade da mídia” se faz imprescindível para este estudo, uma vez que vem justamente explicar melhor como a comunicação mediatizada tem se tornado o principal ator nesta nossa configuração social da atualidade. Com efeito, este conceito surge para, através de uma observação sociocultural – no caso deste trabalho, a sociedade brasileira – colocar a mídia e os meios tradicionais de comunicação como instrumentos de construção de realidade. Atentando para este conceito, junto à observação de Flores e Barichello, podemos chegar à conclusão de que toda nossa estrutura social se modifica, de forma drástica, quando a mídia é inserida no contexto, de maneira até mesmo reestruturadora das nossas relações cotidianas. Exploraremos esta ideia ao longo deste capítulo.

Quando falamos do Brasil podemos perceber que a comunicação mediatizada foi e tem sido usada de forma a produzir discursos que unifiquem o país, ajudando justamente a construir o que nossa população enxerga como a “realidade”. Se pensarmos na centralidade da mídia no nosso cotidiano, podemos pensar na “comunicação de massa”, também denominada como “mídia massiva”. Desde o advento do jornal impresso, passando por revistas, rádio e televisão, a comunicação midiática se faz cada vez mais presente no dia a dia da nossa sociedade, e esta presença é medida em números.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2016 e divulgada em 2018,

constatou que, de 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil, apenas 2,8% do total, ou seja, 1,9 milhão deles, não tinham um aparelho de televisão. Ou seja, mais de 95% dos lares brasileiros possuem, ao menos, um televisor.

E é importante compreender que essa forte presença dos televisores nas casas brasileiras não aconteceu por acaso, e que estamos tratando de uma parte importante de um projeto de nação:

Essa quase onipresença [da TV] começou com a expansão das redes nacionais, incentivadas pelo pressuposto de que o meio seria uma importante ferramenta de integração nacional. Potencial reconhecido e explorado desde os governos do Regime Militar no Brasil, entre 1964 e 1985. (MATTOS, 2002, apud BRANDÃO; COUTINHO; LEAL, 2012, p. 48).

Para realmente ser um agente unificador do território nacional, ou seja, transmitir para toda a sociedade brasileira os mesmos “valores”, a mesma maneira de ver a nação, os televisores precisavam não só estar nas casas, mas suas mensagens precisavam ter credibilidade, além de fazer parte do cotidiano social, se integrando à vida do cidadão brasileiro:

Não podemos ignorar o papel da televisão na construção do cotidiano das pessoas, como uma das mais relevantes mediações contemporâneas: ela unifica – através de sua programação – os hábitos e costumes em todas as regiões do país. Assim, [...] a televisão constitui um âmbito decisivo de reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas, tanto as dos povos como as de grupo’. (MARTÍN-BARBEIRO; REY, 2001, p. 114 apud BRANDÃO; COUTINHO; LEAL, 2012, p. 48).

Assim, observando o histórico da TV como instrumento de comunicação mediada, podemos ver um exemplo de como instrumentos comunicacionais ocupam um papel tão central, que até mesmo em planos de governabilidade e unidade de um país eles aparecem com destaque. Mais que isso, percebemos que a presença do aparelho televisor nos lares brasileiros vem acompanhado do hábito de assistir à TV e de, através dela, compreender a realidade vivida no país. Neste contexto, portanto, falar de “centralidade da mídia” faz todo o sentido.

Um produto midiático que ilustra muito bem o quanto a comunicação massiva midiaticizada, neste caso, a TV, tem feito parte da vida cotidiana brasileira, é a telenovela. Na dissertação “A representação das identidades homossexuais nas Telenovelas da Rede Globo: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar”, Guilherme Fernandes escolhe três novelas para aplicar a análise de conteúdo, sendo estas: “O Rebú”, de Bráulio Pedrosa – exibida em 1974; “Os Gigantes”, de Lauro César Muniz – exibida em 1979,

e “Brilhante”, de Gilberto Braga – exibida em 1981. O objetivo é justamente compreender como, em plena ditadura militar, os personagens homossexuais foram retratados nessas tramas.

Ao justificar sua escolha pela telenovela como objeto de estudo, Fernandes aponta a importância desse produto midiático no cotidiano das famílias brasileiras: “A telenovela brasileira lança modas, costumes e hábitos. Suas histórias encantam e já encantaram muitos brasileiros, que se viram representados nos diversos *plots* criados pelos autores.” (FERNANDES, 2012, p.12). Mais do que isso, estando na casa e no cotidiano dos brasileiros há mais de 60 anos, essa produção televisiva nacional tem não só se alimentado da realidade sociocultural brasileira, como tem produzido, através de seus discursos, a realidade vivenciada por seus telespectadores:

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, o nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente da construção da realidade, num processo permanente em que a ficção e a realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. (BRANDÃO; COUTINHO; LEAL, 2012, p. 19).

Os autores consideram ainda que “[...] de uma forma indireta, transfere-se para a ficção, a responsabilidade de mostrar a verdade ou a realidade da vida dos brasileiros” (BRANDÃO; COUTINHO; LEAL, 2012, p. 19). Ou seja, quem assiste à telenovela olha para a mesma como um retrato de sua própria vida, se envolvendo emocionalmente com as tramas apresentadas. Porém, ao falar de comunicação midiática na atualidade, não podemos nos prender à televisão e seus produtos midiáticos. Na verdade, até mesmo esta, que, como vimos, é praticamente onipresente nos lares brasileiros, tem se rendido às novas tecnologias:

[...] os meios de comunicação social tradicionais (componentes do campo midiático), por sua vez, tiveram um redimensionamento de sua atuação e passaram a fazer uso, de maneira intensa, dos mecanismos associados aos sistemas digitais, tais como a internet. Já os atores sociais individuais e coletivos (originários de campo sociais não midiáticos) passaram a utilizar as tecnologias midiáticas como mediadoras de suas práticas diárias e até das relações particulares as quais agora estão coligadas à lógica midiática. (SGORLA, 2009, p. 62).

Em seu texto intitulado “Discutindo o ‘processo de midiáticação’”, Fabiana Sgorla discute como as novas tecnologias têm tomado espaço na vida cotidiana e como isto vem transformando as relações sociais na atualidade. A autora pontua que a tecnologia, a comunicação digital, outrora vistas e tratadas como periféricas, hoje têm tomado um espaço importante na mediação dos indivíduos com o mundo:

As tecnologias midiáticas, transformadas em mídias propriamente, são aceitas, agora, tendo um papel importante na mediação simbólica de determinadas relações (tornando-se um elemento indissociável e cultural dessas relações) e deixam de ser pensadas somente pelo seu âmbito funcionalista – de sua função como equipamento. Nas medições possíveis pelas redes da internet, a comunicação acontece por meio de fluxos, os quais se desprendem novos e infinitos significados e sentidos que se configuram no feixe de interseção entre tecnologia, indivíduo e estratégia (SGORLA, 2009, p. 63).

Hoje, a Internet se configura como um grande campo no qual a comunicação ganhou novos ares e novos circuitos de criação e transmissão de conteúdo. Atualmente, através da fibra ótica, das redes sem fio, dos *smartphones*, computadores e até mesmo *smart TV's*, a Internet tem feito cada vez mais parte da vida cotidiana de muitos. As mídias digitais, neste sentido, entram como mais um elemento midiático que, fazendo cada vez mais parte do dia a dia da sociedade brasileira, se inserem neste contexto de centralidade da mídia. Porém, suas características específicas de descentralização do conteúdo e ramificação para vários campos da vida social, traz à tona um outro conceito que é o da “mídiatização”. O veremos mais à frente ao longo deste capítulo.

Com relação à presença cada vez maior da Internet na vida cotidiana, podemos perceber que esta é vista de modo ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que a rede *on-line* é considerada como o espaço de prosperidade da democracia, com circulação de conteúdo e informação descentralizadas, também é o lugar que outros veem como “refúgio de criminosos”, onde valores acabam por ser subvertidos. Assim, muito enxergam a *web* como um espaço que precisa ser “civilizado”. (LOVELUCK, 2018, p. 11).

Mesmo com toda essa ambiguidade, é possível observar que os dilemas da Internet não atrapalham, até então, o crescimento de usuários na rede. Assim como fizemos no caso da TV – uma “mídia tradicional” –, podemos fazer com a Internet, constatando em números o quanto ela se faz presente na vida dos brasileiros atualmente. Estes dados nos revelam o quanto e como as mídias digitais estão presentes no cotidiano nacional. Para tanto recorreremos, mais uma vez, aos estudos realizados pelo IBGE em 2016 e divulgados em 2018.

De acordo com os dados levantados, apenas 45,3% das casas brasileiras possuem computador, um número muito menor do que as casas com TV; porém, 92,6% delas possuem celulares. E a pesquisa constatou ainda que é justamente através do celular que acontece 90% dos acessos à Internet, em todas as regiões do país. Desses usuários, 76,4% declaram usar o aparelho para, através da Internet, assistir a vídeos, programas, séries e filmes. Na pesquisa ainda se destaca que o acesso à Internet e a posse de celular são tendências crescentes no Brasil.

Para que possamos entender como a Internet – que de acordo com os dados, está cada vez mais presente na vida do brasileiro – tem reconfigurado a maneira com que consumimos e fazemos comunicação, é importante compreender seu surgimento e qual caminho foi percorrido para que a mesma chegasse ao patamar de hoje.

A rede mundial de computadores não foi pensada, inicialmente, para uso pulverizado que temos atualmente. Antes ela foi desenvolvida para um fim muito específico: a estratégia de guerra.

A história da rede revela múltiplas origens e trajetórias complexas que impedem qualquer narrativa linear ou teleológica (SCHAFER & THIERRY, 2013). Mas o surgimento da informática comunicante tem a ver com a questão do poder no sentido mais genuíno do termo. Ela é, em grande parte, o resultado do complexo militar-científico norte-americano e da Guerra Fria, como tem sido demonstrado pelos principais trabalhos sobre o assunto. (NORBERG & O'NEILL, 1996; EDWARDS, 1996; ABBATE, 1999). Em muitos aspectos, o seu desenvolvimento ocorreu raramente em 'meio aberto' e foi, em grande parte, o resultado de um 'controle autocrático' e de uma poderosa vontade política (RUSSELL, 2014). No entanto, em razão de uma reviravolta que merece ser estudada com maior profundidade, essas tecnologias destinadas inicialmente a servir ao interesse do Estado, do seu aparelho tecnográfico e de suas ambições belicosas, acabaram materializando um programa de emancipação e uma alternativa ao poder centralizado. (LOVELUCK, 2018, p. 12).

Então, quando falamos da Internet nos referimos a um meio que, no seu início, estava ligado ao poder do Estado, o que diverge totalmente da ideia de descentralização do poder que a *web* traz consigo atualmente. Assim, é importante compreender que, antes que tivéssemos a Internet tal como conhecemos hoje, um caminho longo foi percorrido, caminho este que possibilitou que uma tecnologia estritamente militar, pensada para estratégia de guerra, entrasse no cotidiano das pessoas e, assim, transformasse de maneira radical a maneira de se consumir, produzir e estudar a comunicação atual.

Podemos considerar a cibernética a “mãe” da rede mundial de computadores. Esta é a disciplina que propõe e concretiza a “aliança entre a informação e a biologia”. E esta junção continua permeando as representações e a forma como se entende a Internet até os dias de hoje. A cibernética foi, assim como a Internet é, em termos, um “sistema sociotécnico que estabelece vínculos na espécie humana pela circulação de informação, algo como metade construção técnica e metade como organismo vivo” (LOVELUCK, 2018, p. 23).

“[...] o termo *cibernética* vem do grego *kubernetikos* que, em uma primeira acepção, significa a pilotagem de um navio, a arte do timoneiro; e, em um sentido derivado, a arte de governar os seres humanos” (LOVELUCK, 2018, p. 25-26, grifo do autor). E, no século XX,

esta disciplina – a cibernética – fez com que a nossa sociedade entrasse em uma nova era, onde o humano e a máquina se conectavam de uma maneira nunca antes experimentada:

Muito rapidamente, a ‘nova ciência’ cibernética – conhecida do público em geral como uma teoria dos “cérebros mecânicos” – se apresentou como uma redefinição radical da posição de ser humano em suas relações com a técnica. Do mesmo modo que, no século XIX, Darwin havia posicionado “o ser humano e o macaco” em um plano semelhante, assim também, o século XX assistiu a convergência entre o ser humano e a máquina – com implicações simultaneamente religiosas, éticas e políticas que se revelaram ser duradouras. (LOVELUCK, 2018, p. 28).

Como já dito, a cibernética, e todo seu desenvolvimento posterior, ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial. A disciplina convergiu esforços e competências de profissionais da área da matemática, engenharia e militares com objetivos de desenvolver estratégia militar de guerra. A ideia principal era a de fabricar um mecanismo mais eficaz para a defesa antiaérea, e nesse afã é que os primeiros trabalhos visando uma maior integração entre “o ser humano e a máquina” foram tomando forma efetiva, “inaugurando uma reflexão mais ampla sobre a relação entre ‘controle e comunicação’” (LOVELUCK, 2018, p. 26).

Assim, é importante compreendermos a cibernética, uma vez que é através dela que um projeto com fins de defesa militar acaba quase se tornando uma simbiose entre o homem e a máquina, e onde a comunicação, como instrumento de poder, se encontra, mais uma vez, no centro:

A cibernética, apoiando-se em uma Teoria Científica da Informação, articula com vigor a maneira como esta última adquiriu uma posição central no devir biológico, tecnológico e social da humanidade, outorgando-lhe, assim, um potencial político intrínseco na medida em que informação é fonte de poder: de acordo com o modo como é utilizada, ela pode servir para o controle da sociedade ou ser posta a serviço de uma autonomia mais consolidada. (LOVELUCK, 2018, p. 24).

Enquanto alguns, como já dissemos, avaliam os meios digitais como um “potencializador democrático”, uma vez que descentralizam a emissão do conteúdo, outros veem a Internet como um instrumento “a serviço de uma autonomia mais consolidada”. Estes observam que quando o assunto é a produção de conteúdo *on-line*, esta sensação de democracia plena, que permite qualquer um produzir e estar em pé de igualdade com as grandes corporações da comunicação, não é verdade. Outros vão mais longe, percebendo a Internet apenas como mais um instrumento de “controle”. Travaremos essa discussão mais à frente neste trabalho.

Voltemos à questão da cibernética que, como vimos, foi a precursora para chegar à *web* como a temos hoje – uma vez que a criação da Internet, como observamos, não pode ser vista

de forma absoluta e linear. Portanto, há alguns pontos que podem ser vistos como iniciais – os valores políticos e de controle de sua criação estavam atrelados ao desenvolvimento da Internet:

A convergência iniciada pela cibernética entre a biologia e a informação, entre o cérebro humano e o cérebro maquinizado, levou especialmente à reformulação do projeto da ‘simbiose ser humano-máquina’, que constitui o fundamento da instalação em rede dos computadores. Assim, o computador foi além de seu estatuto inicial de calculadora para se tornar um ‘sistema de informação’ capaz de comunicação; uma transição que não era, de modo algum, evidente. E a forma assumida por essa instalação em rede foi completamente original, marcando uma ruptura com os princípios de telecomunicação vigentes na época. Obra indireta dos ciberneticistas, a arquitetura distribuída e os protocolos da Arpanet (cf. p. 46) e, em seguida, os da internet, constituem a tradução técnica de certo número de valores políticos, enquanto esboço das premissas de uma verdadeira filosofia política que se caracteriza pela vontade de abertura e de descentralização relativamente à circulação da informação. (LOVELUCK, 2018, p. 41).

Essa “descentralização relativamente à circulação da informação” mencionada por Loveluck (2018) é uma das principais características da Internet de hoje, e é ela que permite com que o objeto deste trabalho – os canais no *YouTube* protagonizados por mulheres pretas – seja possível. Sobre esta “descentralização” discutiremos ainda neste capítulo. Agora avançando para além da cibernética, precisamos ainda considerar que se tratava de um contexto de Guerra Fria. Uma comunidade científica limitada, que trabalha de comum acordo com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, desenvolve uma série de inovações que levou à instalação da Rede Arpanet que, logo na sequência, veio a se tornar a Internet.

Porém, para que esta tecnologia deixasse de ser apenas uma ferramenta militar e passasse a fazer parte da vida de civis ao redor de todo globo terrestre, uma transição foi necessária. Esta ocorreu durante a década de 1960, quando o computador “vai além de seu estatuto de máquina que permite calcular, processar informações e organizá-las, para ser considerado um *meio de comunicação*” (LOVELUCK, 2018, p. 45, grifo do autor).

Ao matemático britânico Alan Turing é atribuída a invenção do computador:

A demonstração teórica dos princípios do computador moderno é atribuída ao matemático britânico Alan Turing, o qual havia proposto em 1936-1937, em particular, uma formalização do conceito de algoritmo, através da modelização do que ele designa por ‘máquina automática’ [batizada, em seguida, ‘Máquina de Turing’]. Assim, ele estabelece que tudo que pode ser calculado também está em condições de ser *mecanizado*, fornecendo uma das principais bases conceituais da ciência computacional. [...] A partir de seus trabalhos é que se identifica o primeiro computador moderno, dotado de válvulas eletrônicas e qualificando como ‘Turing-completo’, ou seja, capaz de reproduzir o princípio da máquina de Turing [...]. (LOVELUCK, 2018, p. 42, grifo do autor).

Se é em 1937 que Turing estabelece o que nós conhecemos hoje como o computador, é em 1990 que este se torna, de fato, um “eletrodoméstico” que começa a fazer parte da vida das pessoas. No texto “O ontem e o hoje na Indústria Cultural: do Folhetim aos *Vlogs* e Redes Sociais”, o autor Fábio Goulart descreve, entre outras coisas, algumas das principais mudanças que o mercado da comunicação sofreu desde que Adorno e Horkheimer postularam o termo “indústria cultural” – que, resumidamente, trata de como, através dos meios de comunicação, a sociedade capitalista burguesa apresenta à população um conteúdo cultural acrítico, que mantém as massas alienadas e conformadas com as desigualdades, especialmente as de classe.

Goulart pontua, entre outras coisas, que a entrada da Internet e dos PCs no ramo da comunicação de massa se configurou como uma das principais mudanças desse cenário comunicacional. O autor ainda considera que a virada ocorreu no início dos anos de 1990, quando as empresas Apple e Microsoft trouxeram sistemas operacionais com interfaces muito mais intuitivas e dinâmicas, nos quais qualquer um, sem grandes conhecimentos prévios, pudesse operar (GOULART, 2014).

Assim, reproduzindo músicas, vídeos, jogos, tocar e gravar CDs – programas mais sofisticados para a época – alguns até mesmo recebendo sinal de rádio e televisão, esses computadores começaram a fazer cada vez mais parte da vida cotidiana, e acabaram por incorporar as funções da TV nos lares com acesso a esse novo “eletrodoméstico” (GOULART, 2014).

Com essas informações em mente, além dos dados que vimos sobre o consumo de Internet, cada vez maior pela população brasileira, podemos nos aprofundar no conceito de *mediatização* – e é aqui que retomamos a discussão sobre o ambiente digital como espaço de *descentralização* da comunicação. O termo *mediatização* é, na verdade, uma nomenclatura relativamente nova, que surge com o objetivo de compreender como a mídia – especialmente as digitais – se difunde e se confunde com outras instituições sociais atualmente, a fim de exercer influência em múltiplos campos da vida social cotidiana.

Para Hjarvard (2012), um dos pioneiros no uso e na conceituação do termo, vivemos hoje uma condição social chamada de “*mediatização da cultura e da sociedade*”:

A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais. Nestas circunstâncias, nossa tarefa, em vez disso, é tentar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença da mídia. (HJARVARD, 2012, p. 53).

Acima de tudo o termo “mídiação” trata da influência cada vez maior da mídia na sociedade moderna. Para o autor, as principais características de uma sociedade midiaticizada são a mídia como instituição “semi-independente”, à qual outras instituições, como partidos, igrejas, empresas se adaptam à sua lógica, e a virtualização das interações sociais, ou seja, o surgimento de novos padrões de interação – esses novos padrões podem ser observados, por exemplo, quando um serviço, anteriormente realizado apenas presencialmente começa a ser oferecido pela Internet –, como determinadas especialidades de atendimento ao cliente de agências bancárias, especialmente pelos aplicativos de celular, atualmente.

Sgorla (2009) define o conceito de *mídiação* da seguinte forma:

De modo sucinto, a ‘mídiação’ é registrada como processo em que as tecnologias midiáticas, técnicas, lógicas, estratégias, linguagens, operações sociotécnicas e demais protocolos das mídias, até então exclusivos do campo das mídias, campo midiático ou campo dos media (RODRIGUES, 1997), imbricam-se no interior das dinâmicas de funcionamento do tecido social. Em outras palavras, a ‘mídiação’ pode ser entendida como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade. (SGORLA, 2009, p. 62).

Flores e Barichello (2009) também trazem uma definição própria de mídiação, pontuando inclusive que a centralidade da mídia nas relações sociais é o que possibilita a existência desse fenômeno, tal como vem se apresentando atualmente:

Além da tecnologia, outro fator decisivo para que a ordem social e o modelo cultural contemporâneo tenham atingido as feições atuais diz respeito à localização da mídia no centro da sociedade e à expansão de suas lógicas para os demais campos sociais, processo a que chamamos de mídiação. Podemos dizer que a mídiação é um processo relacional, que resulta do encontro de variados fatores e, ao mesmo tempo, interfere nesses elementos e realidades que lhe originaram de maneira a configurá-los segundo lógicas de mídia. Esse conjunto complexo de fatores acaba por dar origem a um novo ambiente existencial caracterizado por novas formas de cultura, atuação e percepção da realidade. (FLORES; BARICHELLO, 2009, p. 6).

No texto “Fragmentos de uma ‘Analítica’ da Mídiação”, Antônio Fausto Neto traz, entre outras coisas, as considerações de Giddens e Rodrigues no que diz respeito ao papel social que os indivíduos dão aos meios de comunicação “mediadores”. Neto (2008) entende que esses autores consideram a mídia como um “facilitador”, no sentido de traduzir o que parece complexo e ajudar na relação do indivíduo com os chamados “sistemas abstratos”. Ou seja, os meios de comunicação estão diretamente ligados à produção de práticas e à organização social. (NETO, 2008, p. 90).

E é neste contexto que se faz importante entender uma sociedade onde a centralidade da mídia ganha um capítulo ainda mais complexo. Assim, Neto também faz um esforço de conceituar, à sua maneira, o que é a mídiação:

[...] a midiatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas. (NETO, 2008, p. 90).

Todas essas conceituações apresentadas para explicar o que é midiatização dão conta de uma sociedade onde a mídia, especialmente a digital, está tão ligada à vida cotidiana que não há mais distinção clara entre o campo midiático e os outros – sejam esses o científico, o religioso, o político e até mesmo o familiar, todos eles, atualmente, direta e constantemente sendo impactados, não só pelas mensagens midiatizadas do mundo digital, como também pela forma com que estes meios funcionam – muitos autores consideram, por exemplo, que a velocidade com que a comunicação se dá no mundo digital impacta diretamente o ritmo cada vez maior com que as experiências sociais são vividas hoje. Estes fenômenos não começaram exatamente com os meios digitais, mas se intensificaram a partir deles.

Considerando as consequências que decorrem de uma sociedade midiatizada, Hjarvard (2015) avalia, no texto “Da mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias”, que dentro e fora do campo acadêmico as novas mídias são consideradas como revolucionárias, uma vez que transformam de forma significativa a cultura e a sociedade em que vivemos. Essas transformações ou consequências, ainda segundo o autor, se fazem presentes tanto a nível político global, quanto no que diz respeito às relações humanas individuais (HJARVARD, 2015). O autor avalia que as mídias digitais transformam até mesmo as “formas antigas” ou tradicionais de se fazer comunicação: As novas mídias também estão transformando formas antigas da comunicação de massa, tais como rádio, televisão e jornalismo, na medida em que testemunhamos uma mudança paradigmática na comunicação mediada. (HJARVARD, 2015, p. 51).

E ainda recorrendo a Deuze (2007, p. 141), Hjarvard observa que “o jornalismo, na sua forma atual, está chegando ao fim. As fronteiras entre o jornalismo e as outras formas de comunicação pública [...] estão sumindo, a Internet faz obsoletos todos os outros tipos de mídias noticiosas”. (DEUZE, 2007 apud HJARVARD, 2015, p. 51).

Pedro Gilberto Gomes, no texto “Midiatização: um conceito, múltiplas vozes”, considera que – ainda que com um eixo central parecido – muitos dos estudiosos que se debruçam em compreender este fenômeno à sua própria maneira o fazem porque, segundo o autor, este “tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo.” (GOMES, 2016, p. 2). Gomes ainda acrescenta:

É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. (GOMES, 2016, p. 2).

Gomes traz a conceituação do pensador francês Teilhard de Chardin e avalia que ele “postula um processo de unificação da humanidade que pode, analogicamente, ser comparado ao processo de midiatização da sociedade. Para ele, a história é um contínuo processo de unificação rumo à *planetarização*” (GOMES, 2016, p. 5, grifo do autor). Gomes se debruça na obra de Chardin, mais especificamente aquelas publicadas ao longo da década de 1940. Neste período, para o autor, “Teilhard traça uma linha de reflexão que procura compreender para onde caminha a humanidade, tendo em conta o crescimento populacional e o desenvolvimento científico e tecnológico” (GOMES, 2016, p. 6).

O pensador francês postula em seus trabalhos que “a transmissão cada vez mais rápida do pensamento está possibilitando o desenvolvimento de uma verdadeira rede nervosa que está envolvendo a superfície inteira da terra” (GOMES, 2016, p. 7). Este considera que, de uma maneira cada vez mais veloz, a humanidade tem crescido e se desenvolvido sobre a Terra, criando uma espécie de “rede nervosa”, por onde a “planetarização”, ou seja, as diversas experiências humanas se aproximando cada vez mais ao redor do globo, tem sido possível. Como estas ideias se aproximam do conceito de midiatização? Gomes explica:

Será que essa rede nervosa poderia ser identificada ao que chamamos hoje de midiatização? De modo analógico, pode-se dizer que a rede de internet, com a televisão e os satélites, configura a unificação planetária pensada por Teilhard, ainda que ele tenha falado desde o ponto de vista da biologia? Braga sugere que se poderia pensar a comunicação como superação do biológico. (GOMES, 2016, p. 7).

Essa “superação do biológico” é justamente o que a cibernética, a “mãe” da Internet, trouxe como verdadeira revolução, sendo, como vimos, a junção entre o cérebro humano e a máquina. Então, se tratamos especialmente da Internet, podemos perceber o quanto atualmente estar conectado às redes tem sido fundamental para as mais diversas áreas, desde o campo religioso, passando pela saúde e chegando à política. A midiatização trata justamente dessa infiltração quase que onipresente da mídia na sociedade e como esta presença altera as dinâmicas sociais.

Segundo o sociólogo John B. Thompson, a midiatização é parte integral do desenvolvimento da sociedade moderna. Para ele, esta realidade midiatizada da sociedade atual abrange algumas características, estando entre as principais novas tecnologias, uma vez

que estas interferem e transformam a comunicação de massa, descentralizando a circulação de informação. Neste cenário, a interação entre indivíduos separados, mesmo que por grandes distâncias, se torna cada vez mais comum e acessível, mesmo sem um grande aparato, como o da TV, por trás destes indivíduos. (HJARVARD, 2012).

Além disso, Thompson considera que a comunicação face a face agora é cada vez mais mediada pela tecnologia, uma vez que a Internet não é apenas unilateral, onde um fala e o outro escuta. Na tecnologia digital de hoje, a conversa face a face pode ser substituída pela mediação de um celular, por exemplo. Também é afetada pela midiatização a produção e distribuição de bens simbólicos por parte das grandes corporações de mídia, uma vez que o fluxo de comunicação na sociedade, entre instituições e indivíduos mudou com a presença de novos circuitos comunicacionais, advindos justamente da tecnologia digital. (HJARVARD, 2012).

No texto “Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências”, o autor Eliseo Verón traz uma perspectiva importante para somar a este trabalho. Apesar de o termo midiatização se tornar cada vez mais acionado atualmente, uma vez que as tecnologias digitais e a Internet têm inserido cada vez mais a mídia na vida cotidiana das pessoas, é importante ter em mente que este fenômeno não acontece apenas agora e não nasce junto da *web*. Antes disso, Verón pontua que anteriormente até mesmo ao nascimento dos livros, ou seja, na fase da escrita em pedras, as condições históricas para a midiatização se apresentar em nossa sociedade já estavam dadas:

As condições estão, portanto, dadas para a história da midiatização começar. Alguns de seus momentos já foram alvos de escrutínio histórico: a ascensão da escrita; a passagem dos rolos aos códices, ou seja, o nascimento do livro; a ‘revolução não reconhecida’ da imprensa, na expressão feliz de Elizabeth Eisenstein; a proliferação de panfletos e a subsequente ascensão dos jornais; começando no meio do século XIX, novos dispositivos técnicos permitiram o surgimento, pela primeira vez, de fenômenos midiáticos consistindo na produção inicial de imagens e sons que enquadram e sequenciam o tempo, dispositivos que culminam, no século seguinte, com invenção da televisão. (VERÓN, 2014, p. 15).

Dessa maneira, o autor define o conceito da midiatização de forma histórica nas sociedades humanas e o descreve como “[...] apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências” (VERÓN, 2014, p. 15). Ou seja, as sociedades humanas, desde as primeiras técnicas de comunicação, têm se reestruturado em virtude das consequências da midiatização e, atualmente, com as mídias digitais e a centralidade que estas vêm exercendo na vida

cotidiana (no caso do Brasil, desde a TV), essas consequências se mostram maiores e mais aceleradas.

Porém, ainda que possamos olhar para o fenômeno de forma relacional e histórica, Fausto Neto aponta para algo que torna a mediação algo que supera a ideia de centralidade da mídia. Para o autor esta fase de mídias digitais inaugura o que ele chama de “cultura da mídia”, e é nesta que as relações atuais estão inseridas:

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a ‘cultura da mídia’. Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações. (NETO, 2008, p. 92).

É importante pontuar também que, ao falarmos sobre mediação, não estamos tratando de um determinismo tecnológico, muito pelo contrário, “[...] a mediação pode ser considerada como prática social, pois reconfigura a atuação dos demais campos sociais” (FLORES; BARICHELLO, 2009, p.7). Isso significa dizer que é a partir de necessidades sociais que as tecnologias se instalam como tais e que é a partir do seu uso social que as mesmas transformam nossa sociedade. Na verdade, os autores consideram que é a sociedade que, ao se transformar, cria mecanismos tecnológicos que acompanhem seus anseios:

Tais modificações [tecnológicas] não surgem na sociedade como mero determinismo tecnológico, mas se estabelecem enquanto parte de um modelo cultural. [...] temos que essa nova cultura marcada pela tecnologia, pelo virtual e pelo midiático apenas se estabelece na sociedade por se constituir em resposta às necessidades e anseios dos indivíduos e que, por isso, acabam sendo fixadas como formas privilegiadas de relação. Assim, o tecnológico, o virtual e o mediado passam a integrar o sistema simbólico e o panorama cultural já existentes na sociedade, se apresentando como um novo modo de relação e de sentido. (FLORES; BARICHELLO, 2009, p. 6)

Verón (2014) também rejeita a ideia de “determinismo tecnológico”. O autor, ao considerar este fenômeno como um acontecimento mais amplo da história humana, estabelece que o estágio inicial de cada momento crucial da mediação pode ser datado. Verón afirma isso pois, em sua visão, esta “consiste em um dispositivo técnico-comunicacional que surgiu e estabilizou-se em comunidades humanas identificáveis, o que significa que foi, de uma maneira ou outra, *adotado*”. E é justamente neste momento que o autor aponta para o fato de não se tratar de determinismo tecnológico, uma vez que cada comunidade, em seu tempo,

adotará, ou seja, se apropriará de dispositivos técnicos e tecnológicos – os incorporando à sua realidade, que, por sua vez, será também modificada por esta incorporação – à sua maneira (VERÓN, 2014, p. 16, grifo do autor).

A midiatização também pode ser entendida como a problemática concomitante ou por consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa modernos. Ou seja, em uma sociedade midiatizada como a nossa, surgem canais alternativos de comunicação e circulação de informação, que já não necessariamente passam pelas mídias tradicionais como jornal, revista ou TV.

E, neste sentido, este conceito se torna imprescindível para a discussão proposta neste trabalho, uma vez que a midiatização contribui para que, em certa medida, o poder centralizador da mídia de “criar realidades”, e assim influenciar diretamente na construção de identidades, agora seja dividido (ainda que não seja de forma igualitária) com canais alternativos de comunicação.

No artigo “Mediação e midiatização: conexões epistemológicas”, José Luiz Braga aponta para algumas características da midiatização pouco exploradas pelos autores citados anteriormente. Braga (2012) pontua que os processos de evolução tecnológica, disponibilizaram ações comunicativas midiatizadas para largas parcelas da população, dosando e redirecionando a comunicação massiva, bem como a entrada, ainda que experimental, de participantes sociais nas práticas e processos antes restritos à indústria cultural. Ou seja, o receptor agora se torna também um (re)produtor de conteúdo midiático, característica essencial da sociedade midiatizada moderna (BRAGA, 2012).

A midiatização também permite compreender como as novas mídias, tendo tanto impacto na vida das pessoas, conseguem até mesmo redistribuir o poder na sociedade. Se pensarmos, por exemplo, em quem era considerado “famoso” antes e quem é visto desta forma hoje, podemos compreender mais facilmente esta “redistribuição”. Se antes o poder estava concentrado na mídia tradicional, hoje um usuário da rede social que nunca apareceu na TV pode passar a deter, ainda assim, um grande poder midiático ao ser seguido por um grande número de pessoas, por exemplo.

O Instituto Qualibest de Pesquisas de Mercado – que é o primeiro a fazer pesquisas *on-line* do Brasil – demonstrou em um de seus levantamentos, realizado em março de 2018 e divulgado em junho do mesmo ano, que os denominados “influenciadores digitais” já são, para os usuários da rede, a segunda fonte para tomada de decisão com relação à compra de produtos. A pesquisa demonstra que estes profissionais que escolhem a Internet como meio de

propagar suas mensagens já influenciam seus espectadores – também chamados de seguidores – em diferentes áreas como: gastronomia, música, esportes e videogame.

Como é possível que influenciadores digitais alcancem tamanha relevância na vida das pessoas, a ponto de se tornarem a segunda fonte de confiança na escolha de um determinado produto? Fausto Neto ajuda a entender esse fato, quando demonstra que, na midiatização, a “cultura da mídia” tem uma lógica interior própria, que resulta em novas interações sociais:

[...] as mídias deixaram de ser apenas instrumentos a serviço da organização do processo de interação dos demais campos, e se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do ‘trabalho de sentido’. Neste contexto, as mídias não só se afetam entre si, se inter-determinando pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento. (NETO, 2008, p. 92).

Hernes, quando tratou da questão da midiatização levantou justamente esse poder das novas mídias e trouxe as suas consequências sociais para o centro da discussão:

[...] perguntar quais consequências a mídia tem para as instituições e para os indivíduos: as formas como a administração pública, as organizações, os partidos, as escolas e os negócios funcionam e como eles se relacionam entre si. De que maneira os meios de comunicação redistribuem o poder na sociedade? [...] Em suma, do ponto de vista institucional, a questão chave é: como a mídia altera tanto o funcionamento interno de outras entidades sociais quanto suas relações mútuas. (HERNES, 1978, p. 181).

A Internet, sem dúvidas é a principal responsável por fazer esta “redistribuição de poder”, possibilitando que os papéis de receptor e do produtor de conteúdo possam se concentrar na mesma pessoa. O mesmo usuário que assiste a um vídeo, não só tem a possibilidade de comentá-lo como de postar outro vídeo, ou texto, ou foto. Porém o simples surgimento da Internet não foi suficiente para tornar esta realidade de hoje algo palpável, sendo justamente por isso que a maneira como interagimos com o mundo digital está dividida em *web 1.0* e *web 2.0*.

Segundo o “Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia”, a definição de *Web* é: “Nome pelo qual a rede mundial de computadores tornou-se conhecida a partir de 1991, quando se popularizou, devido à criação de uma interface gráfica que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral”, (NEIVA, 2013, p. 579).

A *web 1.0* foi a grande responsável por consolidar a Internet como um meio de comunicação, isso nos anos de 1990. A mesma é composta por grandes portais de divulgação de notícias, informação e também entretenimento. É na *web 1.0* que estão localizados os *sites*

institucionais, páginas do governo, bancos, lojas, ONGs, pornografia e até *sites* de divulgação pessoal. No Brasil temos como exemplos alguns grandes *sites* como: *Uol*, *Terra*, *Ig*, *Bol*, *G1*, *R7* e outros (GOULART, 2014).

Já a *web 2.0* é chamada assim porque, ainda que se trate da mesma tecnologia, a maneira com que os *sites* funcionam e as possibilidades que oferece ao usuário se diferem bastante da *web 1.0*. Assim, a *web2.0* é formada por todas as páginas que possuem estruturas colaborativas, ou seja, que permitem ao usuário a criação e compartilhamento de conteúdo. Estão inseridas neste contexto as redes sociais, a blogosfera, fóruns públicos, as *Wikis*, redes de compartilhamento de vídeos, etc.

Portanto, a *web2.0* é a parte da Internet que nos interessa neste estudo, se popularizando a partir da década de 2000, e é onde se encontram os gigantes do setor, como Google, *Facebook*, Yahoo, Wikipédia, *YouTube*, Blogger, Mercado Livre, eBay, MSN, Twitter e outros. (GOULART, 2014). O “Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia” descreve a *web 2.0* da seguinte maneira:

Conceituação de uma nova fase do desenvolvimento da WORLD WIDE WEB, constituída por aplicativos centrados em torno dos usuários, como *wikis*, *blogs*, *podcasts* e outros *sites* de relação social. Web 2.0 é uma conceituação da internet que dá prioridade aos que controlam e produzem os conteúdos transmitidos. A web 2.0 fomenta a partilha de informações, a cooperação mútua e o diálogo entre os que transmitem mensagens pela internet. O conceito reconhece e enfatiza entre o uso clássico da internet, que priorizava a recepção, tanto em termos de conteúdo como em termos de estrutura. O sistema de entrega por *packet switching* foi desenhado para que a recepção das mensagens não fosse interrompida por um inimigo militar, o que era um temor dos militares norte-americanos na época da Guerra Fria com a União Soviética. Ao contrário do que a expressão sugere, não se trata de uma nova versão da internet, mas da identificação de uma nova maneira de usar o sistema como um espaço de diálogo e troca. (NEIVA, 2013, p. 579 , grifo do autor).

Estes conceitos são importantes porque ajudam a compreender como a internet chegou ao *status* que tem hoje e com as características que conhecemos, uma vez que na *web 1.0* os provedores como o *Terra*, *Uol*, *Ig* e *Bol* funcionavam exatamente como emissoras de televisão, se colocando como os detentores do conteúdo, usando frases de efeito como “o melhor conteúdo” ou “conteúdo exclusivo de qualidade”, onde o usuário apenas absorvia as matérias lidas. Já as redes sociais, *wikis* e *sites* de compartilhamento como *Facebook*, Wikipédia e *YouTube*, integrantes da *web 2.0* nem mesmo se responsabilizam pela publicação de conteúdo, ao contrário, passam toda esta responsabilidade para seus usuários. Desta forma é impossível

imaginar esses *sites* sem seus usuários e redes, uma vez que estes são, ao mesmo tempo, produtores e consumidores (GOULART, 2014, p. 118).

É esta realidade da *web 2.0* que inspirou este trabalho, uma vez que o YouTube é o *site* que abriga os produtos comunicacionais a serem analisados nesta dissertação. É justamente esta configuração, onde o espaço da plataforma se encontra aberto para a produção e o usuário da Internet passa a ter a possibilidade/responsabilidade de produzir conteúdo, que torna possível a existência dos seis canais escolhidos para análise.

O *YouTube* atualmente se configura como uma das maiores plataformas de criação de conteúdo *on-line* do mundo. No quesito audiovisual o *site* é hoje o maior. A plataforma pode ser vista, ao mesmo tempo, como produto e sintoma da midiaticização, conceito que apresentamos neste capítulo, uma vez que, pela tecnologia e através da Internet se tornou um veículo alternativo de circulação de informação midiática e possibilitou ao espectador ser também protagonista na produção de conteúdo.

Para compreendermos melhor o que é o *YouTube*, recorreremos, mais uma vez, ao Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia. O mesmo descreve a plataforma de vídeos da seguinte maneira:

*Site* de partilha de vídeos, fundado em 2005, desde 2006 subsidiária do Google. A popularidade do YouTube deve-se a combinação de vários elementos e processos de comunicação num só veículo. Concebido inicialmente como um *site* para DOWNLOAD E UPLOAD de vídeos pessoais e amadores, o YouTube funciona também como um vasto arquivo de vídeo e áudio, que oferece espaço opcional para a manifestação e comentário crítico de seus usuários, além de ser uma forma de veiculação alternativa, caracteristicamente descentralizada e sem a maioria das restrições e empecilhos de distribuição próprios da mídia tradicional. Os índices de popularidade do material exibido são também estabelecidos no *site*, fazendo com que muitos aspirantes ao estrelato na mídia (animais e humanos; crianças, adolescentes e adultos) exibam suas qualidades criativas nas várias plataformas (*smartphones*, computadores, consoles, TVs etc.) de YouTube. (NEIVA, 2013, p. 587, grifos do autor).

No dicionário, a descrição do *site* continua e nesta segunda parte podemos perceber o quanto o *YouTube* cresceu desde sua criação, se tornando uma das plataformas digitais mais acessadas do mundo atualmente:

Com investimento de capital de 1,5 milhão de dólares, a estrutura da companhia foi desenvolvida em fins de 2005 e início de 2006. O crescimento e a expansão extraordinária do YouTube fez com que o site recebesse, em poucos meses de existência, mais de 100 milhões de entradas diárias. Atualmente, o YouTube é o principal site de consumo de vídeos nos Estados Unidos, sendo o terceiro *website* mais visitado na internet, atrás apenas de Facebook e Google. Da mesma maneira que o Facebook e o Google, o

número imenso de usuários no YouTube faz do *website* um veículo publicitário atraente e importante. Para responder à competição de sites como o Hulu, que apresenta filmes de maior duração do que os 15 minutos permitidos no YouTube, o site associou-se com a MGM, a CBS e a Lions Gate Entertainment para prover serviços de aluguel e material cinematográfico e televisivo. Calcula-se que, em 2010, a audiência diária de vídeos do YouTube tenha sido duas vezes maior do que o total de espectadores das três principais emissoras dos EUA. (NEIVA, 2013, p. 587).

A midiaticização da sociedade contemporânea, permitindo que a comunicação digital se torne cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, é que tem transformando o *YouTube* e tantos outros sites da *web 2.0* tão importantes e grandiosos. Esta oportunidade que o *site* oferece aos usuários para que se tornem não apenas consumidores, mas também produtores de conteúdo midiático, foi justamente o caminho que estas mulheres negras que comandam os canais estudados nesta dissertação, tomaram dentro da plataforma.

Observando a construção do *YouTube*, podemos relacionar as principais características da midiaticização postuladas por Braga (2012). Primeiro, o autor pontua que o processo de evolução tecnológica, disponibilizando ações comunicativas midiaticizadas para largas parcelas da população, dosando e redirecionando a comunicação de massa, é fundamental para a concretização de uma sociedade midiaticizada. E é o que podemos observar hoje no Brasil, especialmente com os *smartphones*.

Braga (2012) ainda traz pelo menos mais duas características do fenômeno da midiaticização que não consideramos antes neste capítulo, que são a “circulação” e o “contrafluxo”. A “circulação” o autor considera que é o espaço de negociação entre produtor e receptor, ou seja, aquele onde o receptor reage ao que vê, lê, escuta, passando adiante sua opinião a respeito de determinado conteúdo – tudo através de recursos disponíveis no âmbito digital.

Assim, compartilhamentos, comentários, criação de outros conteúdos com base no que foi recebido pelos usuários (memes, textos, conversas), tudo isso faz parte da circulação. (BRAGA, 2012). Ou seja, a circulação trata de uma possibilidade de, ao receber um conteúdo, o usuário se tornar produtor, reagindo ao que foi consumido. “Com a percepção de que os receptores são ativos a CIRCULAÇÃO passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (BRAGA, 2012, p. 38, grifo do autor).

Já o “contrafluxo” seria a composição de fala e/ou conteúdo, já prevendo a maneira como o receptor pode se relacionar com ela. Ou seja, a tentativa de antecipar as possíveis circulações: “Em todas essas alternativas [de circulação], na sociedade em midiaticização o esforço produtivo para circular se faz na conformação da escuta prevista ou pretendida”,

(BRAGA, 2012, p. 40). Desta forma, é possível compreender que a midiaticização não muda apenas a possibilidade de produção de um conteúdo, descentralizando a produção de conteúdo midiático, transforma também a maneira de consumi-lo e de produzi-lo.

Olhando para estas características do fenômeno de mediatização e observando os canais que serão analisados neste trabalho, podemos perceber que esses aspectos fazem parte intrínseca do trabalho desenvolvido pelas mulheres criadoras de conteúdo nesses canais. Trata-se de mulheres negras protagonizando a produção midiática e falando de si mesmas, enfocando, muitas vezes, a questão “ser mulher negra”, apostando em alguns momentos em conteúdos “militantes”. Analisaremos esta questão de forma mais aprofundada ao longo do texto.

Porém, antes de falarmos da atuação de mulheres negras na Internet, e mais especificamente no *YouTube*, em busca de produzir seus próprios conteúdos e de criar um possível “contra-discurso” com relação às informações circulantes na mídia tradicional, é importante pontuar que a luta dessas mulheres por narrativas próprias vem ocorrendo desde os tempos coloniais:

Falar da mulher negra e do movimento feminista é falar da trajetória dos movimentos de resistência desde a abolição até a pós-modernidade. [...] desde a abolição, movimentos vêm empreendendo, dinamicamente, diversas estratégias de luta a favor da população negra. (GOMES, 2010, p. 33).

Assim, é importante estabelecer que os movimentos observados na Internet por mulheres negras, e sua luta por uma construção de identidade própria não deve ser vista com ineditismo. Na verdade, a própria plataforma digital é que se configura como uma novidade no que diz respeito à luta feminina e negra no Brasil. Sueli Carneiro ainda destaca que, desde meados dos anos de 1980, negras brasileiras vem se articulando de forma organizada em prol de reivindicações públicas:

Essas avaliações vêm promovendo o engajamento das mulheres negras nas lutas gerais dos movimentos populares e nas empreendidas pelos Movimentos Negros e Movimentos de Mulheres nos planos nacional e internacional, buscando assegurar neles a agenda específica de mulheres negras. Tal processo vem resultando, desde meados da década de 1980, na criação de diversas organizações de mulheres negras que hoje se espalham em nível nacional; de fóruns específicos de discussões programáticas e instâncias nacionais organizativas das mulheres negras no país a partir dos quais os temas fundamentais da agenda feminista são perscrutados pelas mulheres negras à luz do efeito do racismo e da discriminação racial. (CARNEIRO, 2003, p. 120).

Ainda assim não há como negar que o espaço digital tem sido um importante abrigo de discussões e de figuras apontadas como “marginais”, e que, por integrarem uma minoria

política no país, dificilmente encontram espaço nas mídias tradicionais. Os temas abordados pelos vídeos das criadoras de conteúdo dos canais analisados neste estudo vão desde o racismo, autoestima, moda, beleza, a tantos outros assuntos que pautam a própria existência dessas mulheres, colocadas como protagonistas.

Como vimos neste capítulo, muitos consideram que as plataformas digitais ajudam a promover a igualdade justamente porque, em detrimento de outras mídias, possibilitam a descentralização da comunicação, permitindo que consumidores passem a ser produtores de conteúdo por eles selecionados. Esta é justamente a característica que permite às pessoas pertencentes às “minorias políticas” – como no caso das mulheres negras – produzirem conteúdos que alcancem milhares de pessoas. Porém, nem todos veem a Internet por esta mesma perspectiva.

No artigo “Cultura participativa, espetáculo interativo: do ‘empoderamento’ ao engajamento corporativo dos usuários de mídia” (2009), Henrique Moreira Mazetti considera tanto as correntes mais positivas sobre a Internet, como as mais pessimistas. Com relação ao primeiro caso, as redes são consideradas como lugar onde a democracia é elevada a um potencial máximo. Nesse sentido, a

[...] rede mundial de computadores como um ambiente midiático inexoravelmente não hierárquico, descentralizado, que permitia novas formas de sociabilidade e de produção de conhecimento. Em síntese, as ferramentas digitais apontavam para o potencial de uma ‘ciberdemocracia’.  
(MAZETTI, 2009, p. 4).

Já para aquelas correntes que olham para esta mesma rede mundial de computadores de uma forma mais crítica, ou até pessimista, ela é entendida como mais um ambiente reprodutor de desigualdades econômicas, políticas e sociais:

[...] para os analistas mais críticos, a reorganização dos papéis no cenário midiático não resultaria em transformações das assimetrias de poder entre consumidores e produtores. Pelo contrário, seria o poder dos conglomerados de mídia que abrangeria ainda mais esferas da vida cotidiana. (MAZETTI, 2009, p. 8).

Sobre esta visão mais crítica das redes é importante ter em mente ainda que, quando tratamos da sociedade midiaticizada atual e olhamos especificamente para os meios digitais – como é o caso deste trabalho – estamos falando de um processo que, por razões econômicas, sociais e políticas, ainda é bastante excludente:

[...] vale lembrar que, por fatores ideológicos e econômicos que regulam a distribuição e organização das tecnologias midiáticas nas sociedades, hoje podemos observar lugares que não são atingidos pelos ‘processos de

mediatização'. Esses locais, por sua vez, não desenvolveram a cognição necessária para interpretar e absorver qualquer discurso, conteúdo ou mensagem que, em sua construção, possua lógicas midiáticas, seja explícita ou implicitamente. Assim, por mais que pareça uma tendência a presença da 'mediatização', ela ainda não contempla toda a topografia do espaço social contemporâneo e, conseqüentemente, as novas formas de comunicação e de sociabilidade, produzidas na 'sociedade mediatizada', não excluem as anteriores; elas coexistem. (SGORLA, 2009, p. 68).

Assim, durante todo este trabalho, teremos em mente que os meios digitais não fazem parte massiva do cotidiano das pessoas, como a TV faz, por exemplo. Mas, ainda sim, tem se apresentado de forma cada vez mais contundente no cenário social atual.

Olhando agora especificamente para a plataforma do *YouTube* no Brasil percebemos que a vertente crítica, que aponta os meios digitais como reprodutores de poderes fora deles, encontra forte subsídio. Para compreendermos melhor esse argumento, podemos observar, por exemplo, quais são os dez maiores criadores da plataforma, ou seja, quais são os canais brasileiros que têm os maiores números de inscritos.

Sã eleso: Canal KondZilla – mais de 35 milhões de inscritos; Whindersson Nunes – mais de 30 milhões de inscritos; Felipe Neto – mais de 22 milhões de inscritos; Rezendeevil – mais de 17 milhões de inscritos; Canal Canalha – mais de 16 milhões de inscritos; Lucas Neto – mais de 16 milhões de inscritos; Porta dos Fundos – mais de 14 milhões de inscritos; AuthenticGames – com mais de 14 milhões de inscritos; GR6 Explode – mais de 14 milhões de inscritos e Você Sabia? – mais de 12 milhões de inscritos.

Neste trabalho o que nos interessa com relação aos produtores de conteúdo é o recorte de gênero e raça. Assim fazamos isso com relação à esta lista. Desses canais, os dez maiores do *YouTube* Brasil atualmente, nenhum é comandado por uma mulher. Apenas um canal comandado por uma mulher, o 5incominutos, de Kéfera Buchmann, que é branca, já esteve entre os dez maiores do país. Hoje, conta com mais de 11 milhões de inscritos. Com relação à etnia, há apenas um negro na lista, que é Konrad Cunha Dantas, dono do canal KondZilla. Em seu canal, Konrad posta os clipes que dirige com foco principal nos artistas de *funk*.

Observando esta lista podemos perceber que, ainda que na Internet os conteúdos possam ser produzidos por diferentes pessoas, de diferentes etnias e gênero – até mesmo as minorias políticas ocupam espaço, como notado anteriormente –, são os homens brancos quem continuam monopolizando maior público. Neste sentido, a rede não se mostra muito diferente dos meios tradicionais. Observar essa disparidade de alcances é só uma forma de perceber esta realidade, onde a Internet parece estar, em certos momentos, mais próxima de reproduzir desigualdades do que de amenizá-las.

Então isto significa dizer que o que tem sido feito na Internet por mulheres negras e outras minorias políticas não deveria ser levado em conta, ou que a Internet não trouxe possibilidades reais para diferentes grupos sociais? Não necessariamente. Podemos considerar, por exemplo, o que diz Viviane Gonçalves Freitas, em seu artigo “Imprensa Feminista Brasileira e Interseccionalidade”. A autora aponta que, mesmo com imperfeições, mesmo estando longe de ser um espaço plenamente democrático, a comunicação digital tem se mostrado uma opção para que mulheres negras e outros grupos politicamente minoritários no país possam protagonizar seus próprios discursos:

Mesmo que ainda de forma imperfeita e com acesso um tanto restrito devido a razões socioeconômicas, as novas mídias se apresentam como um espaço de empoderamento para novos entrantes, atrizes e atores em papéis de protagonistas do discurso, que questionam o modelo excludente da esfera pública habermasiana. A difusão de debates tidos como marginais – tanto na Ciência Política quanto na Comunicação – se amplifica por meio de plataformas como Facebook e Twitter, embora ainda estejamos aquém de uma esfera pública verdadeiramente democrática e plural. (FREITAS, 2018, p. 13).

Desse modo, tendo em vista que a Internet não inaugura nada de novo no que diz respeito à luta de mulheres negras, e que também não pode ser vista como totalmente democrática e isenta de preconceitos, os conteúdos produzidos por esse grupo no *YouTube* foram escolhidos por compreendermos que esta plataforma, ainda que de forma limitada, possibilita criar e veicular narrativas próprias sobre o que é ser a “mulher negra brasileira”.

Os autores Flores e Barrichello pontuam que, assim como novas concepções de mundo, as novas tecnologias também influenciam fortemente em uma nova concepção de mundo. Eles citam a hegemonia da palavra escrita, que esteve em vigor durante séculos na sociedade humana – que esteve na base da cultura ocidental –, tendo sido quebrada a partir do surgimento da fotografia e, posteriormente, com o cinema e a televisão. Com o surgimento dessas novas tecnologias, a sociedade mudou de tal forma que foi instaurada a “era das imagens” (FLORES; BARICHELLO, 2009, p. 5).

Assim, o código escrito foi substituído pelo código imagético, que se instituiu predominantemente sobre a realidade. Agora, as sociedades ocidentais passam a apreender a realidade através das imagens, e essa mudança resulta não apenas em uma absorção social de novas tecnologias, mas em uma nova concepção de mundo. (FLORES; BARICHELLO, 2009, p. 5).

Também nesta linha, Verón afirma que “[...] o crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, tipicamente produz efeitos radiais, em todas as direções”. Mais que isso, o autor ainda pontua que esses “efeitos radiais”

afetam, ainda que de diferentes formas e com diferentes intensidades, “todos os níveis da sociedade funcional” (VERÓN, 2014, p. 16).

Sendo assim, quando tratamos da “centralidade da mídia” e da *midiatização* estamos, entre outras coisas, compreendendo o processo comunicacional e midiatizado como espaço de poder, ou seja, poder de interferir no cotidiano das pessoas, de construir e apresentar realidades, de estruturar as relações que as pessoas têm consigo mesmas, com os outros e com o mundo a sua volta. Assim – pensando no objeto deste estudo –, cabe a questão: como mulheres negras têm, através de seus conteúdos comunicacionais produzidos na *web*, e acompanhado por milhares de pessoas, estruturado a “realidade” que querem que chegue até seus espectadores?

Mais ainda: entendendo que vivemos em uma sociedade midiatizada, onde a centralidade da mídia é cada vez mais intensa e as tecnologias digitais têm modificado as formas de interação social e de consumo comunicacional, descentralizando a produção de conteúdo, de que forma esta realidade modifica a “concepção de mundo” da nossa sociedade moderna? E ainda, de que forma a produção de conteúdo de mulheres negras tem (ou não), contribuído para esta “nova concepção”? A fim de fazermos um esforço para responder a essas perguntas, antes precisamos compreender de qual ideia, concepção ou conceito de identidade feminina negra estamos partindo, ou seja, como as mídias tradicionais têm retratado o feminino negro no Brasil.

### **3 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE VISTA SOB O OLHAR INTERSECCIONAL: a representação midiática das mulheres negras no Brasil**

Neste capítulo faremos, em um primeiro momento, o esforço de compreender como se dá a construção identitária de grupos sociais, no sentido de estes se compreenderem como parte de um círculo distinto e nele se enquadrarem. Além disso, entendendo como a identidade é construída, discutiremos como esta construção se encontra intimamente atrelada aos discursos midiáticos.

Porém, antes de partirmos para a mídia propriamente dita, neste capítulo tratamos do conceito de “interseccionalidade”. Este conceito nos ajuda a entender que questões como gênero e raça incidem simultaneamente na construção social, tanto de indivíduos, como de grupos. Assim, este é fundamental para o presente trabalho, uma vez que nosso objetivo é o de compreender como mulheres negras vem sendo representadas midiaticamente. Deste modo, com o olhar interseccional, conseguiremos, de forma mais eficaz, identificar a construção identitária feminina negra no Brasil e como sua representação midiática é proposta – atuando, por sua vez, diretamente para esta construção de identidade.

E, nos encaminhando para a parte final deste capítulo, traremos a mídia e seus discursos para o centro da discussão. Assim, dissertaremos justamente sobre a representação dada às mulheres negras na mídia tradicional brasileira: passando por cinema, publicidade, telenovelas, entre outras linguagens. O objetivo é compreender, quando fazemos um recorte específico de raça e gênero, quais são as representações consolidadas às quais as mulheres negras brasileiras estão tendo acesso hoje, através de conteúdos midiáticos. Ou seja, compreender qual é a identidade ou identidades às quais esses veículos e linguagens estão dando voz para que, posteriormente, no capítulo 3, possamos contrapor estas representações às produções realizadas na Internet.

#### **3.1 IDENTIDADE**

Quando falamos do que é o “feminino negro brasileiro” estamos tratando de uma construção identitária que passa, de forma muito significativa, pelos conteúdos comunicacionais produzidos, tanto pela mídia tradicional quanto pelos meios digitais, os quais discutimos no primeiro capítulo. Assim, antes de compreendermos qual é essa identidade veiculada, em se tratando de mulheres negras no Brasil, precisamos dar um passo para trás, afim de entender como se dá essa construção.

Neste capítulo, portanto, nosso primeiro questionamento é: como a identidade é construída? Esta é uma pergunta que ronda os trabalhos de muitos teóricos, filósofos e sociólogos. No campo da comunicação, sem dúvida, essa pergunta também se faz pertinente, tanto para entender seu papel na construção de identidades diversas, quanto para medir sua “eficiência” em falar para diferentes grupos, ou seja, identificar diferentes identidades.

Tomaz Tadeu da Silva traz as reflexões de Stuart Hall e Kathryn Woodward onde os autores discutem sobre como a construção de identidade é travada de maneira intensa. Afinal, o que faz alguém assumir essa ou aquela identidade? Woodward tenta responder a esta pergunta através da história da guerra civil entre Sérvia e Croácia.

A autora descreve que, apesar de terem sido vizinhos, colegas de escola, de trabalho e terem compartilhado uma mesma nacionalidade por anos – a iugoslava – os agora sérvios e os croatas estavam dispostos a se matarem uns aos outros. A grande pergunta é: por quê? O que os tornou tão radicalmente diferentes uns dos outros?

Sobre esse conflito, Kathryn Woodward escreve:

Trata-se também de uma história sobre identidades. Neste cenário mostram-se duas identidades diferentes, dependentes de duas posições nacionais separadas, a dos sérvios e a dos croatas, que são vistos, aqui, como dois povos claramente identificáveis, aos quais os homens envolvidos supostamente pertencem – pelo menos é assim que eles se veem. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. (WOODWARD apud SILVA, 2012, p. 8).

Woodward (2012) deixa explícito, portanto, que uma das chaves para que sérvios e croatas se identificassem de maneira tão distinta se relacionava diretamente ao fato de como cada povo via a si mesmo, ou seja, como cada sérvio se via de maneira muito diferente dos croatas e vice-versa. E a autora afirma que os “sistemas simbólicos” são parte fundamental neste processo.

Estes “sistemas simbólicos” mencionados por Kathryn Woodward, responsáveis por fazerem com que sérvios e croatas, depois de tanto tempo partilhando afinidades, adquirissem identidades diferentes, são explorados mais profundamente por Pierre Bourdieu (1989). O sociólogo afirma que os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados de conhecimento e comunicação, como a arte, a ciência, a religião, a língua e outros.

Por que estes sistemas simbólicos são tão importantes? Porque eles são instrumentos pelos quais o “poder simbólico” se faz presente e atuante:

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkeim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’. (BOURDIEU, 1989, p. 9, grifos do autor).

Ao descrever tal poder, Bourdieu afirma que este é tão forte que, dentro da sociedade, produz “dominantes” e “dominados”, ou seja, os que se beneficiam e os que são subjugados por este. Mais do que isso, o autor descreve o “poder simbólico” como regulador da vida social, no sentido de “moral”, “lógica” e “senso comum” (BOURDIEU, 1989). Se este “poder simbólico” atua diretamente na “construção da realidade”, então não é equivocado pensar que o mesmo atua diretamente na construção de identidade.

“A diferença é sustentada pela exclusão: se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa.” (SILVA, 2012, p. 9) Assim, podemos entender que a identidade também surge de exclusões e apontamentos. Você “*não é*” algo, logo *você é* outra coisa. Além disso, é importante perceber que, quando estamos falando de construção identitária, estamos falando tanto da dimensão social quanto da dimensão simbólica que determinado grupo vive. “Assim, a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social.” (SILVA, 2012, p. 10).

O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais. (SILVA, 2012, p. 14, grifos do autor).

Dessa forma, podemos compreender como este “poder simbólico” se faz essencial para a construção identitária de um grupo social. E aliando esta ideia de identidade ao conceito de diferença e exclusão, à essa perspectiva de poder simbólico – onde quem domina tem o poder de estruturar a realidade e dizer o que é desejável ou indesejável, bom ou mal – encaminhamo-nos para o conceito de “estigma”.

Erving Goffman chamou de “estigma” maneiras limitantes de classificar “o outro” por características socialmente consideradas ruins, inadequadas ou indesejáveis. Entre outras questões, o autor demonstra o quanto categorias sociais são usadas para se fazer uma rápida leitura do “lugar social” de cada indivíduo:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas [...]. Então, quando um estranho nos é apresentado, os

primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua ‘identidade social’ – para usar um termo melhor do que ‘status social’, já que nele se incluem atributos como ‘honestidade’, da mesma forma que atributos estruturais, como ‘ocupação’. (GOFFMAN, 1963, p. 5).

Buscando “prever” as categorias e os atributos de alguém que não se conhece, recorre-se a uma “realidade” que já está dada, ou seja, os que detêm o poder simbólico já “organizaram” o que é socialmente bom, aceitável, desejável e também aquilo que é lido como características indesejáveis, ruins e inaceitáveis. Dessa maneira, ao identificar essas características em um outro indivíduo, o observador lerá nele uma identidade. Caso essas características não sejam vistas como “boas”, surge o estigma.

Assim, o autor diz que “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.” (GOFFMAN, 1963, p. 6). E este considera ainda que o termo só se aplica quando fazemos referência a um atributo visto de forma profundamente depreciativa socialmente. (GOFFMAN, 1963, p. 6). Se pensarmos na população negra brasileira, mais especificamente nas mulheres negras, que são o foco deste estudo, perceberemos que o estigma faz parte de sua construção identitária. A pele negra, o cabelo crespo e os traços negroides são, frequentemente, associados à desonestidade, falta de higiene e feiura.

A pedagoga e pesquisadora Nilma Lino Gomes (2002) entrevistou mulheres negras buscando compreender melhor a relação das mesmas com seus cabelos, em especial na época da escola. Entre outras coisas, a pesquisadora pontua que as características físicas ligadas à população negra, como o cabelo crespo, têm conotações negativas em nossa sociedade e que isto influencia na forma como este grupo olha a si mesmo:

As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. (GOMES, 2002, p. 44).

Tratando especificamente do cabelo crespo – que chama de “cabelo do negro” –, a pedagoga, ao entrevistar algumas mulheres negras, se deparou com algumas das ofensas que as mesmas ouviram ainda durante seu período escolar:

Alguns se referem ao cabelo como: ‘ninho de guacho’, ‘cabelo de bombril’, ‘nega do cabelo duro’, ‘cabelo de picumã’! Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da

natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem). (GOMES, 2002, p. 45).

Já a pesquisadora Giovana Xavier (2013) faz um paralelo entre Brasil e Estados Unidos, no período pós-colonial, na busca de compreender quais discursos de beleza negra foram articulados por esse grupo nesses dois países. E nesta discussão Xavier já insere a questão da mídia, neste caso a mídia impressa, como um agente de representação identitária.

A pesquisadora explicita a relação social de estigmatização de características negras, como o cabelo crespo e a pele escura e, entre outras coisas, pontua que a população negra – especialmente as mulheres, tanto brasileiras quanto estadunidenses – procurou se adequar à sociedade pós-colonial, buscando uma maneira de fazer plenamente parte daquela realidade, como qualquer cidadão livre:

Se por um lado as motivações para criar uma definição para o belo eram universais, por que, tal como acontecia com outros grupos étnicos, os negros tentavam se adequar aos pressupostos da modernidade enfatizando a necessidade de produção de uma nova mulher, elas também eram particulares, por que diziam respeito a uma feminilidade mediada pela experiência da escravidão e por seu legado. Assim, a categoria de beleza negra era ‘cívica’, pois tinha um objetivo específico que lhe era muito caro: superar as marcas de um passado repleto de dores e subtrações sem, contudo, apagar as glórias, a força e a inventividade de escravas e descendentes. (XAVIER, 2013, p. 430)

Essa “beleza negra cívica” passava por processos de modificações na aparência e o cabelo é um dos principais objetos de transformação. Na busca por uma beleza socialmente aceitável, mulheres negras brasileiras se renderam, entre outras coisas, ao alisamento capilar, que muda a textura de seus cabelos crespos e, desse modo, sob o olhar social racista, as torna “senhoras respeitáveis” (XAVIER, 2013, p. 435).

Assim, os discursos de corpo desejável, desde a década de 1920, têm forjado a feminilidade negra brasileira de forma a que esta crie um comparativo com o corpo e traços europeus e queira alcançá-los. Desse modo, quanto mais clara a pele, mais liso o cabelo, de melhor maneira essa mulher será vista e tratada:

As narrativas do mercado da beleza tiveram papel importante na reconstrução da feminilidade negra e também na criação de um sistema colorista que hierarquizava afro-americanos e negros brasileiros, em especial as mulheres, com base na aparência clara ou escura, no cabelo crespo ou liso, nas feições finas ou grossas. Isso tudo era feito dentro de um sistema de opressão que se manifestou em escala global e que disseminou um modelo de beleza eugênica, criado e alimentado pelo mundo negro. (XAVIER, 2013, p. 445).

Percebendo que mulheres negras precisam lidar com diversos estigmas ligados à sua aparência, podemos nos perguntar: como, exatamente, o estigma pode atuar na construção de identidade de um povo ou indivíduo, ao olhar para si mesmo? Podemos pensar nesta resposta a partir da elaboração do filósofo e sociólogo Axel Honneth (1992), que em suas obras trata, entre outras coisas, do que ele chama de ‘luta por reconhecimento’.

Nadia Fuhrmann explica que esta categoria, dita por “reconhecimento” enquanto “luta social”, tem uma longa trajetória histórica desde Maquiavel, Hobbes, Hegel, Nietzsche, passando pelos contemporâneos da Teoria Social e Crítica. Todavia, a partir dos anos de 1980, na Europa, e nos anos 2000, na América Latina, percebe-se o reaparecimento da categoria neo-hegeliana do Reconhecimento Social, associada aos conflitos urbanos. (FUHRMANN, 2013, p. 80).

De forma sucinta, a tese central de Honneth (1992) aponta que a identidade dos indivíduos se determina por um processo intersubjetivo mediado pelo mecanismo do reconhecimento. Assim sendo, a busca por este reconhecimento se dá através de três dimensões – do amor, da solidariedade e do direito -, e não pela inclusão econômica. A ausência de reconhecimento intersubjetivo e social seria o mote dos conflitos sociais (FUHRMANN, 2013, p. 86-87).

Assim, em sua obra, ao falar dos conflitos sociais gerados por esta “busca por reconhecimento”, Honneth pontua que, entre outros fatores, o reconhecimento social, ou seja, a maneira como o indivíduo é visto, ou a maneira como este é percebido pelos outros, é fundamental para sua construção identitária:

[...] na medida em que se sabe reconhecido por um outro sujeito em algumas de suas capacidades e propriedades e nisso está reconciliado com ele, um sujeito sempre virá a conhecer, ao mesmo tempo, as partes de sua identidade inconfundível e, deste modo, também estará contraposto ao outro novamente como um particular. (HONNETH, 1992, p. 47).

Os três elementos que Honneth coloca como etapas da construção do reconhecimento do indivíduo, a saber: amor, justiça e solidariedade são fundamentais para o autor na construção identitária social, seja de um indivíduo ou de um grupo: “Os indivíduos e grupos só formam suas identidades e são reconhecidos quando aceitos nas relações com o próximo (amor), na prática institucional (justiça/direito) e na convivência em comunidade (solidariedade)” (FUHRMANN, 2013, p. 87).

Desta forma, podemos concluir que a maneira como grupos sociais são representados, de forma a serem vistos socialmente desta ou daquela maneira, é essencial para a construção e

a formação da identidade. E de que forma a identidade feminina negra é representada no país? E qual o papel da mídia nesta representação?

Em busca de respondermos a estas perguntas, é importante que entendamos como os conceitos de raça e gênero se articulam em uma construção de identidade social e, para isso, traçaremos um conceito que se encontra nas bases deste trabalho e que nos ajudará a compreender, de forma ainda mais profunda, a representação identitária feminina negra na mídia: este é a “interseccionalidade”.

### 3.2 INTERSECCIONALIDADE

Uma vez que compreendemos como a construção identitária acontece de forma complexa na nossa estrutura social, temos base para compreender melhor como o conceito “ser mulher negra” foi e vem sendo elaborada pela mídia massiva no Brasil. Para tanto, é importante nos atentarmos ao fato de que, quando tratamos de mulheres negras, tratamos também de dois eixos de opressão social: o racismo e o machismo.

Discutindo justamente a construção identitária da mulher negra brasileira na mídia nacional, Maria Luiza Martins de Mendonça diz que “se o indivíduo de pele negra é vítima de discriminação, a mulher o é duplamente: por ser negra e por ser mulher, o que torna ainda mais pertinente as análises e pesquisas destinadas a questionar o papel que a grande mídia lhes oferece ou destina” (MENDONÇA, 2006, p. 2).

Colocar esses dois eixos de opressão social como centrais, ao tratar da identidade feminina negra, é compreender que estes agem simultaneamente e que produzem uma experiência própria de existir em sociedade. Isso significa dizer que não há, para essas mulheres, a experiência isolada de serem negras, tampouco a experiência isolada de serem mulheres. Assim, todo este trabalho estará calcado no conceito de interseccionalidade.

Cláudia Pons Cardoso explica que “este conceito foi forjado, nos anos 1980, por feministas negras norte-americanas preocupadas em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam”. (CARDOSO, 2012, p. 55).

A pesquisadora ainda explica como este conceito se aplica aos critérios de uma leitura social:

[...] ao ter por base os critérios da interseccionalidade, sistemas discriminatórios como o racismo, a disputa de classes e o patriarcado passam a ser considerados como variáveis que juntas alteram a estrutura opressora, por meio de ações e políticas específicas, ou seja, em aspectos dinâmicos opostos ao empoderamento. (FREITAS, 2018, p. 2).

Assim, um estudo com base interseccional “evidencia a impossibilidade de entendermos os processos de dominação e de resistência, a desigualdade social e o mundo social sem considerarmos o modo pelo qual raça, classe e gênero operam interligando os sistemas de dominação” (CARDOSO, 2012, p. 56). No caso do nosso trabalho, o fator classe estará presente, porém não estará no foco das discussões. Neste, gênero e raça são os principais eixos de observação.

O termo interseccionalidade pode não ser o mais aplicado nos estudos acadêmicos contemporâneos, porém o conceito tem ganhado cada vez mais força à medida em que, especialmente intelectuais negras, têm inserido em seus trabalhos as questões de raça e gênero como sendo imbricadas e não podendo ser deixadas de lado ou vistas de maneira separada.

Patricia Hill Collins, uma das pioneiras em utilizar o conceito, demonstra que as mulheres negras estadunidenses, na medida de suas realidades, vivências e opressões vividas, vêm produzindo teorias sociais – que passam por suas produções acadêmicas, literárias, artísticas, entre outras – que refletem não uma “atmosfera etérea” imaginativa, mas “o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia e religião” (COLLINS, 2019, p. 9).

São justamente as vivências específicas de mulheres negras que as levaram a questionar o conceito de “mulher”, que parecia não se aplicar às pretas:

Se as mulheres são supostamente passivas e frágeis, por que as mulheres negras são tratadas como “mulas” e designadas para tarefas pesadas de limpeza? Se as boas mães devem ficar em casa com os filhos, por que as estadunidenses negras assistidas por políticas sociais são forçadas a deixá-los em creches? Se a maternidade é a principal vocação das mulheres, porque as mães adolescentes negras são pressionadas a usar contraceptivos como Norplant e Depo Provera? (COLLINS, 2019, p. 12-13).

Já a filósofa Sueli Carneiro (2003) traz esta realidade para a América Latina. Carneiro busca falar da necessidade de estudos, formas de luta e políticas públicas que contemplem a realidade da mulher negra neste contexto geopolítico. Assim, a filósofa exemplifica de maneira prática – assim como Hill Collins fez no contexto norte-americano – como experiências que aglutinam raça e gênero resultam em uma forma muito específica de estar em sociedade e de ser percebida por ela. Ou seja, gênero e raça contribuem, diretamente, para uma construção identitária específica.

Mais que isso, Carneiro (2003) demonstra como ignorar uma leitura interseccional tem sido prejudicial para as mulheres negras, uma vez que o discurso hegemônico não contempla suas especificidades:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2003, p. 50).

Carneiro e Hill Collins questionam o discurso do “feminino hegemônico” – apropriado até mesmo pelo movimento feminista – que, ao proclamar estar falando e até mesmo “lutando” pelas mulheres, não observa a identidade específica de mulheres negras, marcada pelo gênero feminino e pela raça negra (“raça” aqui usada no que se refere a leitura social, já que biologicamente é comprovado que a raça é humana) não contemplando as reais experiências sociais dessas mulheres.

A filósofa Djamila Ribeiro trata, entre outras coisas, das problemáticas que a “voz única” trouxe para a construção de discussões, até mesmo acadêmicas, no que diz respeito a estas identidades sociais. Ribeiro ainda afirma que esta voz hegemônica é branca e masculina. Porém, a autora alerta que, mesmo na luta feminista, o fator raça continua sendo uma barreira, ou seja, apenas mulheres brancas tiveram espaço legitimado de fala. (RIBEIRO, 2017).

Ribeiro observa ainda que pessoas brancas “ao persistirem na ideia de que são e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais” (RIBEIRO, 2017, p. 31). Nesse momento, a autora reflete especialmente sobre este “ser mulher” que por tanto tempo foi visto e difundido como “universal”.

A filósofa também pontua que, na verdade, as reflexões até mesmo do feminismo sobre o papel social da mulher tratavam e refletiam sobre a experiência branca de ser mulher. Experiência essa que não é universal e sim específica, uma vez que não contempla outras vivências como a de mulheres negras e indígenas, por exemplo. Assim, Ribeiro (2017) descreve alguns dos prejuízos de haver essa universalização dos discursos sobre experiências sociais, onde o fator raça é ignorado:

[...] quando ainda se insiste nessa visão homogênea de homens e mulheres, homens negros e mulheres negras ficam implícitos e acabam não sendo beneficiários de políticas importantes e, estando mais apartados ainda, de serem aqueles que pensam tais políticas. [...] Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. (RIBEIRO, 2017, p. 41).

Hill Collins, ao tratar do pensamento feminista negro demonstra que, em suas pesquisas, teve acesso a uma tradição intelectual feminina negra rica, espalhada por várias partes do globo terrestre. Assim, a autora se questiona sobre o porquê de esta continuar praticamente invisível, invisibilidade esta que Ribeiro (2017) também aponta com relação à população negra nos espaços de decisão sócio-políticas. E, com a ajuda dos pensamentos de Fannie Williams, escritos em 1905, Hill Collins chega à conclusão de que mulheres negras são vistas como um “problema” social, e por isso são ignoradas (COLLINS, 2019).

Dessa forma, Collins ainda afirma que este apagamento intelectual não é acidental, antes faz parte de um projeto, de forma a manter esta classe de pessoas em um lugar de subordinação. Mais que isso, o objetivo, segundo ela, é fazer parecer que esta subordinação não encontra discordâncias ou resistência:

Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais. (COLLINS, 2019, p. 6)

E ainda sobre a condição social e intelectual de mulheres negras, Collins enfatiza que a realidade deste grupo não se encaixa inteiramente nem na discussão exclusiva de raça, menos ainda na de gênero. Assim, a autora conclui que este grupo social se vê na situação permanente de *outsiders* e que esta posição as possibilita a elaboração de saberes específicos que necessitam de espaço:

As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia o pertencimento pleno a um grupo: a branquitude como condição para integrar o pensamento feminista, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e a combinação de ambas para fazer parte de setor dominante da academia. Impedidas de ocupar uma posição plenamente interna em qualquer uma dessas áreas de pesquisa, as mulheres negras permanecem em uma situação de *outsiders* internas, como indivíduos cuja marginalidade proporcionou um ângulo de visão específico sobre essas entidades e políticas. (COLLINS, 2019, p. 14).

Desta forma, o conceito de interseccionalidade passa por compreender que a universalização ou generalização de uma identidade como a feminina contribui para que apenas grupos socialmente dominantes, que têm o poder de falar de si mesmos, continuem falando de si e dos outros, criando uma hegemonia identitária pela qual as outras acabam por se tornar subordinadas. Ou seja, ignorar fatores como gênero e raça se articulando significa invisibilizar realidades, necessidades sociais e saberes.

Podemos ver isto exemplificado no artigo “Mulheres, espaço e voz no telejornalismo brasileiro: Análise das representações sociais de gênero no JN”, de Caroline Marino. O estudo se esforça em compreender, através de uma análise quati-qualitativa, quais os espaços destinados às mulheres nas reportagens do telejornal “Jornal Nacional” (Rede Globo), que se configura, ainda hoje, como o maior e mais assistido do Brasil.

Marino constatou que, durante o período de sua análise, menos de um terço dos entrevistados pelo Jornal Nacional eram do sexo feminino. Em porcentagem, foram 31% de mulheres para 69% de homens entrevistados. E quando a abordagem interseccional foi considerada, percebeu-se que a raça aliada ao gênero transformava ainda mais o quadro: “Apenas oito das fontes ouvidas pelo telejornal são mulheres negras. Quantitativamente, o resultado revela que apenas 6% dos entrevistados pelo telejornal no período avaliado são mulheres negras” (MARINO, 2018, p. 10).

Dito isto sobre o conceito de interseccionalidade, pontuamos que este trabalho parte deste princípio, entendendo que, quando tratamos de um *corpus* de análise onde o produto comunicacional é feito – produzido e protagonizado – por mulheres negras, os fatores raça e gênero estão, de diferentes formas, atuando para que aquele conteúdo seja concebido de uma determinada maneira.

Mais do que isso, em todos os momentos desta dissertação faremos o esforço de, ao analisar as diversas facetas da comunicação – seja esta tradicional ou digital –, inserir os fatores raça e gênero, a fim de compreender melhor o lugar específico que, não somente mulheres, nem tampouco negras, mas enquanto “mulheres negras” ocupam nesses espaços.

Assim, aplicando o olhar interseccional para este trabalho, que busca entender a construção identitária feminina negra e, entendendo ainda que a representação se faz de suma importância para a elaboração de uma identidade social, desde a forma que o indivíduo olha para si mesmo até a maneira como ele é percebido pelos outros e entendendo ainda a importância papel da mídia dentro do campo da representação identitária, passamos agora a discutir como mulheres negras são retratadas midiaticamente no Brasil.

### 3.3 MULHER NEGRA E REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA

O que significa representação e como este conceito atua na construção identitária de grupos sociais? Para responder a esta pergunta precisamos compreender que o conceito de representação coloca a comunicação e a mídia em um papel central, uma vez que esta exerce um grande poder de impacto sobre a vida social, já que está entre os “sistemas simbólicos” listados por Bourdieu e também mencionados por Stuart Hall:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (SILVA, 2012, p. 17)

Ou seja, a representação é o discurso vocalizado que dá sentido e significado a diferentes experiências sociais. Assim, entender aquilo que somos passa também pela representação à qual temos acesso a respeito do grupo social a que pertencemos: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (SILVA, 2012, p.18).

Quais são os lugares a partir dos quais a população negra feminina brasileira “pode falar”, levando em conta a representação midiática deste grupo identitário? Nesta parte do trabalho observaremos como a mídia tradicional brasileira – TV, jornal e revista – tem representado a mulher negra do país, para então fazermos um contraponto desta representação com a que é apresentada nos canais que analisaremos posteriormente.

Porém, como dito anteriormente, a interseccionalidade ainda não é um conceito muito difundido academicamente, assim será necessário partirmos da representação do corpo negro feita pela mídia tradicional do país – assunto no qual as produções de conhecimento são mais férteis – para só então percebermos como isso se aplica quando a questão gênero também se faz presente, e como as opressões de raça e gênero se relacionam na representação midiática do feminino negro.

Então, reformulemos, momentaneamente, a pergunta inicial para: como a mídia tradicional brasileira representa **pessoas negras** brasileiras? Podemos começar a procurar respostas em trabalhos que tratem da representação do negro na mídia nacional. Ilana Strozenberg (2006) mostra, por exemplo, o quanto a publicidade nacional reservou um lugar bem específico à pessoa negra e mestiça:

Em toda a história da propaganda no Brasil, até meados da década de 80 do século passado, negros e mestiços só apareciam em funções subalternas – como escravos, serviçais e trabalhadores braçais de vários tipos. Mesmo nesses casos, sua presença é secundária, como complementos do cenário, e nunca como beneficiários diretos do produto. (STROZENBERG, 2006, p. 1)

Mais do que isso, o corpo negro só recebia algum destaque nos anúncios quando esses se dirigiam especialmente ao público negro, tendo como principais produtos os cosméticos e fortificantes. “Estes, no entanto, só fazem reforçar uma imagem do corpo negro com o feio e precário, um corpo, enfim, cuja natureza deve ser melhorada e corrigida” (STROZENBERG, 2006, p. 1).

Jocélio Teles dos Santos (2000) também tratando do mercado publicitário e população negra, pontua a dificuldade que modelos negras têm de fazer parte de um trabalho publicitário nacional:

[...] os proprietários da agência de moda paulista Jet Set afirmavam encaminhar para o mercado internacional todas as suas modelos negras. Justificando a existência de uma discriminação no mercado brasileiro – ‘se o produtor pede vinte manequins, geralmente só colocam uma negra’ – umas das sócias afirma: ‘na Europa fazem questão de presença delas, porque conseguem apreciar o charme e a ginga especial que elas têm’. O charme e a ginga, signos típicos da construção do exótico nacional, podem ser percebidos na produção fotográfica das modelos. (SANTOS, 2000, p. 3)

Já a pesquisadora Danúbia de Andrade Fernandes (2007) escolheu compreender qual é essa representação negra veiculada nas telenovelas. E, para justificar a importância deste estudo, a autora recorre a Kellner para assinalar que “[...] a televisão não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Sendo essa construção perpassada nitidamente por processos de controle político da realidade que objetivam homogeneizar o coletivo”. (KELLNER, 2001 apud FERNANDES, 2007, p. 3).

E tratando especificamente das telenovelas e de sua importância na construção de identidades sociais, Fernandes afirma que:

Esse produto ficcional difunde discursos a partir dos quais o sujeito negociará a definição de si mesmo e do ‘Outro’, estabelecendo uma hierarquia de valores e concepções muito dependente de influências advindas da mídia. [...] Podemos dizer que as telenovelas constroem a realidade e, ao mesmo tempo, alimentam-se do real. (FERNANDES, 2007, p. 4).

Tendo as telenovelas uma importância tão significativa, podemos delas partir para entender a representação identitária destinada à pessoa negra na TV brasileira, e é justamente isso que Fernandes (2007) faz. Porém, antes de partir para o foco central de sua análise, Andrade (2009), observando a importância da relação entre “eu” e o “outro” para uma

construção identitária, pauta a construção do “ser branco” para, a partir daí, ajudar a entender melhor a identidade negra forjada no país:

A branquitude é um acessório imediato, transparente e unitário do corpo, bem como a identidade branca pode ser lida como a formação identitária naturalizada socioculturalmente, o que significa constituir-se como desejável, natural e única. Arbitrariamente a identidade branca é construída como o padrão a partir do qual todas as outras identidades étnicas são encaixadas. (ANDRADE, 2009, p. 24-25).

Esta construção da identidade branca – a “branquitude” – como sendo um padrão é facilmente observada quando analisadas as telenovelas nacionais. De acordo com os dados do texto “Televisão em cores? Raça e sexo nas telenovelas ‘Globais’(1984-2014)”, produzido pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre 1984 e 2014, ou seja, durante 30 anos de telenovelas da Rede Globo, 91,3% dos personagens centrais das tramas foram representados por atores e atrizes brancos e brancas.

A pesquisadora Andréa Antonieta Cotrim Silva se dedicou a fazer uma análise dos filmes “Django Livre” e “Histórias Cruzadas”, com o objetivo de entender a representação negra nesses longas. E, sobre o processo de escolher como abordar as duas obras, ela pontua:

Finalmente, entendi que para escrever sobre esses dois filmes, com mais propriedade, era necessário traçar um perfil de representação do negro/ da negra desde o início de Hollywood, já que esta é a maior indústria de entretenimento, comprometendo-se com o contexto sócio-econômico [sic] dos Estados Unidos, formatando nosso olhar sobre o mundo e sendo formatado por ele. (SILVA, 2017, p. 12).

Ao traçar esse perfil da representação do negro no cinema de Hollywood, Silva (2017) adotou o termo “outro não-hegemônico” para se referir a identidade atribuída aos não-brancos no cinema estadunidense. Esse termo é facilmente compreensível quando entendemos que o “padrão” – ou seja, o hegemônico – está alocado na população branca, o que, pelos números anteriores, não é diferente nas produções de telenovelas da maior emissora do Brasil.

Assim, a branquitude acionada para tornar padrão o “ser branco” está presente na construção desta hegemonia branca e, desta forma, os não-brancos se tornam esse “outro não-hegemônico”, sendo desta maneira que sua identidade é construída, tanto no cinema, quanto nas telenovelas nacionais.

Silva (2017) ainda demonstra como esta representação cinematográfica afetou os indígenas:

As representações do outro não-hegemônico não passaram despercebidas em Hollywood. Índios de tribos diferentes chegaram a reclamar de equívocos culturais e históricos, pois alguns deles eram retratados como guerreiros

quando, na verdade, não passavam de fazendeiros pacíficos. (SILVA, 2017, p. 72).

Também os hispânicos:

Os hispânicos também protestaram, reiteradas vezes, contra o rótulo de bandido, de membro de gangue, de *chicano* ultrarreligioso e/ou mal intencionado, de revolucionário, toureiro e etc., quando suas mulheres eram associadas à dança e a fogueira. (SILVA, 2017, p. 72, grifo da autora).

E, obviamente, os negros:

Representações preconceituosas também não pouparam os afro-americanos. Gilroy (2001) alega que desde o tráfico negreiro, uma torrente de ideias estereotipadas, que resultam no desejo *ad aeternum* de dominação, perpetuou a diferença entre o ‘Eu’ – senhor de terras e o ‘Outro’, dominado e tornado propriedade alheia. (SILVA, 2017, p. 73).

O outro não-hegemônico é, portanto, construído a partir de estigmas sociais, como pontua Goffman, e de estereótipos, como o trazido por Ferrés (1998), citada por Andrade (2009), explicando o que é o estereótipo e como este é atuante na construção de identidades sociais:

Conforme Joan Ferrés (1998, p. 135), os estereótipos são representações sociais, na medida em que pressupõem uma visão compartilhada que um coletivo social possui sobre o outro. Sua natureza configura-se na reiteração e no reducionismo que permitem que práticas discursivas ganhem formas de realidade ao mesmo tempo em que reduzem uma complexidade em algo simples. (ANDRADE, 2009, p. 28).

Andrade continua:

Os estereótipos jogam com a percepção seletiva, uma vez que uma dimensão isolada da realidade, geralmente negativa, polariza a atenção do receptor, alimentando um processo de globalização que transfere os valores supostamente negativos da parte para o todo. Assim, a dimensão negativa se transforma, para o receptor, em uma representação da realidade completa. Este processo realiza-se sob parâmetros emotivos e inconscientes. (ANDRADE, 2009, p. 28).

E quais são os estereótipos ligados à população negra no cinema? Cotrim Silva nos responde:

[com a representação do mundo nas telas] a percepção generalizada que se tem é que a vida urbana está associada aos crimes cometidos pela juventude negra, uma vez que a estética do audiovisual reitera a sua desordem e patologia nas representações dos guetos, das escolas decadentes, dos professores desanimados, dos arrastões, do desemprego e do ódio social. Todo esse empenho em criminalizar o negro afasta da sociedade branca quaisquer responsabilidades sobre a violência e desigualdade de certos grupos. (SILVA, 2017, p. 73)

Tendo sua identidade ligada sistematicamente à marginalidade e à violência, os negros em Hollywood se viram restritos a certos filmes e papéis que reforçavam esse estereótipo. E nos voltando para o cenário da comunicação nacional, esses estereótipos ligados à população negra são diferentes?

Podemos começar a responder esta pergunta através do trabalho da pesquisadora Kelly Tatiane Martins Quirino, que teve como objetivo perceber como a mídia, ao tratar do tema saúde, aborda ou não as pautas relacionadas às doenças que acometem especialmente a população negra.

Quirino explica que existem fatores étnicos relacionados à saúde da população negra, bem como questões de cunho sociocultural que colocam esta parte da população em vulnerabilidade com relação a alguns tipos de doença. Este recorte se faz tão necessário que o Ministério da Saúde lançou um documento relacionando diretamente as enfermidades que mais acometem a população negra do país:

O Manual de Doenças Mais Importantes, por razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente é o primeiro documento no país publicado pelo Ministério da Saúde, que reconhece, através de dados científicos, de que há doenças mais predominantes nos afrodescendentes devido à etnia. Publicado em 2001, o Manual descreve que as seguintes doenças são mais predominantes na população negra: Anemia Falciforme, Diabetes Mellitus, Hipertensão Arterial, Síndromes Hipertensivas na Gravidez e Deficiência de Glicose 6 – Fosfato Desidrogenase. (QUIRINO, 2011, p. 5 – nota de rodapé).

Assim, “além de construção social, o quesito cor ou identificação racial é um item importante nos serviços de saúde, tanto no diagnóstico, quanto no prognóstico e também na prevenção e acompanhamento das doenças com recorte étnico-racial” (QUIRINO, 2011, p. 2). Tendo tamanha importância, como esta questão aparece nos jornais? Como a pauta saúde e população negra é abordada?

Para responder a estas perguntas, Quirino analisou, no período que compreendeu os meses de março a dezembro do ano de 2009, os jornais Folha de S. Paulo e Jornal da Cidade (Bauru-SP). Ao total, foram 478 edições analisadas, porém apenas em dez foram divulgadas reportagens sobre as doenças por recorte étnico racial e por vulnerabilidade que acometem a população negra. Transformando isto em percentuais, chegamos ao número de 1,88% das reportagens que abordaram a temática (QUIRINO, 2011, p. 4).

Com esses dados em mãos, a pesquisadora usou o termo “invisibilidade” em suas conclusões:

Conclui-se que há uma invisibilidade nos critérios de noticiabilidade no que tange a divulgação dessas doenças (os jornais não estão cumprindo a função social do jornalismo científico em divulgá-las) e há uma invisibilidade silenciosa ao não relacionar essas doenças com a população negra. (QUIRINO, 2011, p. 6).

Porém, no que diz respeito à invisibilidade, comunicação e população negra brasileira, as telenovelas também aparecem nos estudos aqui revisados. Os pesquisadores Felipe Rodrigues Echevaria e Veronice Mastella da Silva fizeram um trabalho com o objetivo de apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre como a população negra tem sido representada nas telenovelas brasileiras desde a década de 1960 até o ano de 2009.

Ao explicar a decisão de estudar as telenovelas, os autores afirmam que estas refletem fatores socioculturais presentes no país, bem como o fato de que são consumidas dentro e fora do Brasil:

A telenovela, considerada como produto da indústria cultural do Brasil mais divulgado no exterior, é também, sob o prisma de estudiosos de comunicação e de outras áreas do saber, uma forma de representação que revela características socioculturais do país. Oriunda do folhetim do século XIX e da radionovela, a telenovela brasileira se aperfeiçoou ao longo dos anos em termos técnicos e artísticos. Ao desenvolver uma linguagem própria, as telenovelas conseguem atrair a atenção de diferentes públicos, mesclando elementos da realidade brasileira com o conteúdo melodramático que garante o fascínio e adesão dos telespectadores às tramas. (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 1).

Quando falamos de representação midiática e estudos comunicacionais voltados para este fim, o audiovisual brasileiro, em especial as telenovelas, sempre ganham um destaque muito grande. Isso se deve muito à observação feita por Martín-Barbero, pontuando que:

E, por mais escandaloso que pareça, é um fato que as massas na América Latina estão se incorporando à modernidade não pela mão do livro, não seguindo um projeto ilustrado, mas desde os formatos e os gêneros das indústrias culturais do audiovisual. (BARBERO, 2002, p. 209-210).

Assim, observando o audiovisual como o produto que traz a nossa sociedade latino-americana para a modernidade – que tem esse papel estratégico socioculturalmente – aliando a isto um produto/formato tão consumido pelas famílias brasileiras, como as telenovelas, conseguimos compreender a sua importância para a compreensão, a partir de uma abordagem de estudos da comunicação, da representação de grupos sociais, em especial, os marginalizados.

E, estudando a história desse produto midiático brasileiro, especialmente com relação à população negra, a *invisibilidade* se faz presente desde o início. “Na década de 1960, entre os atores que se consagraram como ídolos nacionais, nenhuma pessoa negra, nem mesmo Isaura Bruno, que comoveu o Brasil com sua personagem Mamãe Dolores” (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p.4).

Em seus estudos, os pesquisadores perceberam ainda que, nos anos 70, a teledramaturgia nacional sofreu grandes mudanças. As tramas, antes mais fantásticas e “exóticas”, agora buscavam se alinhar com a realidade do país. Os personagens se pareciam mais com o “brasileiro comum”. Porém, esta mudança não surtiu muito efeito no que diz respeito à maior visibilidade para negros e negras:

A década de 1970 marcou uma nova fase para as telenovelas brasileiras. Desde o seu surgimento na década de 1950, as telenovelas feitas no Brasil copiavam os padrões dos melodramas cubanos, mas em 1969, a novela Beto Rockfeller inovou por romper com o estilo das radionovelas, substituindo o teor dos diálogos por um tom mais coloquial e que mais se assemelhava ao modo de falar dos brasileiros, além de apresentar um roteiro que mostrava elementos da realidade do país. Essa inovação seria uma referência para a teledramaturgia brasileira produzida após Beto Rockfeller, que mostrava personagens em busca de ascensão social e que se deparavam com dramas e conflitos da vida urbana em grandes cidades. Todavia nesse clima de realismo, nenhuma história levada ao ar na década de 70 mostrou a luta da população negra brasileira pela ascensão social. Personagens interpretados por atores e atrizes negras nessa época tinham pouca importância dentro da história. (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 4).

No que diz respeito às telenovelas, portanto, percebemos que a personagem de pele negra começou a aparecer nas tramas, porém, com “pouca importância”. Sobre isso Echevaria, e Silva explicam melhor:

Personagens interpretados por atores negros na década de 70, assim como na década anterior, geralmente eram os de criados fiéis, os jagunços obedientes e as ‘mães negras’ (como é o caso de *mammie*, interpretada pela atriz negra Hattie McDaniel em *...E o vento levou*, de 1939), estereótipos também consagrados pelo cinema norte americano. Alguns atores e atrizes chegaram a reclamar desta questão para os autores, mas eram aconselhados a ‘cair na real’, pois caso não aceitassem esses papéis nem sequer estariam na televisão. (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 5).

E continuam:

Além disso, as relações entre negros e brancos nas telenovelas eram retratadas de modo que os negros eram fiéis e submissos às pessoas brancas. Os personagens negros quando se deparavam em uma situação de discriminação racial reagem com educação, poucas vezes com indignação, mas nunca com revolta. As histórias não mostravam a discriminação racial e

demonstravam que os negros só ascendiam socialmente quando ajudados por um branco ou por uma família branca. (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 5).

A partir dos anos 70, portanto, é que surgem nas telenovelas brasileiras os personagens negros “estereotipados”.

Quirino afirma que “o conceito raça/cor é uma construção social na perspectiva de afirmação identitária com um grupo. Adotar esses termos na contemporaneidade é uma forma de elevação de autoestima e de exigir do Estado direitos públicos e garantir espaços sociais” (QUIRINO, 2011, p. 2). A pesquisadora está tratando especificamente de seu trabalho com relação ao tema da etnia e saúde, mas podemos relacionar à esta importância a própria construção identitária da população negra e o papel da comunicação nesta representação. Assim, podemos entender que o que é mostrado sobre esta parcela da população na mídia impacta diretamente a autoestima da mesma.

Danúbia de Andrade Fernandes demonstra muito bem isso, quando argumenta que a mídia tem um papel central em modelar padrões daquilo que é visto socialmente como bom, mau, bonito ou feio (FERNANDES, 2007, p. 3). E entrando mais especificamente na análise dos personagens negros “Preta”, da novela “Da Cor do Pecado” e “Foguinho” de “Cobras e Lagartos”, Danúbia já começa questionando o título da novela, que teve como protagonista a atriz Taís Araújo:

Em ‘Da cor do pecado’ a crítica inicia-se no título. Afinal, qual é a cor do pecado? O corpo nu de uma mulher negra, apresentado nos últimos *takes* da abertura da novela, nos remete a uma possível resposta a mais óbvia ao espectador médio. Resposta que, vale ressaltar, converge com o senso comum brasileiro que associa a mulher negra à sensualidade, à sexualidade. E ainda, é preciso observar que o título não faz uma pergunta, ao contrário, ele afirma: o negro é a cor do pecado. (FERNANDES, 2007, p. 5).

Fernandes continua observando que “o título ‘Da cor do pecado’, a canção utilizada na abertura, assim como as cenas que a ilustram sugerem e reafirmam a noção de sensualidade da mulher negra associando-a ao pecado carnal” (FERNANDES, 2007, p. 6). Neste momento, a autora já nos demonstra que este é um dos estereótipos ligados à mulher negra na visão da mídia nacional.

Já no que diz respeito ao personagem “Foguinho”, interpretado pelo ator Lázaro Ramos, Danúbia começa explicando que, diferente de “Preta”, que era a protagonista de sua trana em “Da cor do Pecado”, “Cobras e Lagartos” tinha protagonistas “oficiais”, personagens interpretados por quatro atores loiros de olhos claros: Carolina Dieckman, Henri Castelli, Daniel de Oliveira e Mariana Ximenes. Assim, o personagem “Foguinho” foi construído

apenas como o estereótipo do “malandro engraçado”, que consegue ascensão social por meio de trapaça.

Nesta mesma novela, Taís Araújo interpretou “Ellen” e, sobre esta personagem, Fernandes aponta que foi caracterizada como “uma negra atraente e ambiciosa capaz de qualquer coisa para lograr uma ascensão social e vingar a morte de seu pai. Assim sendo, ‘Ellen’ não fugiu muito do estereótipo da ‘mulata sedutora’” e ambiciosa” (FERNANDES, 2007, p. 10).

Se as telenovelas, no momento de representar e apresentar negros e negras, se utilizam de estereótipos de subalternidade e submissão, como apontaram Echevaria e Silva (2012), e de malandragem e sensualidade da “mulata”, como descrito por Fernandes, os produtos jornalísticos nacionais também se valem de estereótipos para se referir à população negra do Brasil. Recorremos, mais uma vez, aos estudos da pesquisadora Quirino, agora em um trabalho onde se dispõe a discutir a questão da violência abordada no jornalismo nacional, tendo como pauta a juventude negra.

No trabalho, Quirino começa dizendo que “pesquisas apontam, desde a década de 70, que jovens, do sexo masculino, de 15 a 29 anos e negros estão mais expostos a morrerem vítimas de homicídio e acidentes” (QUIRINO, 2013, p.1). Analisando dados de institutos nacionais que pesquisam a violência urbana, Quirino observou que os homicídios vitimam homens, na maioria das vezes na faixa de idade entre 15 e 29 anos, mas além das questões de gênero e idade, a questão racial se faz presente:

Além da questão de gênero, a violência no Brasil também tem um componente racial, jovens negros morrem mais do que jovens brancos. Dados de 2010 apontam que houve um aumento de 139% a mais de rapazes negros que morreram, comparado aos jovens brancos. (QUIRINO, 2013, p. 2).

Quirino pesquisou no Google (*site* de buscas), termos que faziam referência aos programas de apoio a jovens negros em vulnerabilidade, e termos que relacionavam esses jovens como culpados por esta violência. A pesquisadora descreve o resultado de suas buscas da seguinte forma:

A juventude negra convive com dois grandes problemas sociais: o alto índice de mortes deste segmento e, por outro lado, os crimes hediondos cometidos por este grupo. [...] A pauta sobre a violência sofrida pela juventude negra é pouco discutida no jornalismo. Entretanto, a violência protagonizada por estes garotos é exaustivamente midiaticizada. (QUIRINO, 2013, p. 7).

E Quirino continua:

Inúmeras pesquisas apontam o elevado índice de representação dos negros no sistema carcerário, desde os sistemas de reabilitação juvenil as famosas cadeias para adultos, porém, outros dados apontam que só 2% dos jovens infratores cometem crimes hediondos. Entretanto, como valores notícias e agendamento realizado pelos jornais, só os crimes hediondos entram na pauta. Isto recrudescer o debate sobre o aumento da maioridade penal como uma forma de coibir estes crimes efetuados por menos de 2% dos jovens. (QUIRINO, 2013, p.7)

Assim, voltamos à questão da invisibilidade, quando o objetivo é discutir a violência que acomete a população negra e, ao mesmo tempo, no jornalismo nacional, encontramos o estereótipo de violência ligado constantemente à esta mesma população negra, no que diz respeito ao “valor notícia”.

O mesmo foi constatado pelos pesquisadores Camilla Carvalho Lindoso e Juliano Mendonça Domingues da Silva (2013), que analisaram os três jornais de maior circulação de Pernambuco: o Jornal do Comercio, o Diário de Pernambuco e a Folha de Pernambuco. O objetivo do trabalho foi o de entender como esses jornais noticiaram o crime ocorrido com o garoto Flânio da Silva Macedo, de nove anos, que foi abusado sexualmente, morto e teve a cabeça separada do corpo em um suposto “ritual macabro”.

O crime teve bastante repercussão na região de Pernambuco e, ao analisar as notícias, os pesquisadores pretenderam compreender como as religiões de matriz africana são retratadas dentro do conteúdo jornalístico. A fim de explanar o porquê da escolha deste objeto de estudo, os pesquisadores mencionaram a importância do campo jornalístico na construção e representação social:

Dentro desse contexto, é possível inserir o papel do jornalismo como campo importante para a construção e reconstrução das representações, assim como para a participação ativa junto à construção do senso comum, uma vez que é, assim como a ciência, um meio de produção de conhecimento. (MEDITSCH, 1997). O jornalismo, de acordo com Medistch (1992), possui o papel de contribuir para a formação e compreensão do mundo. (MEDITSCH, 1997 apud LINDOSO; SILVA, 2013, p. 5-6).

No trabalho também, antes de tratar do objeto de estudo em si, eles relacionam o campo do jornalismo ao “senso comum” e aos estereótipos, e como um se alimenta do outro e vice-versa:

O estoque social de conhecimento de uma determinada sociedade é regido por estruturas básicas enraizadas no cotidiano dos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 1985). O jornalismo, ao reproduzir o conhecimento utilizando-se de padrões pré-estabelecidos, presentes no senso comum, acaba ficando exposto a repetir ideias generalizantes e reducionistas, reproduzindo, sobretudo, padrões sociais que muitas vezes são representados de forma

deturpada. (BERGER; LUCKMANN, 1985 apud LINDOSO; SILVA, 2013, p. 6).

E quando tratamos das religiões de matriz africana no Brasil (Candomblé e Umbanda) e estas em relação ao jornalismo, representação, senso comum e estereótipos, o resultado é, muitas vezes, a injustiça. “[...] casos de polícia continuam sendo relacionados à prática religiosa de matriz africana, fruto de uma representação cultivada socialmente durante décadas” (LINDOSO; SILVA, 2013, p. 8).

E este resultado não vem por acaso, estamos tratando de “racismo religioso”, ou seja, da não aceitação de crenças religiosas devido à sua origem étnico-racial. Neste caso, tratamos do racismo direcionado à população negra brasileira:

[...] entre os fatores que promovem a discriminação das religiões afro-brasileiras estão a introdução ou organização das crenças por ex-escravo e o preconceito em relação ao negro e à cultura africana. [...] seus adeptos têm sido, ao longo dos anos, apontados como atores ou insufladores de práticas criminosas, ilegais ou repudiadas socialmente (assassinatos, práticas ilegais de medicina, entre outros). Na época colonial, era corriqueiro os boletins de ocorrência feitos pela polícia, que invadiam terreiros e prendiam seus membros sob acusação de praticarem falsas curas, acusando-os de se aproveitarem da boa-fé do público para extrair dinheiro. (SILVA, 2010 apud LINDOSO; SILVA, 2013, p. 7).

Ao analisar os jornais escolhidos para o estudo, os pesquisadores perceberam que dois dos três relacionaram em suas notícias os suspeitos do crime, um casal, à religião de matriz africana, até mesmo chamando um deles de “pai de santo”, mesmo sem nenhuma prova da ligação dos suspeitos com a religião: “Vale ressaltar que nenhuma prova de que eles eram pais de santo foi apresentada pela Polícia Civil. E isso ocorreu porque eles não praticavam a religião e nem muito menos eram entidades religiosas de algum terreiro” (LINDOSO; SILVA, 2013, p. 10).

Mais que isso, segundo Lindoso e Silva (2013), os jornais também relacionaram não apenas os suspeitos à religião de matriz africana, como o crime em si a um “ritual macabro”, mesmo não havendo nenhuma prova concreta para tal acusação:

No dia posterior, na data 12 de julho, a repercussão foi destaque nos três jornais, que trouxeram o desdobramento e detalhes do caso. A partir desta data, a revolta e intolerância da população começa a se mostrar presente. Dos três periódicos, apenas a reportagem do JC não citou o crime como sendo um ritual de magia negra, bem como também foi o único que não associou, por enquanto, os suspeitos do crime, que foram apresentados pela Imprensa nesta edição, à qualquer nomenclatura religiosa. O casal Genival Rafael da Costa, 62, e Maria Edleuza da Silva, 51, confessaram o crime e se entregaram à polícia. Ednaldo Justo dos Santos, 33, e Edilson da Costa Silva, 31, acabaram presos. Diferentemente do JC, o DP e a Folha de Pernambuco

abusaram das terminologias, sugerindo que os criminosos realizaram o crime por serem pais de santos, ou seja, entidades majoritárias das religiões afro-brasileiras. (LINDOSO; SILVA, 2013, p. 9).

No artigo, Lindoso e Silva ainda concluem dizendo que a população, levada pelas notícias e pelo senso comum de não aceitação das denominações religiosas, queimaram e apedrejaram casas de adoração ligadas ao Candomblé e Umbanda, além de agredirem pais de santo da região, que não tinham nenhuma ligação com o ocorrido. Os jornais não se retrataram quanto as notícias equivocadas que veicularam sobre o caso e os pesquisadores chegaram à conclusão de que “todas as coberturas dos jornais, de alguma forma, apresentaram abordagens preconceituosas e representações que afirmam os resquícios de marginalidade da época colonial”. (LINDOSO; SILVA, 2013, p. 14).

Ao mesmo tempo em que o campo jornalístico brasileiro se vale de estereótipos, estigmas e do senso comum ligado à população negra, criando assim seu “valor notícia”, Quirino informa que “[...] o mito da democracia racial, como imaginário, é reafirmado na narrativa jornalística e como consequência, a opinião pública não admite que existe racismo no Brasil”. (QUIRINO, 2013, p. 12). Assim sendo, percebemos que quando o assunto é a população negra, a mídia nacional age em dois grandes eixos, de um lado, tornando invisível a realidade e a própria estética negra, e, do outro, se valendo de estereótipos raciais.

Uma vez que entendemos como o corpo negro é retratado em diferentes segmentos da mídia tradicional brasileira, como se dá esta relação quando falamos especificamente de **mulheres negras**? O cineasta Joel Zito Araújo em seu documentário “A Negação do Brasil” (2000) nos responde essa questão. Araújo discute justamente a ausência de protagonismo negro nas novelas nacionais e os estereótipos ligados à população preta do país.

Entre outras coisas abordadas em seu documentário, Joel Zito trata do que ele considera os principais estereótipos ligados à mulher negra na telenovela brasileira. O longa demonstra que estas são sistematicamente ligadas ao papel da empregada doméstica na teledramaturgia nacional.

O cineasta ainda consegue estabelecer alguns dos perfis mais comuns dessas negras empregadas, tais como: a empregada doméstica “cômica” e “alcoviteira”; a “*mamy*” – esta última, normalmente interpretada por atrizes de pele retinta e gordas. Empregadas que, ao mesmo tempo em que serviam, eram “mandonas” no que se referia aos serviços de casa. São as “mães pretas”, sem passado, sem família, que vivem na cozinha para servir a família branca – e a “empregada servil”. (ARAÚJO, 2000).

E por que justamente o estereótipo de empregada foi escolhido para a mulher negra? Porque esta função está ligada diretamente ao período colonial, onde as pretas escravizadas, as chamadas “mucamas”, eram responsáveis, entre outras tarefas, pelo serviço doméstico:

As mulheres africanas chegaram ao Brasil e se depararam com uma quantidade de compatriotas homens muito superior à delas, uma vez que foi trazido para o Brasil o quádruplo de homens negros em relação à quantidade de mulheres. (BUENO, 2002). As funções desempenhadas por elas abarcavam as mais diversas atividades: a lavoura, a ‘lida’ do engenho, como amas-de-leite e mucamas, sendo essas últimas ‘escolhidas dentre as mais limpas, as mais bonitas, as mais fortes’. (FREYRE, 1961). (GOMES, 2010, p. 22).

Quando falamos de negros e negras, referimo-nos a estigmas e estereótipos atribuídos a esta parcela da população ainda na época da escravidão, e que permanecem até os dias de hoje, uma vez que a abolição no Brasil não significou uma mudança de estrutura social, como destaca Viviane dos Santos Gomes (2010):

Além disso, a abolição da escravatura propiciou um cenário com mudanças pouco significativas, não tendo criado uma efetiva liberdade. Ao invés disso, transformou-se em preconceito racial e exclusão, pois os negros foram atirados ao mundo dos brancos sem nenhuma indenização, garantia ou assistência. O ex-cativo deslocou-se para as cidades, onde os aguardavam o desemprego e a vida marginal, e nessas circunstâncias, muitas mulheres negras continuavam vítimas passivas da lubricidade do patrão. (GOMES, 2010, p. 23).

Também podemos perceber outros arquétipos estereotipados, ligados à construção da representação da mulher negra na mídia, através da linguagem do cinema nacional. Este também demonstra a forte herança colonial sobre a visão dos corpos negros femininos:

A sociedade europeia e patriarcal é, historicamente, tomada como modelo pelos brasileiros. Não corresponder a esse molde é sinônimo de exclusão. O cinema não foge a esta colocação. Para satisfazer às expectativas dentro do padrão dominante a figura negra e feminina, de um modo geral, não é representativa nos produtos cinematográficos nacionais. Seus papéis são limitados a arquétipos e estereótipos, que contribuem para o fortalecimento da dominação do homem e branco. Diante deste paradigma, a inserção da mulher negra no cinema confronta dois fortes fatores predominantes da identidade cultural brasileira e, deste modo, ainda mais discriminada, o que reflete inclusive em outros produtos midiáticos, como é o caso da telenovela. (LAHNI; ALVARENGA; PELEGRINI; PEREIRA, 2007, p. 81-82).

Os autores explicam que esta invisibilidade, por um lado e a figura estereotipada, por outro – com relação a representação feminina negra na mídia nacional – se dá porque a formação da identidade cultural brasileira aconteceu em uma época de propagação dos ideais liberais, das teorias positivistas e iluministas, e no auge da Revolução Industrial. Com isso, o que tivemos – e continuamos carregando – foi a supervalorização da cultura europeia em

território nacional, dos traços europeus, seus costumes e modo de vida. Neste sentido, tudo que se apresenta fora destes padrões, se põe como “anormal”. (LAHNI; ALVARENGA; PELEGRINI; PEREIRA, 2007, p. 81).

Os pesquisadores ainda estabelecem que o cinema e a telenovela estão intimamente ligados quando o assunto é representação feminina negra, e que, portanto, estes arquétipos cinematográficos se assemelham muito aos estabelecidos nas telenovelas, onde as personagens negras têm pouco desenvolvimento e muita ligação com a servidão e a sensualidade:

A ligação da telenovela no cinema é tão decorrente que se torna difícil tratar das produções cinematográficas sem a comparação com os produtos televisivos. No cinema, e isso também se estende às telenovelas, as personagens negras não são individualizadas e muitas vezes não apresentam profundidade psicológica. Nos arquétipos e caricaturas apresentados por João Carlos Rodrigues (2001), a negra pode ser representada pelos arquétipos da *mãe-preta*, da *mártir*, da *negra de alma branca*, da *nega maluca*, da *mulata boazuda* e, finalmente, da *musa*. (LAHNI; ALVARENGA; PELEGRINI; PEREIRA, 2007, p. 85, grifos do autor).

Tanto a “mãe-preta” quanto a “mártir” são figuras estereotipadas que remontam à época da escravização do povo negro no Brasil, sendo o primeiro caso relacionado à escrava negra que amamenta o filho do “sinhô” branco, e a segunda à luta do povo negro neste período. Já a negra de alma branca é aquela que se integra ou, ao menos, tenta se integrar à sociedade branca dominante. Um exemplo é a história de Xica da Silva representada tanto no longa-metragem de Carlos Diegues (1976) como na telenovela de Gilberto Braga (1977).

A “nega maluca” é aquela mulher negra retratada como “endiabrada”, malandra, que sempre se envolve em confusões – equivalente feminino do arquétipo “crioulo doido”. E a “musa” seria, por sua vez, “um tipo pouco frequente na arte brasileira, que, segundo Rodrigues (2001), em maior frequência pode revelar um real amadurecimento social e humano dos cineastas e roteiristas”. (LAHNI; ALVARENGA; PELEGRINI; PEREIRA, 2007, p. 85).

No que diz respeito à representação feminina negra nacional e ao papel de servidão, este se repete na TV – com as telenovelas –, no cinema e também na publicidade, como demonstra o trabalho dos pesquisadores Rafael Rangel Winch e Giane Vargas Escobar, que traçam uma estrutura histórica da participação de mulheres negras no campo midiático da publicidade.

Os pesquisadores consideram que, com a necessidade de criar, no período pós-colonial, uma “identidade nacional” para o Brasil, as elites brasileiras planejaram, de forma estratégica,

a exclusão de negros e negras – os ex-escravizados –, que passaram a ser retratados como figura “bestializada, associada a atraso e degradação social”. Porém, com o passar dos anos, a população negra brasileira se torna um mercado consumidor numeroso e o mercado publicitário não mais quer ou consegue ignorá-lo. (WINCH; ESCOBAR, 2012).

Assim, na década de 1980, era possível ver na publicidade a mulher negra como a empregada doméstica, que ajudava a patroa a comprar determinado produto para a limpeza ou para a alimentação. Ou seja, mais uma vez, o papel feminino do negro na mídia nacional, estava ligado diretamente à subalternidade e aos trabalhos domésticos. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 232).

Além disso, os autores apontam para o fato de que quanto mais “traços brancos” a modelo, atriz ou qualquer outra personalidade feminina negra possuir, mais chances ela terá de ser convidada a estrelar uma campanha publicitária relacionada a temas como estética e beleza. E assim, quanto mais escura for a pele de uma mulher negra, mais difíceis e improváveis serão as chances dela se destacar na mídia nacional. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 237 – 238).

Na publicidade brasileira, a representação da mulher negra também está muito associada à exploração sensual e sexual de seu corpo e estética. Winch e Escobar trazem exemplos das marcas, como a Cerveja Devassa e a marca de lingerie Du Loren, que tiveram suas propagandas suspensas em 2012. As duas, tendo figuras femininas negras no centro de suas peças publicitárias, foram apontadas como disseminando pensamentos racistas e sexistas:

Quando a publicidade une o estereótipo racial com o sexual e o social, o resultado se torna deturpador. Foi o que aconteceu no anúncio da linha de lingerie Du Loren. Com o cenário de uma favela, a peça apresenta uma mulher negra em trajes íntimos, e a seguinte frase: Pacificar foi fácil. Quero ver dominar. A peça foi proibida de ser exibida pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação (CONAR), no mesmo ano em que foi lançada, em 2012. No ano anterior, o CONAR considerou racista e sexista o anúncio da marca de cerveja Devassa. Neste anúncio, a ilustração de uma negra, vinha acompanhado da frase: É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra. Devassa negra encorpada. Estilo dark ale de alta fermentação. Cremosa com aroma de malte torrado. Afrodescendentes poucas vezes protagonizam campanhas publicitárias, e quando isso acontece, na maioria dos casos, são anúncios recheados de crenças exageradas e equivocadas. Em exemplos como estes, a publicidade insiste em retratar a mulher negra com um ser promíscuo e apelativo. Além do forte apelo erótico, o anúncio da Du Loren ainda reforça o imaginário da mulher da favela, a negra. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 238 - 239).

Os autores argumentam ainda que a suposta “valorização do corpo da mulher negra”, que pode ser alegada em campanhas como da Du Loren, é ofuscada por contornos

estereotipados e pensamentos historicamente limitados. O que se observa, portanto, é que “a dignidade e o reconhecimento do intelecto da mulher negra são descartados” no contexto da publicidade nacional. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 239 – 240). E, além do papel subalterno e sexual, a mulher negra também está ligada, na publicidade brasileira, à representação de vítima:

E são justamente campanhas, como a *Basta de Violência contra a Mulher*, que inserem as afrodescendentes mais expressivamente. São espaços publicitários que recorrem à figura da mulher negra para representá-las, muitas vezes, como vítimas do sistema social, como seres carentes, que necessitam de alguma assistência governamental. Negras aparecem frequentemente em cartazes de programas do governo como: *Bolsa Família e Minha Casa, Minha Vida*. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 240, grifos dos autores).

Alinhados com a autora Maria Luiza Martins de Mendonça, que afirma que “[...] a comunicação não apenas nomeia o mundo, mas o institui. Ela é capaz de criar a realidade. É a partir de conteúdos simbólicos que se constrói o imaginário dos indivíduos e, conseqüentemente, da sua realidade” (MENDONÇA, 2006, p.3). Winch e Escobar pontuam que o mercado publicitário, ao criar uma realidade, atende à interesses de senso comum, pois trabalha com os mesmos referenciais. Assim, a mulher de pele escura é, de forma sistemática e planejada, colocada em segundo plano. A publicidade brasileira, assim, omite sua existência e, quando a apresenta, o faz em “posições estereotipadas” (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 239).

Desse modo, ainda que hoje a escravização legal do povo negro não seja mais uma realidade e, portanto, mulheres negras possam ocupar outras funções que não a da subalternidade, a mídia usa sua força e seu “poder simbólico” para continuar imputando a essas mulheres tanto esse quanto outros estereótipos colonizadores.

Olhar para esses fatores de estigmatização da identidade feminina negra, presente de forma recorrente na mídia tradicional, aqui ilustrado pela televisão e seu produto telenovela, o cinema e a publicidade, nos faz compreender a complexidade com que o olhar racista molda a construção identitária da negra brasileira, construção esta acatada e aperfeiçoada pelos sistemas de comunicação de massa do país:

Os discursos racistas inserem - se na cultura brasileira com ares de ‘naturalidade’ o que, num primeiro olhar, impede uma crítica sistemática. Porém, é preciso fixar que estamos lidando com discursos de exclusão intencionalmente elaborados, que contam com o estímulo do senso comum para serem aplicados nas relações interpessoais e intergrupais. Com referência ao negro, é preciso estar atento ao fato de que a mídia constrói identidades virtuais (ou pseudo-identidades) [sic] a partir não só da negação

e do recalçamento da identidade negra, como também um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. (PEREIRA, 2001, p. 211-16; SODRÉ, 1999, p. 246 apud FERNANDES, 2007, p. 6).

Por todo o caminho percorrido ao longo deste capítulo, pudemos perceber que a nossa mídia está pautada pela “valorização estética e da cultura dos brancos” e esta valorização, que exclui todas as outras maneiras “não-brancas” de existência, acaba por gerar o “fenômeno da invisibilidade social”, pelo qual os negros não se identificam com as representações que a mídia faz deles, e, por vezes, a fim de se enquadrarem na sociedade, usam recursos estéticos para se aproximarem dos brancos, como alisamentos capilares, por exemplo, (LAHNI; ALVARENGA; PELEGRINI; PEREIRA, 2007, p. 85).

Porém, se a mídia tradicional brasileira – seja tv, publicidade ou cinema – tem escolhido “criar a realidade” na qual mulheres negras são sempre subalternas e nunca protagonistas, e na qual apenas as de pele mais clara têm espaço, e, ainda assim, a sensualidade ofusca a sua intelectualidade, há, atualmente, outro espaço midiático no qual diferentes conceitos e representações estão sendo criadas, e este espaço é a Internet.

Deste modo, como o espaço digital cada vez mais em expansão em nossa sociedade – como vimos no primeiro capítulo – tem atuado na representação feminina negra e, desta forma, na construção identitária deste grupo? A fim de responder a esta pergunta passaremos a observar quatro maiores canais em audiência construídos por mulheres negras no *YouTube*.

#### 4 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE 4 MULHERES NEGRAS NO *YOUTUBE*

Nos capítulos anteriores observamos, em primeiro lugar, como a Internet tem feito cada vez mais parte do cotidiano social – realidade esta que observamos tanto no mundo de uma maneira geral, quanto no Brasil especificamente. Analisamos o quanto a midiaticização é uma realidade que não pode ser ignorada e, mais que isso, o quanto este conceito vem alcançando destaque nos estudos de comunicação, especialmente agora, com as mídias digitais tão determinantes com relação à maneira como as sociedades atuais se organizam.

Num segundo momento nos concentramos em compreender a construção de identidade a partir da mídia, ou seja, como os processos de comunicação e representação midiática estão intimamente ligados à forma como grupos sociais se enxergam e são vistos socialmente. A partir disto, nos debruçamos em entender como as mídias tradicionais brasileiras – a saber: televisão, revista, publicidade, cinema e outras – retratam a identidade negra nacional e, posteriormente, a identidade feminina negra brasileira.

E, entre estes dois passos, abrimos caminho para o conceito de interseccionalidade, em um esforço de compreender como os elementos gênero, raça e classe – podendo ser incluídos outros como religião, sexualidade, regionalidade e etc. – são determinantes para a construção social, a experiência de existir em sociedade e as representações identitárias que são construídas de determinado grupo, e, sendo assim, como estes elementos precisam ser centrais e correlacionados ao observamos as construções de representação midiática.

Assim, chegando ao capítulo de análise, aglutinamos todos esses conceitos de midiaticização, identidade e interseccionalidade no objeto de estudo escolhido para este trabalho, constituído por 4 canais produzidos e protagonizados por mulheres negras. Os critérios para a escolha destes canais foram, em primeiro lugar, que eles tivessem como criadora principal uma mulher negra, que fossem canais regulares no *YouTube* (com postagem de vídeos pelo menos uma vez na semana no mês escolhido para coleta), que tivessem mais de 200 mil inscritos, e nos quais a criadora em questão já tivesse se declarado negra em algum momento de sua carreira na Internet.

Tendo todos os requisitos listados, seis canais foram selecionados, porém, para que pudéssemos cumprir o prazo de entrega do trabalho, foram reduzidos para quatro, tendo como critério final de escolha os canais que apresentaram maior engajamento, ou seja, além do número de seguidores, obtiveram uma média maior de visualização e de comentários nos vídeos postados durante o período escolhido para análise. Desta forma, chegamos aos seguintes canais: Canal Camilla de Lucas, Gabi Oliveira, Nátaly Neri e Rayza Nicácio.

O período escolhido para análise foi o mês de abril de 2019 e este foi escolhido por se configurar como “neutro”, tanto no calendário nacional quanto na comunidade negra. Isto significa que este mês não possui nenhuma data marcante, como Carnaval, Abolição, Dia da Consciência Negra ou eventos do gênero. O objetivo aqui é observar como estas mulheres negras estão falando, produzindo e se comunicando com o seu público, no dia a dia de seus canais, quando não há datas comemorativas, quando não há eventos nacionais ou regionais que pautem seus trabalhos.

Desta forma, escolhido o mês de abril, observamos que havia uma diferença de volume de postagens, ou seja, no mesmo período alguns canais registraram um número maior de vídeos *on-line* do que outros. Escolhemos fazer um nivelamento pelo canal com menor número de postagens, que vem a ser o canal Nátaly Neri, com uma postagem por semana no mês de abril – totalizando 4 vídeos. A partir daí, selecionamos nos outros canais 4 vídeos dentro das datas ou próximo às datas das postagens de Nátaly. Assim ficamos com uma amostra de vídeos do mesmo mês e das mesmas semanas, alguns até do mesmo dia.

Assim, para esta análise, temos 4 canais e 16 vídeos, postados entre os dias 4 e 20 de abril de 2019. A análise de conteúdo foi escolhida como o método de abordagem para o estudo deste objeto, com o objetivo de construir, a partir do mesmo, um enfoque que nos dê condições de compreender como os conteúdos destes vídeos vêm construindo a representação de ser uma mulher negra brasileira.

Laurence Bardin, no livro “Análise de Conteúdo” (2011) diz que “[...] desde que se começou a lidar com comunicações que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parecendo útil o recurso à análise de conteúdo” (BARDIN, 2011, p. 34), isso porque este método é flexível, uma vez que “não existe coisa pronta em análise de conteúdo [...]”. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objeto pretendidos tem de ser reinventada a cada momento [...]” (BARDIN, 2011, p. 34).

Assim, a autora define a análise de conteúdo da seguinte maneira:

A definição de análise de conteúdo dada por Berelson, há cerca de vinte anos, continua sendo o ponto de partida para a explicação que todos os principiantes reclamam, a qual ele classificou do seguinte modo: ‘uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa de conteúdo das comunicações tem por finalidade a interpretação *destas* mesmas comunicações. (BARDIN, 2011, p. 43).

Assim, uma vez que a análise de conteúdo nos possibilita criar uma “descrição objetiva”, através de uma técnica que se adequa ao objeto de estudo (BARDIN, 2011), a

utilizaremos buscando criar um mecanismo de estudo objetivo, que nos revele como, através de seus conteúdos, essas quatro criadoras de conteúdos têm construídos suas representações com relação a “ser mulher negra” e como essas se opõem ou não à representação midiática tradicional.

Em vista disso, o que fizemos foi transcrever todos os 16 vídeos, um a um (transcrições disponíveis em anexo), na íntegra e, de posse destas transcrições, buscar compreender as abordagens dadas no sentido da construção de uma representação identitária, e analisar cada vídeo, observando-o sob o aspecto de três categorias: tema, interseccionalidade e abordagem.

Sendo a categoria **tema** aquela que trata diretamente de qual é o assunto do vídeo; na **interseccionalidade** vamos investigar se o conteúdo proposto se debruça a focar, de alguma maneira, as questões de gênero, raça e/ou classe; e, por fim, a categoria **abordagem** foi proposta para que se pudesse entender qual a estratégia usada no vídeo quando a criadora de conteúdo se comunica. Ou seja, este conteúdo se propõe a ser educativo, militante, focado em autoestima ou em outra coisa? Entender esses três aspectos nos dará condições de mapear o objeto de análise.

Sendo a análise de conteúdo um método que possibilita uma análise quantitativa e qualitativa, o que fizemos foi quantificar, através da marcação de tempo, quanto cada vídeo investiu em termos de duração para focar assuntos daquela categoria e, assim, através dessa marcação de tempo, pudemos traçar um panorama quantitativo de quais as abordagens cada criadora acha mais relevante, se há ou não coincidências entre elas, se há ou não uma ruptura com as abordagens e representações midiáticas tradicionais.

Qualitativamente separamos em cada vídeo trechos que representem cada categoria, para compreendermos, de forma mais detalhada, como os conceitos que trabalhamos no capítulo anterior se relacionam com os conteúdos que estamos analisando, de forma empírica.

Quadro 1 – Panorama geral dos canais Camilla de Lucas, Gabi Oliveira, Nátaly Neri, Rayza Nicácio

CANAL	INTERSECCIONALIDADE	ABORDAGEM
Camilla de Lucas – TEMPO TOTAL: 1h00'17"	Gênero, raça e/ou classe: 05'37"	1. Protagonismo Próprio: 49'28" 2. Beleza/Estética: 08'50"

Continua.

Quadro 1- continuação

CANAL	INTERSECCIONALIDADE	ABORDAGEM
Gabi Oliveira – TEMPO TOTAL: <b>1h11'56"</b>	Gênero, raça e/ou classe: <b>15'08"</b>	<b>1. Protagonismo próprio:41'34"</b> <b>2. Beleza/Estética: 27'49"</b> <b>3. Ativista/Militante: 13'08"</b> <b>4. Educativo/Informativo:01'51"</b> <b>5. Conquistas pessoais:01'20"</b>
Nátaly Neri – TEMPO TOTAL: <b>1h15'25"</b>	Gênero, raça e/ou classe: <b>13'34"</b>	<b>1. Educativo/Informativo:24'13"</b> <b>2. Protagonismo próprio: 19'47"</b> <b>3. Ativista/Militante:08'57"</b> <b>4. Conquistas pessoais:01'48"</b>
Rayza Nicácio – TEMPO TOTAL: <b>46'26"</b>	Gênero, raça e/ou classe: <b>00'00"</b>	<b>1. Protagonismo próprio:33'41"</b> <b>2. Conquistas pessoais: 14'01"</b> <b>3. Beleza/Estética: 05'54"</b>
<b>TOTAL: 4h14'04"</b>	Gênero, raça e/ou classe: <b>34'19"</b>	<b>1. Protagonismo Próprio: h24'30"</b> <b>2. Beleza/Estética: 42'33"</b> <b>3. Educativo/Informativo:26'04"</b> <b>4. Ativista/Militante: 22'05"</b> <b>5. Conquistas pessoais: 17'09"</b>

Fonte: Da autora (2019)

No que se refere à questão interseccional consideramos, neste trabalho, os conceitos de gênero e raça estabelecidos por autoras como Soelí Carneiro, Patrícia Hill Colins e Cláudia Pons Cardoso, já citadas anteriormente, que estabelecem as diferenças sociais vividas por mulheres negras. Desta forma, sempre que as influenciadoras escolhidas mencionavam, nos vídeos analisados, questões envolvendo sua cor de pele, o fato de serem mulheres ou correlacionando suas realidades e a dos que a assistem a estes fatores ou a um desses, consideramos que a questão interseccional se fez presente.

Com relação à classe recorreremos ao autor Graham Murdok, que ao conceituar classe se debruçou no trabalho de Marx para pontuar:

A maioria de seus contemporâneos e sucessores, Marx identificou classes com posição econômica. Para ele, a divisão principal estava entre aqueles que possuíam as formas tangíveis de propriedade – terra, bens imóveis, fábricas, ações – que poderiam ser usadas para gerar lucro, e aqueles cujo sustento dependia de negociar sua força de trabalho por um ordenado semanal ou um salário mensal. (MURDOCK, 2019, p. 34).

O que nos interessa, neste caso, é o discurso que se faz de classe. Ou seja, sempre que as criadoras mencionaram como o acesso ou falta dele a bens de consumo afetou diretamente

suas realidades, ou considerou como isso afeta a quem as assiste, consideramos que a questão interseccional se fez presente no que se refere à classe.

No que se refere às abordagens, a categoria **protagonismo próprio** foi estabelecida na medida em que as criadoras analisadas se colocavam no centro narrativa, externando seus pensamentos, preferências, alegrias, angústias, vontades e etc. Já a no que se refere à categoria **beleza/estética**, a mesma se fez presente quando questões de maquiagem, cabelo, roupas e acessórios se fizeram centrais.

Na categoria **educativo/informativo** levamos em conta quando a abordagem se fazia, independente do assunto, interessada em passar um conhecimento concreto para o espectador, ou informá-lo sobre algo talvez por ele desconhecido, e que a criadora considera ser importante. A categoria **ativista/militante** está relacionada ao exercício que essas criadoras fazem de questionamento e de demonstração explícita de descontentamento com a realidade social atual, e, por fim, a categoria de abordagem **conquistas pessoais** é registrada quando essas criadoras se propõem a falar de conquistas das quais tiveram acesso, seja viagem, compra de algum bem e etc.

#### 4.1 CANAL CAMILLA DE LUCAS

Figura 1 – Camilla de Lucas



Fonte: Reprodução/YouTube (2020)

Camilla é uma criadora de conteúdo, mulher negra, carioca, 25 anos, cujo canal do *YouTube* leva o seu próprio nome. Atualmente, o canal conta com mais de 1 milhão e 280 mil inscritos, tendo seu primeiro vídeo publicado no dia 21 de abril de 2017.

Na plataforma há um campo para que cada criador escreva sobre si mesmo, sobre seu conteúdo, que se apresente como bem entender para sua audiência e para possíveis

contratantes, sendo essas informações disponibilizadas na aba ‘sobre’. Camilla é breve ao descrever o conteúdo que publica: “Vídeos com muita alegria e humor porque vocês merecem!” (LUCAS, s/d).

De acordo com o período escolhido para analisar o material - o mês de abril de 2019 -, os quatro vídeos selecionados no canal Camilla de Lucas foram: FINGI QUE ERA MILIONÁRIA EM LUGARES CAROS, vídeo postado no dia 5 de abril de 2019, com 17 minutos e 15 segundos de duração total; MINHA ROTINA NOTURNA REAL!, postado dia 8 de abril de 2019, com duração de 15 minutos e 25 segundos; PROBLEMAS DE PESSOAS ALTAS!, postado em 15 de abril de 2019, com 12 minutos e 21 segundos de duração, e FINGI QUE ERA UMA KARDASHIAN NA RUA E OLHA O RESULTADO, postado no dia 19 de abril de 2019, com 15 minutos e 16 segundos de duração total.

Quadro 2 – Panorama geral dos vídeos analisados no canal *Camilla de Lucas*

<b>VÍDEOS</b>	<b>TEMA</b>	<b>INTERSEC.</b>	<b>ABORDAGEM</b>
FINGI QUE ERA MILIONÁRIA EM LUGARES CAROS – 17’15”	Registros dos dias que Camilla ficou hospedada em um hotel na Barra da Tijuca (RJ) a convite de uma marca de produtos para cabelo.	Gênero, raça e/ou classe: 03’01”	1. Protagonismo Próprio: 17’15”
MINHA ROTINA NOTURNA REAL! – 15’25”	Camilla mostra sua rotina durante o período da noite	Gênero, raça e/ou classe: 01’49”	1. Protagonismo Próprio: 14’27”
PROBLEMAS DE PESSOAS ALTAS! 12’21”	Descrição de 10 problemas que pessoas altas podem passar no dia a dia	Gênero, raça e/ou classe: 00’20”	1. Protagonismo Próprio: 11’30”
FINGI QUE ERA UMA KARDASHIAN NA RUA E OLHA O RESULTADO – 15’16”	Camilla faz maquiagem, troca de roupa e arruma o cabelo imaginando em como será a filha de Kim Kardashian e Keny West, a North West, no futuro e se caracterizando a partir desta imaginação.	Gênero, raça e/ou classe: 00’37”	1. Beleza/Estética: 08’50” 2. Protagonismo Próprio: 06’26”
TOTAL: 1h00’17”		Gênero, raça e/ou classe: 05’37”	3. Protagonismo Próprio: 49’28” 4. Beleza/Estética: 08’50”

Fonte: Da autora (2019)

#### 4.1.1 Vídeo *Fingi que era milionária em lugares caros*

VÍDEO	Fingi que era milionária em lugares caros – vídeo com duração total de 17 minutos e 15 segundos
TEMA	Registros dos dias que Camilla ficou hospedada em um hotel na Barra da Tijuca (RJ) a convite de uma marca de produtos para cabelo
INTERSECCIONALIDADE	O tempo destinado às questões relacionadas diretamente com gênero, raça e ou classe neste vídeo foi de <b>3 minutos e 1 segundo</b>
ABORDAGEM	São <b>17 minutos e 15 segundos</b> com uma abordagem de <b>protagonismo</b> de Camilla

Neste vídeo Camilla se coloca como protagonista do início ao fim, mesmo quando divide a imagem com outras pessoas que aparecem no seu decorrer. A criadora de conteúdo faz com que, a todo momento, suas preferências, gostos e até mesmo sua própria imagem sejam a base principal de sustentação dos mais de 17 minutos de material, intitulado “Fingi que era milionária em lugares caros”.

Como vimos no capítulo 2 deste trabalho, o protagonismo midiático é dedicado, em grande parte dos casos, a corpos negros aqui no país. Até mesmo para explicar o tema a autora Danúbia Andrade recorre ao termo “branquitude”, que trata exatamente deste “ser branco” construído, como seu protagonismo, como algo “desejável, natural e único. Sendo, portanto, a identidade branca construída como o padrão a partir do qual todas as outras identidades étnicas são encaixadas. (ANDRADE, 2009, p. 24-25).

Porém, ao construir um conteúdo no qual Camilla, enquanto mulher negra, coloca a si própria, seus tratos e sua realidade como protagonistas, outra construção se dá de identidade que normaliza outra figura, outra existência, que seja “desejável, natural e única”, que não relacione à “branquitude”. E ainda que o tema do vídeo não seja voltado para uma abordagem de beleza, como maquiagem ou cuidados com o cabelo, quando Camilla fala de si, se coloca como protagonista e se mostra, é também para, em alguns momentos, exaltar sua própria imagem e beleza:

E aí ela está cuidando do meu cabelo, vou fazer uma hidratação que é a hidraforce, aqui no Beleza Natural e depois a gente vai pra maquiagem, porque a cara está precisando de um reboco. [Camilla aparece já maquiada e com uma toalha na cabeça]. Gente, vocês piscaram e, olha só, já estou maquiada, tá, e o cabelo feito... [Nesse momento Camilla dá close em sua maquiagem, em sua pele negra e em seu cabelo crespo]. (LUCAS, 2019).

No que diz respeito à interseccionalidade, o título do vídeo já demonstra o tom que Camilla escolheu usar no mesmo. Quando a criadora escolhe o título ‘Fingi que era milionária em lugares caros’ está demonstrando que, no decorrer do conteúdo, apresentará uma realidade de acesso a lugares que não condizem com sua condição financeira no momento. Neste sentido, Camilla faz alusão à sua classe social, porém, não com relação ao que ela tem, e sim apontando os contrastes do que ela está vivendo na ocasião da gravação para o seu dia a dia comum, como neste trecho:

Vou me fingir de rica aqui na minha sacada, entendeu? Fazer cara de nojenta... Olá queridos, aí embaixo, tudo bom? Gente, ser rica deve ser muito bom, sabia? Cara, ser rico deve ser muito bom! [...] Ó, até o carro do povo aqui é diferente. Cê não vê um Fusca, a lá, no máximo uma Pálio mesmo. Até o ar é diferente, você respira, você sente o cheiro de riqueza. Cê não vê aquela poeirada de ônibus que passa lá na minha cidade. Não vê, gente! (LUCAS, 2019).

Nos 3 minutos e 1 segundo que identificamos, nesta análise, como se encaixando no conceito de interseccionalidade, Camilla sempre faz menção à sua realidade no que se relaciona ao acesso financeiro a determinados bens de consumo, ou seja, a mesma está falando, ainda que de forma “descontraída”, sobre sua classe social e sobre contexto vivenciado, decorrente desta situação, sempre identificando o contraste entre a sua vida real e a experiência de se hospedar em um hotel de classe na Barra da Tijuca: “Estamos chegando aqui agora, estou atravessando a rua. Na Barra a gente pode andar com o celular na mão, ninguém vai querer me assaltar. Chegando... Ai, gente, eu estou me sentindo tão rica, tão rica!” (LUCAS, 2019).

Como vimos, quando travamos a discussão da construção identitária, esta também surge de exclusões e apontamentos. *Você não é algo, logo você é outra coisa.* (SILVA, 2012, p. 10), Desta forma, quando Camilla pontua que “finge” que é rica, que está “se sentindo rica”, ela reforça que sua classe social não é esta. Ainda assim, durante todo este conteúdo, a criadora se coloca em situação de protagonismo, como a mulher preta que está acessando lugares e conquistando novas experiências.

#### 4.1.2 Vídeo *Minha rotina noturna real!*

VÍDEO	Minha rotina noturna real – vídeo com duração total de 15 minutos e 25 segundos
TEMA	Camilla mostra sua rotina durante o período da noite
INTERSECCIONALIDADE	Foram <b>1 minuto e 49 segundos</b> deste vídeo destinados a menções diretas à raça, gênero e/ou classe
ABORDAGEM	Em <b>14 minutos e 27 segundos</b> deste vídeo Camilla utiliza a abordagem de <b>protagonismo</b> próprio

Neste vídeo menções que se referiram a questão interseccional são raras e específicas. Mais uma vez Camilla se refere à classe que pertence, ou que ela quer demonstrar que pertence a seus seguidores, porém, desta vez, revelando itens de sua casa que ela mesma define como coisas “de pobre”:

Tomando o meu remédio, no copo da dona Nilza, que fez 80 anos. Pobre que é pobre tem que ter uma coleção de copos desse em casa [*copos de plástico, comemorativos de festas*]. Tem aqui copo de 80 anos da dona Nilza, de 2018. Tem o quê? Outro copo da dona Nilza, porque não basta um membro da família pegar, família inteira tem que fazer coleção. (LUCAS, 2019, grifos nossos).

Camilla fala de “ser pobre” sempre em um tom de humor, porém colocando a si e seus itens pessoais, como os copos de sua casa ou a bucha que usa para tomar banho, como exemplos da realidade de quem não tem acesso a muito dinheiro. E como a filósofa Djamila Ribeiro bem reflete, as realidades para além do discurso hegemônico precisam ser enxergadas para que suas necessidades sejam reconhecidas (RIBEIRO, 2017). Então, ainda que a criadora use de um viés bem humorado para descrever a classe social a que pertence, consideramos essa atitude como parte de um discurso interseccional.

No que diz respeito à abordagem, mais uma vez, Camilla optou por se colocar como a protagonista, revelando sua rotina, suas preferências e sua forma de viver. Narrando sua rotina noturna, a criadora de conteúdo chega até mesmo a responder às críticas de alguns participantes da sua audiência sobre um hábito cultivado, segundo informa, por muitos anos:

Já vou aproveitar e vou fazer o quê? Lavar a minha calcinha no box, óbvio. A tem gente que comenta no vídeo assim: ‘Camilla, você não pode pendurar calcinha no banheiro, porque pega bactéria.’ E a sua escova de dente, você bota aonde? Porque os micróbios também vão entrar nelas. Então a sua boca está toda fedida, porque você deixou a escova de dente no banheiro? Eu

penduro as minhas calcinhas aqui mesmo... A periquita está intacta até hoje, 24 anos, intacta. (LUCAS, 2019).

Se, como vimos no trabalho produzido pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mais de 90% das telenovelas da Rede Globo, a principal do país, é protagonizada por pessoas brancas, assim como as campanhas publicitárias e longas-metragens nacionais, no canal Camilla de Lucas isso é diferente. Uma mulher negra de 25 anos aparece no centro da narrativa, colocando suas opiniões, suas vontades e sua imagem como prioridades, se não como a única prioridade.

#### 4.1.3 Vídeo *Problemas de pessoas altas!*

VÍDEO	Problemas de pessoas altas – duração total de 12 minutos e 21 segundos
TEMA	Descrição de 10 problemas que pessoas altas podem passar no dia-a-dia
INTERSECCIONALIDADE	Foi dedicado <b>20 segundos</b> desse vídeo para alguma menção a questões de gênero, raça e/ou classe.
ABORDAGEM	Em <b>11 minutos e 30 segundos</b> deste vídeo a abordagem usada foi a de <b>protagonismo</b> próprio

Neste vídeo Camilla, mais uma vez, não faz menção à gênero ou raça, porém, ao falar de sua realidade, mais uma vez, se descreve como uma pessoa “pobre”:

Você já andou de avião? Eu não sei se você já andou de avião nessa vida mas eu já andei e só eu e minha perna sabemos como que é desconfortável andar de avião na classe econômica, porque na executiva eu nunca andei, mas eu acho que deve ser maior porque na executiva pessoa até dorme, mas se você é pobre como eu, que anda na econômica, meu amor, você sofre. (LUCAS, 2019).

Mesmo falando sobre viajar de avião, algo que não é de comum para muitas pessoas no país, especialmente as das classes D e E, consideradas “pobres”, Camilla ainda se coloca como uma “pobre”, no sentido de demarcar que é alguém que faz parte das camadas populares. É como se Camilla, ao repetir durante seu conteúdo, de diferentes maneiras, que é “pobre”, buscasse a identificação dos que fazem parte desta classe.

No que diz respeito à abordagem, mais uma vez o protagonismo próprio foi a escolha de Camilla. A partir de suas experiências, opiniões e imagem, ela criou uma lista de possíveis situações desagradáveis que estão suscetíveis de acontecer a pessoas altas. Porém, além de descrever os supostos problemas, Camilla deixa suas constatações pessoais sobre cada um deles, como nesse caso:

Um outro problema, gente, que eu na verdade não vejo como problema mas muita gente vê como problema, não sei porque, é que pessoas altas não podem usar sapato alto. Quem disse?! Quem disse que eu não posso usar sapato alto?! Quem disse que eu não posso? Gente, vou mostrar pra vocês os meus sapatos, isso aqui é sapato de passista meu amor. Porque quando eu tacho isso aqui no pé incorpora aqui a globeleza. Aí você acha que vou deixar de comprar um sapato bonito desse, olha essa tamanca, porque eu tenho um metro e setenta e nove? Olha isso gente, olha isso, fica um bebê no meu pé. Calma aí gente, me respeita, respeita a minha história. (LUCAS, 2019).

Strozenberg (2006), ao descrever como a mídia tradicional brasileira, especialmente a publicidade, recebe o corpo negro, diz que este está em destaque nos anúncios apenas quando se dirigem “especialmente para ao público negro” (STROZENBERG, 2006, p. 1). Mas, fazendo um paralelo com essa constatação, em relação ao conteúdo do canal Camilla de Lucas, podemos notar que esta lógica não se aplica. O assunto focado em nada se relaciona com alguma questão racial, não há nada que seja “especialmente para o público negro”, porém isto não impede que Camilla, uma mulher negra, seja a protagonista.

#### 4.1.4 Vídeo *Fingi que era uma Kardashian na rua e olha o resultado*

VÍDEO	Fingi que era uma Kardashian na rua e olha o resultado – duração total de 15 minutos e 16 segundos
TEMA	Camilla faz maquiagem, troca de roupa e arruma o cabelo imaginando em como será a filha de Kim Kardashian e Keny West, a North West, no futuro, e se caracterizando a partir desta imaginação
INTERSECCIONALIDADE	Foram investidos <b>37 segundos</b> do conteúdo total deste vídeo para tratar de alguma questão envolvendo raça, gênero ou classe
ABORDAGEM	Em <b>8 minutos e 50 segundos</b> houve uma abordagem de <b>beleza e estética</b> e <b>6 minutos e 26 segundos</b> para <b>protagonismo próprio</b> .

Neste vídeo Camilla toma como inspiração de beleza as irmãs Kardashian, socialites e empresárias estadunidenses que se tornaram conhecidas no mundo todo. A criadora deseja “se

transformar” de forma a se parecer com elas, especialmente com Kim Kardashian, a mais famosa entre as irmãs, porém percebe que há um impedimento: elas são brancas, Camilla é negra. É nesse momento que a questão interseccional aparece no vídeo:

Só que aí eu pensei assim, as Kardashians não são pretas, a Kim Kardashian é branca então acho que não vai ficar muito igual mas ai, eu lembrei que vem uma nova geração de Kardashian meu amor, preta!! Porque gente, eu não sei se vocês sabem mas lá nos Estados Unidos a partir do momento que uma pessoa branca tem um filho com uma pessoa preta e essa pessoa, essa criança nasce, automaticamente a criança, mesmo que a pele dela seja clara, a criança é preta!!! (LUCAS, 2019).

Sendo Kim Kardashian casada com Kenye West – um homem negro, *rapper* estadunidense – e tendo uma filha com ele, North West, Camilla decide que, mesmo sendo negra, pode sim “ser uma Kardashian”. Assim, partindo de uma referência de beleza branca Camilla faz de si uma referência de beleza e estética para os que a assistem.

Neste vídeo são 8 minutos e 50 segundos dedicados justamente a uma abordagem de beleza e estética, sendo que Camilla se maquia, arruma o cabelo e escolhe a roupa que vai vestir, de acordo com referências estéticas que as irmãs Kardashians oferecem, como neste momento:

Eu sei que vocês estão se perguntando, Camila, mas agora o que você vai fazer com seu cabelo? Meu amor, eu falei que vou me transformar numa filha de Kardashian e filha de Kardashinha tem que ter o quê? Cabelão preto. Todas as Kardashian já tiveram essa fase do cabelão preto, na verdade elas tinham várias fases né, cada dia elas estão um cabelo diferente mas o mais marcante é o cabelo preto. Kylie, Kendall, Khloe, Kourtney e a Kim, todas já tiveram o cabelo preto e eu acredito que a North também vai passar por essa fase. Queria muito, gente, que a North usasse os cachinhos dela, mas lá nos Estados Unidos as mulheres usam muito cabelo liso, mas tudo bem né, então vamos incorporar aqui na North, estou com a minha peruquinha lindíssima, gente ao tamanho da sua peruca?! É muito cabelo. (LUCAS, 2019).

Esta fala é interessante, pois remonta o que a pesquisadora Giovana Xavier traz com relação às publicidades estéticas no Brasil e nos Estados Unidos, que quando voltadas para a população negra, segundo ela, visavam conferir à pessoa negra, especialmente a mulher, uma “identidade civilizada”, que passava por, entre outras coisas, se apresentar de cabelo liso. (XAVIER, 2013).

Assim, neste vídeo, Camilla proporciona uma representação dupla, uma vez que ela aparece como protagonista durante todo o vídeo, porém com referências estéticas brancas. A criadora se adapta como pode há uma estética não negra, porém, o faz com sua pele escura na tela.

## 4.2 CANAL GABI OLIVEIRA

Figura 2 – Gabi Oliveira



Fonte: Reprodução/*Youtube* (2020)

O canal Gabi Oliveira é comandado pela mulher negra, carioca, formada em Comunicação Social, de 27 anos, de nome Gabriela Oliveira. O mesmo acumula, atualmente, 463 mil inscritos, tendo seu primeiro vídeo postado no dia 19 de agosto de 2015.

Na aba “sobre”, a fim de dar uma descrição de si mesma e de seu conteúdo na plataforma do *YouTube*, Gabriela escreveu:

Formada em Comunicação Social e com 27 anos, Gabi Oliveira, em pouco mais de 3 anos de trabalho na Internet, conquistou notório reconhecimento, tendo chegado à marca de mais de 800 mil seguidores em suas redes e sendo um dos canais participantes do programa Creators For Change, da Google. Atualmente, ela também colabora em uma das campanhas da ONU Brasil. Vencedora do concurso Youtube Nextup e atual embaixadora Seda Brasil, Gabriela está na lista de mulheres inspiradoras, da Think Olga, e já palestrou no Brazil Conference na Universidade de Harvard, Rio2C e outros eventos renomados. Além disso, sua palestra no TEDx intitulada ‘Um novo olhar sobre a pessoa negra: novas narrativas importam’ já conta com mais de 100 mil visualizações na plataforma Youtube. (OLIVEIRA, s/d).

Assim, de acordo com os critérios pré-estabelecidos para a coleta dos materiais a serem analisados em cada canal, os quatro vídeos selecionados no canal Gabi Oliveira foram: TESTANDO NOVIDADES FENTY BEAUTY | DePretas, publicado dia 17 de abril de 2019, com 28 minutos e 4 segundos de duração; 80 TIROS E OS PRIVILÉGIOS DO HOMEM NEGRO | PAPO DEPRETAS, postado dia 11 de abril de 2019, com 14 minutos e 2 segundos de duração; REAGINDO A SUPOSIÇÕES DE VOCÊS SOBRE MIM | DEPRETAS, postado dia 23 de abril de 2019, com duração total de 14 minutos e 12 segundos e O MELHOR GEL

PARA CABELOS CRESPOS!!!! DEPRETAS, publicado dia 28 de abril de 2019, com 15 minutos e 38 segundos de duração.

Quadro 3 – Panorama geral do canal *Gabi Oliveira*

VÍDEO	TEMA	INTERSEC.	ABORDAGEM
TESTANDO NOVIDADES FENTY BEAUTY   DePretas- 28'04"	Gabi faz maquiagem em si mesma com produtos que comprou da marca de cosméticos <i>Fenty Beauty</i>	Gênero, raça e/ou classe: 00'30"	1. Protagonismo próprio: 27'22" 2. Conquistas pessoais: 01'20" 3. Beleza/Estética: 12'19"
80 TIROS E OS PRIVILÉGIOS DO HOMEM NEGRO   PAPO DEPRETAS – 14'02"	As injustiças sofridas por homens negros no Brasil e no mundo	Gênero, raça e/ou classe: 13'08"	1. Ativista/Militante: 13'08" 2. Educativo/Informativo: 01'51"
REAGINDO A SUPOSIÇÕES DE VOCÊS SOBRE MIM   DEPRETAS – 14'12"	Gabriela recebe, nas redes sociais, mensagens de pessoas que à assistem que supõem coisas sobre sua vida e personalidade e ela responde se corresponde a realidade ou não.	Gênero, raça e/ou classe: 00'00"	1. Protagonismo próprio: 14'12"
O MELHOR GEL PARA CABELOS CRESPOS!!!! DEPRETAS-15'38"	Gabi utiliza o gel para cabelos crespos e cacheados, da marca <i>Negra Rosa</i> e emite sua opinião sobre o produto.	Gênero, raça e/ou classe: 01'30"	1. Beleza/Estética: 15'30"
TOTAL: 1h11'56"		Gênero, raça e/ou classe: 15'08"	6. Protagonismo próprio: 41'34" 7. Beleza/Estética: 27'49" 8. Ativista/Militante: 13'08" 9. Educativo/Informativo: 01'51" 10. Conquistas pessoais: 01'20"

Fonte: Da autora (2019).

#### 4.2.1 Vídeo *Testando novidades Fenty Beauty | DePretas*

VÍDEO	Testando Novidades Fenty Beauty   DePretas – duração total de 28 minutos e 04 segundos
TEMA	Gabi faz maquiagem em si mesma com produtos que comprou da marca de cosméticos <i>Fenty Beauty</i>
INTERSECCIONALIDADE	Foram 30 segundos deste vídeo destinados a questão de gênero, raça ou classe
ABORDAGEM	<b>Protagonismo próprio</b> teve <b>27 minutos e 22 segundos</b> ; <b>conquistas pessoais</b> contou com <b>1 minuto e 20 segundos</b> deste vídeo e <b>beleza e estética</b> contou com <b>12 minutos e 19 segundos</b> .

Neste vídeo, apesar de o tema ser o teste de produtos de maquiagem, o que sobressai no mesmo é o protagonismo da criadora. Gabriela se coloca no centro da narrativa, assumindo as suas impressões, suas opiniões e até mesmo suas questões, que extrapolam o tema proposto. Gabi, por exemplo, repete algumas vezes nesse vídeo que, logo após encerrar a gravação, terá que ir ao banco e depois à dermatologista:

Vou passar meu iluminador, muita gente não gosta dele... Eu uso pouco, e ele quebrou ainda, tá vendo? Cês tão vendo? Vou passar um pouquinho aqui, já que é pra brilhar mais do que a luz do dia, nesse calor do Rio de Janeiro, meio dia, pra ir no banco... Antes da, antes de... Isso, obrigada. A produção está aqui, falando os nomes. Antes de ir na dermatologista eu vou no banco ainda. Vou assim mesmo, bem brilhante... Quem me julgar, nem é gente. (OLIVEIRA, 2019).

Esta passagem poderia ser lida como um detalhe insignificante, porém demonstra o quanto a criadora se vê e se coloca no protagonismo do conteúdo, se permitindo trazer elementos de sua vida pessoal que, a princípio, não se relacionam com o tema proposto pelo vídeo, porém se encaixa no conteúdo, uma vez que este a coloca, como dissemos, como prioridade, como protagonista.

Com este protagonismo, Gabriela também faz menção à própria aparência, demonstrando o quanto se sente bonita, como neste momento: “Nossa, vou ficar gata! Diminui um pouco a luz aqui, porque eu acho que tava muito claro, talvez, não sei. Gente, tô bonita, sabia? Tô gata, olha!” (OLIVEIRA, 2019).

Observando essas duas passagens, nas quais Gabriela se coloca como protagonista e ainda se refere à sua própria aparência de forma positiva, sendo ela uma mulher negra, de pele escura, podemos resgatar o que os pesquisadores Rafael Rangel Winch e Giane Vargas

Escobar trazem, ao traçar a estrutura histórica da representação feminina negra no contexto da publicidade brasileira.

Segundo os autores, a elite brasileira viu a necessidade de criar uma “identidade nacional” para o Brasil, para que a população negra, de forma estratégica, fosse tratada de forma “bestializada, associada a atraso e degradação social”. Eles ainda assinalam o fato de que quanto mais “traços brancos” a modelo, atriz ou qualquer outra personalidade feminina negra possui, mais chances ela tem de ser convidada a estrelar uma campanha publicitária relacionada a temas como estética e beleza. E assim, quanto mais escura for a pele de uma mulher negra, mais difíceis e improváveis serão as chances dela se destacar na mídia nacional. (WINCH; ESCOBAR, 2012).

Desta forma, analisando um material midiático cuja protagonista é uma mulher negra, de pele escura, traços negroides (características físicas relacionadas diretamente à população negra, como nariz largo, lábios grossos, pele escura, as quais se opõem diretamente aos “traços brancos”), falando de temas relacionados à beleza e estética, com a mesma se assumindo como mulher bonita, percebemos uma ruptura nos paradigmas que compõem a representação negra tradicional.

Outra abordagem, que aparece de forma mais contida do que o protagonismo e a beleza, é a que menciona as conquistas pessoais de Gabriela, uma vez que os produtos da marca *Fenty Beauty* não são vendidos no Brasil, apenas no exterior. Mencionando como obteve os cosméticos que testará no vídeo, Gabi fala de sua viagem internacional e do dinheiro gasto:

Os preços vão aparecer aqui na tela pra vocês, porque eu não lembro de cabeça, mas tem que lembrar sempre que lá nos Estados Unidos, se você for comprar por lá, tem ainda os impostos. Eu estava em Boston dessa vez e o imposto lá era 6% mais ou menos, então tem que acrescentar esse valor. No final, quando vocês verem enquanto que deu tudo, vocês vão ficar um pouco chocadas, porque eu também fiquei um pouco chocada. (OLIVEIRA, 2019).

Para analisar esta fala podemos recorrer, mais uma vez, a Winch e Escobar que, ao tratar da mulher negra na publicidade nacional, também pontuam que, desde a década de 1980, já era possível ver a mulher negra como a empregada doméstica em propagandas, ajudando a patroa a comprar determinado produto de limpeza ou alimentação. Ou seja, mais uma vez o papel feminino negro é associado diretamente à subalternidade e aos trabalhos domésticos, na mídia nacional. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 232).

Assim, tratando de suas viagens internacionais, mencionando também o intercâmbio realizado no exterior, falando de seus gastos pessoais com produtos cosméticos – que faz

questão de pontuar que não foram baratos –, Gabriela confere à sua própria imagem a representação que ultrapassa o papel coadjuvante e subalterno, sempre relacionados a artigos de limpeza doméstica.

No que se relaciona à interseccionalidade, o que percebemos neste vídeo é um recorte de raça, especialmente na questão da pele negra escura. Ao testar os produtos de pele, a criadora questiona justamente a carência, ou a inexistência de tons mais escuros, que atendam às tonalidades de pele ainda mais retintas que a dela:

O mais escuro aqui, que é o 490 e eu acho que essa é a última cor, é a última cor que tinha lá. Logo, meninas mais escuras vão ter problema pra fazer o contorno escuro, mesmo com Fenty. Como é que é, Riri? Tem que lançar um pouco mais escuro, porque a menina que é 490 não vai ter corretivo, né? (OLIVEIRA, 2019).

A “Riri” que Gabriela menciona neste trecho é Rihanna, cantora e empresária, mulher negra, natural de Barbados, fundadora e proprietária da marca de cosméticos Fenty Beauty, justamente a testada por Gabi. Assim, a criadora traz em alguns momentos o nome de Rihanna como alguém com quem ela quer se parecer, de alguma forma:

Vamos aos produtos que eu comprei, vou começar pelos produtos de rosto, porque, sim, também comprei esse produto aqui pro corpo e esse pincel vai passar o produto no corpo. Só comprei pelo status mesmo esse pincel. Porque... Poderia passar com a mão? Poderia! Mas eu achei bonito, vou ficar igual ao tutorial da Riri lá pra Vogue, sabe? Que ela faz aquele negócio assim... [Entra vídeo de Rihanna passando o produto com o pincel – os dois produtos Gabi comprou]. Vou fazer igual, com vocês, é isso. (OLIVEIRA, 2019).

Ao tratar da importância da representação, Tomás Tadeu da Silva analisa que seu efeito é oferecer aos grupos identitários a noção de “quem eu posso ser”, ou seja, se vejo o grupo do qual faço parte representado de forma positiva, por exemplo, *eu*, enquanto parte daquela identidade, também acredito que posso ocupar este mesmo lugar positivo socialmente. (SILVA, 2012). Quando vemos Gabriela trazendo Rihanna como inspiração estética, observamos justamente o exercício de uma mulher negra notar outra negra em uma posição de beleza e, a partir daí, nos colocamos neste lugar também.

Voltando à questão interseccional, Gabi menciona, em outro momento, a questão específica da pele negra em relação à maquiagem: “Se vocês querem que eu teste a paletinha da Catharine Hill aqui, junto com vocês, eu testo também, tá bom? Testo porque dizem que é uma paleta bem pigmentada e funciona muito bem em pele negra” (OLIVEIRA, 2019).

Para analisar este trecho podemos recorrer a Quirino, quando diz que a adoção de termos que dão conta diretamente da raça ou da cor do sujeito, como “pele negra” são importantes para “uma construção social na perspectiva de afirmação identitária com um grupo”. Desta forma, Quirino afirma que, ao trazermos o denominador raça ou cor de forma direta e não pejorativa, há uma contribuição na “elevação de autoestima e de exigir do Estado direitos públicos e garantir espaços sociais”. (QUIRINO, 2011, p. 2).

Neste sentido, quando Gabriela menciona algo que “funciona para a pele negra”, a moça está afirmando uma identidade, demonstrando que há necessidades específicas de um grupo identitário a serem atendidas, buscando garantir que quem tem pele escura não seja invisibilizado ou excluído do mercado da maquiagem e de cosméticos de beleza.

#### 4.2.2 Vídeo *80 Tiros e o os privilégios do homem negro* | *Papo DePretas*

<b>VÍDEO</b>	80 tiros e os privilégios do homem negro  Papo DePretas – duração total de 14 minutos e 2 segundos
<b>TEMA</b>	As injustiças sofridas por homens negros no Brasil e no mundo
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	<b>13 minutos e 8 segundos</b> foi o tempo destinado neste conteúdo a algum corte que envolva <b>raça, gênero e/ou classe</b>
<b>ABORDAGEM</b>	A abordagem de cunho <b>ativista/militante</b> teve <b>13 minutos e 8 segundos</b> de tempo neste vídeo, já a de cunho <b>educativo/informativo</b> durou <b>1 minuto e 51 segundos</b>

Neste vídeo Gabriela se propõe a tratar da realidade social envolvendo homens negros, especialmente no Brasil, porém ela também menciona o caso de um homem negro estadunidense de forma ilustrativa. A abordagem informativa se dá justamente no início do vídeo, quando a criadora justifica o porquê de ter escolhido tal tema para tratar:

[...] foi na semana passada que a gente se deparou com algumas notícias como a do menino que sofreu racismo no Bob's. Eu não sei se vocês viram esse caso, mas foi o caso de duas meninas que gravaram ofensas racistas a um funcionário do Bob's e postaram no Instagram e aí esse caso repercutiu muito. A gente também tinha a situação com o Rodrigo, ex Big Brother, que sofreu ofensas racistas através da Internet, também, ao ponto de terem que desativar o Instagram dele, os comentários do Instagram dele, porque essas ofensas atingiram também a mãe dele. Além desses dois casos a gente também tinha a questão do DJ Renan da Penha que foi acusado por associação ao tráfico por promover o Baile da Gaiola né, dessa música que ficou super famosa, do baile que ficou super famoso também, e aí, como vendiam droga naquele ambiente ele foi acusado. (OLIVEIRA, 2019).

A abordagem ativista/militante, com denúncias de injustiças sociais ganha destaque, caminha lado a lado, neste vídeo, com o recorte interseccional. Neste conteúdo Gabi se preocupa em, a todo momento, pontuar principalmente as questões de gênero e raça:

Eu lembro que quando comecei a fazer a série sobre masculinidades aqui no canal algumas pessoas vieram me questionar: ‘ah, precisa dar voz pra homens? homens sempre falaram na nossa sociedade!’ e eu lembro que num vídeo, acho que com Caio, não lembro se com o Caio ou com o Túlio, eu questionei isso né, eu falei ‘quais homens que sempre tiveram voz nessa sociedade?’. (OLIVEIRA, 2019).

Quando Gabriela questiona “quais homens que sempre tiveram voz nessa sociedade?”, ela está, justamente, propondo que o recorte de raça seja feito, uma vez que a realidade social vivida por homens negros, por serem negros, está intimamente ligada ao racismo:

Podemos, a partir destas falas de Gabi, traçar um paralelo com as discussões que a filósofa Djamila Ribeiro realiza, ao tratar das questões que envolvem o conceito de “lugar de fala”. Ribeiro (2017) trata, entre outras coisas, das problemáticas que a “voz única” traz para desenvolver discussões, até mesmo acadêmicas, no que diz respeito a estas identidades sociais. Djamila ainda afirma que pessoas brancas, “ao persistirem na ideia de que são e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais” (RIBEIRO, 2017, p. 31).

Neste sentido é possível entender melhor o questionamento feito neste vídeo, quando Gabi diz “quais homens que sempre tiveram voz nessa sociedade?”, uma vez que a ideia hegemônica do que é “ser homem” dá a entender que há uma experiência universal nesta identidade. Porém, ao propor o recorte de raça, a criadora comenta justamente os diferentes tipos de injustiças que homens negros sofrem por serem negros, realidade esta que não faz parte do cotidiano do “ser homem” branco.

#### 4.2.3 Vídeo *Reagindo a suposições de vocês sobre mim* | *DePretas*

<b>VÍDEO</b>	Reagindo a suposições de vocês sobre mim   DePretas – Duração total de 14 minutos e 12 segundos.
<b>TEMA</b>	Gabriela recebe, nas redes sociais, mensagens de seguidores que supõem coisas sobre a sua vida e sua personalidade, às quais ela responde se são realidade ou não.
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	<b>Nenhuma</b> abordagem envolvendo <b>gênero, raça, e/ou classe</b> foi feita nesse vídeo.
<b>ABORDAGEM</b>	Neste vídeo <b>14 minutos e 12 segundos</b> foram destinados à abordagem de <b>protagonismo próprio</b> .

Neste vídeo Gabriela fala sobre si mesma, basicamente, ao responder as suposições da audiência sobre sua vida e personalidade. Ela fala sobre coisas íntimas, sobre o que a deixa irritada, como lida com os amigos, se é ou não simpática, sobre seu gosto musical, entre outras características, como podemos ver nesse trecho:

- Curte pagode anos 90?
- Claro, né gente? Claro que eu curto, pagodim anos 90 quem não gosta? tem gente que não gosta, é verdade, mas essas pessoas não andam comigo.
- Eu imagino que você seja bem econômica, bem capricorniana, é igual a mim.
- Sou bem econômica, bem pão dura, que sempre planeja como gastar e etc. -
- Sou boa em guardar dinheiro também. (OLIVEIRA, 2019).

Neste vídeo é interessante observar a escolha que Gabi faz por tratar de assuntos cotidianos que a trazem para o centro do protagonismo, sem fazer nenhuma menção direta à negritude. Ao tratar da população negra no mercado publicitário nacional, Ilana Strozenberg (2006) afirma que reservou um lugar bem específico à pessoa negra e mestiça.

Ilana Strozenberg lembra que o corpo negro só era merecedor de destaque nos anúncios quando estes se dirigiam especialmente ao público negro, fazendo referência sobretudo a produtos os cosméticos e fortificantes (STROZENBERG, 2006). Assim, quando Gabriela se permite protagonizar um conteúdo audiovisual tratando de assuntos cotidianos, também está batendo de frente com uma vertente importante da representação tradicional da pessoa negra na mídia brasileira.

#### 4.2.4 Vídeo *O melhor gel para cabelos crespos!!!! DePretas*

<b>VÍDEO</b>	O melhor gel para cabelos crespos!!!! DePretas – duração total de 15 minutos e 38 segundos
<b>TEMA</b>	Gabi utiliza o gel para cabelos crespos e cacheados, da marca <i>Negra Rosa</i> e emite sua opinião sobre o produto
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	Foram utilizados <b>1 minuto e 30 segundos</b> deste vídeo para discutir questões relacionadas diretamente a <b>gênero, raça e/ou classe</b>
<b>ABORDAGEM</b>	A abordagem de <b>Beleza/Estética</b> está presente em <b>15 minutos e 30 segundos</b> deste vídeo

Neste vídeo Gabi se empenha em transmitir a seus espectadores todas as informações pertinentes ao uso do gel capilar da marca *Negra Rosa*. Em sua resenha, a criadora fala do

modo de aplicação, da melhor forma de usar, como o produto se comportou em seu cabelo e, além disso, faz questão de pontuar que seu cabelo é crespo:

Como essa é a segunda vez que estou finalizando com o meu cabelo com gel, aí eu percebo que realmente ele dá uma diferença no aspecto do cabelo gente, principalmente no cabelo que é um cabelo crespo. Obviamente, como todo gel, ele tem essa, coisa de trazer mais definição e aí você vai perguntar, mas a gente precisa de definição? A gente precisa formar cacho? Não, não precisa, mas de certa forma essa coisa da definição, um pouco mais de definição, um pouco mais de separação nos cachos pode ser positivo para o cabelo crespo no sentido de que os cachinhos um pouco mais separados, ele evitam tanto o atrito e o cabelo crespo tem uma tendência grande à quebra por causa desse atrito dos cachinhos muito pequeno. (OLIVEIRA, 2019).

Como ressaltou a pedagoga e pesquisadora Nilma Gomes Lino (2002), as características físicas ligadas à população negra, como o cabelo crespo, têm, de forma corrente, uma conotação muito negativa. Lino pontua que dizeres como “cabelo duro”, “ninho de guacho”, “cabelo de bombril”, entre outras expressões pejorativas são muito associadas ao cabelo crespo, que a pesquisadora também chama de “cabelo do negro”, por ser uma textura capilar mais comum entre a população negra.

Assim, analisando este conteúdo, percebemos que Gabi, ao colocar seu cabelo crespo como protagonista de um conteúdo voltado para uma abordagem de beleza e estética, além de tratar diretamente de um produto feito para esse tipo especial de cabelos, está subvertendo a lógica social que os descreve por características negativas.

No que diz respeito à questão interseccional, o assunto é introduzido quando Gabi revela o preço do gel em questão - 55 reais -, um valor que ela julga ser alto:

[...] não dá pra comparar marcas pequenas com marcas enormes sabe, não tem como comparar a produção, quanto custa a produção para uma marca gigantesca e uma marca pequena como a da Negra Rosa, por isso o valor acaba sendo mais caro mesmo, mas aí tem toda a questão também que pra mim é importante, obviamente se você não tem o dinheiro, pode ser importante para você mas mesmo assim você não vai comprar porque você não tem o dinheiro, eu entendo. Mas se você tem dinheiro separado para comprar determinados produtos de cabelo e você já está acostumado a comprar produtos um pouco mais caros porque, mesmo marcas grandes tem produtos mais caros e às vezes as pessoas investem porque são bons produtos, eu garanto pra você que esse é um bom produto, que se você tá acostumado a gastar mais dinheiro com produtos de cabelo você pode investir e, principalmente, se você tem o cabelo crespo e quer um produto para ser assim, sabe, lavou o cabelo, finalizou rápido e saiu e o resultado vai ser bom, então é, assim, o valor é alto mas se você tem, pra mim, no meu caso, vale muito a pena. E aí tem uma outra questão também que agrega valor é que a Negra Rosa é uma mulher negra, crespa, então eu acho que isso agrega valor na sua compra né, aí a gente dá com mais alegria esse valor, quando a gente pode. Tô pontuando bastante, quando a gente pode, porque

eu sei que vai ter comentário aqui em baixo falando, ah é muito caro... (OLIVEIRA, 2019).

Assim, a partir disso, a criadora de conteúdo pontua questões que tratam de classe, ou seja, as condições de acesso ao produto por seu valor financeiro, demonstrando entender que diferentes realidades vão garantir ou não a possibilidade de acesso ao produto apresentado; e a questão de gênero e raça, quando pontua que Rosângela Rosa, a proprietária da marca *Negra Rosa* é uma mulher negra e que isso, na visão de Gabi “agrega valor” ao produto.

### 4.3 CANAL NÁTALY NERI

Figura 3 – Nátaly Neri



Fonte: Reprodução/YouTube (2020)

O canal Nátaly Neri, comandado pela criadora que lhe dá o nome, existe na plataforma do *YouTube* desde o ano de 2015, sendo seu primeiro vídeo postado em 28 de julho de 2015. Nátaly é uma mulher negra de 25 anos, graduanda em ciências sociais, que aos 21 anos começou a fazer postagens para a Internet. Hoje o canal conta com mais de 563 mil inscritos.

Na plataforma há um espaço para que cada criador escreva sobre si mesmo, descreva seu conteúdo, e se apresente da forma como bem entender para a sua audiência e para os possíveis contratantes. Este espaço está localizado na aba ‘sobre’, e nele Nátaly descreveu a si mesma e ao seu conteúdo da seguinte maneira:

Olá! Meu nome é Nátaly Neri, tenho 25 anos e moro na cidade de São Paulo - SP. O Canal Afros e Afins é um projeto que iniciei no início da minha faculdade em Ciências Sociais, há quase quatro anos atrás, movida pelo desejo de compartilhar com o máximo de pessoas, todas as descobertas e novas informações que eu estava acessando sobre sociedade, individualidade, estilo de vida e muito mais. Criei esse espaço para compartilhar meus

processos de autonomia. Por meio de vídeos humanos e simples, feitos com muita honestidade e dedicação, quero incentivar o desejo de busca por autonomia intelectual, mental e de consumo. Esse canal fala sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, *slow living*, amores, beleza, e tudo o que uma jovem interessada em melhorar sua vida e a realidade ao seu redor poderia se interessar. Acompanhe os vídeos novos, veja tudo o que já conversamos por aqui! Que bom que nos encontramos! (NERI, s/d).

No período escolhido para analisar o canal, mês de abril de 2019, Nátaly postou quatro vídeos, sendo eles: ÓLEOS ESSENCIAIS E VEGETAIS PARA A SUA PELE feat. DAIANA PETRY #3 – postado no dia primeiro de abril de 2019, com 20 minutos e 23 segundos de duração; COTAS PARA PESSOAS TRANS – postado em 8 de abril de 2019, com 11 minutos e 53 segundos de duração; ABSORVENTE E CALCINHAS ECOLÓGICAS (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor) – postado dia 11 de abril de 2019, com 15 minutos e 50 segundos de duração, e VOCÊS, EU E ESSE CANAL – vídeo postado dia 19 de abril de 2019, com extensão de 18 minutos e 19 segundos.

Quadro 4 – Panorama geral dos vídeos analisados no canal *Nátaly Neri*

VÍDEO	TEMA	INTERSEC.	ABORDAGEM
ÓLEOS ESSENCIAIS E VEGETAIS PARA A SUA PELE feat. DAIANA PETRY #3 – <b>20’23”</b>	Como óleos naturais podem fazer bem para os cuidados com a saúde e estética.	Gênero, raça e/ou classe: <b>00’37”</b>	1. Informativa/Educativa: <b>17’33”</b>
COTAS PARA PESSOAS TRANS – <b>11’53”</b>	As experiências de Maria Clara Araújo, uma mulher trans, negra e nordestina no espaço escolar e acadêmico.	Gênero, raça e/ou classe: <b>09’33”</b>	1. Informativa/Educativa: <b>00’46”</b> 2. Ativista/Militante: <b>08’57”</b>
ABSORVENTE E CALCINHAS ECOLÓGICAS (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor) – <b>15’50”</b>	Alternativas ecológicas ao absorvente descartável	Gênero, raça e/ou classe: <b>02’27”</b>	1. Informativa/Educativa: <b>05’54”</b> 2. Protagonismo próprio: <b>03’20”</b>

Continua

Quadro 4 (continuação)

VOCÊS, EU E ESSE CANAL – 18’19”	Agradecimento pelo canal ter ultrapassado a marca de 500 mil inscritos	Gênero, raça e/ou classe: <b>01’00”</b>	<b>1. Protagonismo próprio: 16’27”</b> <b>2. Conquistas pessoais: 01’48”</b>
TOTAL: 1h15’25”		Gênero, raça e/ou classe: <b>13’34”</b>	<b>5. Informativa/Educativa: 24’13”</b> <b>6. Protagonismo próprio: 19’47”</b> <b>7. Ativista/Militante: 08’57”</b> <b>8. Conquistas pessoais: 01’48”</b>

Fonte: Da autora (2019).

#### 4.3.1 Vídeo *Óleos essenciais e vegetais para sua pele feat. Daiana Petry #3*

VÍDEO	Óleos essenciais e vegetais para sua pele feat. Daiana Petry – duração total de <b>20 minutos e 23 segundos</b>
TEMA	Como óleos naturais podem fazer bem para os cuidados com a saúde e estética.
INTERSECCIONALIDADE	<b>37 segundos</b> de vídeo foi o tempo destinado neste conteúdo a algum corte que envolva <b>raça, gênero e/ou classe</b> .
ABORDAGEM	<b>17 minutos e 33 segundos</b> de conteúdo de cunho <b>educativo e informativo</b>

O vídeo *ÓLEOS ESSENCIAIS E VEGETAIS PARA A SUA PELE feat. DAIANA PETRY #3* consiste numa série de vídeos, sendo este o terceiro, em que Nátaly traz a aromaterapeuta e naturóloga Daiana Petry, uma mulher branca, como convidada. Neste vídeo, a abordagem de cunho educativo e informativo está presente do início ao fim dos 20 minutos e 23 segundos de duração. Logo no início, Nátaly deixa essa intenção bem explicada:

Nós já fizemos 2 vídeos, por favor, assistam eles, ou assista esse e desperte seu desejo de assistir aos outros. A gente deu uma introdução sobre aromaterapia, os óleos essenciais no primeiro; no segundo a gente falou sobre óleos pra você gerenciar as suas emoções e nesse terceiro a gente vai abordar um dos outros benefícios dos óleos essenciais e principalmente dos vegetais, que é a estética. Eu falo um pouco sobre isso aqui no canal, então eu tenho certeza que isso vai interessar vocês... **E como é um assunto complexo, porque a gente não vai só falar ‘esse óleo é bom pra tal coisa’**

**e a daí sabe explicar de uma maneira científica, essa informação a gente não acha em qualquer blog porque... não acha mesmo, não acha.** (NERI, 2019, grifos nossos).

Nátaly deixa explícito o fato de que este conteúdo, presente em seu canal, seja algo que vai além da maneira como o assunto costuma ser tratado na Internet e, mais que isso, informa que ele consta informações e explicações científicas. Os pesquisadores Winch e Escobar, ao analisarem como a mulher negra é retratada no mercado publicitário brasileiro, constataam, entre outras situações, que “a dignidade e o reconhecimento do intelecto da mulher negra são descartados” no contexto da publicidade nacional. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 239-240).

Ou seja, mulheres negras que, como vimos, são constantemente representadas por visões que transmitem a ideia de extrema sexualização, como símbolos “da cor do pecado” e da “tentação sexual” (FERNANDES, 2007), também são, em contrapartida, afastadas de assuntos relacionados à intelectualidade. (WINCH; ESCOBAR, 2012). Assim, um conteúdo focado em informação e educação, comandado por uma mulher negra, se configura como uma ruptura dessa representação tradicional.

Porém, é importante pontuarmos que quem traz a maior parte das informações é Daiana Petry, uma mulher branca cuja fala ocupa o maior tempo do conteúdo, e é apresentada como uma autoridade no tema proposto. Porém, Nátaly, como dona do canal, se coloca como anfitriã e também demonstra dominar alguns dos conhecimentos que Daiana traz à tona:

**Daiana:** Psoríase, acne rosácea que é super difícil de tratar nos produtos convencionais, que com aroma é possível... Então se você está em uma dessas situações e vê tantas informações na Internet, não sabe pra onde ir, acha que todos os óleos vegetais são bons, hoje a gente vai dar uma introdução em como definir qual óleo pra sua pele. Então, eu vou falar de três nomes um pouco mais difíceis, mas são importantes. Eu vou falar do óleo vegetal de açaí, que é um óleo vegetal brasileiro. Ele tem na sua composição uma quantidade significativa, cerca de 48%, 50%, de ácido graxo oleico. O que que isso significa?

**Nátaly:** Essa eu sei responder

**Daiana:** Ahn?

**Nátaly:** Essa eu sei responder...

**Daiana:** Responde, vai!

**Nátaly:** Significa que ele é muito umectante.

**Daiana:** Umectante, verdade! (NERI; PETRY, 2019).

No que diz respeito à interseccionalidade, esta não aparece de forma enfática no vídeo, porém, há um momento em que, falando de cabelos, Daiana e Nátaly se referem ao tipo crespo e cacheado, que a primeira chega a se referir como “cabelo afro”. O objetivo era de

demonstrar como esse tipo de cabelo, predominantemente característico de pessoas negras, se comporta com determinados tipos de óleos vegetais:

Então ele é indicado, quanto mais um óleo vegetal apresenta, em sua composição, ácido graxo oleico, melhor ele vai ser para uma pele ressecada, seca, com descamação... Um cabelo seco, um cabelo afro, cacheado, que precisa de uma umectação maior... Agora, aquele cabelo fininho, liso, oleoso, não deve investir num óleo vegetal de ácido graxo oleico porque vai ficar muito pesado. (PETRY, 2019).

Quando Daiana cita o “cabelo afro”, suas características e necessidades – diferenciando-o, inclusive, com relação às propriedades distintas das de um cabelo liso, o que ela está fazendo é um recorte de raça, no sentido de nomear as necessidades pertinentes a grande parte de pessoas negras que possuem cabelos crespos ou cacheados. E como Djamila Ribeiro pontua, nomear existências e necessidades fora da hegemonia branca, faz com que estas se tornem visíveis. (RIBEIRO, 2017).

O que podemos perceber deste vídeo é que a abordagem educativa e informativa é que dá o tom do início ao fim do mesmo, divulgando dados referentes à composição química de vegetais, além de fornecer explicações de como diferentes óleos essenciais e vegetais podem ser utilizados em tratamentos distintos de saúde e estética.

#### 4.3.2 Vídeo *Cotas para pessoas trans #VidaUniversitária*

VÍDEO	Cotas para pessoas trans – #VidaUniversitária – duração total de 11 minutos e 53 segundos.
TEMA	As experiências de Maria Clara Araújo, uma mulher trans, negra e nordestina no espaço escolar e acadêmico.
INTERSECCIONALIDADE	Em <b>9 minutos 33 segundos</b> deste conteúdo questões relacionadas a raça, gênero e ou classe foram pontuadas
ABORDAGEM	Foram <b>46 segundos</b> dedicados à uma abordagem <b>informativa</b> e <b>8 minutos 57 segundos</b> à abordagem <b>ativista/militante</b> .

No vídeo *COTAS PARA PESSOAS TRANS*, Nátaly Neri também recebe uma convidada, desta vez Maria Clara Araújo, mulher negra, transexual e graduanda em pedagogia. Este vídeo dedica mais de 8 minutos de seu tempo total, que é de 11 minutos e 53 segundos, a trazer uma abordagem militante, no sentido de questionar a realidade social atual, neste caso, a realidade

de pessoas trans dentro e fora de instituições escolares. Logo no início do vídeo, Maria Clara estabelece este tom, e ao se apresentar ela diz:

**Maria Clara:** Eu sou Maria Clara Araújo, tenho 22 anos, sou de Recife, Pernambuco. Fui a primeira travesti da Universidade Federal de Pernambuco... Eu me assumo travesti aos 16 anos, no ensino médio ainda... Então, quando eu entro na pedagogia é muito dentro de um movimento de entender o meu próprio processo de escolarização a que eu fui submetida, né? Naquele momento... Acho que você acompanhou muito desse processo, não existia portaria de nome social; inclusive me lembro de que, quando cheguei na minha diretora, no meu diretor, pra falar de nome social eles viraram e falaram: ‘mas o que é isso?’ E eu expliquei que era o nome pelo qual que queria ser chamada, *[Nesse momento aparece no vídeo a seguinte descrição: Nome Social: 1. é o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis (em geral) ou qualquer outro gênero preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado, que não reflete sua identidade de gênero.]* era um nome que eu me sentiria confortável, que aquele nome iria, ser chamada por aquele nome iria me fazer continuar, né? Esse meu processo de escolarização... E eles falaram pra mim que Maria Clara não existia. Que aquele nome era um nome falso e que não tinha porque eles me chamarem por Maria Clara, quando na minha certidão de nascimento era outro nome. Foi muito complicado pra mim porque eu não via, na instituição escola, tudo aquilo que foi difundido pra mim durante anos, pra todas nós. Que a escola nos aceita, que a escola é um espaço de convivência, um espaço de...

**Nátaly:** ...desenvolvimento...

**Maria Clara:** É... Um espaço de criar laços, de crescer, de formar o humano... Mas, até compreendendo essa concepção de que a escola forma o humano, talvez a escola também construa essa não humanidade. A partir do momento que ela nega certas demandas que certos corpos trazem, né? (ARAÚJO; NERI, 2019, grifos nossos).

Nesse diálogo, registra-se também o primeiro conteúdo informativo do vídeo, aparecendo na tela o significado de ‘nome social’. Esta abordagem aparece de forma bem menos expressiva neste conteúdo, com um espaço de 46 segundos. A segunda e última vez em que esta abordagem é utilizada dá-se no momento em que Maria Clara elenca algumas instituições de ensino onde vigora o sistema de cotas para pessoas trans:

UFBE tem essas cotas pra pessoas trans na pós-graduação da educação, né? O PPGÉ... A gente tem cotas pra pessoas trans, acredito que na graduação da UFBA, a gente tem cotas pra pessoas trans na UNEB, né? Universidade Estadual da Bahia. A gente tem também na do sul da Bahia, a gente tem... Eu acredito que na UFC deve ter... A gente tem aqui, em São Paulo, na do ABC... Então assim, são iniciativas, digamos assim, pioneiras, né? (ARAÚJO, 2019).

Porém, constando de uma abordagem militante ou informativa, os recortes de gênero e raça se fizeram presentes em toda a fala de Maria Clara e Nátaly no vídeo, por isso a categoria interseccionalidade é registrada durante 9 minutos e 33 segundos deste vídeo. Isto porque a

realidade específica de pessoas negras e trans constitui-se do centro do conversa, como podemos ver nesse diálogo:

**Maria Clara:** Outra frase muito importante também, de Giovana Xavier, intelectual negra, incrível, dizendo que ‘você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo, por mulheres negras contando sua própria história’. Então quando a gente tá, por exemplo, enquanto travestis e pessoas trans, discutindo sobre a nossa produção de conhecimento, pra mim é muito óbvio como a gente está reverberando toda essas indagações e problematizações de mulheres negras e pesquisadores negros, em relação a essa produção de conhecimento que foi usurpada das nossas mãos, né? Que... A Grada Kilomba, que é uma feminista negra, ativista, né? Intelectual... Ela traz uma foto da Anastácia, que é uma foto bem simbólica, né? Do período escravocrata do Brasil, e a Anastácia está com uma máscara de silenciamento, né? E a Grada fala que essa máscara, esse silenciamento que foi imposto para as pessoas negras, fez com que o sujeito branco construísse o arquétipo, né? A imagem do sujeito negro, pelo sujeito negro. Então, nesse momento, quando pessoas negras, quando pessoas trans, entram nas universidades, produzem essas ciências, né? Tencionam ciências anteriores, que se colocavam uma produção....

**Nátaly:** Como hegemônica, sim...

**Maria Clara:** ...uma produção hegemônica, uma produção neutra... Porque é muito complicado, inclusive é muito importante também pontuar isso, que, por exemplo, eu e Nátaly estávamos fazendo um TCC sobre questões negras dentro da universidade. E daí, chega um professor, e fala assim: ‘Não. Esse trabalho de vocês é muito pessoal’

**Nátaly:** ‘É muito subjetivo, e a pesquisa acadêmica é objetiva’

**Maria Clara:** É... Mas daí se esse professor, que provavelmente é branco, pesquisasse sobre pessoas negras, daí não, é produção de ciência... E daí, né? A gente cai em uma mentira acadêmica, que dá pra gente desassociar corpo de mente, produção de conhecimento da posição que você tá localizado socialmente. Isso não existe! Isso é uma grande mentira da produção de conhecimento branca. (ARAÚJO; NERI, 2019).

Apesar das questões de gênero e raça serem as mais pontuadas durante todo o vídeo, a pauta de classe também é levantada por Maria Clara e Nátaly. Ao conversarem sobre a necessidade de que pessoas trans tenham garantido o acesso à educação básica e superior, falam da importância de se assegurar a permanência dessas mesmas pessoas, e como a questão financeira se coloca como um denominador importante:

**Maria Clara:** É, então... No caso de pessoas trans, por exemplo, lá na UFPE a gente teve a portaria de nome social e banheiro, né? E depois a gente teve a diretoria LGBT, que foi uma iniciativa, né? Que tinha bolsas para pessoas LGBTs, um programa, que é o Zona Multicor, tem aqui no YouTube... Que é um programa tocado por pessoas LGBTs da UFPE, então assim... Pensar sobre permanência de pessoas trans, vai desde, não só, a questão do nome social e do banheiro, mas a permanência financeira. Principalmente também, né? Por exemplo, eu viajo muito, eu tenho essa questão de ter que vir pra São Paulo palestrar, ter que ir pra outras cidades fazer outras atividades, e muitas das vezes as minhas professoras, elas ficam: ‘mas como assim você vai viajar no meio do período?’. E eu sou muito sincera de dizer: ‘olha, se eu

não viajar eu não tenho um retorno financeiro, e se eu não tenho retorno financeiro eu não continuo a minha graduação’. Então, assim, existem inúmeras especificidades com relação às pessoas trans e travestis dentro da universidade. (ARAÚJO, 2019).

Este é também um vídeo onde Nátaly aparece como anfitriã, e a convidada, neste caso, Maria Clara, ocupa um maior tempo de fala do vídeo. Este, no entanto, conta com a participação de duas mulheres negras, protagonismo este que, como vimos no capítulo anterior, não faz parte da representação corrente de mulheres negras na mídia tradicional do país.

Echevarria e Silva, ao tratarem da representação dos negros nas telenovelas nacionais pontuam que estes são recorrentemente retratados como “fiéis e submissos às pessoas brancas” (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 5). Mais do que isso, os “personagens negros quando se deparavam em uma situação de discriminação racial reagiam com educação, poucas vezes com indignação, mas nunca com revolta”. (ECHEVARIA; SILVA, 2012, p. 5). Assim, se nos espaços da TV, na publicidade, nas revistas ou no cinema, mulheres negras são coadjuvantes e serviçais, pessoas negras são submissas e passivas, aqui estas assumem o papel de protagonistas, graduandas, que se colocam no lugar de questionamento do conhecimento e das práticas hegemônicas da branquitude.

#### 4.3.3 Vídeo *Absorvente e calcinhas ecológicas (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor)*

VÍDEO	Absorvente e calcinhas ecológicas (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor) – duração total de 15 minutos e 50 segundos
TEMA	Alternativas ecológicas ao absorvente descartável
INTERSECCIONALIDADE	Em <b>2 minutos 27 segundos</b> deste conteúdo questões relacionadas a raça, gênero e ou classe foram pontuadas
ABORDAGEM	Foram <b>5 minutos e 54 segundos</b> dedicados à abordagem de cunho <b>informativo/educativo</b> e <b>3 minutos e 20 segundos</b> dedicados ao <b>protagonismo próprio</b>

Neste vídeo Nátaly aparece sozinha para tratar sobre alternativas existentes hoje, no mercado, para a substituição de absorventes descartáveis por itens que ela define como mais ‘ecologicamente corretos’. Para tanto, a criadora se utiliza principalmente de uma abordagem educativa e informativa, como podemos observar por este trecho:

Segundo o *site* da Korui, uma pessoa tem, em média 450 ciclos menstruais ao longo da vida, o que vai levar ela a usar mais de 10 mil absorventes descartáveis, que vão gerar 150 quilos de lixo, que vão demorar mais de 100 anos pra se decompor. Uma pessoa! E aí você pensa hoje, no Brasil, nós temos mais de 12 mil toneladas de absorventes sendo descartados todos os meses! Absorventes esses que vão para lixões e pior, lençóis freáticos, mares... Que poluem muito e vão demorar muito pra sumir do planeta. [...] Fora o dinheiro jogado fora! Porque o site da Korui também calculou que uma pessoa vai gastar, em média, 6 mil reais, ao longo da vida, com absorvente que custa, em média, 40, 60 centavos. Você vai gastar 6 mil reais de absorvente, que você vai jogar no lixo durante seu ciclo menstrual, todos os meses, até o fim da sua vida, ou até enquanto você menstruar. Não é barato, não é sustentável, não é saudável, não é ecologicamente correto, e existem sim alternativas ao uso deles. (NERI, 2019).

Depois de trazer informações sobre os absorventes descartáveis, Nátaly continua com a mesma abordagem educativa para levantar alternativas aos absorventes descartáveis. Porém, ao pontuar como os diferentes itens funcionam, a criadora também se coloca como protagonista, relatando na primeira pessoa as experiências que tem ou teve com as diferentes alternativas que ela vai apresentar no vídeo:

Existem várias questões pra uma pessoa não conseguir se adaptar logo de cara ao uso do coletor menstrual, uma delas é, por exemplo, o tamanho do colo do útero. Tem pessoas que tem o colo do útero muito baixo, tem dificuldades pra introduzir e etc... E tem pessoas que simplesmente não se adaptam porque de alguma forma entendem que ele é muito invasivo... é o meu caso. Eu realmente acho o coletor menstrual um pouco invasivo, e eu não lido bem, principalmente com a ideia, muito mais do que com o ato, de ficar introduzindo e retirando, todo mês, durante uma semana, no meu ciclo menstrual, o coletor, do meu canal vaginal. E aí cada pessoa é uma pessoa, cada vagina é uma vagina. (NERI, 2019).

E no que diz respeito à interseccionalidade, esta também se faz presente no vídeo. Nátaly faz um recorte de classe visando justificar a importância das informações repassadas no vídeo, argumentando que as classes menos favorecidas, as populações periféricas e socialmente vulneráveis são as que menos têm acesso à informação, porém são as que mais precisam conhecer as alternativas ‘ecológicas’:

Mas eu tenho visto que esse discurso, geralmente, fica num mundo muito exclusivo, muito elitizado, né? Parece meio papo de garota classe média alta de São Paulo, tipo, ai usar coletor menstrual, usar calcinha absorvente. E quando você fala isso pra pessoas que realmente precisam ouvir, por exemplo, mano, uma calcinha absorvente ecológica vai custar 20 reais, existem mulheres que fazem até por menos, mas a média é 20 reais, você vai economizar uma grana gigantesca com absorventes que você gastaria todo mês, então por que essa informação não está chegando até essas pessoas? Hoje em dia, as questões menstruais, as questões ligadas a isso estão cada vez mais complexas, isso porque, muitas vezes, a gente não tem acesso à informação, ou porque essa informação é difundida em um meio que a maioria das pessoas brasileiras, que deveriam acessar essas novas

alternativas, não conseguem se identificar, fazer ponte, conexão. [...] Trazer absorventes ecológicos, além de coletores ambientais, com educação ambiental, pra um espaço que as pessoas produzem muito lixo e que a taxa de pobreza é muito grande, essas pessoas estão em vulnerabilidade sócioeconômica. De uma forma geral, tem muito pouco acesso ao saneamento básico, é absolutamente revolucionário, eu já ouvi muita gente falando que esse papo de lixo zero e coletor menstrual é muito papo de classe média alta brasileira, e talvez isso seja, mas não porque deve ser, ou porque nasceu pra ser, mas talvez porque só essas pessoas estejam falando. Refletir sobre isso é falar sobre saúde, é falar sobre educação, é falar sobre acesso, é falar sobre saneamento básico, é falar sobre educação ambiental, é falar sobre saúde reprodutiva, principalmente nos espaços que precisam disso. (NERI, 2019).

Neste vídeo, portanto, o protagonismo se faz presente não só na imagem de Nátaly, como também em sua fala. Ela se coloca como a protagonista da narrativa, no sentido de trazer à tona suas próprias experiências, organizando-as junto a um conteúdo informativo e interseccional. Assim, este conteúdo se estabelece como distinto, no que se refere a construção da representação da mulher negra na mídia tradicional, justamente pelo protagonismo assumido por uma mulher negra, como também por se tratar de um material audiovisual que enfoca um assunto cotidiano do universo feminino, que não faz referência à raça, nem a produtos equivocadamente ligados à figura da mulher negra: como artigos de limpeza ou programas de assistência social.

#### 4.3.4 Vídeo *Você, eu e esse canal*

VÍDEO	Você, eu e esse canal – duração total de 18 minutos e 19 segundos
TEMA	Agradecimentos pelo canal ter ultrapassado a marca de 500 mil inscritos
INTERSECCIONALIDADE	<b>1 minuto</b> do conteúdo enfocando questões relacionadas a raça, gênero e ou classe
ABORDAGEM	A criadora <b>protagonizou 16 minutos e 27 segundos</b> do vídeo; <b>1 minuto e 48 segundos</b> deste conteúdo foi destinado a tratar de suas próprias <b>conquistas pessoais</b>

No vídeo *VOCÊ, EU E ESSE CANAL*, Nátaly se propõe a agradecer à sua audiência por ter alcançado o número expressivo de mais de 500 mil inscrições em seu canal no *YouTube*. Durante este agradecimento Nátaly fala em especial de si mesma, de suas experiências e objetivos ao criar conteúdos para a Internet. Assim, a abordagem de próprio protagonismo foi a que mais se destacou nesse vídeo.

Externando seus pensamentos, sensações, impressões e prioridades como protagonistas deste vídeo, Nátaly também faz questão de demonstrar o quanto o pensamento crítico e os questionamentos sobre o mundo são estruturantes do que ela, como criadora e apresentadora do próprio canal do *YouTube*:

Os vídeos sociais, os tutoriais, sobre brechó, cabelo e etc. sempre foram uma tentativa, pra mim, de tentar compartilhar um pouco disso com vocês. Sempre foi, talvez, minha contribuição pra esse processo de autonomia individual e coletiva, sabe? Acesse o novo, entenda novas possibilidades... Sabia que você pode fazer isso ao invés disso? Sabia que você pode olhar para essas situação assim, ao invés de assado? E dentro disso buscar autonomia intelectual foi o que me libertou. Saber acessar, ler, interpretar, debater conhecimento, questionar o que as pessoas dizem pra mim que é certo ou errado, foi o que me transformou, aos poucos, em uma protagonista da minha própria história. Eu lembro, até hoje, do dia em que eu me vi questionando informações que, até então, foram ditas por pessoas que eram inquestionáveis. Porque eu coloquei na mesa as informações que eu consegui acessar e adquirir e as coisas que eu pensava e acreditava e, de repente, isso eclodiu em algo totalmente diferente e criticamente elaborado sobre aquilo que estavam me oferecendo como verdade. Nesse dia tudo fez sentido, e eu entendi o que de fato era ser autônoma intelectualmente, e como isso é importante e valioso pra mim. E o meu objetivo sempre foi compartilhar só um pouquinho dessas coisas com você. Obviamente não mostrar caminhos e obrigar vocês a entenderem que as minhas conclusões são as verdadeiras, são as únicas e reais; mas, unicamente, mostrar novas possibilidades, novas abordagens, sobre assuntos que a gente vê as pessoas debatendo, ou que a gente tem pré-concepções que a gente nem sabe de onde vieram. (NERI, 2019).

Observando a fala acima podemos perceber que Nátaly, enquanto mulher negra frente à câmera, se coloca de maneira a se contrapor às representações femininas negras correntes na mídia brasileira. Nátaly se propõe como sujeito de fornecimento de conhecimento, como alguém que pode auxiliar as pessoas na compreensão crítica do mundo. A criadora demonstra ver seu conteúdo como parte de uma construção intelectual de quem o assiste, o que se difere muito dos papéis de subalternidade e sexualidade normalmente vistos.

No que diz respeito à construção interseccional, esta aparece em momentos pontuais do vídeo, com a narrativa própria de Nátaly. Ao descrever algumas de suas experiências estando à frente de um produto para a Internet, ela não deixa de mencionar o racismo sofrido: “Mas todas as vezes que eu pensava talvez em ‘vou desistir porque estou cansada disso’, e eu nem estou falando de ataque racista, porque ataque racista é um outro rolê que a gente lida de outras formas, infelizmente”. (NERI, 2019).

Ainda com relação ao recorte interseccional, Nátaly afirma a classe de onde veio, e descreve as dificuldades financeiras pelas quais passou. Ela conta que vem de uma família com poucos recursos financeiros e que o canal no YouTube lhe deu oportunidades além da

esperado. Neste momento, Nátaly utiliza uma abordagem que valoriza algumas de suas conquistas pessoais, como nesta fala:

Se no começo do canal eu utilizava os vídeos sobre trança pra conseguir cliente, poder trançar cabelo e ter dinheiro pra pagar meu aluguel e 2,50 era a diferença entre o meu almoço e a minha janta, ou seja, eu iria jantar ou almoçar, as coisas foram se transformando tanto ao ponto de eu já conseguir comer decentemente, inclusive poder começar a questionar se eu poderia ajudar a minha mãe a pagar uma dívida gigantesca que ela tinha durante a vida toda dela, coisa essa que eu nunca me imaginei ser capaz de fazer, ainda mais tão cedo, ainda mais tão jovem, ainda mais de formas tão improváveis como essa. Por isso, eu sou eternamente grata, porque esse canal me possibilitou transformar a minha vida, literalmente. Eu vim pra São Paulo e não tinha grana nenhuma. Eu vivia de todo tipo de bolsa, porque a minha família nunca teve dinheiro, e, de repente, eu não só conseguia existir, como eu conseguia ajudar os meus familiares, tão jovem... Isso eu sou... Eu vou ser eternamente grata, eu sou absolutamente grata a todos e todas vocês que acreditaram em mim e a todas as marcas que também acreditaram no meu trabalho e puderam fazer com que isso fosse realidade, se tornasse real. (NERI, 2019).

Em outro momento, ainda tratando das conquistas pessoais resultantes de seu trabalho na Internet, Nátaly lista alguns de seus feitos:

Obviamente ficar meio que famosa, porque eu me considero uma pessoa famosa quando as pessoas me param na rua, aleatoriamente, eu fico surpresa, eu acho que isso é muita coisa. Nunca foi meu objetivo, na verdade eu nunca achei que isso aconteceria, muito menos o glamour de conhecer pessoas que eu só via na TV, ou a possibilidade de desenvolver projetos incríveis e gigantescos, e fazer viagens para vários lugares fora do Brasil; que só foi possível e só aconteceu por conta do trabalho que eu faço aqui. Isso foi um sonho que eu nem sabia que eu sonhava, porque era tão distante da minha realidade que eu nem podia vislumbrar. (NERI, 2019).

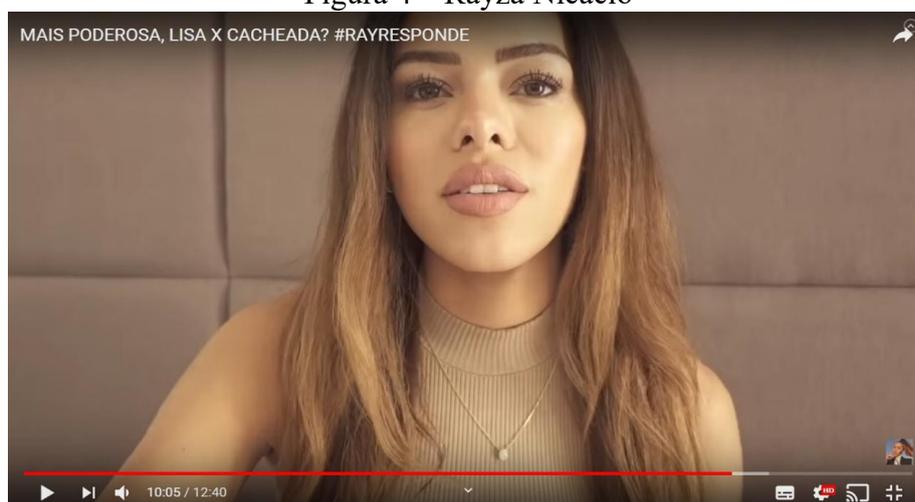
Quirino (2013), ao tratar de como a pessoa negra é representada na mídia tradicional brasileira, especialmente pelo jornalismo nacional, enfatiza que, ao mesmo tempo em que os veículos jornalísticos brasileiros se valem de estereótipos, estigmas e do senso comum ligado à população negra – associando-a à pobreza e à violência –, criando assim o “valor notícia”, “[...] o mito da democracia racial, como imaginário, é reafirmado na narrativa jornalística e como consequência, a opinião pública não admite que existe racismo no Brasil” (QUIRINO, 2013, p.12).

Assim, quando Nátaly reafirma suas origens, não esquecendo dos ataques racistas que sofre, se colocando como protagonista intelectual e como idealizadora de projetos – tanto para a família, quanto para os que a assistem, e se descrevendo ainda como alguém que realiza viagens internacionais, ganha dinheiro, concretiza coisas grandes e se torna alguém importante, a ponto de ser reconhecida na rua, Nátaly se representa como protagonista que

quebra os estigmas do senso comum e da mídia brasileira, amplamente associados à população negra.

#### 4.4 CANAL RAYZA NICÁCIO

Figura 4 – Rayza Nicácio



Fonte: Reprodução/YouTube (2020)

O Canal Rayza Nicácio também leva o nome de sua idealizadora, criadora e apresentadora. Rayza é uma mulher negra, de 27 anos de idade, que postou seu primeiro vídeo na plataforma do *YouTube* no dia 15 de março de 2011. O canal conta, atualmente, com mais de 1 milhão e 700 mil inscritos e, para descrever seu conteúdo, Rayza é breve: “Moda, beleza e comportamento.” (NICÁCIO, s/d).

De acordo com os critérios estabelecidos para esta pesquisa, os vídeos selecionados para análise no canal Rayza Nicácio foram: E SE EU FICASSE CARECA? VOCÊ AINDA FICARIA AQUI?, postado dia 5 de abril de 2019, com 6 minutos e 24 segundos de duração; É OFICIAL, SAI DO APARTAMENTO 84... | RAYZA NICÁCIO, postado dia 8 de abril de 2019, com duração total de 14 minutos e 7 segundos; MAIS PODEROSA, LISA X CACHEADA?#RAYRESPONDE, postado dia 11 de abril de 2019, com 12 minutos e 41 segundos de duração, e TEMOS BANCADAS, PISOS E A CHEGADA DO CLOSET! @RAYZAHOME #DIARIODAOBRA | RAYZA NICACIO, postado dia 17 de abril de 2019, com duração total de 13 minutos e 14 segundos.

Quadro 5 – Panorama geral canal *Rayza Nicácio*

VÍDEO	TEMA	INTERSEC.	ABORDAGEM
E SE EU FICASSE CARECA? VOCÊ AINDA FICARIA AQUI? – 06’24”	Rayza fala sobre sua decisão de voltar a alisar o seu cabelo, cacheado, com escova e chapinha	Gênero, raça e/classe: 00’00”	1. Protagonismo próprio: 06’24” 2. Beleza/Estética: 01’03”
É OFICIAL, SAI DO APARTAMENTO 84...   RAYZA NICÁCIO – 14’07”	Rayza vai se mudar e mostra o processo de mudança e se despede do antigo apartamento	Gênero, raça e/classe: 00’00”	1. Protagonismo próprio: 13’52” 2. Conquistas pessoais: 03’05”
MAIS PODEROSA, LISA X CACHEADA? #RAYRESPONDE – 12’41”	Rayza responde à perguntas de seus seguidores sobre seus cuidados com o cabelo e relação com a própria aparência	Gênero, raça e/classe: 00’00”	1. Protagonismo próprio: 11’55” 2. Beleza/Estética: 04’51”
TEMOS BANCADAS, PISOS E A CHEGADA DO CLOSET! – 13’14”	Rayza mostra alguns dias da evolução da obra de construção de sua casa nova	Gênero, raça e/classe: 00’00”	1. Conquistas pessoais: 10’56” 2. Protagonismo próprio: 01’30”
TOTAL: 46’26”		Gênero, raça e/classe: 00’00”	4. Protagonismo próprio: 33’41” 5. Conquistas pessoais: 14’01” 6. Beleza/Estética: 05’54”

#### 4.4.1 Vídeo *E se eu ficasse careca? Você ainda ficaria aqui?*

VÍDEO	E se eu ficasse careca? Você ainda ficaria aqui? – duração total de 6 minutos e 24 segundos
TEMA	Rayza fala sobre sua decisão de voltar a alisar o cabelo, cacheado, com escova e chapinha
INTERSECCIONALIDADE	<b>Nenhum</b> momento deste vídeo é destinado a temas relacionados com <b>raça, gênero e/ou classe</b>
ABORDAGEM	<b>Seis minutos e 24 segundos</b> do vídeo dedicados ao <b>protagonismo</b> de Rayza e <b>1 minuto e 3 segundos</b> para abordagem de <b>beleza e estética</b>

Rayza utiliza o vídeo para conversar com o público sobre a decisão de voltar a utilizar escova e chapinha para alisar o cabelo cacheado. Falando de si mesma, de suas experiências e

se colocando, assim, como protagonista da narrativa, Rayza descreve as fases que passou até “aceitar” o próprio cabelo:

Eu sinto que a gente passa por várias fases com o nosso cabelo. Falando de mim, especificamente, é assim ó: passei pela ideia de ‘ah, odeio o meu cabelo, odeio o meu cabelo, não quero cabelo natural de jeito nenhum’, aí depois eu comecei a entender esse cabelo, tipo, ‘Tá. Não, ok... Ele não é tão mau assim, mas vou domar esse cabelo, né? Um cabelo cacheado, deixa eu colocar bastante creme...’ Aí eu passei por outra fase, uma terceira fase... depois vocês me contam aqui nos comentários se você se identifica com essas histórias, tá? Aí, essa terceira fase era ‘tô nem aí, não vou nem passar creme, eu passo pente garfo, amo volume e etc.’ A quarta fase, que é a que eu estou agora, a que eu tive agora, nos últimos anos cacheada: ‘Cara, eu gosto muito do meu cabelo, ele é muito importante pra mim, ele carrega a minha identidade... Ele não sou eu, não sou a menina do cabelo cacheado, o cabelo cacheado é que é meu’. (NICÁCIO, 2019).

Ao falar das fases que passou com seu cabelo, Rayza cita o sentimento de odiar o mesmo por não ser liso e pensar “não quero meu cabelo natural de jeito nenhum” e, em outro momento, passar pela necessidade de “domar” o cabelo. Esse tipo de pensamento se estabelece devido ao estigma que os cabelos cacheados e crespos carregam socialmente.

Como vimos com Goffman (1963), o “estigma” é a maneira limitante de classificar “o outro” por certas características socialmente consideradas ruins, inadequadas ou indesejáveis. O cabelo crespo e cacheado se enquadra nisso, quando percebemos a maneira como estes são referidos corriqueiramente: “cabelo ruim”, “duro”, “cabelo de bombril” e outras atribuições são comuns.

E, apesar de Rayza estar falando sobre alisar o cabelo, a criadora não parte do princípio de que este estigma corresponda à realidade:

[...] alisar o cabelo dessa vez, pra mim hoje, com 27 anos, dez anos depois de ter assumido o meu cabelo natural, depois de ter feito isso só umas três vezes, em todo esse tempo, acho que foi só umas três ou quatro vezes, em todo esse tempo... Já não é mais emocionante, é só uma escova, entendeu? É uma chapinha, é só um acessório diferente no cabelo, o cabelo como um acessório diferente... (NICÁCIO, 2019).

Neste conteúdo Rayza se esforça para demonstrar que, diferentemente de quando fazia alisamento, para fugir aos estigmas impostos de fora ao seu cabelo naturalmente cacheado, hoje ela declara que o faz por preferência estética, por gostar de mudar o cabelo e de vê-lo liso, não como algo que lhe trará “adequação social”, como pontua a pesquisadora Xavier (2013), e sim por considerar que seja “só um acessório diferente no cabelo”.

#### 4.4.2 Vídeo *É Oficial, sai do apartamento 84...* | Rayza Nicácio

<b>VÍDEO</b>	É oficial, sai do apartamento 84...   Rayza Nicácio – duração total de 14 minutos e 6 segundos
<b>TEMA</b>	Rayza vai se mudar e mostra o processo de mudança e se despede do antigo apartamento
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	<b>Nenhum</b> momento deste vídeo é destinado a temas relacionados com <b>raça, gênero e/ou classe</b>
<b>ABORDAGEM</b>	<b>13 minutos e 52 segundos</b> destinados ao <b>protagonismo</b> de Rayza e <b>3 minutos e 5 segundos</b> de abordagem relacionada às <b>conquistas pessoais</b> da criadora.

Este conteúdo é voltado para que Rayza registre e narre alguns dos seus momentos durante a mudança de seu antigo apartamento para o de sua mãe e, posteriormente, para a sua própria casa, que está em construção. A criadora faz um compilado de dias diferentes, mostrando a arrumação para embalar roupas e móveis no apartamento antigo, a arrumação no apartamento da mãe e, por fim, a despedida oficial do “apartamento 84”.

A principal abordagem neste vídeo é, mais uma vez, a de protagonismo próprio, com Rayza se colocando no centro da narrativa. Mesmo quando outros personagens aparecem em cena, como a mãe, amiga e tias de Rayza, é pra falar da criadora, como neste exemplo:

**Mãe da Rayza:** Querem saber quem é a pessoa mais desapegada do mundo? A mesma intensidade que ela arruma, organiza, quando ela vai desorganizar... ‘Pode levar, não, esse é seu...’ Não querendo saber [se são] móveis, se é a decoração, se é caro, se é barato... Isso é roupa, é tudo!

**Rayza:** De graça recebei, de graça dei! [inscrição no vídeo ‘Mateus 10.8’]

**Voz de alguém não identificado:** Glória a Deus!

**Rayza:** Só isso!

**Mulher (2) não identificada:** Se ela pudesse, ela ajudava mais pessoas. O problema é que, é... A família é grande! Então, é muitas tias, sobrinhos, primos... E todos também precisam, então... E mesmo assim ela ainda ajuda outras pessoas, tá? (NICÁCIO, 2019).

A abordagem de protagonismo também se mistura ao orgulho em registrar suas conquistas pessoais, e Rayza, ao mostrar o antigo apartamento, revela a seu público seu desejo materializado:

Eu sonhei muito com esse lugar, desde a construção desse prédio, eu já contei isso em outro momento, mas quando a gente veio comprar... quando a gente comprou o nosso apartamento, minha família... Naquele apartamento de onde eu comecei a gravar os vídeos, esse prédio aqui estava sendo construído, só que ele era muito caro pra gente, na época. E aí também a gente tinha um prazo, ele tinha um prazo para ser construído, obviamente, eu tive que morar de aluguel, por algum tempo, e a gente não tinha condições de viver isso naquele momento. Mas aqui, neste bairro, sempre foi: ‘Querida

morar ali, meu sonho é morar ali’ e esse sonho se concretizou. Quando eu tinha, acho que 22 anos, eu comprei meu primeiro apartamento, que foi esse aqui, onde eu sempre sonhei em morar. (NICÁCIO, 2019).

Analisando estas duas passagens, extraídas do conteúdo do canal Rayza Nicácio, podemos perceber uma quebra na representação usual da pessoa negra na mídia tradicional. Silva (2017), ao pesquisar a representação do negro no cinema de Hollywood, adotou o termo “outro não-hegemônico”, pois percebeu que o “ser branco” além de ser colocado como o padrão, também coloca os não-brancos em características indesejáveis e de forma a desumanizar este “outro não-hegemônico” (SILVA, 2017).

Trazendo este conceito de Silva (2017) para a realidade brasileira, chegamos ao cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo que, ao analisar o perfil feminino negro na TV brasileira, concluiu que esta representação estava, em larga escala, ligada à figura da empregada que, ao ser destituída de sua própria história, vê-se forçada a orbitar a vida dos padrões brancos. (ARAÚJO, 2000).

Neste conteúdo, Rayza subverte a representação esperada, não só por se colocar na perspectiva de protagonista, mas também por se mostrar através de uma representação positiva, alguém que é benquista, elogiada, e que não carrega nenhum estigma negativo, sendo também uma pessoa que conseguiu realizar conquistas materiais que se orgulha em mostrar, como a compra de um apartamento, e uma vida própria para contar.

#### 4.4.3 Vídeo *Mais poderosa, Lisa X Cacheada?* #RAYRESPONDE

<b>VÍDEO</b>	Mais poderosa, lisa X cacheada? #RAYRESPONDE – duração total de 12 minutos e 40 segundos
<b>TEMA</b>	Rayza responde às perguntas de seus seguidores sobre cuidados com o cabelo e relação com a própria aparência
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	<b>Nenhum</b> momento deste vídeo é destinado a temas relacionados a <b>raça, gênero e/ou classe</b>
<b>ABORDAGEM</b>	São <b>11 minutos e 55 segundos</b> destinados à abordagem de <b>protagonismo próprio</b> e <b>4 minutos e 51 segundos</b> à <b>beleza e estética</b> .

Apesar de Rayza começar o vídeo informando que seu objetivo é responder às “dúvidas técnicas” relacionadas aos cuidados com o cabelo, registramos pouco mais de 4 minutos dedicados às questões de beleza e estética, e mais de 11 minutos abordando o próprio

protagonismo. Isso porque Rayza, durante sua narrativa, se concentra mais em falar de si mesma, de suas relações e percepções, do que em transmitir informações sobre beleza e estética.

Em determinado momento, Rayza seleciona a pergunta de uma seguidora que questiona como ela lida com comentários de pessoas que dizem preferir a apresentadora de cabelo liso ao cacheado. Rayza responde esclarecendo não se importar, porque, em seu caso específico, é natural que a imagem faça parte o trabalho, assim como os comentários. Porém, faz questão de pontuar que padrões de beleza influenciam diretamente em comentários elogiosos ao cabelo alisado:

Mas é óbvio que tem a parada do preconceito contra o cabelo crespo e cacheado... o cacheado hoje muito menos, com outra proporção... E aí essa pessoa vai dizer que me prefere de cabelo liso porque eu fico mais dentro dos padrinhos, né? [Rayza faz sinal de aspas com as mão, enquanto fala 'padrinhos'] Não, não entre aspas, eu fico mais dentro dos padrinhos de beleza que existem... Existe um padrão de beleza, cara... Pelo amor de Deus! 'Não, mas meu marido, não. O meu marido gosta do meu cabelo mais volumoso, ele gosta do meu corpo mais cheinho... Nem gosta quando eu estou tão magra...' São exceções na vida. Mas existe, claro que existe um padrão de beleza. Quanto mais você se aproxima dele mais gente você vai agradar esteticamente. O ponto é, eu não estou preocupada em agradar pessoas esteticamente. Eu estou preocupada em me sentir feliz como eu estou, e eu estou superfeliz com esse cabelo, agora, né? Amanhã vou lavar, e vou ficar feliz com ele cacheado. (NICÁCIO, 2019).

Os “padrões de beleza”, que são aquelas características avaliadas positivamente pela sociedade, e consideradas belas, boas e desejadas, podem ser associadas ao “poder simbólico” da forma como foi descrito por Bourdieu, que atua diretamente numa “construção da realidade”, conferindo um poder social que está além do financeiro e do político. (BOURDIEU,1989). Este poder, portanto, está diretamente ligado à construção identitária dos grupos sociais.

Bourdieu ainda afirma que o poder simbólico só se faz tão forte e presente socialmente, construindo a realidade, determinando o que é bom ou ruim, por ser algo ignorado, não percebido, especialmente pelos que estão subjugados a ele, como as minorias negras, por exemplo. Assim, apontar e questionar estes padrões, como faz Rayza, é contribuir para uma construção identitária própria e afirmativa.

**4.4.4 Vídeo *Temos bancadas, pisos e a chegada do closet!* @RAYZAHOME #DIARIODAOBRA | RAYZA NICÁCIO**

---

<b>VÍDEO</b>	Temos bancadas, pisos e a chegada do <i>closet!</i> @RAYZAHOME #DIARIODAOBRA   Rayza Nicácio – duração total de 13 minutos e 14 segundos
<b>TEMA</b>	Rayza mostra alguns dias da evolução da obra de construção de sua casa nova
<b>INTERSECCIONALIDADE</b>	<b>Nenhum</b> momento deste vídeo é destinado à temas relacionados com <b>raça, gênero e/ou classe</b>
<b>ABORDAGEM</b>	Este vídeo conta com <b>10 minutos e 56 segundos</b> de uma abordagem de <b>conquistas pessoais</b> , e <b>1 minuto e 30 segundos</b> de <b>protagonismo próprio</b>

---

Neste vídeo Rayza se dedica a mostrar o andamento da obra na futura casa em construção. A criadora aparece em alguns momentos pontuais no vídeo e, na maior parte do tempo, exhibe os cômodos da casa, os detalhes da obra, narrando e explicando as imagens sobre cada parte de seu futuro lar:

Vai colocar a guarnição aqui, depois colocar o chuveiro, o box, o vaso sanitário também, que já está com a estrutura aqui... Perfeito. Tô emocionada. E essa bancada também, que coisa mais linda que tá ficando, meu Deus! Aqui vem um espelho, vai cobrir bastante desse revestimento. Lembra que eu falei para vocês que o banheiro era integrado? Entrando no meu quarto, a gente passa primeiro pela bancada e aí tem o banheiro. Tá lindo demais. Aqui vai uma banheira, que também já era para estar por aqui, deve tá chegando... A área do box e o vaso sanitário. Está andando muito dessa vez! (NICÁCIO, 2019).

Winch e Escobar (2012), ao tratarem da representação da mulher negra no mercado publicitário brasileiro, dizem que, entre outras coisas, sua imagem está sendo recorrentemente ligada à imagem de cidadãs “vítimas do sistema social, como seres carentes que necessitam de alguma assistência governamental” (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 240). Os autores ainda percebem que, apesar da ausência de mulheres negras no mercado publicitário dirigido ao consumo e beleza, por exemplo, “negras aparecem frequentemente em cartazes de programas do governo como: Bolsa Família e Minha Casa, Minha Vida”. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 240).

Assim, quando Rayza, como mulher negra, exhibe um conteúdo audiovisual cuja principal abordagem é uma conquista pessoal, ou seja, ostenta uma realização material considerável, como a construção de uma casa, a aquisição de móveis, etc., a mesma está rompendo com a representação corrente que coloca mulheres negras sempre em uma posição inferior, de vítima social.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar como mulheres negras que dirigem canais relevantes no *Youtube* estão, através da comunicação na Internet, produzindo seus conteúdos – e criando suas próprias representações do que é ser mulher negra no país. Para isso, nos propusemos, como passo inicial, a inventariar trabalhos acadêmicos que tratassem das representações atribuídas a essas mulheres na mídia tradicional, visando perceber as diferenças e/ou semelhanças aí existentes.

Comprendemos, através do conceito de midiatização, a relevância cada vez maior que as mídias digitais, especialmente via Internet, vêm ganhando no cotidiano tanto global quanto nacional, e percebemos que estudar conteúdos produzidos na rede se configura como uma maneira para debruçar sobre materiais cada vez mais acessados pelas pessoas no seu dia a dia. Mais que isso, observamos a mudança de paradigmas que as plataformas digitais têm oferecido ao possibilitar ao espectador ser também um criador de conteúdo.

Quando tratamos das mídias tradicionais, como TV, cinema, revistas, jornais e outros, estamos nos referindo a uma concentração de poder em mãos hegemônicas que, de uma forma geral, não possibilitava às mulheres negras a construção de uma representação legítima e afirmativa de suas identidades. As mídias tradicionais brasileiras sempre representaram mulheres negras a partir de um olhar majoritariamente branco e masculino.

Como vimos, especialmente no capítulo 2, em diferentes áreas da mídia tradicional brasileira, a representação da mulher negra está fortemente ligada à subalternidade, à servidão, à sexualização extrema e ao papel de vítima social. Também é negada a essas mulheres a criação de uma identidade midiática que lhes transfira o protagonismo e que valorize sua intelectualidade. A mulher negra também é constantemente rejeitada pela mídia nacional, pela sua pele escura, pelos cabelos crespos e pelos traços negroides.

Este grupo social precisava e ainda precisa lidar com estas representações estereotipadas e limitantes. Mesmo reconhecendo todas as contradições e limites do mundo digital, há potencialmente ali a possibilidade de essas próprias mulheres negras brasileiras falarem sobre si, dialogando com milhares de pessoas, e, a partir desta comunicação, criarem uma nova representação. Assim, quais representações estas mulheres escolhem? Esta foi a principal pergunta que motivou o trabalho.

Porém, foi importante compreendermos que a luta da população negra e de mulheres negras no país, inclusive usando instrumentos de comunicação de massa, não é uma novidade que surgiu com a Internet. Iniciativas como Revista Raça, Rádio Mega FM, Nzinga

Informativo, entre outras, comprovam esse fato. Porém se faz importante não ignorar a força que a Internet e suas plataformas têm tomado na vida contemporânea e como as mulheres negras têm feito uso desses recursos.

Para alcançar este objetivo, definimos primeiramente a plataforma sobre a qual seria realizada a nossa investigação. Escolhemos o *YouTube* por ser, atualmente, a maior plataforma de compartilhamento de vídeos do mundo e por contar como uma forte cultura de criadores de conteúdo, ou seja, a plataforma não é utilizada apenas para compartilhar vídeos caseiros, mas para que criadores estabeleçam audiências com postagens regulares de vídeos, com os mais diversos temas: de culinária à beleza, de *videogame* à maternidade.

Logo após a escolha da plataforma passamos para a seleção dos canais apresentados. Para tanto selecionamos, em um primeiro momento, canais atualmente ativos, comandados por mulheres negras – mulheres essas que já tivessem assim se declarado em algum conteúdo próprio na plataforma do *YouTube* –, perfazendo mais de 200 mil inscritos e com postagens regulares durante o mês de abril de 2019 - o período amostral escolhido. Dos canais que passaram por estas exigências, escolhemos os quatro que obtiveram o maior engajamento nos vídeos, ou seja, maior número de visualizações e comentários no período escolhido para análise.

Assim, os canais selecionados foram os das criadoras *Camilla de Lucas*, *Gabi Oliveira*, *Nátaly Neri* e *Rayza Nicácio*. Para realizar a pesquisa com os canais, utilizamos a metodologia da análise de conteúdo, a fim de esmiuçarmos as narrativas encontradas, e, para tanto, estabelecemos três conceitos que se fizeram muito importantes e presentes: os de representação, midiaticização e interseccionalidade.

O conceito de midiaticização, como já dito, dá conta das transformações sociais experimentadas com o advento das mídias digitais e de seus impactos em todas as outras dimensões da vida social. E com os advento das mídias digitais, este conceito ganhou ainda mais força, nos ajudando a justificar a importância deste trabalho e desta análise. No que se refere à representação, pudemos compreender, a partir daí, a relevância da narrativa midiática para a construção identitária de um determinado grupo.

Já a interseccionalidade nos ajudou a compreender a importância de que este trabalho fosse além de simplesmente tratar de “pessoas negras”, como ocorre na maioria dos casos, tanto nas práticas acadêmicas quanto fora delas, mas que se referisse às mulheres negras de forma integral. Nesse sentido, o olhar interseccional permite a compreensão das questões de gênero e raça de forma interligada – assim como classe, sexualidade, religião, regionalidade e outras possibilidades de recorte – , nos permitindo ler com mais clareza e amplitude as

distintas realidades sociais de grupos identitários que, por serem não-hegemônicos, têm suas necessidades e particularidades relegadas ao esquecimento.

Neste trabalho, nossas hipóteses giraram em torno da ideia de que mulheres negras produtoras de conteúdo para a Internet estão sim construindo um contranarrativa, ou seja, através da divulgação de seus conteúdos, essas criadoras estão rompendo com a imagem midiática tradicional e criando uma identidade própria para representar o “ser mulher negra brasileira”. Mais do que isso, nós buscamos verificar se os conteúdos produzidos por essas mulheres, apesar de distintos, seriam capazes de se articular em torno de um eixo narrativo relativamente unificado.

Para comprovarmos ou refutarmos nossas hipóteses, escolhemos a análise de conteúdo como método analítico, esperando que, através dos conteúdos postados por essas criadoras e pelas narrativas presentes nesses conteúdos, pudéssemos estabelecer quais as principais abordagens presentes nesses canais e como estas se estabelecem de forma a contrapor ou ratificar as representações vigentes na mídia tradicional do país.

Além de observamos a abordagem ou abordagens encontradas em cada vídeo, também analisamos a presença do recorte interseccional na narrativa criada por essas mulheres negras. Será que o entendimento de que raça, gênero e classe modifica a vivência social está inserido no conteúdo apresentado por essas mulheres? Qual o espaço que estes recortes tomam na prática da produção destas mulheres?

Com o objetivo de respondermos a essas perguntas com base em um período “neutro”, ou seja, que não tivesse algum viés de datas importantes do calendário nacional, observando algo mais próximo da rotina de postagens nesses canais, escolhemos vídeos postados no mês de abril de 2019 para construir nossa análise. Foram 4 canais e 16 vídeos – 4 vídeos para cada canal escolhido e um total de 4 horas 14 minutos e 04 segundos de material analisado.

Para esta análise transcrevemos cada vídeo e, a partir desta transcrição, determinamos as categorizações: vídeo, tema, interseccionalidade e abordagem. A categoria vídeo informa o título da postagem, da maneira como designado no próprio canal da criadora e o seu tempo total de duração. A categoria tema identifica o principal assunto do vídeo. Na categoria interseccionalidade contabilizamos o tempo utilizado em cada vídeo com o recorte interseccional relacionado a gênero, raça ou classe. E, por fim, a categoria abordagem, com a indicação da base ou bases com as quais a narrativa de cada vídeo foi construída.

No que se refere ao tempo total de material analisado em cada veículo que compõe este *corpus* de análise, o canal *Rayza Nicácio* foi o que registou o menor tempo, somando 46 minutos e 26 segundos ao todo. Já o canal com maior tempo foi o *Nátaly Neri*, com 1 hora 15

minutos e 25 segundos de material de análise. O canal *Gabi Oliveira* está na sequência decrescente, com 1 hora 11 minutos e 56 segundos; e o canal *Camilla de Lucas*, com 1 hora zero minutos e 17 segundos de material analisado.

Analisando os 4 canais e os 16 vídeos selecionados, estabelecemos 5 categorias de abordagem: protagonismo próprio, beleza/estética, educação/informação, ativista/militante e conquistas pessoais. Porém, apenas o canal *Gabi Oliveira* apresentou, em seus vídeos, todas estas abordagens. No que se refere aos temas, mesmo as postagens ocorrendo no mesmo mês e na mesma semana, não houve coincidência de temas entre os canais. As criadoras Rayza e Gabriela responderam às perguntas dos inscritos (naquela que foi a maior interação entre os diferentes canais analisados), porém Rayza respondeu sobre seus cuidados com os cabelos e Gabriela sobre sua vida e personalidade.

Com relação às categorias de abordagem, aquela denominada por “protagonismo próprio”, na qual a criadora se coloca como o centro da narrativa, foi a única que apareceu em todos os canais, totalizando 2 horas 24 minutos e 30 segundos, mais da metade do tempo total de conteúdo analisado. A abordagem com menor tempo total registrado foi a de conquistas pessoais, totalizando 17 minutos e 9 segundos. A categoria beleza/estética contou com 42 minutos e 33 segundos; a que se refere a conteúdo educativo/informativo somou 26 minutos e 4 segundos, e ativista/militante teve 22 minutos e 5 segundos.

Já a categoria interseccionalidade somou um total de 34 minutos e 19 segundos, sendo o canal *Rayza Nicácio* o único que não teve, nos quatro vídeos analisados, nenhum recorte de gênero, raça ou classe exposto na narrativa. O canal *Gabi Oliveira* foi o que mais dedicou tempo a este recorte, totalizando 15 minutos e 8 segundos de conteúdo interseccional, sendo este especialmente ligado às questões de raça.

Já o canal *Nátaly Neri* dedicou 13 minutos e 34 segundos a este recorte, relacionando raça, gênero e classe e como esses aspectos alteram as experiências sociais; *Camilla de Lucas* contou com um total de 5 minutos e 37 segundos de recorte interseccional, nos quais a apresentadora fez referência especialmente à sua classe e a como sua vida e experiências são pautadas pelos acessos ou pela falta deles a determinados bens de consumo.

Assim, através da análise de conteúdo, olhando para este objeto, foi possível desenvolver uma análise tanto quantitativa quanto qualitativa, uma vez que monitoramos o tempo designado para cada categoria, quantitativamente, e, além disso, analisamos as narrativas que compunham as categorias para, dessa forma, compreender algumas das falas que as originaram.

Com relação a hipótese inicial, de que a possibilidade de criação de conteúdo próprio para a Internet favorece conteúdos femininos negros ativos para a construção de uma contranarrativa, pudemos concluir, através dos conteúdos analisados, que sim: há uma narrativa na produção audiovisual destas criadoras negras que rompe com a representação midiática tradicional atribuída a este grupo social no país. Todas as categorias de abordagem que encontramos dão conta justamente desta narrativa contra-hegônica.

Como vimos, a ideia de que mulheres negras são vítimas sociais, despossuídas de conquistas próprias e que carecem constantemente de assistências governamentais são correntes, especialmente no meio publicitário nacional, que escolhe normalmente mulheres negras para protagonizar especialmente campanhas como Bolsa Família. Em contraponto a isso, temos a categoria “conquistas pessoais”, que dá conta de quando as criadoras citaram ou mostraram conquistas pessoais de natureza material. Mesmo que nesta abordagem elas não se referissem diretamente à questão de classe social, demonstravam, por seus conteúdos, uma representação de mulher bem distante da figura dependente de assistência social.

Esta categoria de conquistas pessoais só não está presente no canal *Camilla de Lucas*. O veículo onde esta aparece com mais força é o *Rayza Nicácio*, com um total de 14 minutos e 1 segundo dedicados à esta abordagem. Rayza constrói essa imagem, especialmente no vídeo “Temos bancadas, pisos e a chegada do *closet!* @RAYZAHOME #DIARIODAOBRA” – mostrando, com os progressos na construção de sua nova casa, a representação de uma mulher negra que não está apenas construindo a própria casa, mas que também escolhe, nos mínimos detalhes, cada item.

Rayza dá a entender durante este vídeo que está construindo a casa “dos sonhos”, com um projeto que passa por arquitetos, engenheiros, marceneiros e pela determinação de seus próprios gostos pessoais. Ao colocar esta conquista pessoal como principal abordagem em seu vídeo, a criadora estabelece, para quem a assiste, a representação de si mesma como alguém que tem acesso, por meios próprios, a bens e serviços que ela apresenta durante o *vlog*.

Ainda na categoria “conquistas pessoais”, o canal *Gabi Oliveira* dedicou 1 minuto e 20 segundos a esta abordagem, e o canal *Nátaly Neri*, reservou 1 minuto e 48 segundos para tratar do assunto. E, ainda que esta abordagem tenha sido a que recebeu menor tempo nestes canais, a menção às viagens internacionais, a concretização de grandes projetos, a possibilidade de pagar dívidas familiares, a realização de intercâmbio... tudo isto, dito por estas duas criadoras contrapõe-se à representação feminina negra tradicional.

Não se pode deixar de notar que, apesar de esta ser uma narrativa que contraria o estereótipo divulgado pela mídia sobre a posição socioeconômica das mulheres negras,

aparecem nos vídeos fortes marcações ideológicas hegemônicas em torno de valores capitalistas: sucesso individual, consumismo e acumulação de bens.

No que se refere à abordagem “ativista/militante”, ou seja, que coloca questionamentos da vida social no centro da narrativa, tivemos apenas dois canais adotando esse recorte, a saber, Gabi Oliveira e Nátaly Neri. Gabriela dedicou 13 minutos e 8 segundos ao tema, enquanto no canal Nátaly o assunto ocupou um total de 8 minutos e 57 segundos do tempo.

No caso de Gabriela esta abordagem foi percebida com mais força no vídeo “80 tiros e os privilégios do homem negro | Papo DePretas”, no qual a mesma reflete sobre a condição de injustiça vivida por homens negros numa sociedade racista como o Brasil, e como, muitas vezes, essa realidade violenta e excludente que homens negros vivenciam é escondida.

Observando o panorama final desta análise, percebemos o quanto a categoria “ativista/militante” está, nestes conteúdos, intimamente ligada à presença do recorte interseccional. Os vídeos que apresentaram esta abordagem como a principal foram também os que mais registraram recortes envolvendo especialmente questões de raça e gênero.

Nátaly, por exemplo, no vídeo “Cotas para pessoas trans – #VidaUniversitária”, convida uma mulher negra, trans e, na época, graduanda em educação, Maria Clara, para tratar das necessidades e limitações que pessoas trans e negras passam no ambiente educacional e, especialmente, nas universidades. Não coincidentemente este é o vídeo do canal de Nátaly com maior abordagem “ativista/militante” e também com mais tempo dedicado ao recorte interseccional.

Já a abordagem de cunho “educativo/informativo”, que é a responsável por repassar informações novas e fundamentadas para a audiência, teve um total de 26 minutos e 4 segundos de tempo total neste material. Também se encontra esta análise apenas em dois canais, mais uma vez *Gabi Oliveira* e *Nátaly Neri*. Esta abordagem coloca suas criadoras, portanto, como detentoras de conhecimento que contrasta, por si só, com a construção midiática tradicional do país, que representa mulheres negras como figuras distantes no que se refere à intelectualidade.

Já a abordagem “beleza/estética” totalizou 42 minutos e 33 segundos, e aparece em três dos quatro canais analisados, sendo esses: *Camilla de Lucas*, *Gabi Oliveira* e *Rayza Nicácio*. Nesta, as criadoras se colocam como símbolos de beleza, fazendo maquiagens, falando de cuidados com o cabelo, com a pele, entre outras coisas. Este pode até ser visto como um dos maiores avanços que conteúdos para a Internet, produzidos por mulheres negras,

conseguiram de forma mais substancial: a representação de mulheres negras como inspirações de beleza.

Como vimos anteriormente, mulheres negras tiveram e ainda têm, na mídia tradicional, seus corpos, cor, tipo de cabelo e traços renegados ou associados a um padrão que precisa ser mudado, moldado, consertado. Aqui temos as mulheres se colocando como belas e reforçando uma representação positiva para o seu público. A pele escura, o cabelo crespo, cacheado e até mesmo alisado, não se configuram uma depreciação, e sim características que conferem beleza a cada uma.

Porém, nesta análise, nenhuma abordagem se configura tão fortemente como contranarrativa como a que denominamos “protagonismo próprio”. Esta é a única que aparece em todos os canais, e se desenha quando a criadora de conteúdo se coloca como protagonista da narrativa. Esta abordagem tomou mais da metade do tempo total de materiais analisados neste trabalho, totalizando 2 horas 24 minutos e 30 segundos.

Quando pesquisamos sobre a representação negra na mídia e, posteriormente, a representação feminina negra na mídia tradicional do país, o que percebemos é que a invisibilidade prevalece. A “branquitude” se estabelece como o padrão e o protagonista, ser branco, assim, se configura como o “bom”, o “correto” e, mais que isso, “como o normal”. Quando mulheres negras se colocam, portanto, como protagonistas, estão rompendo com esse padrão de branquitude.

Esta ruptura se dá porque o protagonismo dessas mulheres negras, como vimos, não se apoia em estigmas raciais ou de gênero. Essas criadoras aparecem para tratar de questões que vão além de raça e que não passam pela sexualização de seus corpos, nem pela subalternidade a outros, pelo contrário, elas são as “estrelas” de seus próprios conteúdos. Se, como estabelecemos em nossa hipótese, há um “fio condutor” que interliga a produção de mulheres negras na Internet, este é a necessidade da construção de um protagonismo próprio.

Pudemos perceber também que a discussão de recorte interseccional não aparece de forma robusta nesses conteúdos, e que a imagem irradiada dessas mulheres negras, enquanto protagonistas, fala muito mais alto sobre recorte de gênero e raça do que a própria narrativa que propõem. Já a questão de classe aparece, na maioria das vezes, como uma forma de estabelecer uma conexão com quem assiste, no sentido de partilhar uma realidade comum a maioria dos brasileiros, especialmente minoria negra, que se encontra entre as camadas mais pobres do país.

Ainda assim é possível concluir que, ao produzir seus próprios conteúdos, mulheres negras têm diversificado seus temas, apresentado materiais audiovisuais críticos que falam

para além de suas próprias condições de mulheres negras e que, ainda assim, e também por isso, se estabelecem como rupturas na representação tradicional feminina negra, carregada de estereótipos e estigmas, elaborando uma representação nova do “ser mulher negra”, que passa especialmente pela possibilidade de ser protagonista, ser bonita e também ser intelectualmente ativa e bem-sucedida em sua vida pessoal e profissional.

Assim, entender as contranarrativas propostas pela produção de mulheres negras pode contribuir para que compreendamos como as representações sociais podem ser, se não livres, pelo menos atenuadoras de estigmas e estereótipos machistas e racistas. Assim, esperamos que este trabalho contribua para que, dentro e fora da academia, pesquisadores e produtores se debrucem às possibilidades não racistas e não machistas de representar e observar o trabalho de mulheres negras. E, além disso, que outros trabalhos possam surgir a partir deste, percebendo a força das narrativas criadas por essas mulheres nas plataformas digitais.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Danubia. **A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: Representações da negritude em “Duas caras”**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. (documentário), 2000.
- BARBERO, Jesus Martin. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, São Paulo, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Mediação e midiatização: conexões epistemológicas. In: MATTOS, M.A., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N. (Org.). **Mediação & midiatização** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- BRANDÃO, Cristina; COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira (Org.) **Televisão, Cinema e Mídias Digitais**. Insular Livros, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.
- CAMPOS, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. **Televisão em Cores? Raça e Sexo nas telenovelas Globais (1984-2014)**. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, 2015. Disponível em: <[http://gema.iesp.uerj.br/wpcontent/uploads/2015/12/images\\_publicacoes\\_TpD\\_TpD10\\_Gemaa.pdf](http://gema.iesp.uerj.br/wpcontent/uploads/2015/12/images_publicacoes_TpD_TpD10_Gemaa.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras Fala: Feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. 383f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA).
- \_\_\_\_\_. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8 – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Santa Catarina. **Atas...** Florianópolis: 2008, p. 1-7.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendedores Sociais; Ttakono cidadania (Orgs.). **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Texto retirado do livro A política do pensamento feminista negro. 2019.
- ECHEVARIA, Felipe Rodrigues; SILVA, Veronice Mastella. **De coadjuvantes a protagonistas: a Representação da População Negra na Teledramaturgia Nacional**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, 2012.

FERNANDES, Danúbia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira: Uma construção negativa?** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, 2007.

FERNANDES, Guilherme. **A representação das identidades homossexuais nas Telenovelas da Rede Globo: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar.** 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

FLORES, Ana Cássia Pandolfo; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. Mídiação da sociedade: sócio-técnica e ambiência. **Culturas Midiáticas**, v. 2, n. 2, jul.-dez. 2009.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Imprensa Feminista Brasileira e Interseccionalidade.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XVII, 2018, Minas Gerais. **Atas...** Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Comunicação, 2018. p.1-13.

FUHRMANN, Nadia. **Luta por Reconhecimento:** reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 38, p.79-96, jan.-jun. 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 1963.

GOMES, Gilberto. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. **Famecos:** mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set./out./nov./dez. 2002.

GOMES, Viviane dos Santos. **Práticas de Resistência em Antônia: Identidade, Representação e Exclusão Social da Mulher Negra da Periferia.** 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá. Pará.

GOULART, Fábio. O ontem e o hoje na Indústria Cultural: Do Folhetim aos Vlogs e Redes Sociais. **Intuitio**, v. 7 n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/17409/12369>>. Acesso em: 03 de jan. de 2020.

HERNES, Gudmund. Det mediavridde samfunn [The media-twisted society]. In: HERNES, Gudmund. (Ed.). **Forhandlingsekonomi og blandningsadministrasjon.** Bergen: Universitetsforlaget. 1978.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, USP/São Paulo, nº 2, jan.-jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Da mediação à Mídiação: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331/339>>. Acesso em: 03 de jan. de 2020.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento** - A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 1992.

LAHNI, Cláudia Regina; ALVARENGA, Nilson Assunção; PELEGRINI, Mariana Zibordi; PEREIRA, Maria Fernanda França. A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento. **Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa** - UBM, Barra Mansa, v. 9, n. 17, p. 80-89 jul. 2007.

LINDOSO, CamillaCarvalho; SILVA, Juliano Mendonça Domingues. **Magia Negra, Vodum e Macumba: A Representação Social das Religiões Afro-Brasileiras nos Jornais Impressos de Pernambuco**. In: XXXVI CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, Manaus, AM, 2013.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, Liberdades e Controle**. Editora Vozes, 2018.

MARINO, Caroline. **Mulheres, espaço e voz no telejornalismo brasileiro: Análise das representações sociais de gênero no JN**. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, SBPJor, São Paulo, nov. 2018.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Cultura participativa, espetáculo interativo: do “empoderamento” ao engajamento corporativo dos usuários de mídia**. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Rio de Janeiro, maio, 2009.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. **Mídia e construção da identidade da mulher negra: a revista Raça**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1626-1.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

MURDOK, Graham. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Matrizes**, n. 2, p. 31-56, USP/SP, primeiro semestre de 2009.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia**. PubliFolha, 2013.

NETO, Antônio Fausto. Fragmentos de uma “Analítica” da Mídia. **Matrizes**, n. 2, p. 89-105, USP/SP, 2008.

QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. **A invisibilidade negra: o (des) encontro do jornalismo com saúde pública nas doenças de recorte étnico-racial e por vulnerabilidade que acometem a população afrodescendente**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, Recife, (PE), 2011.

\_\_\_\_\_. **Morte Anunciada: O jornalismo e a vulnerabilidade da juventude negra diante da violência**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, Manaus (AM), 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O Negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estud. afro-asiát.** [on-line]. 2000, n. 38, pp.49-65. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SILVA, Andréa Antonieta Cotrin. **O sensível (não) partilhado**: A violência poética e política da (ir)representação do negro em Hollywood. 2017. 272 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença** – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de midiaticização”. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n.8, 2009.

STROZENBERG, Ilana. Branca, preta, híbrida: qual a cor da beleza na propaganda brasileira? **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência**, 2006. Disponível em:<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=148&tipo=1>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiaticização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes/USP**, São Paulo, v. 8, n. 1 jan.-jun. 2014

WINCH, Rafael Rangel; ESCOBAR, Giane Vargas. Os Lugares da Mulher Negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul.-dez. 2012.

XAVIER, Giovana. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 26, nº 52, p. 429-450, jul.-dez. 2013.

#### Canais no *YouTube*

LUCAS, Camillade. **Fingi que era milionária em lugares caros**. Canal Camillade Lucas. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqLIHbcTtcXmht6xB6WNFcg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Minha rotina noturna real!** Canal Camillade Lucas. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqLIHbcTtcXmht6xB6WNFcg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Problemas de pessoas altas!** Canal Camillade Lucas. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqLIHbcTtcXmht6xB6WNFcg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Fingi que era uma Kardashiana na rua e olha o resultado**. Canal Camillade Lucas. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqLIHbcTtcXmht6xB6WNFcg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

NERI, Nátaly. **Óleos essenciais e vegetais para sua pele feat. Daiana Petry #3**. Canal Nátaly Neri. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Cotas para pessoas trans #VidaUniversitária**. Canal Nátaly Neri. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

NICÁCIO, Rayza. **E se eu ficasse careca? Você ainda ficaria aqui?** Canal Rayza Nicácio. Vídeo You Tube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rayzabatista>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **É oficial, sai do apartamento 84... | Rayza Nicácio**. Canal Rayza Nicácio. Vídeo *You Tube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rayzabatista>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

OLIVEIRA, Gabi. **80 Tiros e o os privilégios do homem negro | Papo DePretas**. Canal Gabi Oliveira. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **O melhor gel para cabelos crespos!!!! DePretas**. Canal Gabi Oliveira. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Absorvente e calcinhas ecológicas (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor)**. Canal Nátaly Neri. Vídeo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg>>. Acesso em: 04 de jan. de 2020.

**ANEXOS**

**ANEXO A – Transcrição canal Camilla de Lucas**

## 1. FINGI QUE ERA MILIONÁRIA EM LUGARES CAROS

CAMILLA: Quê?

MÃE DA CAMILLA: Sem gritos.

CAMILA: Mas eu gosto de gritar... GEEENTE! E aí, tudo bem com vocês? Estamos começando mais um *vlog* aqui no canal. Na verdade, gente, eu sou péssima pra *vlog*, porque ou eu curto, ou eu gravo. Mas dessa vez eu vou tentar fazer as duas coisas. Estou gravando aqui do meu celular, pra não ter que ir na câmera nem nada, enfim... Porque o celular é bem mais rápido, a gente vê imagem, ri dos outros e já dá tempo de gravar. Aqui, ó, quase pronta, porque eu estou descalça... Gente, eu vou ter três dias de RICA! Sim gente, estou indo agora pra... Não! Primeiro deixa eu mostrar, pra vocês verem o tamanho da minha mala. Aí vocês vão tentar adivinhar o meu destino. Gente, olha só o tamanho [mostrando a mala fechada]. Não, acho que aqui não dá pra vocês terem noção do tamanho dessa mala, mas tem a minha casa inteira aqui dentro. Será que vocês vão adivinhar qual é o meu destino de rica, gente? RICAAA! RICA! RICAAA! Enfim, vou terminar de me... Minha mãe falou pra eu não gritar, mas não tem como fazer *vlog*, não tem como fazer vídeo sem gritar, gente. Entendeu? Vocês gostam de grito! Vou agora botar o meu tamanco, né, gente? Tamanquinho confortável, chamar o motorista e vou. E aí lá vocês vão saber pra onde é que eu estou indo. Vai sentir minha falta, mãe? [Mãe aparece no vídeo]

MÃE DA CAMILA: Com certeza, minha filha. Vou sentir muita falta. Mas que Deus te acompanhe, boa sorte, tá?

CAMILLA: Obrigada.

MÃE DA CAMILLA: Você merece tudo que Deus tem proporcionado pra você, porque...

CAMILLA: Não bota fogo na casa, não, tá?

MÃE DA CAMILLA: Você tem talento, e...

CAMILLA: IIIIIH! Mãe, não conta. Porque não pode contar, que ainda é surpresa.

MÃE DA CAMILLA: Tá. Então vai com Deus, minha filha, boa sorte.

CAMILLA: Se deixar a minha mãe falando, gente, ela vai querer fazer o discurso até semana que vem, mas é isso. Botem uma maquiagenzinha... Olha o meu cabelo [mexendo no cabelo crespo], eu matizei, mas ele já está voltando e, vamos embora, gente. Agora eu vou filmar tudo pra vocês, lá... [clipe com imagens da paisagem do Rio de Janeiro, filmadas de dentro do carro de 1'58" a 2'08"] Gente, acabei de chegar... E que quarto que é esse, aqui? AAAAAH!

Gente, olha essa vista! Meu Deus do céu. Gente, eu não estou ACREDITAAANDO! Calma que eu vou mostrar pra vocês. [clipe com imagens do quarto de hotel e a vista do mesmo para a rua – de 2’29’’ a 3’05’’]. Daqui a pouco eu vou mostrar pra vocês o que eu vim fazer aqui. Ai, gente... Deixa eu aproveitar, porque daqui a pouco eu volto pra realidade. Olha, eu vou contar um segredo pra vocês: se um dia eu já fui pobre, não me lembra. Olha só onde eu estou! Então, eu não tenho estrutura e nem sei me comportar num ambiente DESSEEE! Ai meu Deus! Até o colchão é diferente do colchão da nossa casa. Mas, gente... O que eu vim fazer aqui? Vim participar do encontrinho do *Beleza Natural*. Olha gente, eu gosto quando a gente chega e tem ‘mimos’ [mostrando uma caixa de chocolates]. Alô *Ferrero Rocher*. Mostrar aqui o que é que tem em cima dessa bancada, que tem vários produtos aqui que eu já vou catar, porque eu não sou obrigada a nada... Nem sei se é meu, mas eu já vou por tudo na minha bolsa, porque eu não sou obrigada a nada. [Mostrando a penteadeira do quarto com vários produtos para cabelo] Ó, cheguei aqui e tem pente, tem vários produtos do *Beleza Natural*... Esse quanto aqui, gente, tem duas camas. Aqui da Jacy, que está o nome dela aqui, e aquela dali a minha. E mesmo se não fosse eu ia expulsar a Jacy daqui, porque eu ia querer ficar de cara, com a bunda virada pra essa vista. Porque a minha bunda todo dia dorme virada para a parede, entendeu? Cê acha que eu vou perder a oportunidade, da minha bunda ver uma vista como essa? Jamais! E aí aqui tem duas malas... Gente, já tenho mala! Ela é de *polycarbonate*, 100%. O que é isso? Não sei, mas se tem a informação é porque é importante. Ai gente, nem queria! Vou socar produto aqui dentro, porque eu não sou boba nem nada. Ai, que ar puro e fresco. Ai, gente! Eu falei pra vocês que lugar é esse, gente? Falei? Não falei, gente... Aqui é o quê? Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Vou me fingir de rica aqui na minha sacada, entendeu? Fazer cara de nojenta... Olá queridos, aí em baixo, tudo bom? Gente, ser rica deve ser muito bom, sabia? Cara, ser rico deve ser muito bom! Ó, aquele povo alí [filmando pessoas que estão na beira da praia], eu fico pensando assim: gente, o quê uma pessoa está fazendo... meio dia, assim ó, pegando um sol, na praia, Na Barra da Tijuca... Será que essa pessoa trabalha? Qual é a ocupação dela? Será que o pai é dono de uma multinacional? A pessoa no parque, andando de bicicleta, meio dia. Com certeza o pai é dono de uma multinacional! Que a pessoa não tem que se preocupar em acordar cedo e trabalhar. Ó, até o carro do povo aqui é diferente. Cê não vê um Fusca, a lá, no máximo uma Pálio mesmo. Até o ar é diferente, você respira, você sente o cheiro de riqueza. Cê não vê aquela poeirada de ônibus que passa lá na minha cidade. Não vê, gente! Olha o carro, gente [filmando um carro estacionado na rua]; olha só o tamanho do carro! Eu quero ver a cara da pessoa que vai descer. Olha gente, aqui é assim, ó; primeiro desce o motorista, aí o motorista vai... [homem demonstra dificuldades em abrir a

porta do carro] Iiiih, ó, a porta está ruim. É modelo novo mais está velho, ó. Iiiih... A pessoa desce do carro pra abrir a porta pra quem está lá dentro, entendeu? Mas é alguém que tem dinheiro, porque a pessoa não se presta nem ao papel de abrir a porta do carro. Gente, o que acontece? Eu não fui a primeira a chegar... Antes de mim uma pessoa já chegou aqui, e ela mandou mensagem dizendo que está vindo aqui, me visitar, tá vindo aqui no meu quarto. Eu não conheço ela pessoalmente, só pela Internet; mas vocês acham que o povo está querendo vir aqui me visitar? O povo está vindo atrás de comida, entendeu? Porque, com certeza, já deve ter comido as barras de cereal do quarto dela, aí tá querendo vir aqui no quarto comer a minha. Não vou abrir a porta! Mentira, vou ter que abrir, entendeu, pra gente socializar com a pessoa; mas eu sei que ela está vindo aqui só pra comer a minha comida, abrir meu frigo... iiiih.... Aí, gente, o que é que a gente faz? A gente, ó, pega comida assim, ó, e dá uma leve escondida na gaveta. Vou falar baixo, porque ela deve estar chegando aqui, entendeu; mas a gente pega a comida e esconde dentro dos armários, entendeu? Querida, tu acha que eu sou boba? Gente, olha o que eu fiz [mostrando barras de chocolate dentro de uma sacola], já soquei comida pra levar pra casa, porque eu não sou idiota. E aí, o que a gente ganhou? Um *Ferrero Rocher*, e a gente esconde, porque se não a visita vem e come tudo. Quem é? Olha gente, cadê? Olha só essa menina [aparece uma moça negra, de cabelo cacheado e volumoso na porta do quarto de Camilla] E aí? Eu falei aqui no *Instagram* que eu escondi as comidas, pra você não pegar. Eu mandei mensagem perguntando... É porque, gente, a gente tem um grupo no *Whats App*, aí eu perguntei, você já está aqui na porta?

Mulher não identificada responde: Eu estava

Camilla: é que eu esqueci que ela estava vindo, e eu fiquei aqui gravando. Se joga aí na cama, menina! Gente, olha quem chegou aqui, pra fechar o bonde [Jacy July mulher negra, cabelo crespo e também produtora de conteúdo na Internet aparece no vídeo], quer dizer, pra fechar não, porque ainda faltam mais duas integrantes do *squed*, e a a Jaciira...

Jacy: Eu só quero almoçar, cara, tô com muita fome!

Camilla: É, a gente vai almoçar. Vamos que o resto do bonde já está lá, entendeu... Vai ser prato, é *self-service*... 9,99? Mentira! Já que está tudo incluso, a gente vai botar pra quebrar na comida! Aqui a outra...

Mulher não identificada: ...Chega não, continua...

Camilla: É, chega não, continua. Ou, se não der, bota dentro de um pote de marmitta e leva pra casa.

Mulher não identificada: É isso aí

Camilla: Mano, olha quem está aqui comigo! [mulher negra de pele clara e cabelos cacheados baixos aparece] Mano, a pessoa já chegou, a gente almoçou e eu nem mostrei...

Mulher não identificada (2): Já falamos mal do povo, já fizemos muita fofoca...

Camilla: E eu nem mostrei.

Mulher não identificada (2): Nem mostrou, dona Camilla....

Camilla: Agora a gente está chegando aqui e tem mais duas pessoas aqui, que eu infelizmente vou ter que olhar por mais dois dias... *Hello*, meninas! [Primeira mulher que apareceu no quarto da Camilla aparece com outra mulher – negra, pele clara, cabelos cacheados]. Dá oi para o meu *vlog*!

As duas mulheres: Oi!

Mulher não identificada (3): Essas meninas estão tudo atrasada!

Camilla: É, estamos atrasadas... Vão bora.

[Imagem de Jacy dançando acompanhada de outra mulher]

Camilla: Gente, a menina está esperando e vocês dançando, cara... Aí, eu não aguento... Agora a gente vai subir, porque a gente tem uma reunião e é isso...

Jacy: Finas! Limpa essa lente, amiga!

Camilla: É o quê?

Jacy: Limpa a lente, tá embaçada.

Camilla: É, tá, mas é porque você chegou no *vlog*, aí está assustando a câmera.

[fim do diálogo]

Camilla: Gente, a maquiagem está como? Belíssima! Mas eu estou no shopping com essa cambada de gente... Olha lá, Jacy mijou no chão, gente... Que vergonha! Enfim, agora a gente vai parar no shopping, pra fazer o quê? Não sei! A gente está parecendo adolescente de 13 anos que sai da escola.

Jacy: Se quiser filmar tem que pagar!

Camilla: A gente está igual adolescente que saiu da escola e veio no shopping, porque não tem rumo, não tem rumo...

Alguém: Tá frio...

Camilla: Tá frio. A rainha do fogo no rabo com frio. Eu acho que a menina reconheceu a gente ali...

Alguém: Eu também acho.

[fim do diálogo]

Camilla: Bom dia, gente... Eu acordei já tem umas meia hora, botei meu biquini, porque a gente vai pra piscina, tô terminando de arrumar o cabelo, mas chegou um café da manhã pra

gente aqui maravilhoso, Jacy já está aqui comendo... Já fez foto de blogueira com o café da manhã?

Jacy: Ainda não.

Camilla: Perdeu a oportunidade. Olha só gente, na minha casa só tem pão e café.

Jacy: Se fui pobre um dia, não lembro... Lá em casa é só pão francês, quando tem.

Camilla: é, quando tem! Lá em casa é assim também. A gente aqui quer comer de tudo. Tem fruta, salada de frutas, suco de laranja... E, mano, olha essa vista. Gente pegou fogo aqui, alí na frente, na praia, pegou fogo, veio caminhão de bombeiro, ficou uma fumaça preta. Mas a gente segue o baile aqui, comento.

[fim do diálogo]

Camilla: Gente, eu vou mostrar aqui, pro vocês, a área da piscinaaa. Olha isso, eu vou tirar várias fotos aqui, querida; cê acha que eu vou perder essa oportunidade, de tirar foto nesse lugar chiquérrimo? Duvido! Mano, as garotas já estão aqui, olha isso. [Clipe com música ao fundo e imagens da área da piscina de 11'23" a 11'32"]. *Hi! Whats your name?*

Mulher Não identificada (3): *Larissa. Wellcome to my life*

Mulher não identificada (2): *Wellcome to my home*

[fim do diálogo]

Camilla: Fizemos fotos aqui, de blogueira ricas, entendeu...

Mulher não identificada (1): Amanhã a minha realidade começa...

Camilla: A minha vai até meio dia... Olha gente, olha essa fumaça.

Jacy: Cara, a gente tem que estar, duas horas, em Jacaré Paguá.

Mulher não identificada (1): Isso é longe?

[fim do diálogo]

Camilla: Já chegamos no hotel, tiramos foto lá em baixo, piscina... Pergunta se blogueira entra na piscina? Blogueira não entra na piscina, gente...

Jacy: Eu entrei.

Camilla: Mentira, entrou pra fazer foto, só do joelho pra baixo

Jacy: Cala a boca!

Camilla: Agora olha o que ela está fazendo lá, quer ver? Ih, eu pensei que tu tava editando foto, já ia te arrasar! A gente vai se arrumar, porque já, já tem um jantar belíssimo!

[Fim do diálogo]

Camilla: Vamos passar agora por um tratamento aqui, porque hoje à noite tem jantar de rica. Cê sabe o que é jantar de rica? Não sabe! Ainda não chegou na vida dela esse poder aquisitivo. Aí a gente veio aqui, ó, pra poder hidratar o cabelo... [Camilla está em um lavatório de salão

de beleza e filma uma das profissionais do salão, de cabelos cacheados]. Olha o cabelo desça maravilhosa, gente. Ela está até com um batom na boca, uma coisinha assim especial, de leve, porque ela sabia que ia ser filmada.

Cabeleireira (1): Com certeza

Camilla: E aí ela está cuidando do meu cabelo, vou fazer uma hidratação que é a *hidraforce*, aqui no *Beleza Natural* e depois a gente vai pra maquiagem, porque a cara está precisando de um reboco. [Camilla aparece já maquiada e com uma toalha na cabeça] Gente, vocês piscaram e, olha só, já estou maquiada, tá, e o cabelo feito... Ué, gente, quem é essa atriz? [Mostrando uma das mulheres que a acompanharam durante todo o dia]

Alguém: É da Globo, é global!

Camilla: Gente, essa aqui [mostrando outra do grupo] ainda está aqui pra secar o cabelo.

Mulher não identificada (3): Acontece.

[Fim do diálogo]

Camilla: Bem minininha, toda pronta, já. Quer dizer, falta botar o brinco e a roupa gente, aí eu vou mostrar pra vocês como é que ficou. Olha o meu dente já... [limpando o dente sujo de batom com o dedo]. Gente, olha o batom que o Muca vai passar em mim... Gente, já estou morrendo com essa cor, já. Olha só... Gente, olha só quantas pessoas secando o cabelo de Andreza, Dai e Lari. É muito cabelo gente, vocês não têm noção! [Imagem de 5 mulheres negras de cabelo cacheado/crespo desfilando – de 14'21" a 14'35"] Gente, estamos aqui no *Paris 6*, olha as caras de quem está com fome. Esse seu prato aqui é de quem?

Mulher não identificada (3): Bianca Andrade

Camilla: E o seu?

Jacy: Estou comendo a mesma coisa. É porque eu não queria dizer que eu estava comendo a Bianca Andrade...

Camilla: E temos aqui, quem? Essa menina que não vai comer nada. Vaio lá da Bahia aqui, pra não comer? Boba. Aproveitando pra comer um polvo, não quis comer o polvo...

Mulher não identificada (1): Não...

Mulher não identificada (2): Porque? Como um macarãozinho...

Jacy: Um suco...

Camilla: A gente come por você. [O prato da Camilla chega] O prato da Ludmilla... Olha a decoração do *Paris6*. Meu cabelo ficou preso no lustre, gente. Ai, que ódio!

[fim do diálogo]

Camilla: Estamos chegando aqui agora, estou atravessando a rua. Na Barra a gente pode andar com o celular na mão, ninguém vai querer me assaltar. Chegando... Ai gente, eu estou me sentindo tão rica, tão rica! Minha barriga está cheia, eu tô doida pra cagar.

Jacy: Nossa, minha barriga está muito dura, gente, tá muito dura.

[as cinco mulheres negras dançando em cima da cama de hotel de 15'52" a 16'00"]

Camilla: Gente, estamos no último dia... [Mostra Jacy]. Ela toda fina, botando o pano no colo, pra não sujar...

Jacy: Porque eu sou estabanada, né?

Camilla: Estamos com mais um café da manhã... Aqui gente, a realidade, entendeu? As meninas ontem, foram embora. Esqueci de mostrar pra vocês elas indo embora, mas elas foram embora, meteram o pé... Já chegaram até em São Paulo.

Jacy: Já chegaram. Salvador também.

Camilla: Muito rápido. É, e Salvador também. Agora eu vou tomar o café da manhã e a gente vai embora, daqui a pouco. [Jacy carregando malas para o elevador]. Agora a gente está indo embora, gente. A volta é triste... Ola aqui, eu estava cheia de coisas... [A porta do elevador começa a se fechar, sem que Camilla tenha entrado] Ai gente, calma aí! Mano, vamos embora, Jacy, de volta a realidade...

Jacy: Fazer o quê, né?

Camilla: Olha como é que eu estou indo embora [Camillamostrando sua imagem no espelho do elevador].

Jacy: Alegria de pobre dura pouco.

Camilla: Cheguei bela, estou saindo destruída. Jacy já está indo... Tchau, amiga... Tchau, amiga!

Jacy: Tchau, beijo!

Camilla: Tô indo, gente, pra casa... Ai, que tristeza! A Jacy já entrou alí, no carro dela e agora eu estou indo. Tchaaau!

## 2. MINHA ROTINA NOTURNA REAL!

Camilla: Olá queridos inscriteiros, tudo bem com vocês? Boa noite! Boa noite? Depende da hora que você vai estar assistindo esse vídeo. Pode ser bom dia, boa tarde, boa noite... Não interessa! O interessante é a hora que eu estou gravando este vídeo. Que horas são? Calma aí que eu vou ver. Olha a hora, 11 e 37; sim gente, tarde da noite... Olha os figurantes aqui atrás [mostrando as roupas penduradas na parede] doidos para aparecerem nos meus vídeos. Enfim, se você é novo ou nova, seja bem-vindo ao canal. Não se assusta, porque eu sempre falo para

vocês que a gente chega na fuleragem, desse jeito... Sabe a expectativa e realidade de blogueira? Então, aqui é a realidade nua e crua, 100% nesse canal. Então já faz o quê? Se escreve aqui, tá querida. Chega, se inscreve... Gente, eu estou segurando com a mão esquerda, não têm estabilidade nesse braço, calma aí, deixa eu mudar. Se inscreve, deixa o like, vai lá me seguir no *Instagram*, é Camilla de Lucas com dois 'éles', porque se vocês me seguem no *youtube*, vocês têm que me perseguir no *Instagram* também. Só que hoje, gente... Chega uma hora que futun (referência a cheiro ruim) começa a aparecer, gente. 11 horas da noite é hora de quê? Eu sei que você, na sua casa, tá, não gosta de tomar banho, porque todo mundo tem momento que seja da balada e gosta de se jogar na cama, em bate aquela preguiça. Mas gente, pra mim é a melhor hora, eu não consigo dormir fedendo a cêce, é impossível. Então hoje eu vim mostrar pra vocês a minha rotina. Nossa, essa cena está tão bonita. Vim mostrar pra vocês minha rotina noturna, sabe? Tomando banho, aquela coisa, mostrar pra vocês tudo que eu faço, se for interessante. Se não for você continua nesse vídeo também! Já tem gente aqui em casa dormindo, minha mãe já está dormindo, porque ela dorme cedo. Vou acordar ela. MÃE! [Mãe de Camilla acorda reclamando. Camilla ri] O que acontece? Agora é hora da tristeza, porque eu chego o meu irmão já tá deitado. [Camilla falando com o irmão]. Tá tampando a cara por que? E daí que você vai acordar às 5 horas? Você gosta de dinheiro no final do mês? Quem gosta de dinheiro no final do mês tem que gostar de acordar cedo. Enfim, gente, essa é a pior parte, porque meu irmão já está dormindo, e aí ele dorme no mesmo quarto que o meu, porque ele é o irmão que chegou depois. Infelizmente tenho que dividir o meu quarto com ele, entendeu? O meu quarto, porque quem chega depois não tem quarto, quem chega depois tem um espaço que a gente empresta. E aí ó, ele dorme aqui e a parte do meu guarda roupa é essa aqui ó. Abrir a porta para pegar as coisas agora, é a dificuldade, só tenho o quê? Uma brecha, gente, e é assim que eu sobrevivo. Mas se Deus quiser, gente, blogueira bem sucedida tem que fazer vídeo de apartamento novo. Se Deus quiser a minha hora vai chegar, porque eu não aguento mais gente, toda a noite é um sacrifício. E por aqui eu tenho que ficar catando, pra ver se eu acho um pijama. Por exemplo, o que sair eu vou usar. Mentira, ou você acha que eu vou, que eu gastei dinheiro pra comprar esse top, pra usar pra dormir? Deus me livre! não é aquele pijama que eu uso no canal toda vez, gente. Viu? Tá vendo? Eu tenho uma coleção de pijama. Mentira, só tenho 3, se quiserem me mandar de presente, vou deixar meu link abaixo, mentira. Mas, enfim, aí eu tenho que ficar caçando aqui alguma coisa, olha só, pra ver se eu consigo achar algum pijama. Aí, geralmente a partir de cima é uma e a parte de baixo é outra. Ai gente, calma aí, deixa eu ver se eu acho... Ó, achei a parte de cima. A parte de baixo é essa... O pijama está cheiroso, tá? A minha mãe lavou, tá fedendo, não. [Irmão da Camilla diz

algo e ela responde]. Eu ainda não acabei de gravar o vlog; você pode esperar? Que eu estou trabalhando... Obrigada. Olha, gente, já peguei as minhas coisas aqui, vou levar tudo para o banheiro. Gente, então, já pequei meus trecos, vim aqui para o banheiro, e eu tô com essa roupa aqui, por que? Eu fui no cinema com a minha amiga agora, cheguei agora... Quer dizer, cheguei agora não, fiquei sentada mexendo no celular, entendeu? Tirando o espírito da preguiça de levantar tomar banho, agora eu vou agilizar e vou fazer o que eu tenho que fazer. Posicionei vocês aqui. Gente, essa hora que a gente chega... Essa é a hora que tem que ser a hora de fazer cocô, porque às vezes a gente está na rua e a barriga aperta. Agora é a hora que eu cheguei em casa, cadê a vontade que não parece? Não vem! Agora, quando a gente está na rua, comendo *Mac Donald* que a barriga começa a borbulhar. Eu vou... A primeira coisa que eu vou fazer, gente, vou prender aqui meu cabelinho, né? Bota o muco [em referência ao próprio cabelo] todo pro alto. Ai! Gente, pra mim amarrar o cabelo, parece que eu estou brigando com o meu cabelo. Essa parte aqui eu cortei, gente. Você vai me perguntar: Camilla, mas por que você cortou? Porque eu sou maluca! Gente, geralmente o que eu vou fazer nessa hora? Cocô e vendo vídeo no *YouTube*. Sim, eu faço tudo... Essa é a minha hora, é o meu momento. Mas, né gente? Eu não vou gravar eu fazendo cocô pra vocês. E a vontade também, graças a Deus, hoje não tá batendo. Mas, geralmente eu fico aqui assistindo alguns vídeos no *YouTube*, esses canais fofoca, ih gente, adoro! Pra me atualizar de todas as tretas que estão acontecendo no mundo das sub celebridades. Mas, é... Fui no cinema com a minha amiga, a gente viu um filme lá chamado *Nós*, que é um filme muito legal. É um filme meio enigmático, tá? Você vai assistir, assistir, assistir e não vai entender porra nenhuma. Aí depois você tem que jogar na Internet para ver a análise que o povo, que é mais inteligente, sabe? Mas aí, enfim gente, gostei muito do filme. Vou começar aqui, ó, vou tirar esse leve reboco que eu estou no rosto, porque se você achar que minha pele desse jeito, não, ela tá fritando de oleosidade, porque a base já está vencendo. Aí eu gosto de usar essa água... Olha o desperdício! Eu gosto de usar essa água micelar, vou tirando com um papel higiênico mesmo, entendeu. Tem gente que fala: ai, mas papel, limpar o rosto papel, tem que ser com algodão. Não, meu amor, é com papel mesmo. Porque se esse papel limpa cocô do rabo, não vai limpar maquiagem da cara? Lógico que vai. Então, ó... Gente, olha o reboco que a gente passa. Limpa a sobancelha da *Nike*... O ruim gente, do papel, é que ele fica despedaçando todinho. Mas se você tiver grana pra ficar com por algodãozinho, compra algodão. Eu gosto de vir com o papel mesmo, que é bem mais barato o rolo. E coitada, gente, olha o nível de pobreza; se meu papel aqui não é nem dupla face, olha só. É fininho, aí a gente enrola um monte, entendeu? Que a pior coisa quando você está fazendo cocô, e você passa o o papel higiênico

lá e teu dedo vai, ao invés do papel. Ai, é o fim, gente! Gente, ó, tirei aqui o excesso da maquiagem, e aí que eu faço? Eu gosto de vir com o meu sabonete em gel, pro rosto. Tem esse aqui de *Natura* [mostrando o produto]. Não sei quando é que foi, porque esse aqui eu ganhei, tá gente. Sim, ganhei o produtinho e agora eu vou olhar o rosto que na pia e venho passando ele. Venho molhando aqui... Essa aqui é a parte mais chata, só dou uma sujadinha mesmo, assim... Como eu estou com a câmera, eu vou sentando aqui, tá gente? Então eu molhei o rosto, aí eu boto um pouquinho de sabonete, e aí eu venho esfregando para sair o resto da maquiagem que sobrou. Agora como é que eu vou segurar a câmera com a mão toda suja de sabonete? Minha câmera vai cair na pia. Gente, não estou enxergando nada, vou me afogar. Agora eu vou vir com esse esfoliante [mostra o produto], aí eu passo no rosto e deixo mais ou menos uns 20 minutos, igual está dizendo aqui. Ele é verdinho, ó... Gente, eu boto pouquinho, tem que render. E aí gente, produto esfoliante tem aquelas pedrinhas, sabe? Eu não sei o quê que é, mas tem tipo mais areiazinhas... Aí você vem, assim ó, esfoliando o rosto, que tira todas as células mortas. Olha eu, super dermatologista aqui. E aí eu passo e esfrego no rosto, assim, delicadamente, passa assim, bem suave, assim bem delicada mesmo, só pra não machucar a pele [Enquanto Camilla diz que passa de forma delicada o produto, a imagem mostra ela aplicado, de propósito, de forma bruta o produto, contrastando com sua fala]. Agora eu deixo aqui que uns 20 minutinhos, mais ou menos, 15, 20 minutos e vou fazer as minhas outras coisas ou necessidades fisiológicas. Eu acho que a noite existe uma lombriga que habita na minha barriga, porque, gente, à noite bate uma fome! Eu acabei de chegar, fui no shopping, comi *Mac Donald* e a fome fica aqui, impregnada aqui. Então eu vou caçar alguma coisinha pra comer, de leves, entendeu? Para eu não ter que acordar, no meio da noite, pra ir no banheiro. Estou tão bela, com essa máscara facial. Ui... calma aí, que eu vou botar uma toalha na cabeça, só pra ficar com cara de gringa. Botei aqui a toalha, gente, olha só. Só para fingir que eu sou chique. Tomando o meu remédio, no copo da dona Nilza, que fez 80 anos. Pobre que é pobre tem que ter uma coleção de copos desse em casa [copos de plástico, comemorativos de festas]. Tem aqui copo de 80 anos da dona Nilza, de 2018. Tem o quê? Outro copo da dona Nilza, porque não basta um membro da família pegar, a família inteira tem que fazer coleção. Tem o quê? Um outro copo também de festa, que o meu irmão foi. E o desespero bate quando você começa a querer saber quem são esses aniversariantes que você não lembra quem são. Quem é Natália, que fez 15 anos? Não conheço! Gente, quem são essas pessoas, que estão na minha casa, que eu fui em festa e eu não conheço? Olha, ó os copos que a gente bebe, ó, é assim... Isso aqui é o copo que a gente bebe em casa, membro da casa bebe aqui, ó. Aí, pra dar um charme, tem o quê? Uma xícara. Aí quando chega uma visita: “Ah,

Camilla, tô com cede”, o que a gente faz? A gente corre e pega um copinho de vidro; entendeu? Só que tem que ser um copo de vidro liso, sem estampa, igual àqueles de cena de novela que a pessoa bota o suco de laranja e tu vê até que suco que é. Porque esses estampados daqui de casa, ó, a pessoa não enxerga direito o que tem aqui, tem que ser lido o copo. Isso aqui ainda tá de pobre! Não basta ter copo de festa, aqui em casa está cheio de copo que era requeijão, que a gente acaba de tomar o requeijão lava, porque é de vidro, e bota aqui. Pra quê que tem um copo de requeijão aqui, gente? Bom, gente, agora já comi minha maçãzinha, vou fazer o quê? Escovar os dentes, vou escovar o dente no chuveiro mesmo. Já comi minha maçã, entendeu? E agora que eu vou fazer? Vou escovar meu dente no chuveiro, tá? Nossa, a pasta de dente do *Sorriso*, pode fazer publicidade aqui no canal, tá? Estou aberta à negociação. Cadê a pasta de dente? Eu odeio que o povo aqui de casa vê que a pasta já está acabando e não bota uma pasta nova, entendeu? Aqui ó, tem que forçar aqui, ó, porque tem que, a gente gasta até o dedo chegar a sangrar de tanto apertar aqui. [Camilla aperta o tubo de pasta de dente] Ó, viu como sai mais? É assim, gente, tem que usar negócio até o final. Vou dedicar essa partir do vídeo aqui ao meu irmão e minha mãe. Pega uma pasta nova, entendeu? Coloca no lugar... O meu braço não caiu. Bom, já tirei a toalha aqui da cabeça, tirei a minha roupa, vou entrar pro banho, vou lavar as calcinhas no chuveiro, porque a minha mãe me ensinou, calcinha que a gente usou a gente lava na hora do banho, entendeu? E é isso, escovar os dentinhos aqui. Gente, vocês têm noção de que eu estou fazendo tutorial de como tomar banho, no *YouTube*? Escovar meus dentes... Para tirar todas as caries. Aí você faz movimentos circulares, assim, ó [Camilla escovando os dentes]. Sem empurrar muito, pra não acabar com a gengiva. Tomar banho frio, que aqui no Rio de Janeiro está muito calor, ninguém é obrigada. Vou tirara essa máscara e enxaguar a boca. Já vou aproveitar e vou fazer o quê? Lavar a minha calcinha no box, óbvio. A tem gente que comenta no vídeo assim: ‘Camilla, você não pode pendurar calcinha no banheiro, porque pega bactéria.’ E a sua escova de dente, você bota aonde? Porque os micróbios também vão entrar nelas. Então a sua boca está toda fedida, porque você deixou a escova de dente no banheiro? Eu penduro as minhas calcinhas aqui mesmo... A periquita está intacta até hoje, 24 anos, Intacta. [Camilla começa a cantar]. Lavar roupa todo dia, que agonia... Eu uso sabonete separado, gente, pra lavar calcinha. Ah gente, deixa eu mostrar pra vocês, aqui em casa, olha só a minha bucha, como é limpa. Bem branquinha, tá vendo, essa bucha, que linda que essa bucha tá. Mas sabe porque ela está assim? Porque aqui em casa ninguém usa, essa aqui é de enfeite. Essa aqui é que ela bucha pra quando a visita vier entrar, ela vai ver que o meu banheiro é bonito. Então isso aqui faz parte da decoração. Então a gente deixa pendurada aqui. Agora essa aqui, gente [mostrando uma

bucha verde e amarela, mais usada em cozinha] é a bucha que pobre gosta de usar. Tá vendo que ela está furada, comida? Essa bucha aqui, que ela já está na hora de ser jogada no lixo. Mas assim, você percebe, quando aqui começar a ficar preto encardido, você joga ela fora, entendeu? Então eu acho que ainda dá pra usar uma semaninha aqui, de boa. Tchau, gente! Vai ficar aqui, assistindo eu tomar banho? Dá licença. Gente, missão cumprida, banho tomado. Olha gente, meu pijama, super combinando. Olá Victoria's Secret! tudo bom, Victoria's Secret? Tudo bom? Eu acho que é assim que se fala. Eu falo 'no piu', gente. É um creme antirrugas, noturno. Está focando? Agora tá, ó. [Camilla mostra a caixa do produto]. Essa aqui é a caixa... Eu uso esse no piu aqui, creme antirrugas e aí eu venho passando assim, bem. Estou aqui na sala, vou mostrar pra vocês quem está aqui comigo hoje. Ninguém! Teve a festa de uma tal de Marina Ferrarí, Ferrari... Ih, não sei como é que fala, não. Ih, que o menino chamou a outra garota de falsa, tá dando o maio bafafá. Adoro seguir esses *instagrams* de fofoca, pra eu ficar a par de tudo. O povo falando que Flávia Pavanelli estava no Lollapalooza conversaram com um *boy*. Gente, coitada da menina, né? Ela também não pode conversar com ninguém. Se ela está conversando com o menino vão achar que ela está de caso com ele? Mirella postou foto com Dinho... Não tinha terminado com ele? E é isso, daqui a pouco eu vou dormir. Essa luz não está me valorizando, espera aí que agora eu vou colocar de um jetio que vai me valorizar. [Camilla apaga a luz e fica tudo escuro]. Pronto gente, só assim está me valorizado. Bjo, até a próxima, tcha-aau.

### 3. PROBLEMAS DE PESSOAS ALTAS!

Não aguento as mais pessoas falando que eu sou alta gente, eu sei que eu sou alta. As pessoas olham pra mim na rua e falam, 'Nossa! como você é alta', eu fico pensando assim, 'gente eu sei que eu sou alta', você não precisa me dizer. Na minha casa tem um monte de espelho que dá pra enxergar isso. E ai gente, sejam muito bem-vindo ao canal [grito]. Gente, não tem como tá, não vir nesse canal, gritar, fazer escândalo, não tem emoção, a graça é essa gritar pra vocês que eu sei que vocês gostam de grito, então abaixa o volume da tv, me escuta pelo telefone. Vamos lá, deixa eu dar um passo a passo pra vocês, primeira coisa que vocês tem que fazer quando chegar nesse canal.

Deixa o *like* no vídeo que eu sei que vocês vão gostar desse vídeo, tá. Já se inscreve porque é impossível você chegar no meu canal, gostar da minha cara preta e não se inscrever aqui. E fazer mais oque? Vai me seguir no *Instagram* cara, meu *Instagram* é Camillade Lucas com dois 'eles', tá. Pelo amor de Deus gente eu tô na corrida dos 300 mil inscritos, eu preciso

chegar nos 300 mil inscritos, então vai me seguir no *Instagram* que eu posto uns stories sempre fazendo graça trazendo alegria com vocês, tá bom?! Então vamos direto ao vídeo . Postei um vídeo aqui no canal recentemente e eu sempre falo no final, galera diz aqui nos comentários sugestões de vídeo que vocês querem que eu traga, e aí teve um comentário que bombou com muita gente curtiu a galera foi comentando, falando, Camila grava grava grava que era sobre ser alta. Então nesse vídeo eu vim trazer, calma aí, deixa eu contar. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove... dez, uns dez problemas de pessoas altas. O primeiro problema de gente alta, que todo mundo fala que você é alta e isso me irrita profundamente porque eu sei que eu sou alta as pessoas não precisam dizer pra mim que eu sou alta, gente, eu vejo no espelho. Eu sei que você vai querer saber a minha altura, sim, eu tenho um metro e setenta e nove, não arredondo para 80 porque eu não sou obrigado arredondar.

Imagina chegar a uma pessoa, 'Oi tudo bem:?! Tenho um metro e oitenta'. Não, gente, tenho um metro e setenta e nove e se a pessoa arredonda eu fico nervosa. E gente, sério, é horrível as pessoas ficam te lembrando o quão alta você é, e aí gente, as pessoas falam tanto isso, tanto isso que eu já não tenho mais aquela reação, tipo, 'Nossa é mesmo!', a pessoa fala você alta e eu fico, 'Hum e daí?!' Que você vai ganhar diferença na sua vida?! Pra que você precisa que eu saiba dessa informação que eu não sei?! Se tem uma coisa que me irrita gente é quando eu vou tomar banho na casa dos outros e o chuveiro não cabe dentro da altura, quer dizer, à minha altura não cabe dentro do chuveiro.[Camilla faz uma cena, demonstrando como é ficar mais alta que o chuveiro] .

Graças a Deus a minha casa é adaptada para pessoas altas mas é uma dificuldade gigantesca quando vou tomar banho na casa de alguém porque, ou eu molho meu corpo ou molha o cabelo, porque com esse tamanho aqui no chuveiro baixo e não dá para tomar banho. Um outro problema, gente, que eu na verdade não vejo como problema, mas muita gente vê como problema, não sei porque, é que pessoas altas não podem usar sapato alto. Quem disse?! Quem disse que eu não posso usar sapato alto?! Quem disse que eu não posso? Gente, vou mostrar pra vocês os meus sapatos, isso aqui é sapato de passista meu amor. Porque quando eu tacho isso aqui no pé incorpora aqui a globeleza. Aí você acha que vou deixar de comprar um sapato bonito desse, olha essa tamanca, porque eu tenho um metro e setenta e nove, olha isso gente, olha isso, fica um bebê no meu pé. Calma aí gente, me respeita, respeita a minha história. Muita gente que é alta tem vergonha de usar sapato alto gente, mas eu não tenho vergonha nenhuma, pra mim quanto mais alto melhor, que eu quero que a festa inteira me enxergue. Só que a grande questão é só o fato de usar sapato alto, a questão é achar um sapato que dê o seu pé e geralmente as pessoas que são girafinhas igual a mim calça a partir de 38 né,

38 ainda é pequeno pra quem tem um metro e setenta e pouco. Resultado, então a pessoa tá do 38 para a china, eu tenho um pezinho de anjo eu faço questão de mostrar a vocês aqui ó, eu calço 38, 38, mas pra ficar confortável eu compro um, ihh!!!! isso aqui é 38 também. Dá pra achar, agora, se você calça 40 eu só lamento por você. Agora eu vou mostrar pra vocês maior problema de pessoas altas, não achar calça que dê na perna. Sim, todas as pessoas durante a minha vida inteira falaram que minha calça estava pescando, gente, porque é impossível achar uma calça que dê nessa canela e não fique sobrando. O que que eu faço? Eu compro calça, dobro a barra e dou aquela enganada de leve pra parecer que a calça é curta mesmo, mas na verdade ela não deu em mim, meu sonho de vida, minha meta de vida era achar uma calça *flare*, vou botar aqui a foto de uma calça *flare* se você não sabe o quê é uma calça *flare*, mas era o meu sonho de vida achar uma calça *flare*. Você já andou de avião? Eu não sei se você já andou de avião nessa vida, mas eu já andei e só eu e minha perna sabemos como que é desconfortável andar de avião na classe econômica, porque na executiva eu nunca andei, mas eu acho que deve ser maior, porque na executiva pessoa até dorme, mas se você é pobre como eu, que anda na econômica, meu amor, você sofre. Mas aí, tem a dica da titia Camila, pra você não sofrer com a perna no avião né, além de você botar sua perna esticada ainda tem uma mesinha que abre, que às vezes não funciona, então dica da titia Camila, compre passagem que seja na porta de emergência porque ali tem um espaço gigantesco que vai dar para sua perna esticar.

Se você andar de avião, você não vá ao banheiro fazer xixi porque é bem provável que aconteça isso. Tem gente que vai falar, ai mas você quer reclamar de avião, de banheiro de avião?! Porque o banheiro de avião é naturalmente pequeno, sim gente, mas não dá nem pra fazer xixi dentro do avião porque o côco fique encostando no teto do avião porque é muito baixo, não dá nem pra fazer xixi direito no avião, então, se você viajar daqui do Brasil a Austrália sabe, 24 horas ai de voo, não vá no banheiro, segura o xixi ou leva um saquinho. Quer ver uma coisa que me irrita profundamente é eu me arrumar toda pra ir numa festa, com meus amigos na balada e na hora da foto pessoal querer que eu fique lá atrás porque eu sou alta. O que?! O que?! Você acha que eu sou louca produzir, gastar *look* inteiro, fazer minha maquiagem, pra sair lá atrás na foto?! comprar roupa na ferinha de 100 reais para ficar escondida atrás dos outros?! Deus me livre meu amor, na hora da foto eu vou lá pra frente. E quem reclamar ainda vai ouvir, porque eu não sou obrigada a ficar atrás de quem nasceu baixo, eu não posso fazer nada se eu sou alta, eu vou ficar na frente porque eu quero exibir um *look*. E foto gente, é uma coisa, assim, traumatizante, porque na hora de tirar fotos com meus amigos eu tenho que dobrar minha coluna, daqui a alguns anos não tiver problema de coluna

eu vou juntar todo mundo que eu tirei foto, que eu tive que dobrar ela, tá, pra me ajudar a pagar o plano de saúde lá na frente, que eu tenho que aqui óh, virar corcunda de notre dame para tirar foto com o povo que a gente tem que se agachar, porque que o povo não sobe num banco pra tirar foto com a gente é a gente que tem que ficar a vida inteira se abaixando na hora de tirar foto?!

Mas ser alta tem algumas vantagens, quando to no supermercado, quando estou numa prateleira o povo logo olha a minha cara e me pede para pegar alguma coisa em cima porque não alcança. Só que chega a ser irritante, porque as pessoas as vezes não faz nenhum esforço de esticar o braço pra pegar algum produto, algum produto em cima, ela já olha pra mim, aí você tem como pegar um produto, às vezes dá vontade de falar não, não da pra pegar não, calça uma tamanca e pega porque não dá.

Como lanchar numa lanchonete, numa praça da alimentação sem sentir dor na perna?!

Eu prefiro estar numa praça de alimentação e sentar sozinha, gente, do que sentar com alguém, porque toda hora eu vou deixar a canela da pessoa suja, porque toda hora eu vou ficar chutando ela de tão grande que a minha perna é, gente, porque não cabe.

Fica batendo na cadeira do lado então sento aqui e a pessoa tem que sentar la na outra ponta, porque se ela sentar do meu lado minha canela vai ficar esbarrando ela, chega a ser constrangedor porque toda hora eu chuto e tem que ficar, ai desculpa, desculpa, me desculpe. Agora deixa eu falar uma coisa pra vocês, não importa se você tem a canela fina, sua perna é de bambu, se você parece uma garça igual a mim, não importa gente, o importante é você gostar da sua altura, quer dizer, você não é obrigado a gostar da altura mas já que ainda não tem uma cirurgia, né, que de pra cortar as pernas e diminuir o tamanho, você não tem o que fazer, só aceitar. Tem gente que me manda mensagem falando, ‘ai mas eu não aceito a minha altura, não gosto de usar sapato alto’ Você não gosta de usar sapato alto porque?! Porque as pessoas vão falar da sua perna? Gente, eu tô nem aí, eu quero botar meu sapato lindo, bonitinho, maravilhoso, que eu gosto, que eu acho bonito e usar e eu quero que todo mundo esteja na festa me veja, pessoal vai falar, nossa aquela menina é alta gente, quando eu chego na festa eu sou a primeira pessoa que o povo vê porque já sou alta, estou com meus sapatos gigantes, a cabeça aqui, entendeu, todo mundo vai me enxergar então não tem porque eu não gostar da minha altura.

[Diálogo entre Camilla e um mulher não identificada]

Camilla: Vai, fala... Olha só quem esta do meu lado, tendeu, qual a sua altura?

Mulher não identificada:Um e quarenta e seis gente!!

Camila: Gente olha isso, a menina chega do meu lado e eu, gente cadê ela

[fim do diálogo]

Camilla: Então me conta aqui nos comentários do vídeo, de todos os problemas de pessoas altas qual é o seu maior problema?! Gostaram desse tipo de vídeo? Deixa um *like*, vai me seguir no *Instagram*.

Até a próxima e um beijo!

#### 4. FINGI QUE ERA UMA KARDASHIAN NA RUA E OLHA O RESULTADO

Olá pestes, tudo bom? Acabei de acordar, sim, é nítido que vocês vão ver que eu acabei de acordar. Será que vocês vão sentir meu bafo daí?! Calma gente, deixa eu respirar primeiro porque a gente acorda, o corpo levanta mas a mente ainda ta... Eu acordei aqui, gente, tive uma ideia que eu falei assim, ‘hummmm, vou me transformar numa Kardashian!’

Só que aí eu pensei assim, ‘as Kardashians não são pretas, a Kim Kardashian é branca então acho que não vai ficar muito igual’, mas ai, eu lembrei que vem uma nova geração de Kardashian meu amor, preta!! Porque, gente, eu não sei se vocês sabem mas lá nos Estados Unidos a partir do momento que uma pessoa branca tem um filho com uma pessoa preta e essa pessoa, essa criança nasce, automaticamente a criança, mesmo que a pele dela seja clara, a criança é preta!!!

Ai eu lembrei que a Kim Kardashian tem uma filha que é a North West!! O que que é North West? North é norte!! Cansada. Ai eu pensei assim, vou me transformar em quem? Na North West, essa criança linda que tem cara de atentada. Mas não basta me transformar a North West, eu vou me transformar na North West adulta! É adulta que se fala? Adulto, mais velha. Então chegou a hora! Ai, essa luz não tá me favorecendo per aí!!

Então chegou a hora, bora virar, vão bora virar uma North West, porque só falta ter a conta bancária dela. Como será a North West adolescentes gente? A bicha deve ser metida, nojenta!! Aquela criança, você olha você fala, ‘Ihhh, criança mimada. Imagina uma adolescente que... Não, a garota deve falar assim oh!! Adolescente. Ahh, deixa eu ver um *look* já que minha empregada num veio pra escolher pra mim, não gostei de nada aqui, mãe quero 100 mil dólares para comprar um *look* novo. As filhas das Kardashians devem ser assim gente, mas enfim, deixa eu me arrumar.

Será que ela acordaria assim com esse treco na cabeça de uma equitação capilar?! Provavelmente não!

Acabei de tomar banho, tá suas pestes? Porque depois vem o povo no comentário falando; ‘Ah lá, Camilla acabou de acordar e não tomou banho’. Tomei, tomei sim porque eu sou cheirosa, e falar em cheirosa, vai faltar água!! Gente agora que eu lembrei, vai faltar agua na

minha cidade. Olha, pra vocês verem que eu não tô mentindo, vou colocar um aviso aqui do lado. Gente, agora que eu lembrei, tem que encher o negócio, ai que ódio! Tem que encher um balde, vai faltar água por três dias.

Ai gente, eu já estou aqui pronto pra fazer a *make*. Primeiro vamos pra *make* porque o cabelo minha filha vai ser surpresa. Então vamos lá né, pra fazer make eu peguei umas referencias com quem?! *My mommy*, sim, minha mãe kardashinha, Kim Kardashian. A maquiagem que a minha mãe usa, gente, é uma make assim basiquildes mesmo, quase nada. Como vocês podem ver, nadinha no olho, tipo, com aquela cara de ai eu nasci assim e a boca um *gloss* pra aumentar, fazer aquele bocão, então, desse jeito. Aqui olha eu com a minha mãe, que fofa, também no olho quase nada e a boca também. Olha, gente, então essas são as inspirações de *make* que eu peguei da minha mãe, aqui de vez em quando ela está com um bocão vermelho tá, mas geralmente é olho nada e boca nada.

Então gente, pra fazer essa make vamos, começar pela pele tá, eu vou usar aqui 2 produtinhos. Primeiro que eu vou usar essa base da *Ruby Rose*, que tem vídeo aqui no canal, que eu fiz resenha dela, como eu falei pra vocês, eu não vou desperdiçar minha base, que eu paguei 14 reais nela, não vou jogar fora, vou aproveitar. Eu falei pra vocês que ela tem uma base que reboco, que eu gosto, só que a cor deixou a desejar então você vou ter que fazer uma misturinha, então colocar um pouquinho dela, uma base mais escura, de outra marca, para poder chegar no meu tom. A outra base que eu vou usar é essa aqui da *Nyx*, ela é um pouquinho só mais escura que a minha pele, então vou usar ela junto com essa da *Ruby Rose*, pra poder tentar chegar no meu tom, né, vamos ver se dá certo. Gente uma Kardashian de verdade, [nossa eu botei muita base] tem que ter uma pele de princesa, pelesinha de porcelana então vamos tacar bastante base ó. Eu acho que ainda está um pouco mais clara que o meu tom de pele, mas aí eu vou tentar ir acertando com o contorno. Gente, eu não sou de usar tanta base assim ó, eu estou me sentindo, olha aqui gente quanta base, não eu vou devolver isso aqui ao pote, vou devolver, é muita base, minha cara não vai aguentar usar isso tudo aqui de base, não, que, mais gente to raspando a pele aqui, devolver ao pote, vou desenvolver aqui, é muita base, dá não. To fazendo besteira. [Grito] Vou ficar andando com a cara dura. Gente, eu to parecendo um fantasma, olha isso. [Risos]

Agora vou vir ascender essa sobrancelha né porque eu taquei base a bessa que quase sumiu minha sobrancelha gente, vou dar só uma leve ascendida nela aqui. Falei pra vocês que o olho é uma coisa leve né, então eu vou vir com, oh, essa paletinha aqui clarinha, da *Ruby Rose*, e vou vir passando aqui um corretivo mais claro porque eu vou passar uma sombra marrom,

senão a sombra não aparecer. Vou com essa paleta da Luisance e eu vou usar essa corzinha aqui ó, que é mais aberto ta vendo?! Bem cara da North West.

Eu acho que a North West, gente, vai ser assim bem piriganha, sabe, assim, mas ousadinha, abusada, porque a bicha já é abusada né gente, criancinha daquele tamanho já tem a cara do afronte, já é afrontosa, então ela vai ser ousada porque pequenas ela já usa uns looks que eu fiquei assim, meu Deus do céu. Uma coisa de leve, a cara da Kim Kardashian é, tô maquiada mas ninguém precisa saber disso. Agora, pra dar um glowzinho, eu vou vir com essa sombra aqui ó, é linda gente, essa cor, a paleta também é da *Ruby Rose*, vou ir passando aqui assim, bem singela.

Gente, será que a North West vai fazer a própria maquiagem?! Duvido. Ela vai é contratar o povo pra fazer uma maquiagem dela, duvido que aquela criança vai se maquiar. Ela vai ter o maquiador a disposição dela 24 horas. Ai, quero ir ali comprar um hambúrguer no McDonald, vai fazer uma maquiagem. Quero ir ali fazer coco, vai ter um maquiador pra maquiar ela.

Você piscou e eu já voltei aqui, ó, de cílios postiços colados, agora vou passar aqui ó, o lápis branco, na linha d'água e agora gente, vou passar a sombra preta aqui em baixo. Ai, que *make* de garota! Vou agora, aqui ó, passar um corretivo aqui em baixo fazer o contorno da Kim Kardashian. Que barulho nem se na rua?! Meu Deus!

Passar aqui em baixo pra fazer, pra dar uma iluminada, gente ignora o barulho aqui, entendeu, da rua, que o povo resolveu fazer a obra logo agora. Kardashian que é Kardashian tem que ter contorno. Agora gente eu vou vir com esse corretivo mais escuro aqui pra fazer uma cirurgia no nariz que filha Kim Kardashian, certeza que vai querer fazer um contorno no nariz porque todas as Kardashian tem, com pó banana, que isso daqui gente, Kim Kardashian que fundou esses contornos na cara, ó, passo um pó bananinha em baixo, o, pra ficar bem branco e agora vai pó compacto, ó, zaga e tale. Agora o blush, gente, é quase nada tá, sem mostrar que tal de blush, ó, só uma poeirinha, entendeu? De leve, pronto, já foi o blush. Agora meu amor, se o blush é quase nada, isso aqui é tudo. Iluminador. Vou passar com esse pincel de blush mesmo aqui, agora gente, na boca eu vou passar um lip tint, só pra dar uma corzinha na boca, eu to viciada em lip tint, se vocês quiserem, eu posso fazer um vídeo com os meus lip tints favorito. Eu sei que vocês estão se perguntando, Camilla mas agora o que você vai fazer com seu cabelo? Meu amor, eu falei que vou me transformar numa filha de Kardashian e filha de kardashinha tem que ter O que? Cabelão preto. Todas as Kardashian já tiveram essa fase do cabelão preto, na verdade elas tinham várias fases né, cada dia elas estão um cabelo diferente mas o mais marcante é o cabelo preto. Kylie, Kendall, Kllhoé, Kourtney e a Kim, todas já tiver o cabelo preto e eu acredito que a North também vai passar por essa fase. Queria muito, gente,

que a North usasse os cachinhos dela, mas lá nos Estados Unidos as mulheres usam muito cabelo liso, mas tudo bem né, então vamos incorporar aqui na North, estou com a minha peruquinha lindíssima, gente ao tamanho da sua peruca?! É muito cabelo.

Gente, coloquei essa toquinha pra poder dar uma escondida no meu cabelo, eu tenho muito cabelo e agora vou tentar colocar essa peruca Aqui. Ahh meu Deus!!Gente, olha isso, é muito cabelo, deixa eu passar uma prancha porque esse cabelo ta bem rebelde.

Gente já estou com meu cabelo de Kardashian, olha só essa peruca, gente não, olha só, olha só gente o tamanho dessa peruca é muito grande.

Já estou aqui com o cabelo da North West, taquei aqui um brinco e agora vamos pra O que gente, pro look ne, porque North West é abusada então eu pensei num vestidinho bem justo desse tamanho com uma estampa de cobra, vou mostrar pra vocês. Então gente, pra pensar nos looks, é óbvio que eu tive que seguir a linha do que as Kardashians usam. As duas referencias de estilo que eu peguei foram da Kim e da Kylie, ta, porque a Kylie já é um pouco mais jovem que a Kim. A Kim, gente, gosta de usar uma roupa assim mais lisa, tá, poucas são as roupas estampadas que ela usa, olha esse verde limão, bem chamativo, mas ela também vai para uma linha um pouco mais básica, sabe, esportiva, sabe, chiquezinha, tipo assim, cinza um bege, mas olha esse *look* gente. E ai, pra dar aquela coisa mais chique no *look* ela taca uma tamanquinha ali, com salto gigantesco e as vezes ela usa umas roupas meio extravagantes que eu fico assim, meu Deus do céu!!! Às vezes ela dá uma ousada, tipo esse *look* aqui, esse rosa aqui que bombou gente, várias pessoas mandando a costureira fazer um *look* parecido com esse, então a minha inspiração veio texto desse *look* daqui, desses vestidos mais justinhos que ela usa.

Pra eu trazer a cara da North West, eu peguei uma estampa, porque eu vi esse vídeo aqui da North que ela tá com essa estampa de animal e aí eu falei, ops! Vai ser minha inspiração, pra esse *look* eu lembrei que eu tenho um vestidinho, olha, vou voltar de novo, a estampa do *look* dela, ta vendo, é bem parecida com o meu vestido, que é esse aqui, então eu resolvi juntar as duas coisas num *look* só.

Gente, olha só o vestido! Meu Deus, North West! Então eu vou colocar aqui o vestido pra vocês verem.

Pessoa não identifica (1) filmado: Não é não.

Camilla: Olha a chave do meu carro. Vão bora camera, ta muito devagar.

Pessoa (1): Não sou camera.

Camilla: Essa aqui é a minha mansão que eu herdei da minha mãe Kim Kardashian.

[Latidos]

Camilla: Olha o cachorro vindo aí. Filma.

Pessoa (1): Cade seu carro?

Camilla: O que?

Pessoa (1): Ué, porque você tá com a chave de casa?

Camilla: Eu sou rica.

Pessoa não identificada (2): Que isso hein, tá igual a índia Potira hein.

Camilla: Eu to igual a filha da Kim Kardashian, olha o cabelo?

Pessoa (2) Até depois.

Camilla: Olha O que você tá fazendo?!Gente, meu camera é muito ruim.

Pessoa (1) Não é não.

Camilla:E aí?

Pessoa não identificada (3) Camili.

Camilla: To parecida com quem?

Pessoa (3): Com a Beyoncé

Camilla: Ahh, caraca!

Pessoa (1): Ali é sua mansão?

Camilla: Cê tem que saber filmar meu *reality show*

Pessoa (1) Eu não sou *reality show*

Camilla: Você tem que produzir meu *reality show*

Pessoa (1) Mas eu não sou *reality show*

Camilla: Então gente, essa aqui é a rua do...

Pessoa (1): E você não é um *reality show*

Camilla: Essa aqui é a rua do meu condomínio

Pessoa (1): Você se acha

Camilla: Quem se acha?

Pessoa (1) Você

Camilla: Eu não to perdida pra me achar

Pessoa (1): Tá sim

Camilla: Tô nada. Vai, tira minha foto agora

Pessoa (1): Qual é a sua mansão

Camilla: Não vou mostrar minha mansão, pra que você quer ver minha mansão?

Pessoa (1): Porque eu quero ver

Camilla: Vamos, que vai passar uma moto aqui eu vou perder meu celular, eu vou ser roubada. Vem que eu vou mostrar pra vocês o meu carro. Porque filha de Kim Kardashian gente, tem que ter um *Jeep*. Vem que eu vou tirar foto no carro dos outros.

[*Close* final com Camilla encarando a câmera, mostrando sua maquiagem e peruca]

## ANEXO B – Transcrição canal Gabi Oliveira

### 1. TESTANDO NOVIDADES FENTY BEAUTY | DePretas

Gabi: [em 0'01''Introdução em Preto e Branco]... Não sei explicar... Pra que eu tô fazendo vídeo, então, né? A ideia é eu explicar pra vocês o que acontece... Já foi o suficiente, já comprei essa esponjinha que não presta, já tá bom! [em 0'09''fim da introdução] Oi gente, tudo bem com vocês? Voltei, né, mores?! Vocês já devem ter visto no título qual é o conteúdo do vídeo de hoje. Sim, vou testar os meus produtos novos de Fenty Beauty, com vocês. Eu estou super animada pra fazer nesse vídeo, eu postei lá no stories, no *Instagram*, que não me segue no *Instagram*, vai aparecer aqui em baixo meu *Instagram* e minhas outras redes sociais também. Postei lá falando que tinha, né, deixado todo meu dinheiro na Sephora... Mas não foi todo meu dinheiro. Já adianto que eu separei, em casa, as coisas que eu iria comprar, então já levei o dinheiro, assim, na conta, sabe? Trocadinho pra loja, pra não chegar lá e comprar um monte de coisas por impulso, por que isso acontece muitas vezes. Você entra na Sephora e aí você quer, assim... Você vai testando umas coisas, a vendedora vem trazendo outras, aí você vai se envolvendo, se envolvendo... Quando você vê, vai gastar todo seu dinheiro, da sua viagem lá. Para quem não sabe, os produtos da Riri (Rihanna) ainda não vendem aqui no Brasil, então por isso que só viajando pra comprar ou uma pessoa próxima a você indo viajar e ela pode comprar pra você... Ao mesmo tempo é bem difícil outra pessoa pra você, por que são muitas opções de base, de corretivo, e aí a chance de dar tudo errado era tudo que eu tinha... Só quem cresceu na igreja vai entender essa. Mas se você quiser tentar, né? É uma opção sua. As coisas não são muito baratas... Assim, a média de preço... Não tem no Brasil! Mentira! Mas é tipo *mec* assim... Nunca lembro se é *mec* ou se é *mac*. É tipo *mac*, assim, sabe? Nesse... Nessa faixa de preço. Uma das coisas que eu comprei foi a base, mas a base já tem resenha aqui no canal dessa base, quando eu comprei pela primeira vez. Então eu só, assim, renovei o meu estoque. Mentira, só comprei um. Quem vê assim, falando que renovou o estoque, parece que eu comprei mais 5. Não, só comprei uma, porque, queridos, gastei muito nas outras coisas. Mas, já adianto, só para vocês terem uma noção, no outro vídeo eu tinha comprado duas dessas e durarão até agora ela. Ainda tem um pouquinho ainda da antiga, bem pouquinho mesmo, já está acabando, tem que ficar apertando, apertando, apertando... Mas aí, então, a gente pode ter uma noção que, pra mim, que usa sempre base, sempre... O quê? Tem quanto tempo que eu voltei de intercâmbio? Sei lá, gente... Tem um ano e meio que eu voltei? Então, eu viajei em dezembro de 2017 e voltei em março de 2018, então durou um

ano dois negócios interesses [mostrando a embalagem do produto nas mãos] pra alguém que usa a base, pelo menos, três vezes na semana, quatro mesma semana... Os preços vão aparecer aqui na tela pra vocês, porque eu não lembro de cabeça, mas tem que lembrar sempre que lá nos Estados Unidos, se você for comprar por lá, tem ainda os impostos. Eu estava em Boston dessa vez e o imposto lá era 6% mais ou menos, então tem que acrescentar esse valor. No final, quando vocês verem enquanto que deu tudo, vocês vão ficar um pouco chocadas, porque eu também fiquei um pouco chocada. Mas eu trabalho com isso, aí né? Eu sei que esse vídeo vai dar dinheiro... Então já dá um *like* aqui nesse vídeo, pra esse vídeo me render dinheiro, visualização, pra eu pagar essa conta aqui. Vamos aos produtos que eu comprei, vou começar pelos produtos de rosto, porque, sim, também comprei esse produto aqui pro corpo e esse pincel vai passar o produto no corpo. Só comprei pelo status mesmo esse pincel. Porque... Poderia passar com a mão? Poderia! Mas eu achei bonito, vou ficar igual ao tutorial da Riri lá pra Vougue, sabe? Que ela faz aquele negócio assim... [Entra vídeo de Rihanna passando o produto com o pincel – os dois produtos Gabi comprou] Vou fazer igual, com vocês, é isso. Vou passar a base já com a esponja. Eu comprei A esponjinha da Rihanna, eu já precisava comprar uma esponjinha mesmo, porque as minhas tinham apodrecido, então aproveitei comprei da Rihanna, caríssima! Bota o preço aí na tela [aparece nome e preço do produto na tela: Precision Makeup Sponge – \$16] não lembro quanto foi, mas foi cara. Pronto, esponja molhadinha, já. Deu uma inchadinha, como vocês podem ver, né? Vou deixar até um pouquinho aqui... E agora eu vou passar a base, pra servir como base para os outros testes, porque eu comprei dois corretivos, um pó, iluminado não comprei outro, gente. Gente... Sério, não dá, é muito caro. E eu não achei, sinceramente, na Fenty Beauty, o que eu percebo é que tem uns iluminadores bem diferente bem assim... Mas eu não gosto muito de comprar coisas que eu não vou usar, amores. Eu não ia usar aquelas coisas verde, azul... Não ia usar. Então eu pensei, eu não vou comprar isso. Me desculpa, eu sei que vocês gostam de teste, sei lá, assim... Não sei, gente! Vou colocar aqui a minha base, [*soft matte* – 430 – \$32] eu tô indo pro dermatologista depois desse vídeo aqui, então passar assim, vou passar... Essa esponja aqui está muito molhada... Ih, não gostei, não, gente, de passar com a esponjinha, não. Um detalhe que essa base da Rihanna, a sua pele precisa tá bem hidratada, principalmente se você, assim como eu... Tô cagando tudo, meu Deus! Que erro! Calma aí... Desperdício! Gente, eu não gostei dessa esponja, não. Que isso, Riri? Calma aí, vou pegar meu pincel, gente. Eu não gosto muito de passar essa base da Rihanna sem passar um óleo baixo da pele, porque eu acho que ela fica muito mais natural com oleozinho. Eu tô com o hidratante, mas mesmo assim, eu não sei se vocês conseguem ver, eu acho ela seca demais. Do outro lado eu vou passar óleo.

Seja o que Deus quiser, essa maquiagem! Pra vocês verem a diferença. Como vocês podem perceber, não gostei da esponjinha.... Tá tudo muito seca... Não sei se quem tem pele oleosa bote dessa sensação, mas pra mim ela fica um pouco seca demais. Ela uniformiza bem com o meu pescoço, mas...Ó, deixa eu passar esse óleo, aqui... Eu gosto desse óleo aqui, de Natura... A minha cor dessa base, que eu uso, ela é 430. Deixa eu mostrar aqui, desse lado pra vocês... Dizem que não é bom, eu estava vendo um vídeo da Maráisa Fidelis e estava falando que não é bom encostar e pita, pipeta, sei lá, no rosto, né, gente. Mas, aqui a gente vai encostar... Já está acabando mesmo, não tem mais nada pra estragar. Eu tô esfregando a cara, né? Já. Lembrando que esse vídeo aqui não é um vídeo resenha, é só um vídeo de primeiras impressões, teste... Então, relaxa! Posso passar por tudo que eu quiser na minha cara. Nossa, mas eu definitivamente não vou usar a esponjinha, pelo menos não com essa base. Ou também estava muito molhada, não sei. E fora que, com o óleo a sua base vai render muito mais. Se você tem pele seca, ou sua pele já produz bastante óleo, você vai espalhando assim, ó, a bicha flui... Gente, toda esponja dessa é pra molhar, né? Será que não era pra molhar? Não sei... Não sei o que aconteceu, não. Mas vocês estão vendo que é esse lado aqui fica com muito mais cara de pele, está vendo, ó, do que esse? Quem gosta desse efeito um pouco mais seco, tudo bem, também; mas eu gosto mais desse efeito mais iluminado. Deixa eu só passar aqui, que vocês reclamam que eu não passo negócio no olho. Nem corrigi a minha sobrancelha, nem nada... Passar assim a esponjinha, só pra... Gente, olha só, tá marcando tudo aqui, ó. Não acredito que eu gastei meu dinheiro nessa esponja. Rihanna, pelo amor de Deus, não faz isso comigo! Foi o preço de duas daquela outra marca. Não na Beauty Blender, não, dá laranjinha que eu gosto. E eu nem comprei a laranjinha. Desculpa, gente, o desabafo, mas é porque eu odeio gastar dinheiro com coisa que não funciona direito. Base no rosto todo, agora vou passar... Calma aí, eu nem corrigi a sobrancelha. Vou corrigir a minha sobrancelha porque eu fico nervosa, assim, sem corrigir a minha sobrancelha, gente, com a sobrancelha sem corrigir. Do jeito que você quiser, pra cima, pra baixo... Mas, tá vendo? Tá tudo cheio de base aqui, fica horrível, não aparece... Nossa, corrigi igual a minha cara! Mas tudo bem, eu vou ter que tirar isso tudo mesmo, pra ir na dermatologista. Sim, estou gastando esses produtos só pra gravar esse vídeo, mas vamos lá. Aí, agora, eu vou fazer o quê? Vou usar o corretivo que eu comprei [Instant Retouch Concealer – 400 – \$25] comprei na cor 400. O corretivo é na Fenty Beauty. Minha base é 430, então eu comprei o corretivo 400. Da onde eu tirei essa lógica? Não sei... Só cheguei lá e falei, acho que esse daqui vai funcionar, espero. Por favor, por favor, funcione! Eu vou ele aqui, primeiro, na parte que é pra usar o corretivo, né? Ai gente, a chance de dar tudo errado... O bom dessa coleção é que eles lançaram, eu acho que, para cada

cor de base tem uma cor de coletivo; já assim sequencial, sabe? E tem muitos tons escuros também. Pra fazer o contorno escuro eu cobrei 490 [Instant Retouch Concealer – 490 – \$25] Vou testar tudo assim, sim. Me deixa! Ai, calma aí... Ai gente, nem sei o que eu tô fazendo... Nem corretivo dessa cor aqui, pra mim... Eu tô colocando o contorno tudo errado... Quem não gosta de contorno também não precisa fazer... É isso. Eu estou achando um pouco claro ainda, sei lá, pra essa parte... Poderia ser mais escuro. E deixa eu mostrar aqui, pra vocês, a cor. É, nossa, que blogueira sou eu? Demonstração da cor pra vocês, ó. Fora do meu rosto. O mais escuro... eu querendo gastar pouco... O mais escuro aqui, que é o 490 e eu acho que essa é a última cor, é a última cor que tinha lá. Logo, meninas mais escuras vão ter problema pra fazer o contorno escuro, mesmo com Fenty. Como é que é, Riri? Tem que lançar um pouco mais escuro, porque a menina que é 490 não vai ter corretivo, né? E esse daqui é o 400. Agora, eu ia usar a esponjinha aqui, pra fazer essa parte, mas eu estou com medo de... No corretivo escuro eu vou usar esse pincel aqui, que eu gosto de usar... Limpando o pincel aqui. Nem sei se esse pincel é de corretivo, deixa eu ver aqui. É de base esse daqui, mas tudo bem. Lembrei que eu não devia ter passado esse aqui, porque eu comprei uma parada que lançou agora, que eu achei que era pó, mas aí, depois que eu cheguei em casa, eu vi que era *bronzer*... O pó eu não comprei, olha só. Na verdade, o pó eu mal vi lá. Já gosto desse coletivo, por motivos de deixar brilhoso. Eu amo coisa que deixa o brilhoso, assim... Não é seco igual à base. Arrumando um pouco a testa, com os dedos... Ah, eu fiz besteira, porque a outra coisa que eu vou testar com vocês, o *bronzer*... Fiz errado, gente, porque aí cês não vão conseguir ver o efeito do *bronzer*, porque eu passei esse negócio aqui... Vou tentar aqui de novo, com a esponjinha, ela já deu uma secadinha, vamos ver. Passar logo pra cima, porque eu acho que eu passei muito muito corretivo claro... Quando eu passo com o pincel eu gosto mais do que quando eu passo com a esponja... Essa esponja, ela deixa muito grudado, sei lá... Não sei explicar. Pra quê que eu tô fazendo vídeo então, né? A ideia é eu explicar pra vocês o que acontece. Sinceramente, eu não sei. Se alguém já usou a esponjinha e gostou, me avisa. Se eu fiz alguma coisa errada, se não era pra molhar tanto... Ó, tá vendo? Olha só como tá aqui em baixo do meu olho, essas linhazinhas aqui... Mas já gostei do coletivo também, porque também traz esse iluminadinho. Gente, eu amo isso. Eu odeio pele esturricada. Essa é uma nova técnica, como vocês estão vendo. Essa parte aqui, ó, tá vendo? De baixo do meu olho, eu não sei como sai... Mas gostei bastante da textura, valeu a pena. O corretivo valeu a pena, esponjinha não posso dizer o mesmo. Mas o corretivo super valeu a pena, porque é um corretivo que eu vou usar. Tanto o escuro, gostei, espero que não transpira muito... Também gostei do claro. Aí, vamos ao *bronzer*, que eu comprei [mocha mami – *bronzer* – \$100] essa

cor aqui, *mocha mami*, *mócha mami*? Não sei como fala... Mas, se vocês olharem aqui, ó, ele é bem, bem avermelhado [Gabi mostra o produto, de forma que o mesmo ocupa toda a imagem] deixa passar a mão pra vocês... Muito, muito! Nunca tinha visto essa cor aqui. [Mostrando o produto aplicado na ponta dos dedos]. Tá vendo que ele é bem avermelhado, assim? Nem sei como usa isso, né? Eu tinha comprado como se fosse pó escuro. Aí corretivo escuro conhecemos eu já passei aqui. Vou usar também como o sombra, né? Porque essas coisas assim, cara, meu filho, tem que usar como tudo, tem que servir pra fazer tudo que você quiser. O detalhe é que a embalagem é di-vi-na! Sério, nesse aspecto Fenty Beauty ARRASA! Arrasa demais. As embalagens são perfeitas, sem defeitos. Linda demais, olha só. [Gabi mostra algum dos produtos que ela comprou da marca] O *gloss* também... É tudo lindo. Tudo sujo, né? Depois... Mas, assim... Vou pegar esse pincel aqui e vou passar aqui, ó. Tem que passar... [Gabi maquiando o olho]. Não, não é esse... Esse é de que, gente? Esse pincel aqui é de côncavo, não é pra isso. Eu acho que esse daqui é de depositar, então vou tentar usar um *bronzer* aqui também, pra fazer tudo com ele, né, mores? Vou ter que usar isso, essa desgrama. Bonito, ein? Como sombra, ein. Nossa, gostei, já. Ah, falando em sombra... Por que eu não comprei a paleta? Primeiramente, *money*, né, queridos. Mas, assim, eu poderia ter levado o dinheiro pra comprar a paleta, mas a paleta da Fenty Beauty, assim, não tem cores que eu goste também, sabe? Não tem... Não tem nada que me chame a atenção, e eu acho tudo muito brilhoso, e tal... Muito diferente, assim, não é muito a minha vibe. E eu também vi que a qualidade não é, assim, lá essas coisas, não. Sabe? Não é tão pigmentada... Não é nem... Não é que não seja pigmentada, não é essa a palavra. É que o pessoal fala que, como tem muito glitter e não sei que, é mais aquela coisa de diferente, sabe? Das cores diferentes, do que, necessariamente... Dos *glitters* diferentes e tal, do que, necessariamente, qualidade de pigmentação e etc. Então não comprei. O que eu comprei foi uma paleta da Catharine Hill, que é nacional, né? Eu queria muito uma paleta com cores vivas, tipo amarelo e tal. E lá na Sephora eu procurei e a moça falou que não tinha, não. Lá não tem. Aí eu falei, nossa, no Brasil... A gente tem que mudar o ditado, né? Não tem nos Estados Unidos, porque no Brasil tem! Catharine Hill. Vou dar uma esfumada, igual a minha cara, como vocês já sabem... Derrubei tudo aqui, calma! Meu corretivo caiu, minha filha. O corretivo não pode cair, não. Já funcionou bem como sombra. E aí eu vou usar esse iluminador aqui que eu já tinha [Trophy Wife \$36] que é o *trophy wife* só pra dar uma iluminadinha aqui no olho. Eu amo esse iluminador. Fazer uma linhazinha aqui assim, ó. Bem garota! Eu indo lentamente... Bem garota diferenciada, minha filha. Pra onde eu vou assim? Meio dia! Pronto, passar um rímel... Nem vou botar cílios postiço, para não desperdiçar cílios. Passar rímel mesmo só pra passar,

porque... O bom que eu estou fazendo o resto da maquiagem e estou percebendo como corretivo tá na minha pele. Essa parte aqui, vocês podem ver, eu não passei o óleo, e ele é bem molhadinho. Engraçado que a base eu acho muito, muito, seca; o coletivo eu já achei bem molhado, ó. Passei o rímel, e aí já é bom pra não ver como o corretivo está se adaptando à minha pele, e olha só, eu acho que pra quem gosta de pouco brilho, assim, não sei se esse corretivo funciona, porque olha só; não sei se vocês conseguem ver aqui ó, conseguem ver? Está refletindo bastante luz, e essa é a parte onde eu não passei o óleo por debaixo da base. Olha essa parte aqui onde eu passei, olha só como está iluminado. Eu gosto desse aspecto, eu gosto desse aspecto porque eu acho que deixa mais natural, mas pra quem não gosta, não sei se vai rolar. Aqui também, ó, está vendo? Tá bem, bem, iluminado. E não é um corretivo rebocado, não, assim. Você consegue ver ainda o seu rosto, sua olheira e tal. Eu acho que se você quer um aspecto mais pesado, você vai ter que passar um pó. Eu vou passar um pó depois. Eu vou clarear um pouco aqui em baixo também, eu sempre esqueço de fazer isso, as vezes... Às vezes, sempre... Dar uma clareada aqui, ó. Eu não sei também se foi a esponja, pode ser isso. Eu acho que eu passei o corretivo claro com a esponja, e aí pode ter sido isso, também, que deixou ele com uma cobertura mais baixa. Eu acho que essa esponja aqui, agora que ela tá secando mais, ela tá ficando um pouco melhor, assim, mas antes, ela mais molhada, estava muito tirando o que eu estava passando. Agora, definitivamente, ela está se comportando melhor. Se eu passar mais um pouquinho de corretivo aqui? Tô inventando, mas é porque eu quero saber... Deixa eu passar só mais um pouco de corretivo, pra ver se ele consegue formar uma camada que deixar um pouco mais de cobertura. Fazendo uma cara assim, ó... É que o espelho está assim. Tá dando um pouco errado, agora. Calma aí, calma que eu vou corrigir. Gente, sempre dará jeito, sempre daremos. Não deu muito certo essa história, gente. Dá leves batidinhas... Aqui na Internet a gente tem que fazer cara de paisagem, fingir que... A, gente, é a minha nova técnica, esse daqui. Sempre soube que ia ficar assim, sempre soube que ia dar errado. Mas não deu errado, errado, não. Já tá assentando, eu acho. Pegar esse pincel aqui, de detalhe, vou fazer um acabamentozinho aqui em baixo. Nossa, vou ficar gata! Diminui um pouco a luz aqui, porque eu acho que tava muito claro, talvez, não sei. Gente, tô bonita, sabia? Tô gata, olha! Ai, ai, gente... Desculpa. Porque a gente também está testando essa luz agora, então, assim, ficou meio estranho no início, me perdoem. Eu acho que estava muito claro antes, não sei... Não sei, mores. Não sei o que aconteceu. E aí, agora eu acho que ainda tá com muito brilho aqui, então vou passar o meu pó, que é da Laura Mercier, só pra dar uma secada... Não, acho que deixar passar o pó no final né? Porque isso não importa, vocês estão aqui pra ver Rihanna. E aí, o que é que tá faltando passar? Ah, isso

daqui, na sua função original. Tem o pincel da Rihanna, que ele é específico para isso, que ele tem o buraquinho assim, no meio, que ele deixa você passar que sim, ó, sabe? Nesse buraquinho [Enquanto fala, Gabi aponta para as maçãs do rosto]. Mas gente, já foi o suficiente! Eu já comprei essa esponjinha que não presta, já tá bom! Não queria tirar o meu iluminado. Vou bater assim, ó, no, no... *bronzer*... Nem sei aonde passa esse *bronzer*. Não sei se é aqui... Acho que é aqui, tipo blush. Como que a pessoa passar blush, *bronzer*, contorno? Gente! Eu passo tudo no mesmo lugar. Aí eu vou passar o iluminador onde? Não sei! Vou passar como blush isso daqui. Eu não tô acostumado a usar blush, sinceramente. Eu também nem tirei o excesso... Todo maquiador faz assim, tira o excesso. Eu já passo logo na minha cara, já fica logo um... Nossa, não gostei disso, não. Não gostei. Mas como sombra ficou muito bonito. Olha só. E aí, o que vocês acham? Me digam. Tá vendo? Olha só! Esse vermelhão aqui, não gosto... Por isso que eu não gosto de blush. Calma aí, deixa eu passar... Deixa eu esfregar um pouco. E aí deu muito contraste aqui com o olho... Deixa eu passar um pó... Desesperada, agora! Vou dar um jeito nisso aqui. Esse pó meu é da *Laura Mercier* esse é o *medium deep*. Caraca, eu tirei até o negócio do olho... Tô sabendo usar essa esponja, não. Gastei meu dinheiro com você à toa! Eu amo esse pó, principalmente pra vídeo, né? Normalmente, no dia a dia eu não uso, não. Às vezes eu vou usar... Se você gosta de um corretivo mais rebocão e mais sequinho, esse coletivo não é pra você, esse da Rihanna, definitivamente. Ele é bem brilhoso, e também ele... Eu acho que o *bronzer* é mais aqui em baixo. Deixa ir até o final, calma que vai... Tirar excesso, aqui... Eu, depois dos 20 e pouco, esse negócio aqui vive marcando... Pouco não, depois de 20 e muitos, que eu já estou com 27. Essa linha aqui vive marcando. É o bigode chinês, né? Que fala, sei lá. Sei lá o nome disso daqui. Aí tem que passar pó aqui. Bem natural! Não comprei o pó e comprei esse *bronzer*, já tô meio arrependida. Se fosse nos Estados Unidos, se eu estivesse lá, ainda, dava pra devolver, mas eu quis testas em vídeo, é isso, né, querido. Deixa só o pó assentar, pra eu tirar o excesso, pra passar o *gloss*, que dessa vez eu comprei, eu não tinha comprado antes, e o que mais mesmo que eu vou passar, gente? *Botty lava*? *Botty lava*, o nome, eu acho.... Eu acho que é assim que fala. Eu vou passar, vamos ver se esse brilho.... Vamos ver se eu vou brilhar mesmo, como a Rihanna. Ainda estou nas funções de tentar ajeitar isso daqui, mas como eu passei o pó tudo errado, vou fazer aqui de novo, meu olho... Que eu dessa vez, deixou a minha cara um pouco mais seca do que eu gosto também, mas enfim, né, mores? Não dá pra ser perfeita. Perfeita só Rihanna, né, mores? Não dá pra ser. Aí como deixou tudo muito liso aqui, agora eu vou passar o *bronzer* de novo, porque eu sou brasileira, não desisto nunca. Vou passar o *bronzer* aqui, sem chinelada na cara. Passar ele aqui também, porque está tudo reto...

Não sei como está na câmera, né? Mas aqui, pessoalmente, tá meio diferenciada, essa maquiagem. Mas não é culpa da Rihanna, é culpa minha mesmo. Ah, calma aí... Ah, lembrei as outras coisas... Vou passava meu iluminador, muita gente não gosta dele... Eu uso pouco, e ele quebrou ainda, tá vendo? Cês tão vendo? Vou passar um pouquinho aqui, já que é pra brilhar mais do que a luz do dia, nesse calor do Rio de Janeiro, meio dia, pra ir no banco... Antes da, antes de... Isso, obrigada. A produção está aqui, falando os nomes. Antes de ir na dermatologista eu vou no banco ainda. Vou assim mesmo, bem brilhante... Quem me julgar, nem é gente. Ok, estou pronta, meninas. Mentira, só falta passar, o quê? O que mais que eu comprei? O *gloss*, que todo mundo fala nesse *gloss* aqui [Gloss bomb – \$18]. Só a embalagem, né? Eles ganham a gente só nessa embalagem aqui. Vou passar, vamos ver... Eu sou difícil de gostar de *gloss*. Nossa, olha o tamanho aqui desse negócio [mostrando o palicador do *gloss*], negócio grande. Eu gosto de *gloss* bem fino... Oi crush! O *gloss* tem o cheiro maravilhoso. E tem um fundo de tutti frutti, assim, acho que é tutti frutti... Gloss bomb o nome desse *gloss*, e ele é famosíssimo, assim... Ele foi lançamento, e tem gente que usa no olho, mas eu não vou fazer essa peripécia hoje, com vocês, né mores? Que já... Sabe que aqui já deu tudo que tinha que dar... Então, assim, dizem que super funciona. E aí assim, o que vocês estão achando? O que vocês acharam do desempenho das coisas? Eu gostei. Eu achei que o pó deu uma matificada muito forte, eu estava gostando daquele um pouco de brilho, mas como eu passei corretivo duas vezes, não deu certo passar duas vezes... E eu não gostei da esponja, definitivamente. Joga fora no lixo! Mentira, vou usar, vou testar de novo, vou tentar ela seca, mas ao menos... Vou tentar ela com pouca, com muita água... Porque 16 dólares. Ai, ai, Rihanna! Tudo bem. Mas, no todo, o que eu mais amei, eu acho que foi... Primeiramente a base, né? Porque eu amo, vocês já sabem que eu amo. Mas eu gostei bastante do corretivo escuro também. Eu gosto do brilho dele, eu acho que ele dá aquela pegada do brilho, assim, que deixa a pele natural... O corretivo claro também, mas eu achei muito baixa cobertura, eu gosto, pelo menos aqui em baixo na olheira, eu gosto que tampe mais, preferia uma parada mais pesada, então eu vou ter que usar com pó e tal, e eu não gosto muito de usar pó, porque pó deixa a cara meio seca. Que mais que eu gostei? Isso daqui, que vai ser um pouco inútil, mas eu vou tentar usar outras vezes, com menos, assim, tapa na cara, né? Porque quando eu usei eu passei muito, mas vou tentar outras vezes e eu conto no *stories*, talvez. O *gloss* eu amei. Ameeei...o *gloss*, amei. Amei esse *gloss*, ele deixa a boca, sabe? Escorregando... Não é pegajoso, sabe, assim? Amei o *gloss*. Eu esperava... Eu não sei se eu também passei pouco, né? Talvez... Mas eu esperava alguma mudança um pouco... Algum diferencial, assim, na boca. Ele está, tipo, zerado, parece que é só o brilho do *gloss* mesmo,

não parece? Tipo aquele *gloss* da Avon que a gente usava, que só deixava... é sim, apreço aquele *gloss* da Avon que a gente usava, quando era jovem. Achei que faltou... Faltou alguma coisa, aqui, nesse gloss. Mas a textura dele é muito boa, o cheiro também é uma delícia... E agora vamos para o *body* lava. Já estou até, aqui, de tomara-que-caia hoje... [Body lava – brown sugar – \$60] Vou passar... Eu queria, na verdade, passar... Vamos ver se funciona. Eu queria, por causa da cor, deixa eu passar aqui na minha mão, pra mostrar pra vocês. Olha só a cor dele. Eu queria passar um pouco como iluminador, será que vai estragar a maquiagem toda... Na verdade, essa era a minha ideia inicial, só que eu esqueci e passei esse outro. Eu acho que não funcionou muito bem... Eu não sei se ele vai tirar a maquiagem de baixo, né? Porque difícil a Rihanna ter feito um iluminador que funcionasse tanto da maquiagem da cara, quanto do corpo. Porque, né? Estamos muito capitalistas... ó, ele num... Nossa! UUUuuuh! Agora sim! Porque no corpo eu não vou sair todo dia brilhando, né? Mas a cara... Olha, voltou o brilho. Ai gente, vou passar isso aqui na minha cara sempre! Olha só, eu amo esse brilho. E aí, gente? Eu amei na cara, vou passar no corpo agora. Primeiramente queria enaltecer, olha só essa embalagem. Maravilhoso, né? Incrivelmente maravilhoso. Agora deixa eu passar no corpo... Momentos de tensão. [Música “como uma deusa” toca, enquanto Gabi passa o produto nos ombros. De 25’12” a 25’17”] Eu quero ver eu indo no banco, porque eu não vou... Eu já tomei banho, não vou tirar. Gente... Ai, aí, igual a foto que a Rihanna postou no *Instagram*, toda brilhante. Gente, brilhando mais do que o carnaval. Tem outras cores também, esse aqui funciona melhor em peles mais escuras. Gente, sério, eu estava sem hidratante, né? Ele é bem hidratante, esse produto. Compre esse pincel aqui também, só pra fazer... [Face & Body kabuki brush – \$ 160] Eu vou chegar na dermatologista, a dermatologista não vai entender nada. Olha só, sem, com. Cheiro... Tem cheiro, não tem? Meu Deus, tô muito gata. Vou passar no pescoço, né? Ainda tem uma gota, aqui, passar no pescoço... Pra passar nas pernas, pra passar no poposão... Vai deixar tudo uuUUUUuuuh! Gente, passa isso tudo no corpo e espera o *boy*, ou a *gril* se você namora meninas. E, ó, ai Rihanna... Gente, brilha muito! E eu passei só um pinguinho. Olha só isso, olha só esse corpo brilhante. Deixa eu chegar mais perto da câmera. Gente, é isso, assim... Realmente, esse produto aqui, eu acho que é 60 dólares... Ai, ai... Assim, esse daqui eu comprei só mesmo porque eu ia gravar o vídeo, porque senão eu nunca compraria. Eu vou usar ele bastante como iluminador, porque eu achei que na cara ele ficou topíssimo. Na pele não sei... Então, as únicas duas coisas que eu acho que, assim, realmente não valem a pena, são o *bronzer* e é esse negócio aqui, porque é muito caro. Se fosse Trintão, dezão, vinte, talvez, aí valesse, mas por 60 não vale a pena, vou passar só na cara, porque na pele, minha filha, acho que nem pra

agradar seu companheiro, sua companheira, funciona. Porque vai ser difícil, assim, dar uns abraços com esse negócio, que é muito grudento. Sério, pegajoso. Enfim... Eu espero que vocês tenham gostado desse vídeo, que ficou longuíssimo, mas eu sei que esses vídeos longos vocês assistem. Se gostar, não se esqueça de curtir. Se vocês querem que eu teste a paletinha da Catharine Hill aqui, junto com vocês, eu testo também, tá bom? Testo porque dizem que é uma paleta bem pigmentada e funciona muito bem em pele negra. Eu comprei pelo Mercado Livre. Mercado Livre me patrocina, Mercado Livre. Compro tudo no Mercado Livre ... Ah, lembrei agora que eu também não sei se eu compraria isso aqui de novo. É *gloss*, né? *Gloss* também não foi muito barato. Enfim... Mas é isso, eu espero que vocês tenham gostado desse vídeo. Se gostaram, não esqueça de curtir, de se inscrever aqui no canal, tem sempre conteúdo novo, variadíssimo, e é isso. Desculpa qualquer coisa aí com a luz, que ficou variando... Ficou claro no início, depois ficou escuro... é isso, né? O jogo é esse, a gente está testando. Um beijo, até o próximo. Tchau, tchau.

## 2. REAGINDO A SUPOSIÇÕES DE VOCÊS SOBRE MIM | DEPRETAS

Gabi: Oi gente tudo bem com vocês!? Está rolando aqui, nessa terra da Internet, uma nova hashtag, algo como: o que você supõe sobre mim. Como tem um tempo que não faço Gabi responde, eu gravando vários vídeos, porque vou viajar e etc, eu decidi gravar esse vídeo com as suposições de vocês a respeito da minha pessoa. Tem cada suposição muito engraçada. eu pedi as suposições lá no stories, se você não me segue no *Instagram* querida, trata de me seguir lá no *Instagram* porque é lá que a gente tem essas interações e eu peço para vocês temas, a gente conversa mais e etc. então meu *Instagram* vai aparecer aqui, meu *Facebook* também, *Whatsapp* não, *Whatsapp* é só para os íntimos. *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, eu to sempre no *Twitter* também, então me sigam lá. Se vocês tem gostado dessa pegada de vídeo também curte esse vídeo aqui, se inscreve no canal se é a primeira vez que você vem aqui ou se você vem sempre, quem é curiosa, curioso mas nunca se inscreve, então se inscreve no canal, rumo aos 500 mil inscritos né amor, estamos chegando a 500 mil, só falta oque? 95 mil pra 500 então tá, tamo perto. Agora vamos começar com as suposições de vocês. a primeira suposição:

- Curte pagode anos 90?

Gabi: - Claro né gente, claro que eu curto, pagodim anos 90 quem não gosta? Tem gente que não gosta é verdade, mas essas pessoas não andam comigo.

- Eu imagino que você seja bem econômica, bem capricorniana, é igual a mim.

Gabi: Sou bem econômica, bem pão dura, que sempre planeja como gastar e etc. Sou boa em guardar dinheiro também.

uma pessoa aqui falando mal dos meus caldos, imperdoável.

- suponho que seus caldos, apesar de serem bonitos, parece que são ralos e sem sal.

Gabi: Definitivamente está errada, para quem não sabe, quem não me segue no *Instagram* não sabe que eu sou uma fã de caldos, eu faço muito, e quando eu vou na rua eu peço caldo também e aí o pessoal me zoa com essa coisa de caldo mas meus caldos são bem saborosos tá, você está enganada. Outro de caldo foi:

- Imagino o que você não aguenta mais o comer caldo.

Gabi: - Aguento sim. é só o tempo virá que eu já preparo um caldinho. agora que eu mudei minha alimentação eu tenho comido ainda mais caldo. Caldo de ervilha aí as vezes faço uma sopa de lentilha também. Tudo nosso. A Joice falou que supõe que o choro quando estou com raiva. Sim é verdade, está certíssima, eu sempre choro de raiva, acho que já falei isso em algum outro vídeo, mas eu não sei discutir com as pessoas. Normalmente quando eu tento discutir, eu começo a falar: porque você, não sei o quê... Aí comecei a chorar a gente, ai não tem discussão. por isso que normalmente eu só gosto de resolver as coisas quando já tudo bem mais calma, eu penso no que eu quero falar com a pessoa, aí eu penso, assim, na conversa, tal, nas interações ai depois eu vou lá conversar tete a tete com a pessoal, entendeu, porque fora isso, não é a minha, eu não consigo discutir porque quando eu estou com raiva eu começo a chorar. Supõe que eu sou uma pessoa inquieta. Não sei se eu sou inquieta, eu me mexo muito nos videos né, tem gente que reclama disso mas é meu jeitinho vou fazer o quê? Eu acho que eu sou bem tranquila, assim, eu sou bem não conformada, não é essa a palavra mas, não me acho inquieta, não.

- Eu suponho que você não bebe muito e é bem ajuizada e até careta kkkk, riso

Gabi: [risos]. Não, riso. Então, realmente tá certa, eu não sou muito dada a bebida assim e quando eu bebo alguma coisa eu não gosto de passar do limite porque eu gosto de, assim, ter

noção da onde eu estou, as interações que eu estou mantendo, eu não gosto de ultrapassar o limite não. O álcool, obviamente, é uma coisa que você vai percebendo que as vezes facilita interações né, aquela coisa assim, se é que vocês me entendem, porem, todavia, entretanto, eu realmente não sou muito, não gosto muito de beber não e também não suporta a ideia de passar do limite, do limite assim, da sanidade sabe, dos pés no chão, de saber onde você tá, o que você está fazendo, deus me livre e guarde.

- Suponho que a sua família seja grande.

Gabi: Sim a minha família é gigante. minha avó teve 16 filhos, então eu tenho muitos tios, muitas primas e primos a minha família, meu núcleo familiar, em si, é pequeno, só tenho o meu pai minha mãe e eu né, sou filha única, mas a outra parte da família é gigante.

- Suponho que na escola você falava muito.

Gabi: Mais ou menos, assim, não era muito de falar não, eu sempre fui muito de dormir sabe. a realidade é que eu sempre fui muito de dormir, na escola, na faculdade, eu sempre corri atrás no sentido de matéria é fora da aula e tal mas quando a aula era muito cedo, normalmente eu dormia, assim, era uma dificuldade pra mim, mas acho que não era tanto de falar não. A Carolina falou:

- Eu imagino que tu é super tímida pra flertar.

Gabi: - Mais ou menos, assim, eu acho que a exposição aqui na Internet e essa coisa de ter que falar em público e tal, ter que interagir, me ajudou um pouco nessa parte também né porque, até porque o projeto moção tem que andar né. mas é, eu sou tímida, eu sou tímida no geral e isso reflete também nessa parte mas, assim, a gente supera né, porque, querida, precisamos. Ainda em relação a isso a Val falou:

- Suponho que você faz jogo duro com os caras.

Gabi: Não, não é a minha vibe não. Ray falou:

- Que você é muito forte emocionalmente

Gabi: Eu acho que eu sou bem, assim, linear sabe, tem altos e baixos, claro que todo mundo tem suas crises, mas eu acho que eu sou bem serena assim sabe acho que é serenidade a palavra, eu não sou muito descontrolada assim não, sou bem linear, não sei se isso pode ser considerado forte emocionalmente, não sei.

- Eu acho que você é uma daquelas que dança loucamente na frente do espelho.

Gabi: Bão gente, não sou. de vez em quando, alguns dias assim, mas é muito aleatório. Não tenho costume de ficar dançando na frente do espelho, não. até porque eu não sou uma pessoa que escuta muita música né vocês sabem, já falei isso aqui varias vezes no canal.

- Que você puxa papo com o pessoal da fila de mercado, super simpática.

Gabi: Gente, deixa eu contar uma coisa pra vocês, eu não sou tão simpática assim. Não é que eu não seja tão simpática, mas na rua normalmente, assim, se um velhinho vier falar comigo, se a velhinha vier falar comigo eu converso, adoro conversar com velhinho, com velhinha e tal, mas assim, não é que, não, na rua eu acho que eu sou simpática mas em outro ambiente, tipo, se eu to numa festa e eu não conheço muitas pessoas eu não sou muito simpático eu sou meio reservado assim e parece antipatia mas não é, eu só sou reservada se a pessoa vier falar comigo estamos aí vamos conversar e etc. mas normalmente eu não estou, assim, eu acho que as pessoas as vezes tem essa impressão de mim, que vão me encontrar e eu vou ta, tipo, não se você vier falar comigo eu vou falar oi tudo bem não sei oque bla bla bla. É facil tirar um sorriso de mim porém, todavia, entretanto, assim, se eu não te conhecer eu vou ficar normal.

- Suponho que você chora vendo filmes bobos.

Gabi: Sim, eu choro até com comercial. eu choro, tudo que eu não choro na minha vida assim, eu não sou muito de chorar, até porque eu tenho passado uma fase que não tenho tido tantos problemas assim, é, quando tem problema, eu choro, obviamente, mas eu não sou muito de chorar na vida e aí eu choro com todos comerciais. Eu amo filme de drama, amo chorar com filme de drama e comerciais de drama, tudo, adoção, filhos, choro com tudo, choro com vídeo de parto também choro tudo.

- Suponha que você seja aquela pessoa que rola pra levantar da cama.

Gabi: Só se a Internet estiver ligada, por isso quem não viu o vídeo de autocuidado assista, eu vou deixar o card aqui em cima porque, olha só, é preciso ver esse vídeo porque lá eu ensino a técnica que tenho usado pra não ficar perdendo tempo e rolando na cama com o celular.

- Eu imagino que você era péssima em matemática na escola.

Gabi: Sim, imaginou certo, eu era péssima, era péssima. Ah meu deus, matemática, física, eu era péssima mas aí eu corri atrás nunca fiquei de recuperação, acho, nada disso, nem de dependência, nada disso, que eu corria atrás, só pra passar mesmo, passava raspando.

- Eu suponho que você seja uma pessoa bem na sua, tranquila, reservada.

Gabi: Certíssima sou assim mesmo, amo ficar em casa e tal eu gosto, gosto da minha companhia, gosto de, gosto de receber pessoas também, gosto de ir na casa das pessoas, eu não sou muito, tipo, eu até saio e tal mas eu gosto mais de coisas mais íntimas do que de festa balada essas coisas assim.

- Você parece não gostaria de demonstrar os sentimentos.

Gabi: Nossa! que isso, que profundo. eu acho que eu tenho dificuldade de demonstrar os sentimentos, mas eu gostaria de mostrar mais do que eu mostro, acho que eu tenho dificuldade, estamos tratando isso em terapia.

- Que você é uma pessoa muito decidida.

Gabi: Com certeza, desde pequenininha minha mãe fala que quando eu botava uma coisa na cabeça, minha filha, era uma luta, por isso era pirracenta também quando era criança, então assim, eu sou muito determinada

- Eu suponho que você é sistemática.

Gabi: Não sou sistemática, não sou, não sou. Acho que eu não sou sistemática não, não sei, acho que não gente.

- Suponho que sua comida seja muito gostosa embora visualmente desagradável .

Gabi: Está certa você, é isso mesmo, feia mais gostosa. a comida feia, mas gostosa gente.

- Suponho que você seja tímida.

Gabi: sim já respondi isso, sou mesmo, eu me considero uma pessoa tímida.

- Eu imagino que você seja bem alta quase 1 e 80.

Gabi: não a gente, eu tenho 1,74, eu não sou alta, sou mais alta do que a média né.

- Suponho que a viola é seu primeiro animal de estimação.

Gabi: Não, é assim, lá na casa de meus pais eu já tinha tido outros cachorro mas era do meu pai ne, os cachorros. a viola é a primeira que é minha esse denguinho. Ta com calor minha filha, você não quer papo com esse pessoal não, você não quer papo com esse pessoal não minha filha. Humilde. Ah gente eu recebi vários humilde, brigada. Eu me considero uma pessoal humilde, oque que você acha flavinha, flavinha é minha prima, família é família fala a verdade. Eu acho que eu sou uma pessoa humilde, eu acho que humildade é bom gente.

- Suponho que você parece calma mas é estressada, só suponho.

Gabi: Eu não me acho estressada, algumas coisas me estressam. E quando, minha filha, minha veia salta aqui você se prepare. Minha mãe fala que eu puxei edinho meu pai, que às vezes assim, estresse vem ai eu fico estressada. mas é normalmente eu sou bem calma, sou bem, tipo, tá ok tudo certo, ok, ok, sou bem assim,

- Suponha que você fica de mau humor quando está com fome.

Gabi: Sim, sim, sim definitivamente se você quer me ver de mau humor me deixe com fome, me deixe com fome que você vai ver quem é a outra Gabriela, querida, vai ressurgir paola e paulina, essa aqui é paulina, quando ta com fome é a paola.

- Suponha que você seja uma pessoa fechada do tipo que é difícil de fazer amizade.

Gabi: Sim! eu eu preservo, gosto mais de preservar as que eu tenho e tal mas não gosto muito fazer novas amizades não, é difícil. Ai gente, demora muito tempo pra você arranjar outra amizade é ó, é por isso que às vezes ficam me perguntando aí vocês ficam: ah, tu não é amiga de fulano de tal não? Ah, você não se da com a fulana de tal? gente não é isso é porque eu não acho que, é eu não gosto muito dessa coisa, principalmente aqui na Internet, que a pessoa se conhece numa viagem, aí já ta tipo, nossa, minha melhor amiga, amiga, não sei oque. Eu só chamo uma pessoa de amiga quando eu considero aquela pessoa minha amiga e pronto. posso me ferrar? Posso, mas demora.

- Você parece ser muito divertida, deve ser legal ser sua amiga.

Gabi: Então eu acho que eu sou sim, normalmente as pessoas a minha volta, elas estão sorrindo elas estão contentes com a minha presença, eu acho né.

- Eu imagino que você tem duas irmãs e seu pai era rigoroso.

Gabi: Não tenho duas irmãs e meu pai não era rigoroso não, eu sou filha unica.

- Que você não gosta de comida japonesa.

Gabi: Não gente, eu amo comida japonesa.

- Que você é uma amiga sinceron.

Gabi: Sou! se você me pedir a sua opinião eu darei a minha opinião eu sou amiga sinceron, sou uma pessoa sinceron, se a pessoa me pedir opinião, não gosto de dar opinião quando a pessoa não me pede que é isso aí minha filha, isso daí é falta de noção, mas se a pessoa me pergunta eu dou minha opinião.

- Eu imagino que você espirre de um jeito bem discreto e pequenininho.

Gabi: Não! definitivamente não. quando eu espirro é um escândalo danado. como eu cortei o leite eu tenho tido bem menos alergia. mas eu espírito de forma escandalosa. Eu vou encerrar com esse daqui, ó. Porque a pessoa botou assim ó.

- Suponha que você tenha vários arrobas e esconde o jogo com o projeto moção porque você é mara, mulher.

Gabi: Então, a realidade gente é que eu acho que para você chegar a expor uma relação na Internet, aquilo está muito firmado já, ainda mais vocês, que vocês assim oh, passa uma mosca do meu lado tem alguém mandando no dm falando: gabi, quem é essa mosca ai, essa mosca é do moção, não sei oque, é tipo assim, tudo vocês arranja uma desculpa, e aí eu acho que provavelmente já vai expor quando eu tiver um relacionamento né, até porque ta todo mundo acompanha a saga mas eu acho que tem que ser uma coisa bem estabelecida assim, já tem que estar bem firmada, tipo gravidez sabe, 3 meses de gravidez tu revela, é tipo isso entendeu, então, sim, conversamos com algumas pessoas durante esses meses mas estamos aí né. Se é que vocês me entendem. Tinham várias outras, gente, mas esse vídeo já está super longo, espero que vocês tenham gostado, era um vídeo mesmo pra gente descontrair, pra vocês me conhecerem um pouco melhor. se gostaram não esqueça de curtir e se inscrever aqui no canal um beijo até o próximo, tchau tchau.

### 3. O MELHOR GEL PARA CABELOS CRESPOS!!!! DEPRETAS

[introdução em preto e branco de 00'01" à 00' 14"] Eu não sei porque que a gente lê isso? Ninguém entende, ninguém sabe o que que é. ti eta, tri eta, pvp... Está bonito meu cabelo Flavinha? Então! Ta bonito. todo mundo da minha família que olha fala nossa como seu cabelo ta bonito. [Fim da introdução em preto e branco] Oi gente, tudo bem com vocês? Hoje eu vim com ele, gel Negra Rosa, varias pessoas estavam pedindo resenha desse gel e aí, a pergunta que não quer calar, será esse o melhor gel brasileiro para cabelos crespos? Há boatos que sim, e hoje eu vou fazer uma resenha bem sincera sobre ele e mostrar a aplicação, etc, como ele fica no dia seguinte e como ele está hoje no meu cabelo quatro dias depois. é já tem quatro dias que eu lavei meu cabelo e gente, sério, o resultado é inacreditável. Pra quem não conhece a Negra Rosa, a dona é a Rosa, Rosângela Rosa, é porque eu conhecia a Rosa de Rosa, na época a assim oh, muito, muito, muitos anos atrás, antes de eu ter canal, isso foi quando eu iniciei a minha transição capilar, eu conheci o canal da Rosa e nessa época a Rosa já fazia tutoriais para cabelos crespos e usava gel naquela época, ela testava vários géis. géis? E aí minha gente, ela testava vários, inclusive o gel Eco, da gringa, se eu não me engano ela foi a primeira brasileira que eu vi testando o gel Eco e aí, a Rosa, tem uns 2, 3 anos, ela lançou uma linha de maquiagem, tem vídeo aqui no canal sobre a linha de maquiagens, primeiro ela lançou batons, depois ela lançou base, sombra e agora pó compacto, pó compacto

ainda não testei mas eu vou comprar pra testar e ai eu também vou deixar os *cards* aqui em cima pra vocês verem esses outros vídeos, mas, agora, em 2018, foi que ela lançou o gel e hoje eu trago a resenha dele pra vocês no meu cabelo tipo 4c. Vamos lá, a embalagem, a minha embalagem, não sei se vocês estão vendo aí, está focando meninas? Eu acho que está focando. No meu gel, aqui o meu negócio está amassado porque eu não queria botar a mão dentro do gel então eu amassei assim, pra botar o gel na tampa quando eu usei. Eu já usei ele mais uma vez, já finalizei o meu cabelo com ele duas vezes e eu também finalizei o cabelo da Luciane, minha amiga, no vídeo que eu fiz sobre o *bc* dela. Quem não viu, vou deixar o *card* aqui em cima também e vou deixar o link aqui em baixo na descrição. No vídeo que eu fiz o *bc* da Luciane eu finalizei com ele e o resultado foi muito, muito bom e por ter finalizado já três vezes com esse gel eu já posso, assim, dar meu parecer final mesmo e dá algumas dicas para quem quer utilizar. Vamos lá ao que o gel promete. O gel modelador capilar Negra Rosa modela, alinha e realça os crespos. Amo ter a palavra crespo aqui né, no rótulo, crespos. Sua fórmula foi desenvolvida com os ativos pro-vitamina b5, óleo de argan e queratina. Juntos esses ativos conferem brilho e hidratação além de auxiliar na reconstrução dos fios. o produto poderá sofrer alteração de cor quando exposto à luz e calor por conter ingredientes naturais, o que não altera a sua qualidade e eficácia. Ahh olha só, isso aqui também é importante, o produto não é testado em animais, não contém matérias primas de origem animal. Então, pra quem é vegano, produto ta liberado também. A composição. Aqua, carbome, eu não sei porque que a gente lê isso? Ninguém entende, ninguém sabe o que que é. Ti eta, tri eta, pvp, ai gente, argania... argania, depois vem, vem phanthenol, phanthenol a gente conhece, phanthenol é conhecido, de sódio, EDTA, enfim. Precauções: evite luz e calor excessivos, mantenha fora do alcance das crianças, em caso de contato direto com os olhos lavar com água em abundância, em caso de irritação dérmica suspender o uso, em caso de ingestão acidental, quem vai comer o gel né, aí tudo bem, acidental pode ser, ok, procure o médico levando consigo o rótulo do produto, não ingerir, não ingerir. Amo quando tem isso. Aí aqui na frente tem nome do gel, Negra Rosa, gel ativador, óleo de argan, de phanthenol. Produção, bota aí na tela mais pertinho o rotulo do produto, já é!? Ahh, sem álcool, parabenos e silicone. Vem uma boa quantidade de gel e tem uma coisa que é essencial né, a Rosangela, ela é crespa, tem uma família que tem cabelo crespo, cacheado, quimicamente tratado, por isso tenho certeza que a Rosa teve a preocupação é, em relação a teste sabe. Eu tenho certeza que antes de lançar o produto no mercado ela testou muito porque ela tem muita experiência com o cabelo crespo, cabelo dela e outros crespos também. Eu, particularmente, tenho um certo pé atrás com gel, não sei vocês, porque eu sempre acho que o gel dá uma ressecada no cabelo,

eu já testei o gel Eco mais uma vez, já testei o jargam, já testei o verdinho e, assim, eu gostava, eu gostava, mas eu também não me apeguei, super me apeguei a eles não, ao contrário do que está acontecendo comigo com o gel Negra Rosa porque, antes de eu mostrar a finalização e etc, deixa eu falar uma coisa com vocês. Eu finalizei meu cabelo com esse gel, aí dois dias depois encontrei a minha mãe e aí minha mãe falou assim: “Gabi, o que que você fez no seu cabelo, seu cabelo tá brilhoso, tá diferente?” Ai eu já né... Falei que eu tinha comprado um produto novo, que eu estava testando e etc. Como essa é a segunda vez que estou finalizando com, o meu cabelo com gel, aí eu percebo que realmente ele dá uma diferença no aspecto do cabelo gente, principalmente no cabelo que é um cabelo 4c. Obviamente, como todo gel, ele tem essa, coisa de trazer mais definição e aí você vai perguntar, mas a gente precisa de definição? A gente precisa formar cacho? Não, não precisa, mas de certa forma essa coisa da definição, um pouco mais de definição, um pouco mais de separação nos cachos pode ser positivo para o cabelo crespo no sentido de que, os cachinhos um pouco mais separados, ele evitam tanto o atrito e o cabelo crespo tem uma tendência grande a quebra por causa desse atrito dos cachinhos muito pequeno. Então, eu não sei se vocês estão vendo aí, eu vou chegar mais perto da câmera, mas vocês conseguem ver oh? Que os meus micro, ó, estão vendo, meus micro cachinhos são tudo separadinho oh. Isso porque já é o quarto ou o quinto *day-after*, aqui atrás também da pra ver oh. Mas agora eu vou parar de falar e vou mostrar pra vocês como eu finalizei o meu cabelo, bora lá!? Como vocês estão vendo aí, eu segui as instruções que estão na embalagem, na embalagem a recomendação é você finalizar o seu cabelo com ele molhado, não é húmido, não é quase seco, não; é molhado mesmo e nos testes que eu percebi que o ideal é esse mesmo porque eu tentei já a finalizar com o cabelo meio húmido e tal, e não deu tão certo como quando eu finalizei com um cabelo molhadíssimo, tem que ser molhado. Se o seu cabelo for secando durante a aplicação você vai com borrifador molha e passa o gel, até porque eu já com o cabelo molhado ele desliza com mais facilidade e acaba rendendo mais também. Pro meu cabelo eu entendi que eu não preciso passar uma grande quantidade de gel, até porque a gente quer o efeito do gel o efeito mais definindo mas ao mesmo tempo a gente não quer aquela coisa, aquela textura sabe? Pesada do gel ou aquele, aquele endurecido. Eu acredito que esse é um diferencial do gel Negra Rosa, ele não deixa o cabelo tão durinho igual a outros géis sabe? Ele deixa um pouco durinho, porque ele é um gel, mas não tão firme assim, porque tem gel que a gente passa não, sei você, mas tem gel que a gente passa parece que se você dobrar o cabelo assim, o cabelo vai quebrar né, porque tá tão duro que fica ruim de pega assim, e esse gel ele não deixa dessa forma. Eu acredito que é por conta dos óleos na composição, ele tem

óleo de argan né, então ele acaba deixando o cabelo hidratado também. Eu passei o produto por todo o meu cabelo, fui finalizando, vocês podem ver que conforme a gente vai passando já vai formando, já vai informando os micro cachos né, como meu cabelo cabelo 4c, e aí, é... depois que eu passei todo meu cabelo, para tentar diminuir um pouco o fator encolhimento, eu fui fazendo essa tranças sabe, como eu sempre faço, porque quanto mais definição mais encolhimento, então como eu já sabia que se eu deixasse o cabelo secar ele ia ficar grudado na cabeça porque definiu demais, então já fui dando uma levantada nele pra dar uma soltada. Como eu disse, eu finalizei o meu cabelo com ele molhado só que tem uma questão que eu reparei, assim, normalmente meu cabelo demora bastante pra secar, principalmente quando eu posso creme com ele molhado mas com gel ele seca muito, muito rápido assim, coisa de, sei lá, três horas e meia, quatro horas, ele já tá seco, o meu cabelo bem mais seco do que estaria se fosse com um creme e nesse dia já era final de tarde quando finalizei e quando eu fui dormir o meu cabelo já estava seco, não estava mais molhado. Dormi, não botei nada de proteção, ai mores, fiquei com preguiça. Eu acho que nesse dia eu peguei no sono do nada filha, não botei toca de cetim, nem fronha de cetim, nem nada disso, inclusive, hoje, esse esse cabelo tá aqui, nenhum dia eu usei fronha de cetim nem nada e ele está ótimo assim, no quarto ou quinto dia após a finalização então, ponto pro gel, e aí eu vou mostrar pra vocês como meu cabelo estava no dia seguinte. Nesse dia decidi também sair com o cabelo preso e tal porque eu estava correndo, eu ia na rua e tava um sol aqui, mas dá pra vocês verem que tá bem definido principalmente nas pontas porque lá quando finalizei eu trançei o meio né, eu prendi um meio para dar aquela levantada mas eu deixei as pontas sem nada. Inclusive, eu não quis fazer twist no cabelo, como algumas vezes eu faço, pra vocês verem a definição. A Rose falou isso no vídeo dela e eu peguei pra mim também, a Rose Hapuque, porque eu não queria fazer uma texturização para vocês verem que é, tipo, dá pra você finalizar e sair com ele. E gente, com o passar dos dias eu fui percebendo que o meu cabelo foi ficando ainda mais bonito, sério, hoje, olha só, hoje ele está ativo, olha isso, brilhoso, ainda está definindo... ainda está definindo e assim, tudo que a gente gosta. Então, gente, nesse sentido, gel aprovadíssimo, definitivamente esse é o melhor gel que eu já testei e olha que eu já testei o gel Eco que era super famoso alguns anos atrás, aqui na Internet e esse aqui é o melhor que eu já testei. Rosa, cê tá de parabéns minha filha, parabéns mesmo. Sobre falsa caspa né, que às vezes a gente tem quando usa gel, começa a soltar um monte de pozinho, eu não percebi uma quantidade assim grande de falsa caspa, em alguns pontos do meu cabelo, é, hoje não dá mais pra perceber né, que já tem muitos dias, já caiu tudo, mas em alguns pontos sim, ficou com aquela casquinha assim por cima, mas foi bem pouco e sai, sei lá, no terceiro dia já não tinha mais

nada e o cabelo continua bonito e assim, nem comparação com outros produtos que eu já usei que deixaram muito falsa caspa, nem comparação. Uma outra questão que eu sei que causa um estranhamento é a questão do valor, né? Eu comprei um gel com uma revendedora Negra Rosa e se eu não me engano, eu paguei 55 reais, é, minha prima tá aqui, fez uma cara, sim, foi 55 reais. É um produto com valor mais alto, mas assim, tem alguns fatores né? Primeiro que ele rende muito, deixar abrir aqui pra vocês, eu não sei se eu mostrei a textura, não lembro se mostrei a textura. Olha só a textura dele. É bem assim, grudenta tá vendo? Parece uma geleia e aqui ó, eu já usei duas vezes e tá cheio, vocês estão vendo, tá cheio ainda, porque você não precisa usar uma grande quantidade e tem outro detalhe né gente, não dá pra comparar marcas pequenas com marcas enormes sabe, não tem como comparar a produção, quanto custa a produção para uma marca gigantesca e uma marca pequena como a da Negra Rosa, por isso o valor acaba sendo mais caro mesmo, mas aí tem toda a questão também que pra mim é importante, obviamente se você não tem o dinheiro, pode ser importante para você mas mesmo assim você não vai comprar porque você não tem o dinheiro, eu entendo. Mas se você tem dinheiro separado para comprar determinados produtos de cabelo e você já está acostumado a comprar produtos um pouco mais caros porque, mesmo marcas grandes tem produtos mais caros e às vezes as pessoas investem porque são bons produtos, eu garanto pra você que esse é um bom produto, que se você tá acostumado a gastar mais dinheiro com produtos de cabelo você pode investir e, principalmente, se você tem o cabelo crespo e quer um produto para ser assim, sabe, lavou o cabelo, finalizou rápido e saiu e o resultado vai ser bom, então é, assim, o valor é alto mas se você tem, pra mim, no meu caso, vale muito a pena. E aí tem uma outra questão também que agrega valor é que a Negra Rosa é uma mulher negra, crespa, então eu acho que isso agrega valor na sua compra né, aí a gente dá com mais alegria esse valor, quando a gente pode. Tô pontuando bastante, quando a gente pode, porque eu sei que vai ter comentário aqui em baixo falando, ah é muito caro, não sei o que, mas gente, o que mais tem aí na Internet é resenha de produto caro, a gente sabe disso e eu conheço outros produtos, por exemplo, sei lá, é o valor de um produto da *Lola* e um monte de gente compra produto da *Lola* e faz resenha de produtos da *Lola* né, é isso... não vou me justificar mais não, porque eu não preciso, se eu comprei gel da Negra Rosa, foi porque eu mereci. Tô zoando, vou cancelar esse vídeo aqui porque eu já tô falando demais.

Gente, no mais, é isso! Gel aprovadíssimo e não, não é porque é o gel da negra rosa porque vocês sabem que eu não sou dessas, tanto que outras resenhas, outras coisas, vivem me pedindo, eu sempre pontuei o que eu gosto, o que eu não gosto, mas esse realmente, olha só,

tá bonito meu cabelo Flavinha? Então! Ta bonito. todo mundo da minha família que olha fala nossa como seu cabelo ta bonito. É isso! valeu Negra Rosa, o gel é muito bom vou usar sempre, com certeza vai me acompanhar nas minhas viagens. Eu espero que vocês tenham gostado do vídeo, se vocês já testaram o gel, deixa aqui em baixo, nos comentários, se você tem outros produtos que vocês querem que eu resenhe, que eu mostre o resultado no meu cabelo, conte aqui em baixo também um beijo, até o próximo vídeo, tchau tchau.

#### 4. 80 TIROS E OS PRIVILÉGIOS DO HOMEM NEGRO | PAPO DEPRETAS

[Introdução em Preto e Branco, de 00'01' à 00'27'']...porque existe uma naturalização no discurso que desumaniza esses homens. Porque quando um cara fala bandido bom é bandido morto, não é o cara que tinha 117 fuzis em casa, gente, na zona sul do rio de janeiro, na barra da tijuca, não. a face desse bandido, que ele disse, bandido bom é bandido morto, é uma face negra que pode ser confundida com qualquer homem negro que ta simplesmente andando pela rua ou ta dentro do seu carro. [Fim da introdução em preto e branco]. Oi gente! essa semana acho que não tá tudo bem realmente. eu nem sei direito que rumo esse vídeo vai tomar, porque ele ta sem roteiro nem nada mas eu decidi vir aqui conversar com vocês. Quem me acompanha o *Instagram* viu que eu comentei que estava escrevendo um roteiro sobre o homem negro, da sociedade brasileira principalmente, porque, eu não sei se vocês se recordam mas foi na semana passada que a gente se deparou com algumas notícias como a do menino que sofreu racismo no *Bob's*. eu não sei se vocês viram esse caso mas foi o caso de duas meninas que gravaram ofensas racistas a um funcionário do *Bob's* e postaram no *Instagram* e aí esse caso repercutiu muito. A gente também tinha a situação com o Rodrigo, ex Big Brother, que sofreu ofensas racistas através da Internet, também, ao ponto de terem que desativar o *Instagram* dele, os comentários do *Instagram* dele, porque essas ofensas atingiram também a mãe dele. Além desses dois casos a gente também tinha a questão do Dj Renan da Penha que foi acusado por associação ao tráfico por promover o Baile da Gaiola né, dessa música que ficou super famosa, do baile que ficou super famoso também, e aí, como vendiam droga naquele ambiente ele foi acusado. Eu não sei se ele chegou a ser preso, se ele está preso ou não, mas eu sei que essa acusação recaiu sobre ele e aí a gente iniciou um debate também porque quem frequenta outros espaços e espaços com pessoas de maior poder aquisitivo sabe que a venda de drogas acontece muito naturalmente nesses espaços, em raves, em grandes festivais, se você já frequentou esses ambientes você sabe que tem venda de droga ali também e nem por isso esses dojs são acusados de associação com o tráfico de drogas, e aí a gente

estava discutindo essas questões na semana passada. Saindo do Brasil, uma notícia que rodou bastante a Internet também na semana passada foi a de um rapper norte americano que foi assassinado né, e esse rapper estava sendo muito reconhecido, não vou me aprofundar mas vou deixar notícias, tudo que eu falar aqui vou deixar tudo relacionado aqui em baixo. Mas esse rapper ele estava fazendo um trabalho muito interessante dentro da comunidade dele, um trabalho de levante dessa comunidade e de pesquisa também, para melhorar a vida de pessoas negras, porque essa comunidade era de pessoas negras, e aí de repente ele foi assassinado. E dentre essas notícias, eu pensei em fazer um vídeo porque, apesar de serem homens negros com perfis muito diferentes, todos eles estavam sendo diretamente afetados pelo racismo, o racismo estrutural. se a gente for analisar o Rodrigo, do BBB (Big Brother Brasil), ele tem um perfil muito mais acadêmico, o Renan da Penha veio de uma comunidade, era um Dj, que passou pelo encarceramento e estava reconstruindo a sua vida, ajudando a comunidade também, o *rapper* que eu mencionei era norte-americano, o menino do *Bob's* era um trabalhador né? Que foi atingido pelo racismo enquanto estava no seu trabalho. Mas uma coisa une essas pessoas, uma coisa une esses homens, é o fato deles serem homens negros, logo, eles serem alvos do racismo, e aí quando eu tava pensando nesse vídeo eu lembrei muito de uma discussão que já existe na Internet né, que eu já vi outras pessoas fazendo, sobre essa coisa de a gente poder falar que o homem negro tem privilégios na sociedade ou não, se isso é real, se isso não é real, porque ao mesmo tempo que homem negro tem concessões e vantagens por conta do gênero né, eles são capazes sim, de oprimir, por exemplo, mulheres negras, quando a gente sai desse âmbito a raça é um fator que atravessa esses homens e esses meninos de uma maneira muito incisiva ao ponto de hoje a gente está passando por um processo de genocídio né, dos jovens negros no Brasil. E aí com a situação do menino do *Bob's* a gente também entra num outro âmbito que é, como as relações interraciais se dão. Que é isso, ao mesmo tempo que existe a questão de gênero, existe também a questão de raça nessa relação, então ah, esse homem pode oprimir essa mulher que é branca mas ao mesmo tempo essa mulher branca pode oprimir esse cara por conta da raça, como aconteceu com o menino do *Bob's*. E a minha ideia na semana passada era basicamente a gente conversar, não era chegar necessariamente chegar a uma conclusão, mas a gente conversar sobre as questões porque eu realmente acho questões relevantes. Eu lembro que quando comecei a fazer a série sobre masculinidades aqui no canal algumas pessoas vieram me questionar: “ah, precisa dar voz pra homens? homem sempre falaram na nossa sociedade!” e eu lembro que num vídeo, acho que com Caio, não lembro se com o Caio ou com o Túlio, eu questionei isso né, eu falei “quais homens que sempre tiveram voz nessa sociedade?”. E o que eu percebo é que,

principalmente na Internet, eu vou falar que é a Internet, porque quando eu me deparo com livros tanto de feministas negras ou de mulheres que seguem outras vertentes, que seguem o mulherismo africano e etc., eu percebo que realmente existe uma preocupação dessas mulheres em um pautar a questão do homem negro, do genocídio e das violências que esse homem sofre. Se você olhar, a grande maioria dos livros que essas mulheres têm feito elas têm pautado isso. Porém, todavia, entretanto, eu acho que com as distorções a gente acabou chegando no nível que a gente parou um pouco de fazer recortes de raça. E eu vou dar alguns exemplos pra vocês. Por exemplo, existe um processo muito forte nos últimos anos de cursos voltados para mulheres. Eu entendo esse recorte, eu realmente entendo que a gente está olhando a questão de gênero mas ao mesmo tempo quando a gente olha as estatísticas a gente percebe que, por exemplo, mulheres negras acessam mais a universidade do que homens negros e a gente vê também que os homens negros eles são os mais afetados pela violência policial, pelo encarceramento em massa, estão nos empregos mais degradante e nos empregos com maior nível de periculosidade, periculosidade, isso. Então muito me preocupa a gente não trazer esse olhar também para a questão de raça e certos discursos me inquietam demais porque eles tendem a promover desumanização de um corpo que já é desumanizado pela questão racial. E aí alguém pode me perguntar: “Ah, Gabi, o que você fez com essas suas inquietações?” “Porque a gente está aqui discutindo isso?” Num vídeo assim que de certa forma eu pareço até angustiado. o que eu fiz com as minhas inquietações foi começar a pautar, trazer essas pautas para a Internet porque o considerava elas importantes. Mas a minha angústia nesse vídeo está muito baseado na percepção de que não adianta pautar determinados assuntos e tentar moldar uma masculinidade negra' mais positiva se a gente não começar a discutir questões estruturais e estruturante que, por exemplo, fazem com que um homem negro seja morto pelo exército brasileiro. A gente tem visto discussões que eu considero muito relevante sobre paternidade, sobre como o homem negro precisa expressar os sentimentos uns aos outros, começaram a questionar sobre o machismo, sobre abandono parental que é uma coisa que acompanha muitos lares negros, a gente tem um pautado também como esse homem negro olha para as mulheres negras e não suas mães, suas esposas, suas ex, e como se dão a esses relacionamentos, a gente tem pautado tudo isso mas existe uma real necessidade das pessoas, principalmente as pessoas negras no Brasil, terem consciência de que se você tem um filho, um pai, um irmão, namorado, marido negro, ele é sim um alvo, e é um alvo do estado também, e não, não adianta acreditar nessa falácia de que se seu tio, seu marido, seu filho, seu irmão, seu namorado, são homens de bem nada vai acontecer com eles porque essa não é a realidade, a gente dá de cara com um caso que mostra que ele pode ser muito facilmente

confundindo e morto pelo Estado brasileiro e sabe que me entristece, é saber que a gente olha isso e por falta de consciência e por falta de entendimento do que é esse projeto e genocida, a gente fica paralisado, e tem gente inclusive que não só fica paralisada mas tenta criar desculpas. Hoje mesmo na minha página no *Facebook* eu eu vi um homem negro falando: “será que isso foi assim mesmo? será que o exército atingiria um carro com 80 tiros à toa?” Eu fico pensando, se esse homem está sozinho no carro, como nós estaríamos hoje? como a família dele estaria hoje? até hoje, tentando provar que ele não tinha feito nada?! porque, sabe o quê aconteceria naquele caso não tivesse uma criança, um adolescente e duas mulheres dentro do carro? ele e o sogro seriam atingidos, e aí a gente planta uma arma aqui dentro, e pronto, logo, essas pessoas atiraram e a gente estava só revidando, por isso que eu vou voltar na tecla de que a gente precisa tomar cuidado com o nosso discurso, porque existe uma naturalização no discurso que desumaniza esses homens. Porque quando um cara fala bandido bom é, bandido morto não é o cara que tinha 117 fuzis em casa, gente, na zona sul do rio de janeiro, na barra da tijuca, não, a face desse bandido que ele disse, bandido bom é bandido morto, é uma face negra que pode ser confundida com qualquer homem negro que ta simplesmente andando pela rua ou ta dentro do seu carro. Quando eu vi a notícia sobre Evaldo e a família dele, e o moço que tentou ajudar e também foi baleado e esta em estado grave até hoje, é, esse vídeo pra mim ele perdeu um pouco do rumo e eu acho que continua meio sem rumo porque é difícil você reerguer e se estruturar, e estruturar as ideias quando você está sempre diante de algo que mexe com trauma e é, é a cada nova notícia dessas a sensação que eu tenho é como se o meu corpo estivesse paralisado porque eu consigo pensar em diversas pessoas próximas a mim que poderiam estar naquela situação e isso realmente me causa medo. Me causa medo do futuro porque, eu quero ser mãe, e a gente nunca sabe se vai ser mínimo, se vai ser menina, eu já começo a pensar em como criar esta criança, como eu vou minimamente conseguir proteger um menino negro numa sociedade como a nossa, num país onde todas as autoridades acreditam ser normal o assassinato, o fuzilamento de um carro com uma família negra. Então, é muito difícil pensar em alguma coisa pra falar nesse momento mas ao mesmo tempo eu considero que a gente precisa começar a pautar essas questões porque só a partir do momento que você começar a entender que você é um dos alvos, dos possíveis alvos, você vai começar a lutar contra isso. E o que é isso? esse braço estruturante do estado que está há mais de 500 anos matando gente pretas, gente pobre nesse país, o que é isso? a gente precisa começar a dar nome, a gente precisa começar a trazer discussões e pressão, fazer pressão. Eu que não consigo entender um país que não parou diante de um fuzilamento feito pelo exército brasileiro 80 tiros no carro de família indo pra um chá de bebê.

E a gente só consegue entender por que o Brasil não parou quando a gente entende que a base dessa sociedade é o racismo. Esse corpo negro, o corpo de um homem negro caído no chão é natural os nossos olhos, o corpo de homens negros violentados caídos no chão com marcas de bala não chocam, não nos sensibilizam e por isso que a gente fica assim paralisado, em silêncio, é mais fácil ser solidário com qualquer outra notícia no que com a notícia do pai de família morto pelo Exército brasileiro. A gente precisa sim pensar e trabalhar por uma sociedade com homens negros menos machistas, melhores pais, que falam de seus sentimentos, que busquem ajuda psicológica, sejam melhores companheiros, que não reproduzam racismo com mulheres negras, a gente precisa falar isso tudo mas se a gente não identificar que hoje o nosso principal inimigo o genocídio da população negra o nosso companheiro, amigo, pai presente, pode virar estatística. [O vídeo é encerrado com a voz da esposa de Evaldo, atingido por tiros disparados por militares do Exército brasileiro – de 13’08” à 14’02”] “o meu filho estava no carro, o meu filho tava no carro, ouviu tudo. ele quer a volta do pai, falei que o pai ta no hospital...gente, porque o quartel fez isso, eu falei, calma é o quartel, é o quartel. Ele Morreu, só tinha levado um tiro e os vizinhos começaram a socorrer, eu ia voltar mas eles continuaram atirando e vieram com a arma eu comecei a botar a mão na cabeça, moço socorre meu esposo, eles não fizeram nada, eles ficaram de deboche meu deus, meu deus, meu melhor amigo gente, 27 anos...”

## ANEXO C – Transcrição canal Nátaly Nery

### 1. ÓLEOS ESSENCIAIS E VEGETAIS PARA A SUA PELE *feat.* DAIANA PETRY #3

Nátaly: Meu nome é Nátaly Neri, esse é o meu canal, Afros e Afins, sejam muito bem vindas muito bem vindos... Estamos aqui para o terceiro vídeo com Daiana Petry, no Afros e Afins...

Daiana: É um papo de aroma terapeuta...

Nátaly: É isso!

Daiana: Onde a gente passa informação de óleo essencial e a importância de se conhecer.

Nátaly: Nós já fizemos 2 vídeos, por favor, assistam eles, ou assista esse e desperte seu desejo de assistir os outros. A gente deu uma introdução sobre aroma terapia, os óleos essenciais no primeiro; no segundo a gente falou sobre óleos pra você gerenciar as suas emoções e nesse terceiro a gente vai abordar um dos outros benefícios dos óleos essenciais e principalmente dos vegetais, que é a estética. Eu falo um pouco sobre isso aqui no canal, então eu tenho certeza que isso vai interessar vocês... E como é um assunto complexo, porque a gente não vai só falar 'esse óleo é bom pra tal coisa' e a Dai sabe explicar de uma maneira científica, essa informação a gente não acha em qualquer blog porque... não acha mesmo, não acha.

Daiana: Óleos vegetais, você sabe escolher o melhor óleo vegetal pra sua pele? Se você tem acne, se você tem inflamação, dermatite, linhas de expressão, qual óleo usar?

Nátaly: Psoríase... Muita gente me pergunta...

Daiana: Psoríase, acne rosácea que é super difícil de tratar nos produtos convencionais, que com aroma é possível... Então se você está em uma dessas situações e vê tantas informações na Internet, não sabe pra onde ir, acha que todos os óleos vegetais são bons, hoje a gente vai dar uma introdução em como definir qual óleo pra sua pele. Então, eu vou falar de três nomes um pouco mais difíceis, mas são importantes. Eu vou falar do óleo vegetal de açaí, que é um óleo vegetal brasileiro. Ele tem na sua composição uma quantidade significativa, cerca de 48%, 50%, de ácido graxo oleico. O quê que isso significa?

Nátaly: Essa eu sei responder

Daiana: Ahn?

Nátaly: Essa eu sei responder...

Daiana: Responde, vai!

Nátaly: Significa que ele é muito umectante.

Daiana: Umectante, verdade!

[imagem e som de um público batendo palmas]

Daiana: Então ele é indicado, quanto mais um óleo vegetal apresenta, em sua composição, ácido graxo oleico, melhor ele vai ser para uma pele ressecada, seca, com descamação... Um cabelo seco, um cabelo afro, cacheado, que precisa de uma umectação maior... Agora, aquele cabelo fininho, liso, oleoso, não deve investir num óleo vegetal de ácido graxo oleico porque vai ficar muito pesado. O cabelo vai ficar lambido, grudado, com cara de gordura, assim, pura. Então precisa, quando você vai comprar um óleo vegetal, já sabe, no outro vídeo a gente comentou, olhar a análise química de cromatografia do óleo vegetal, e lá você vai identificar quanto tem de cada ácido graxo, no açaí tem 48 quase 50%. O óleo vegetal de Buriti, um famoso óleo pra cabelos cacheados... É porque ele tem mais, ele tem 65% de ácido graxo oleico e isso faz ele ser mais umectante. E aí vem aquela pergunta, Daiana, eu conheço óleos de amêndoas doces, abacate... Que não são óleos brasileiros... Porque a gente tem esse hábito de conhecer o que é de fora...

Nátaly: E não conhecer os daqui

Daiana: ...e não conhecer os produtos brasileiros...

Nátaly: Bruriti e Açaí, brasileiros!

Daiana: Brasileiros. E aí pensa, 'ah, será que abacate é melhor? Amêndoas é melhor?' Não! O abacate e amêndoas têm 60%, 65% de ácido graxo oleico, é tão bom quanto o buriti em umectação e trazer realmente uma reparação pro cabelo, ou uma pele danificada. Então, se você tem pele oleosa e acneica, não usa açaí, buriti, amêndoas doces, abacate... Nada disso. Esses são produtos mais pesadões, vamos dizer, pra trazer umectação. E aí, então tá, beleza, eu não tenho pele seca, mas eu tenho uma pele com dermatite, uma pele sensível, com eczema, com inflamação, com vermelhidão... Que óleo vegetal eu posso usar se eu tiver acne rosácea, psoríase, dermatite? O óleo que tem a presença de ácido graxo palmítico; então um novo componente pra você aprender, conhecer e buscar nos óleos vegetais. Quanto mais ácido graxo palmítico, mais ele vai servir para reduzir inflamação, a irritação, vai realmente tratar uma pele com acne rosácea, dermatite, eczema, psoríase. Então você quer que seja efetivo pra sua dermatite e psoríase, tem que ter ácido graxo palmítico. E o óleo vegetal de andiroba e urucum são os que mais apresentam esse ácido graxo. Andiroba tem cerca de 25, 27 a 28%, uma proporção bem significativa, o que torna bem eficaz e a gente percebe o resultado logo em seguida que aplicou. Começando a irritação, passa um óleo vegetal, daí uns 30 minutinhos você já vai sentir alívio da coceira, da irritação, da vermelhidão... Óleo vegetal de urucum também é muito, muito bom... E, adivinha, são dois óleos vegetais brasileiros. Agora a gente vai sair um pouquinho dos óleos brasileiros, eu vou falar do óleo vegetal de jojoba...

Nátaly: Que é muito famoso também...

Daiana: Muito famoso. É importante falar dele, porque ele é eficiente pra uma pele oleosa, uma pele acneica. E tem gente que pergunta, ‘mas será que funciona mesmo? Aquilo é óleo, eu vou passar óleo em uma pele inflamada?’ É porque ele tem um ácido graxo chamado gadoleico, só ele tem esse ácido graxo. Esse ácido graxo se parece, como se fosse, a oleosidade da nossa pele, então ele vai equilibrar a produção de sebo e também a composição dele permite que não haja a proliferação de bactérias, que aumentam a inflamação, que aumentam a produção de acne. Então ele é realmente efetivo. Eu queria fazer um comentário que, o óleo vegetal de jojoba e o semente de maracujá, outro óleo brasileiro, eles são óleos indicados, são eficientes, para a pele oleosa, acneica, com bastante inflamação, porque é rápida a absorção deles. A semente de maracujá ele é rico em ácido graxo linoleico, 65%. É um óleo excepcional, vale usar pra uma pele sensível e oleosa... E tanto jojoba, quanto maracujá, fortalecem o fio. Então é importante separar as coisas, porque gadoleico e linoleico fortalecem, mas não trazem umectação, que é o oleico que faz. Então se você quer umectação, invista em óleos com ácido graxo oleico, se você quer o seu fio que está quebradiço, detonado da química, linoleico.

Nátaly: E aí, jojoba...

Daiana: É o gadoleico, que também fortalece. Tem nomes diferentes, mas a ação é a mesma. Você acabou de conhecer um pouco sobre a química dos óleos vegetais e já tem um norte pra onde ir: eu tenho ácido graxo oleico, palmítico, linoleico ou gadoleico? Qual é o meu tipo de pele e o que ela está precisando? Então quanto mais de cada componente, vai ser eficiente pro tipo de pele que você tem.

Nátaly: E sobre o óleo de coco, que muita gente pergunta, muita gente usa, muito se fala, talvez seja o mais popular do momento... E tem muita contradição também nas informações que a gente encontra na Internet. Ele é bom pra pele?

Daiana: O óleo vegetal de coco, ele é bom pra pele sim... Ele é bom pra uma pele mais inflamada, que tem oleosidade que, como eu posso dizer? Irritada... Porque ele também tem ácido graxo palmítico, então torna eficiente pra uma pele mais inflamada, irritada... Então sim, ele tem uma rápida absorção... Ele tem cerca de 10% de ácido graxo oleico, faz com que seja rapidamente absorvido, porque a molécula mais pesada ele tem muito pouco, então rapidinho ele é absorvido. Então pode sim ser utilizado por pele oleosa, inflamada, irritada... Pode ser utilizado pro corpo também, pro cabelo... Muita gente usa pro cabelo. E pra quem tem cabelo crespo ele não é o mais indicado, ele vai ser como um condicionante, pra uso diário, mas não pra uma reparação mais profunda. Pra quem quer diminuir o volume, por exemplo, ele não vai ser efetivo.

Nátaly: E o rícino?

Daiana: O rícino, ele já é um óleo vegetal, eu vou usar a palavra errada, adstringente. Ele é mais sequinho...

Nátaly: Apesar de não parecer. Quando você falou isso, eu fiquei...O quê?

Daiana: Ele é mais grosso, assim, pegajoso é a palavra certa, né? Mas ele é indicado pra uma pele oleosa e pra uma pele acneica, porque o efeito do ricinoleico, que está presente nesse óleo vegetal, é ser secativo, é cuidar da inflamação também. Ele tem muito pouco de oleico, ele tem menos que o de coco, ele tem 5%

Nátaly: Então ele é ainda melhor pra pele

Daiana: Ele é melhor do que o de coco

Nátaly: E olha que louco, porque se a gente for só reparar na textura, na cara... Se a gente for olhar isso, sem entender de fato a composição, a química desses olhos, você nunca vai passar um óleo de rícino no seu rosto.

Daiana: E aí você pensa assim: 'ah, já que ele é tão pegajoso, eu vou usar no meu cabelo, que ele vai trazer uma super umectação'. [Sinal de não com a mão direita]

Nátaly: Ele seca, né?

Daiana: Ele vai trazer um efeito secativo à longo prazo. O cabelo vai ficar mais seco se você usar repetidamente. Ele serve pra fortalecer o fio, deixar ele mais grosso, mais forte, resistente, mas não pra umectação. Então olhar a não quer dizer alguma coisa.

Nátaly: Não quer dizer nada...

Daiana: Exato... E hoje a gente tem como objetivo mostrar que a acne, em uma parte do rosto, tem um significado. A linha de expressão também tem um significado. E que tão tratar essa linha de expressão identificando a causa, com o óleo essencial certo e usando o óleo vegetal certo pra sua pele? Pra não deixar ela com oleosidade, secura ou descamação, deixar ela desequilibrada, né?

Nátaly: É isso...

Daiana: Então vamos falar dos significados das linhas de expressão e acne? De acordo com a fisionomia, quando você tem inflamações aqui [apontando para o queixo e maxilar], nessa região, está trazendo o quê? Desequilíbrio hormonal feminino. Você pode ter, por exemplo, ovário policístico, muito comum de aparecer aqui; uma desordem uterina, uma desregulação na menstruação, no sistema reprodutor mesmo. Aqui tá dando indício, meu sistema reprodutor, ele está meio descompensado e eu preciso cuidar dele. Existe um olho essencial que é mega, *power* anti-inflamatório, vai então tratar a questão física mas também vai tratar, de forma reflexo lógica, porque se aqui é um mapa reflexo lógico da minha saúde e vou tratar, de

alguma forma, também do meu sistema reprodutor feminino, que é o óleo de sálvia sclarea, ele reduz a inflamação e trata o sistema reprodutor feminino ensino, isso em cólica, TPM, desordem menstruais.. um bom olho para quem tem acne, principalmente na adolescência, nessa região [apontando para o queixo], que está com os hormônios a mil...

Nátaly: Então seria um ótimo óleo para diluir, um óleo essencial, no caso, pra diluir dentro de um óleo vegetal, aplicar...

Daiana: Todo dia, tomou banho, lavaou rosto, passa seu jojoba, por exemplo, com o sálvia sclarea. Sair do lavanda con titri...

Nátaly: Que é o clássico...

Daiana: ...e começar a conhecer a sua pele, o que ela está te dizendo. É um nível... A gente está fazendo aroma pra iniciantes, mas, é um nível aprofundado.

Nátaly: ... aprofundado, é... E qual seria a diluição pro roto, nesse sentido?

Daiana: Uma gota para 10 ml de óleo vegetal, concentração de 0 5%. Porque sempre rosto a gente usa dosagem 05.

Nátaly: E sobre espinhas, no geral, porque a gente tem em muitas em outras partes do rosto. Eu, por exemplo, estou com as espinhas no centro da testa e é muito comum; e são espinhas que eu não tinha antes...

Daiana: aí a gente tem que refletir o quê? Aqui [apontando pra testa] é uma zona da preocupação, pode ser que você anda um pouquinho mais preocupada, pode se você está se alimentando com algo que você não consegue digerir direito. Então, por exemplo, eu gosto de abacate, mas eu não consigo digerir direito; então quando eu como, a minha pele manifesta que eu comi abacate, ela começa a parecer uma acnezinha, uma irritação na pele de que, embora seja uma fruta, meu corpo não assimila direito abacate. Então, tem que olhar pra alimentação e também para o teu estado emocional. Então, acne aqui [apontando para a testa] poderia ser uma preocupação, aqui [apontando para o queixo] desordem hormonal... Aqui [apontando para as bochechas] é uma alimentação. Na bochecha mesmo é a grande circulação, então aqui a minha alimentação tá uma porcaria mesmo. Não vai justificar no emocional, tem que mudara alimentação. E aí não adianta usar o óleo essencial...

Nátaly: É mesmo?

Daiana: ...e continua comendo batatinha frita todo dia...

Nátaly: ... é verdade...

Daiana: ...porque, desculpa, sempre vai parecer alguma coisa ali. Você vai comprar um óleo vegetal, ele não pode ser vendido em uma embalagem plástica transparente. Por que?

Nátaly: O que mais comum...

Daiana: O óleo vegetal, ele se deteriora quando em contato com a luminosidade. Então se ele ficar exposto à luz vai perder toda a propriedade que ele tem. Quando é adulterado não se preocupa com a embalagem, como que vai chegar até o cliente, então coloca-se qualquer embalagem, um o produto adulterado, bem baratinho, para vender porque está na moda. E daí, quando o óleo vegetal entra na moda, existem inúmeras marcas que veem como um momento importante, para poder vender produto, e começam a comercializar de forma aleatória, sem realmente cuidar, preservar as propriedades do produto. Então, primeiro passo é ver se está em uma embalagem de vidro âmbar, depois também verificar a análise química SW ácidos graxos... Uma pesquisa da Unicamp, feita em 2011, mostrou que o óleo vegetal de azeite de oliva, quando a embalagem plástica transparente, ele já em um mês deteriorar significativamente, que você já tem um produto quase que morto ali, que não tem mais função nenhuma. Então a embalagem é tão importante quanto o produto que você está comprando ali dentro, líquido né? cada

Nátaly: Chocada! Chocada! É realmente útil, porque a gente tem medo de usar óleos. Não tenham! Utilizem esse vídeo por bem.

Daiana: Os óleos vegetais são absorvidos pela pele, é muito diferente do óleo mineral, que é o grande vilão....

Nátaly: Ah, é verdade...

Daiana: As pessoas entendem errado, porque há uns tempos atrás havia muitas marcas de óleo mineral, que vendiam, pra usar no corpo....

Nátaly: óleo mineral parece que é bom, porque é mineral, minério, pedras, é tipo...

Daiana: ...não... é minério de petróleo, de plásticos. Você está passando um plástico líquido na pele, que tampona nos polos... então, até uma dica, para quem não quer usar óleo vegetal, usar o óleo essencial em um creme, esse creme, além de ser neutro, ele precisa, na sua composição, não ter óleo mineral, parafina e vaselina, que são três tamponates, evitam o efeito do óleo essencial.

Nátaly: Se não, acabou.

Daiana: E o óleo vegetal, muitas vezes sofre o preconceito por causa da divulgação de óleos minerais pro dia a dia. A pessoa passava, sentia toda umectada, não saia nunca da pele. Quando lava é que saía, então essa sensação de oleosidade é de usar óleos minerais que ficam na epiderme, porque eles não são absorvidos.

Nátaly: é isso.

Daiana: Agora vou falar de linhas de expressão. Tem gente que tem linha de expressão aqui, horizontal na testa, e às vezes têm, sei lá, 20 anos de idade e tem linha de expressão. Ué, tá

envelhecendo antes da hora? Pode ser um sinal de um desequilíbrio em um órgão, o estômago. Preocupação, ansiedade... Pessoas ansiosas, pessoas que têm intolerância alimentares, geralmente têm linhas de expressões mais evidentes de forma horizontal na testa. Então você pode trabalhar de forma reflexo lógica também. O óleo essencial de cedro, que a Nátaly ama de paixão, é um óleo que equilibra estômago, trabalha ansiedade, ele reduz profundamente ansiedade, te deixa empoderada, segura, diante dos desafios e vai trabalhar linha de expressão. Se você já está se preocupando com uma linha de inspeção aqui [apontando para a testa], saiba que ele é um rejuvenescedor profundo e adstringente, ou seja, se você tem pele oleosa e ainda linha de expressão, ele é perfeito para regenerar profundamente. As múmias já usavam...

Nátaly: hahaha... A muito tempo. Já sabiam de tudo.

Daiana: Sabiam de tudo, esses egípcios. Outra manifestação na pele que é bem interessante perceber a linha de expressão aqui [apontando para o espaço entre as sobrancelhas]. Vamos fazer uma linha de expressão aqui [Nátaly e Daiana fazem as sobrancelhas] será que a gente está simpática agora? Não, a gente está mal humorada, irritada... Uma pessoa que está naturalmente assim, te dando oi, 'Oi, tudo bem?', ela tá com o fígado, assim, em excesso, está desequilibrado. Ela está precisando suavizar e irritabilidade, raiva... Sim, essa linha de expressão não é só do sol, porque você está contra a luz... não, mas é manifestante seu fígado não legal. E para suavizar e trabalhar de forma reflexo lógica a causa, a gente pode tratar o emocional, que seria raiva, com Patchouli, que é também o regenerador profundo anti-inflamatório. Se você tem acne, pode usar e também todo o rosto, para tratar a acne, que vai ser efetivo. E ele traz uma hidratação, diferente do cedro...

Nátaly: Lembrando, usar o *patchouli* diluído.

Daiana: Isso

Nátaly: Porque é um óleo essencial, só pra...

Daiana: Sempre.

Nátaly: Porque, as vezes a gente fala aqui, correndo...

Daiana: Obrigada, é verdade

Nátaly: Porque você falou 'passas o Patchouli em todo rosto', eu já imaginei as meninas 'uuuhuu, tchau acne!'

Daiana: Desculpa. O óleo essencial de Patchouli você tem que diluir uma gota para 10ml de óleo vegetal, então você pode aplicar em todo o rosto para reduzir a inflamação e para reduzir essa linha expressão. Você está com 20 anos, 30 anos e já está com linha de expressão aqui? [apontando para o meio das sobrancelhas] Amiga, tá na hora de fazer massagem para

desinchar, retirar essa linha de expressão. O cipreste é um óleo bem indicado pra outra manifestação no rosto; inchaço abaixo dos olhos...

Nátaly: Ah, aquelas bolsinhas, né?

Daiana: Isso. Essas bolsinhas representam retenção de líquidos, que é o quê? Eu posso estar contendo muita coisa dentro de mim, não conseguindo me expressar... Posso estar retendo líquidos, literalmente mesmo... Então ele vai trabalhar como se fosse de forma reflexo lógica o nosso baço e também o pâncreas. Outra coisa interessante é que o cipreste também é indicado para olheiras, que é uma deficiência de rins, falta de vitalidade, por n fatores... cipreste também ajuda. Então, o cipreste, ele é bom pra tudo. A gente brinca que ele se presta pra tudo na estética, assim. Por isso que ele é o rei da estética

Nátaly: O rei.

Daiana: Uhum...

Nátaly: E a gente está falando sobre o óleo essencial e óleo vegetal, mas a gente já, talvez, tenha pulado, qual a diferença... Porque um é uma coisa e o outro é outra...

Daiana: Verdade.

Nátaly: Porque que o óleo vegetal a gente pode se emplastar e o óleo essencial é uma gota.

Daiana: Isso. O óleo vegetal é uma gordura, é constituído de ácidos graxos, então é uma gordura que nem o azeite de oliva, extraído da semente, retira-se a gordura da semente... Já o óleo essencial é o que dá um cheiro para a planta. Quando você pega uma folha de hortelã e sente cheiro, é o componente aromático, então são componentes diferentes, ácidos graxos, de componentes de óleos essenciais...

Nátaly: Apesar de os dois levaram o nome de óleo.

Daiana: Mas o óleo essencial não é oleoso, ele é um princípio ativo. Apesar do óleo... é porque ela não se mistura com água. O óleo essencial vai ser o nosso princípio ativo e óleo vegetal vai ser o que encarrega essa informação na nossa pele, por isso, muitas vezes, chamado de óleo carreador, óleo base, porque ele serve para diluir que assim a gente ter os benefícios dos óleos essenciais.

Nátaly: Então, conhecer óleos essenciais é também conhecer óleos vegetais, porque os dois somados é só alegria.

Daiana: Sim, perfeito. Exato. Cuida da nossa pele de forma saudável, né?

Nátaly: Então é isso, deixem aqui nos comentários se vocês tiverem alguma dúvida. Procurem a Dai em todas as redes sociais, conteúdo aqui no *Youtube*, se informe mais... Utilizem isso como base pra se aprofundarem nos estudos de vocês, né? O objetivo é que vocês sejam autônomas nas informações...

Daiana: Isso. Todas as informações têm como objetivo que você não escolha o óleo vegetal porque viu uma propaganda, escolha pela sua composição. Que você escolha o óleo essencial, para cuidar da sua pele, pensando na causa e não só na inflamação. Que você tenha o movimento de ir um passo à diante e aproveitar pra se perceber, pra se conhecer cada vez mais. E, se tiver dúvida, o outro vídeo já comentei, neste também, você ficar com dúvida escreve que eu estarei nos comentários do vídeo da Nátaly respondendo e ajudando você, tá bom?

Nátaly: Responde mesmo! No vídeo da base respondeu todas as perguntas que fizeram.

Daiana: Exato. Então não deixe de perguntar, interagir... é importante para nós que você pergunte, tem dúvidas, do que simplesmente use porque ‘ah, eu não quero perguntar’ e fica com informação pela metade, talvez... Então pergunta, aproveita.

Nátaly: Isso. Um grande beijo, até o próximo vídeo...

Daiana: Um beijo.

Nátaly: ... Era só um beijo mesmo?

Daiana: Era só.

Nátaly: hahaha... assista os outros vídeos, tchau.

Daiana: Beijo, tchau!

## 2. COTAS PARA PESSOAS TRANS

Nátaly: Oi, meu nome é Nátaly Neri, esse é o meu canal Afros e Afins, sejam muito bem vindas, muito bem vindos, estamos aqui... Que prazer receber Maria Clara Araújo! [abraçando a convidada]

Maria Clara: Imagina... Eu sou Maria Clara Araújo, tenho 22 anos, sou de Recife, Pernambuco. Fui a primeira travesti da Universidade Federal de Pernambuco... Eu me assumo travesti aos 16 anos, no ensino médio ainda... Então, quando eu entro na pedagogia é muito dentro de um movimento de entender o meu próprio processo de escolarização a que eu fui submetida, né? Naquele momento... Acho que você acompanhou muito desse processo, não existia portaria de nome social; inclusive me lembro de que, quando cheguei na minha diretora, no meu diretor, pra falar de nome social eles viraram e falaram: ‘Mas o que é isso?’ E eu expliquei que era o nome pelo qual que queria ser chamada. [Nesse momento aparece no vídeo a seguinte descrição: Nome Social: 1. é o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis (em geral) ou qualquer outro gênero preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado, que não reflete sua identidade de gênero.] era um nome que

eu me sentiria confortável, que aquele nome iria, ser chamada por aquele nome iria me fazer continuar, né? Esse meu processo de escolarização... E eles falaram pra mim que Maria Clara não existia. Que aquele nome era um nome falso e que não tinha porque eles me chamares por Maria Clara, quando na minha certidão de nascimento era outro nome. Foi muito complicado pra mim porque eu não via, na instituição escola, tudo aquilo que foi difundido pra mim durante anos, pra todas nós. Que a escola nos aceita, que a escola é um espaço de convivência, um espaço de...

Nátaly: ...desenvolvimento...

Maria Clara: É... Um espaço de criar laços, de crescer, de formar o humano... Mas, até compreendendo essa concepção de que a escola forma o humano, talvez a escola também construa essa não humanidade. A partir do momento que ela nega certas demandas que certos corpos trazem, né? Como, por exemplo, as cotas raciais, como por exemplo, as questões dos banheiros e do nome social de pessoas trans, travestis... Então era muito complicado pra mim me sentir minimamente digna dentro de um ambiente escolar, quando as minhas demandas não eram vistas enquanto demandas legítimas, né? Que tinham relação com a minha permanência dentro daquele ambiente. Isso era algo muito complicado pra mim... Acabei meu terceiro ano, com muito suor, com depressão inclusive... E aí entro eu um processo de fazer o pré-vestibular, primeira travesti do pré-vestibular também...

Nátaly: Caramba!

Maria Clara: Então, assim... Naquele período eu tinha que aguentar muita coisa por conta dessa... desse papel de ser a primeira, de chegar e levar, pela primeira vez, essas demandas que eram muito mais vistas enquanto capricho, que é como a gente fala lá em Recife, do que enquanto algo realmente legítimo. Quando eu compreendia o papel que a sociedade brasileira designou pras travestis, eu realmente via o processo educativo enquanto uma saída, uma possibilidade de saída pra mim... Uma saída digna, né? Então assim... Quando eu vejo a Universidade enquanto uma possibilidade, eu vejo enquanto uma possibilidade de existência mesmo! E daí eu entro nesse processo de pré-vestibular... E naquela época, né? Uma das primeiras matérias sobre mim foi sobre eu ter conseguido o nome social no ENEM... Então assim, na minha época, que não faz muito tempo, mas assim, de 2015 pra cá, 2012 pra cá, a gente conseguiu muita coisa em relação ao nome social, em relação à pessoas trans dentro das Universidades públicas federais do Brasil... E...Ainda é pouco, obviamente, porque o que nós conseguimos é sempre tendo que justificar muita coisa... Porque embora todo mundo veja, com seus próprios olhos, que travestis e pessoas trans estão em um não lugar dentro da sociedade, quando a gente vai falar de medidas de reparação né? Medidas de integração, as

peessoas falam ‘Ôpá! Mas todo mundo é igual’, levanta aquele chavão, né? ‘e todo mundo tem as mesmas condições de chegar nos mesmos lugares, se as pessoas batalharem’. A minha entrada na universidade, para além de uma questão simbólica, né? Travestis, pessoas trans, entrando na universidade, que é muito importante... Pra mim significa subsídio mesmo, assim... Significa ter perspectiva... E perspectiva, no caso de pessoas trans e travestis, no Brasil, ainda no é muito caro, né?

Nátaly: E por isso, assim... Expandir esse debate, colocar a importância de mais pessoas trans, em mais universidades públicas federais, fazendo os mais diversos cursos, é tão fundamental... E aí, eu sei, você me disse um pouco, que existem já algumas universidades no Brasil que já têm cotas pra pessoas trans, não só pessoas trans, mas quilombolas, indígenas... E é uma coisa que precisa ser ampliada... E quais são as. No Brasil, que hoje oferecem...?

Maria Clara: UFBE tem essas cotas pra pessoas trans na pós graduação da educação, né? O PPGE... A gente tem cotas pra pessoas trans acredito que na graduação da UFBA, a gente tem cotas pra pessoas trans na UNEB, né? Universidade Estadual da Bahia. A gente tem também na do sul da Bahia, a gente tem... Eu acredito na UFC deve ter... A gente tem aqui, em São Paulo, na do ABC... Então assim, são iniciativas, digamos assim, pioneiras, né? Mas que eu acredito que tem total relação com as reivindicações do movimento negro, e é muito importante pra gente estar discutindo com pessoas trans, sobre cotas pra pessoas trans nesse momento, né? Que a gente está pautando sobre o processo de humanização... com relação as nossas humanidades, e de, enfim, estarmos agora participando e tencionando as relações de poder dentro da sociedade brasileira, que, por muito tempo, apagou nossa existência, assim... Travestis sempre existiram no Brasil...

Nátaly: Reduziu ao objeto de estudo dentro da universidade...

Maria Clara: Outra frase muito importante também, de Giovana Xavier, intelectual negra, incrível, dizendo que ‘você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo, por mulheres negras contando sua própria história’. Então quando a gente tá, por exemplo, enquanto travestis e pessoas trans, discutindo sobre a nossa produção de conhecimento, pra mim é muito óbvio como a gente está reverberando toda essas indagações e problematizações de mulheres negras e pesquisadores negros, em relação a essa produção de conhecimento que foi usurpada das nossas das nossas mãos, né? Que... A Grada Kilomba, que é uma feminista negra, ativista, né? Intelectual... Ela traz uma foto da Anastácia, que é uma foto bem simbólica, né? Do período escravocrata do Brasil, e a Anastácia está com uma máscara de silenciamento, né? E a Grada fala que essa máscara, esse silenciamento que foi imposto para as pessoas negras, fez com que o sujeito branco construísse o arquétipo, né? A imagem do sujeito negro,

pelo sujeito negro. Então, nesse momento, quando pessoas negras, quando pessoas trans, entram nas universidades, produzem essas ciências, né? Tencionam ciências anteriores, que se colocavam uma produção....

Nátaly: Como hegemónica, sim...

Maria Clara: ...uma produção hegemónica, uma produção neutra... Porque é muito complicado, inclusive é muito importante também pontuar isso, que, por exemplo, eu e Nátaly estávamos fazendo um TCC sobre questões negras dentro da universidade. E daí, chega um professor, e fala assim: 'Não. Esse trabalho de vocês é muito pessoal'

Nátaly: 'É muito subjetivo, e a pesquisa acadêmica é objetiva'

Maria Clara: É... Mas daí se esse professor, que provavelmente é branco, pesquisasse sobre pessoas negras, daí não, é produção de ciência... E daí, né? A gente cai em uma mentira acadêmica, que dá pra gente desassociar corpo de mente, produção de conhecimento da posição que você tá localizado socialmente. Isso não existe! Isso é uma grande mentira da produção de conhecimento branca. Então, assim... Existem tantas camadas pra se discutir sobre pessoas trans na universidade, sabe? Desde entrada pelas cotas, até permanência, em relação a bolsas, né?

Nátaly: E é justamente essa questão... A gente sabe que as cotas acabam sendo uma forma de você entrar, justamente por isso você não consegue deslegitimar a permanência ou o desempenho de um aluno cotista dentro da Universidade, porque as cotas é só uma reparação, não necessariamente a garantia de que você vai conseguir se formar, permanecer, estudar...

Maria Clara: Não... Sem dúvidas!

Nátaly: Não é, de fato, de forma alguma... Por isso que a gente fala da política de permanência de uma forma tão contundente, dentro da universidade... cobra, né? Não só pessoas negras... Mas aí, pra pessoas trans, como isso é pensando? Como as políticas de permanência são pensadas? Você já sabe de alguma, algo que já acontece hoje, ou já tem perspectiva do que deveria acontecer?

Maria Clara: É, então... No caso de pessoas trans, por exemplo, lá na UFPE a gente teve a portaria de nome social e banheiro, né? E depois a gente teve a diretoria LGBT, que foi uma iniciativa, né? Que tinha bolsas para pessoas LGBTs, um programa, que é o Zona Multicor, tem aqui no *YouTube*... Que é um programa tocado por pessoas LGBTs da UFPE, então assim... Pensar sobre permanência de pessoas trans, vai desde, não só, a questão do nome social e do banheiro, mas a permanência financeira. Principalmente também, né? Por exemplo, eu viajo muito, eu tenho essa questão de ter que vir pra São Paulo palestrar, ter que ir pra outras cidades fazer outras atividades, e muitas das vezes as minhas professoras, elas ficam:

‘mas como assim você vai viajar no meio do período?’. E eu sou muito sincera de dizer: ‘olha, se eu não viajar eu não tenho um retorno financeiro, e se eu não tenho retorno financeiro eu não continuo a minha graduação’. Então, assim, existem inúmeras especificidades com relação à pessoas trans e travestis dentro da universidade.

Nátaly: Por isso é tão importante a gente falar em primeira pessoa, entender as especificidades desses grupos, desses espaços ainda mais específicos e desconhecidos pra nós, que é a universidade. Porque é isso, eu também sou a primeira geração da minha família que entra em um espaço universitário, sem referência nenhuma, né? A gente fala de herança e herdeiros no sentido material, mas a gente também tem uma herança educacional. Você não tem essa expectativa, ou essas experiências antepassadas pra te levarem... É justamente, você está sendo a primeira agora.

Maria Clara: Às vezes, pra mim, é até muito complicado assim... Porque as vezes a gente acaba até se encontrando com pessoas negras ou até com travestis, né? Que perguntam: ‘ah, mas porque vocês estão na academia?’ ou se não colocam nossos corpos porque estão na academia em um lugar ou em um não lugar dentro da nossa própria negritude ou transexualidade... E eu costumo falar que o movimento negro, ele teve um projeto para que nós estivéssemos na universidade daqui a alguns anos, né? Então assim...

Nátaly: A gente é a realização dos projetos...

Maria Clara: Dos projetos de pessoas que vieram antes de nós, assim...

Nátaly: Nós somos herdeiros políticos, então! A gente pode não ser herdeiros educacionais no sentido familiar...

Maria Clara: É... Meu avô não estudava na Universidade Federal de Pernambuco.

Nátaly: O meu também não...

Maria Clara: Mas pessoas idealizaram que o meu corpo estivesse lá.

Nátaly: Nossa... Arrepiei! É isso! Exatamente isso... Enfim, Maria Clara é um poço, é um mar de sabedoria, inteligência, beleza... Vocês têm que seguir ela no *Instagram*, porque é cada self maravilhosa. Vou deixar todas as redes aqui, vou deixar também... sigam no *Instagram* pra vocês saberem quando ela vai estar dando palestra, onde, seguirem, acompanharem, acessarem; se informarem, principalmente, pra gente não ficar reproduzindo incertezas, inverdades e coisas que não são úteis. E continuem apoiando, continuem refletindo, continuem acessando e questionando os espaços que vocês querem pertencer ou já pertencem. Quer deixar um beijo pra alguém? [Olhando para Maria Clara].

Maria Clara: Ah, não... Tô de boa, tô tranquila, tô feliz!

Nátaly: Então é isso... Que bom te ter aqui! Que bom, enfim!

Maria Clara: Enfim!

Nátaly: Bálsamos para os meus ouvidos! Um grande beijo gente... Deixa aqui nos comentários se você também está na universidade, o que você vê dessas experiências. O que você pensa, entendendo que o que você pensa, as vezes pode ser um pouco violento, se você não necessariamente concordar, porque isso aqui não é um debate que está aberto a 'ah, isso é bom ou não', a gente está falando da nossa existência, a possibilidade de ser humanizado ou não. Então isso não está aberto a 'eu acho que isso é legítimo ou não', né? Não é esse o ponto... é justamente discutir o que a gente pode fazer agora, uma vez que estamos falando que precisamos acessar, que precisamos estar. Deixa um *like*, se inscreve no canal e até o próximo vídeo.

Maria Clara: Beijo!

Nátaly: Tchau!

### 3. ABSORVENTE E CALCINHAS ECOLÓGICAS (pra quem não se adaptou ao coletor ou só quer mudar pra melhor)

Nátaly: Se você estava ativa nas Internet, nos últimos anos, você viu que muita gente testemunhou uma grande revolução menstrual, com a chegada ou pelo menos com a popularização dos copos, ou coletores menstruais, ou copinhos... E várias pessoas chamam de várias formas... E se você também esteve na Internet, talvez você se interessou por isso, tentou comprar, fazer todas as dobras possíveis, tentar encaixar de várias formas... E, infelizmente, não conseguiu fazer parte dessa grande revolução! Meu nome é Nátaly Nery, esse é o meu canal Afros e Afins e hoje eu vou contar pra vocês como os absorventes ecológicos, ou reutilizáveis foram fundamentais pra salvar o meu ciclo menstrual e mudaram completamente a minha vida. Uma vez que, mesmo não tendo conseguido me adaptar ao coletor menstrual, eu consegui abrir mão dos absorventes descartáveis. Muitos de vocês devem saber sobre o quão importante é procurar alternativas sustentáveis, e mais saudáveis, aos absorventes descartáveis; aqueles que a gente geralmente compra em farmácia, um pacotinho que vem com 8 a gente compra 2, 3, 4 por ciclo menstrual. E caso você ainda não saiba porquê de ser importante pensar essas outras alternativas a esse tipo de absorvente, eu vou explicar aqui, rapidamente. Segundo o site da Korui, uma pessoa tem, em média 450 ciclos menstruais ao longo da vida, o que vai levar ela a usar mais de 10 mil absorventes descartáveis, que vão gerar 150 quilos de lixo, que vão demorar mais de 100 anos pra se decompor. Uma pessoa! E aí você pensa hoje, no Brasil, nós temos mais de 12 mil toneladas

de absorventes sendo descartados todos os meses! Absorventes esses que vão para lixões e pior, lençóis freáticos, mares... Que poluem muito e vão demorar muito pra sumir do planeta. Só por isso, entendendo o impacto que os absorventes geram, e que existem outras alternativas a esses absorventes descartáveis, a gente devia saber que elas são coisas do passado. Na verdade, eles são coisas do presente, que devem ser abandonadas, porque no passado se usava absorventes de pano e se causava bem menos impacto do que a gente causa hoje. Mas se o impacto ambiental não for o suficiente pra te convencer, vale dizer que os absorventes descartáveis também não fazem muito bem pro nosso corpo. Eles são cheios de toxinas, gel, cola, plástico, perfume... Que vão entrar, mensalmente, em contato com vulva, com a sua mucosa e companhia. Fora o dinheiro jogado fora! Porque o *site* da Korui também calculou que uma pessoa vai gastar, em média, 6 mil reais, ao longo da vida, com absorvente que custa, em média, 40, 60 centavos. Você vai gastar 6 mil reais de absorvente, que você vai jogar no lixo durante seu ciclo menstrual, todos os meses, até o fim da sua vida, ou até enquanto você menstruar. Não é barato, não é sustentável, não é saudável, não é ecologicamente correto, e existem sim alternativas ao uso deles. A mais conhecida, obviamente, são os coletores menstruais, que tomaram um bum. Sempre... Sempre existiram, não; mas existem a um tempo já, a muito anos, mas vieram crescendo e se popularizando nos últimos 5 anos. [imagens mostram um coletor menstrual, enquanto Nátaly fala]. Pra quem não conhece um coletor menstrual, é um copinho de silicone que você introduz no canal vaginal, pra coletar o sangue, e que surgiu pra substituir os absorventes descartáveis. E ele é um milhão de vezes mais útil do que esses absorventes descartáveis, por ele pode ser reutilizado anos, anos e anos. E o único gasto que você tem é comprando o coletor, uma vez, e depois mais outra vez daqui a muitos e muitos anos... E lavando, né? E aí gasto mínimo, você abre a torneira, passa uma água e já é. Quando a gente olha o coletor, a gente realmente fala 'caramba! Uma revolução! Ele é sustentável, ele é saudável, ele é prático e ele é barato', se você for perceber, ele custa uns 80, 70 reais, mas se você for entender que você vai usar ele por anos, né? Em, sei lá, 3, 4, 5 ciclos você paga no valor do seu coletor, o que você gastaria com absorventes descartáveis, então, por isso, muita gente fica frustrada quando não consegue se adaptar ao uso do copinho. Existem várias questões pra uma pessoa não conseguir se adaptar logo de cara ao uso do coletor menstrual, uma delas é, por exemplo, o tamanho do colo do útero. Tem pessoas que tem o colo do útero muito baixo, tem dificuldades pra introduzir e etc... E tem pessoas que simplesmente não se adaptam, porque de alguma forma entendem que ele é muito invasivo... é o meu caso. Eu realmente acho o coletor menstrual um pouco invasivo, e eu não lido bem, principalmente com a ideia, muito mais do que com o ato,

de ficar introduzindo e retirando, todo mês, durante uma semana, no meu ciclo menstrual, o coletor, do meu canal vaginal. E aí cada pessoa é uma pessoa, cada vagina é uma vagina. E aí, quando você fala que não se adaptou ao coletor menstrual, como ele é realmente muito incrível, aparece muita gente falando: ‘como? Você usou errado!’. Não! Às vezes a gente não usa errado, as vezes dá certo, eu realmente usei ele, deu teoricamente certo mas ele não é o meu estilo de coisa. Quando você pensa ‘caramba, eu não me adaptei ao coletor...’, eu vejo vários comentários de pessoas falando ‘vou continuar usando absorvente descartáveis porque não me adaptei ao coletor’. Eu também passei por essa fase, fiquei meses e meses depois, desolada, de ter entendido que o coletor não necessariamente era pra mim, e fui utilizar os absorventes descartáveis até conhecer os absorventes ecológicos. Na verdade, o primeiro contato que eu tive foi com as calcinhas absorventes, que eu usou durante um primeiro ciclo somente pra dormir, e depois eu me dei conta de qual incrível e poderoso era e no ciclo seguinte eu já tinha substituído todos os absorventes descartáveis por calcinhas absorvente. Isso vai fazer um pouco mais de um ano e meio, então eu tenho mais de um ano e meio de experiência com absorventes e calcinhas unicamente e eu vou compartilhar um pouco do que eu acho, aqui pra vocês. Tanto o absorvente, quanto a calcinha, são feitos de tecido. Geralmente eles têm uma camada ante aderente em baixo, pra evitar o vazamento do sangue. No absorvente ecológico, principalmente, no lugar da cola, que mantém ele grudado na parte de baixo, a gente tem um botão na parte de baixo, que você prende na calcinha que você está usando e usa ele como se você estivesse utilizando um absorvente descartável que você já está acostumada. No caso, eu utilizei as calcinhas absorventes da Pentys e os absorventes ecológicos da Korui, isso porque foi os que eu acessei, mais existe uma série de pessoas que estão produzindo essas calcinhas e esses absorventes de forma artesanal. Eu vou deixar aqui o link com algumas dessas pessoas se você quiser também comprar de uma mulher, produtora, enfim... Não necessariamente de uma grande empresa. Tanto a calcinha absorvente, quanto o absorvente ecológico, cumprem tudo que se propõem desde que você, obviamente, você utilize eles da mesma forma que você era acostumada a utilizar absorventes descartáveis, trocando nas horas certas, entendendo o tamanho do seu fluxo para o tamanho da calcinha que você vai comprar. E é importante falar o que eu mais gosto em um, o que eu mais gosto em outro. No caso das calcinhas o conforto é a grande questão. Com a calcinha absorvente você dorme, você vive o seu dia como se nada estivesse acontecendo, como se você nem estivesse menstruada. Mas é importante você se lembrar de que está menstruada, pra trocar a calcinha quando necessário, porque senão ela vai vazar assim como qualquer absorvente vazaria. Ao paço que, como o absorvente ecológico, você tem a constante presença dele na sua calcinha

normal, que você usa no dia a dia. Não é tão desconfortável assim, principalmente se essa pessoa está, a vinda inteira, usando absorvente descartável, sabe? É aquela sensação de que existe algo a mais na sua calcinha, é um volume que está presente e é isso. E geralmente, se você já usou absorvente descartável, como eu disse, você vai saber lidar e não é assim incomodo. Mas a calcinha é realmente muito confortável e você as vezes esquece que está usando uma calcinha para menstruação. Um outro é que os valores também são bem diferentes. As calcinhas normalmente são bem mais caras, custam, em média, de 70 à 100 reais, dependendo do fluxo menstrual. Ao paço que os absorventes custam, em média, de 20 à 35 reais, ou seja, são muito, muito mais acessíveis. Os absorventes ecológicos também ganham no quesito praticidade, eles são muito mais simples de você trocar, tirar e lavar, principalmente nos primeiros dias de ciclo, em que o fluxo está mais intenso. É simples, se sentiu que encheu, deu a hora, você vai no banheiro, destaca o absorvente, coloca outro, guarda numa sacolinha impermeável, pra lavar em casa, e se estivesse usando a calcinha e estivesse na rua, teria que levar outra calcinha, obviamente, que seria mais cara, tirar o tênis, tirar a calça, se você estiver de tênis e calça e colocar, trocar, enfim... A praticidade do absorvente também é maior no quesito lavar, porque eu sinto que o absorvente ecológico é muito mais rápido de secar que a calcinha. No quesito de segurança o ponto também vai para as calcinhas absorventes, isso porque o absorvente ecológico não tem cola, obviamente, então o que segura ele na calcinha é o botão que fica em baixo. E ele pode ficar sambando, dependendo da calcinha normal que você estiver usando, e aí ele pode vazar muito mais rápido. Não dá pra usar uma calcinha muito justa ou muito larguinha, porque se não o absorvente não se adapta e não fixa ao seu corpo. Então, pro absorvente ecológico funcionar bem, cê tem que ter o cuidado de achar uma calcinha que fique justa o suficiente, seja larga o suficiente, pro teu corpo. Não que as calcinhas absorventes sejam infalíveis, muito pelo contrário, tem muita gente na Internet que reclama, que diz que elas sempre vazam... E obviamente, gente, porque não é um coletor menstrual, que também vaza, né? Enfim, pode vazar, dependendo das posições que você fica, se ela vai um pouco pro lado, as vezes vaza... Se você não coloca direito, se ela está muito larga, e as calcinhas também vendem em vários fluxos, e você teria que comprar e trocar, talvez, com mais rapidez, se você tivesse um fluxo muito intenso. E existem também os absorventes ecológicos noturnos. Eles são bem mais largos, então eles cobrem bem mais, garante que o seu fluxo fique um pouco mais contida ali. No caso das calcinhas absorventes, elas são calcinhas, então elas foram pensadas pra se adaptar, né? Ao formato do teu corpo e de vários corpos. Existem calcinhas de vários tamanhos, do PP ao GG e, por isso elas são bem mais confortáveis e seguras, né? No caso,

você só tem que pensar na calcinha que você vai usar, ao passo que no absorvente talvez isso não seja tão prático, você também vai ter que se atentar ao tipo de calcinha que você vai ficar usando durante o seu ciclo. Logo, o absorvente ecológico ganha de lavada no quesito preço e praticidade, ao passo que a calcinha arrasa no quesito segurança e conforto. Mas independente de formato, praticidade, saber que eu não vou ter que correr na farmácia todo mês, no desespero, que eu geralmente não calculo muito bem o meu ciclo, e que eu não vou usar algo que vai ser descartado logo em seguida, e que vai continuar no planeta mesmo depois de eu ter morrido; já é um grande alívio. E além de tudo isso, existem as questões mais sociais subjetivas. Usar absorventes ecológicos, usar calcinhas absorventes, mudam muito a relação que você tem com a sua menstruação. Eu não sei vocês, mas eu fui ensinada que ninguém, nunca, poderia saber que eu estava menstruada. Eu fui ensinada a pegar o meu absorvente, enrolar numa bolinha, colocar o plástico que veio junto do outro que eu usei, enrolar, depois enrolar em um papel higiênico e jogar no lixo, pra ninguém saber, não ter ideia, inclusive eu, porque eu já tirava correndo, enrolava e jogava, que eu estava menstruada. Com os absorventes e com as calcinhas você vai ter que pegar, ir lá e lavar esse absorvente, vai ter que lavar essa calcinha com o seu sangue menstrual, e é o que faz muitas pessoas ficarem com nojo, mas é isso, é o teu sangue, tá saindo do teu corpo, é um fluido que vai sair mensalmente durante grande parte da sua vida e você tem que naturalizar e parar de demonizar o fato de você tocar esse sangue, lavar esse sangue, ver esse sangue e entender, caramba é um sangue, tá saindo de mim esse sangue. E Eu acho que no quesito de naturalização do ciclo menstrual e do sangue, principalmente, as calcinhas e os absorventes ganham até do próprio coletor, porque o coletor você vê o sangue saindo e etc., e aí você retira, obviamente você tem que introduzir a mão, retirar, talvez saia sangue, e depois jogar fora. Com a calcinha você precisa lavar, você precisa ver, precisa trocar sempre... Eu acho que acaba sendo uma relação muito mais intensa e presente. Não que seja necessário pra você aprender a respeitar a sua menstruação, tá? Nada a ver! Inclusive existe um efeito que fazem muitas pessoas terem nojo de utilizar os absorventes e a calcinha, que é o efeito calcinha melada, né? Quando você sente... Por que é isso, o absorvente e a calcinha, eles vão absorver o sangue menstrual, mas não daquela maneira mecânica e objetiva que o gel do absorvente descartável consegue fazer, então você vai sim, às vezes, sentir a tua vulva em contato com o teu sangue. Enfim, como vocês perceberam, existem muitos pontos positivos no uso de um, no uso de outro, do copinho em si, que eu não vou falar tanto por que eu não tenho tanta experiência, de ter tentado e não ter me adaptado. Mas, no geral, vocês percebem o quanto é importante... As pessoas geralmente falam, e isso é muito louco, né? Em comparação até aos absorventes

descartáveis... As pessoas falam: ‘Ah, no copinho, no coletor menstrual, você também não sente o cheiro do sangue, o mesmo cheiro que a gente sentia com os absorventes descartáveis, porque, enfim, o sangue ficava lá por horas oxidando e etc., e do copinho ele sai direito do teu útero e vai direto pro lixo, ou pras plantas, se você for plantar sua lua etc.’. E a grande loucura é, que mesmo com absorvente ecológico, com o sangue descendo do útero, indo pro absorvente, oxidando, ficando em contato com o ar e etc., ele também não tem o mesmo cheiro que sangue normalmente tem nos absorventes descartáveis, isso porque ele não entra em contato com aquele monte de toxina, com aquele monte de coisa que, com certeza, alteram muito o sangue ali no absorvente. E porque que eu tô fazendo esse vídeo? E porque eu acho que ele é muito importante? Porque a gente tem usado muito absorvente, obviamente, esse vídeo não são pra mulheres especificamente, são pra pessoas que menstrual, pra pessoas que têm uma vagina e estão menstruando, ou pra pessoas que querem pensar em novas alternativas... Mas eu tenho visto que esse discurso, geralmente, fica num mundo muito exclusivo, muito elitizado, né? Parece meio papo de garota classe média alta de São Paulo, tipo, aí usar coletor menstrual, usar calcinha absorvente. E quando você fala isso pra pessoas que realmente precisam ou vir, por exemplo, mano, uma calcinha absorvente ecológica vai custar 20 reais, existem mulheres que fazem até por menos, mas a média é 20 reais, você vai economizar uma grana gigantesca com absorventes que você gastaria todo mês, então por que essa informação não está chegando até essas pessoas? Hoje em dia, as questões menstruais, as questões ligadas a isso estão cada vez mais complexas, isso porque, muitas vezes, a gente não tem acesso a informação, ou porque essa informação é difundida em um meio que a maioria das pessoas brasileiras, que deveriam acessar essas novas alternativas, não conseguem se identificar, fazer ponte, conexão. Por isso eu quero mostrar pra vocês, eu quero muito que vocês sigam e acompanhem um projeto muito, muito incrível! O projeto se chama Lixo Zero Angola, não sei se vocês vão conseguir ver aqui [mostrando a tela do celular] vocês podem encontrar no *Instagram*. O meu celular tá todo ferrado, mas é isso aí. É um projeto que é idealizado e atua em Angola, que é um lugar onde tem muito problemas com lixo. Aqui tem informações de que cada cidadão Angolano produz cerca de 4 quilos de lixo por dia. E o Lixo Zero Angola fala de educação ambiental e saúde reprodutiva de uma maneira muito social e engajada, em espaços periféricos angolanos. E esse projeto serve pra mostrar a importância de iniciativas como essa, e de se pensar as alternativas, e como é importante que as alternativas alcancem as pessoas que verdadeiramente, ou de forma mais intensa e impactante, se beneficiariam com elas. Trazer absorventes ecológicos, além de coletores ambientais, com educação ambiental, pra um espaço que as pessoas produzem muito lixo e que a taxa de

pobreza é muito grande, essas pessoas estão em vulnerabilidade sócio econômica. De uma forma geral, tem muito pouco acesso ao saneamento básico, é absolutamente revolucionário, eu já ouvi muita gente falando que esse papo de lixo zero e coletor menstrual é muito papo de classe média alta brasileira, e talvez isso seja, mas não porque deve ser, ou porque nasceu pra ser, mas talvez porque só essas pessoas estejam falando. Refletir sobre isso é falar sobre saúde, é falar sobre educação, é falar sobre acesso, é falar sobre saneamento básico, é falar sobre educação ambiental, é falar saúde reprodutiva, principalmente nos espaços que precisam disso. Por isso esse vídeo, além de uma grande introdução a essas questões, pra você refletir e tentar pensar em alternativas dentro das suas possibilidades, obviamente, é também um convite para que vocês levem isso para muito mais pessoas por aí. Eu espero que vocês tenham gostado desse vídeo, se vocês gostaram deixa um grande *like*, se inscreve no Afros e Afins porque a gente vai trazer muito mais conteúdo sobre essas questões e, é isso... Deixa um comentário aqui em baixo, se você já usa, se você não usa os coletores, se você se adaptou, se você prefere a calcinha, se você já tinha pensado em usar as calcinhas ou os absorventes ecológicos, eu quero saber. E não de seguir o @lixozeroangora pra vocês entenderem como esse movimento, como essas questões estão sendo usadas de maneira política e muito impactante em vários lugares do mundo. É isso. Tchau!

#### 4. VOCÊS, EU E ESSE CANAL

Nátaly: Nós batemos meio milhão de inscritos e eu fiquei muito feliz, muito contente e com um senso de responsabilidade ainda maior. Meu nome é Nátaly Neri, esse é o meu canal Afros e Afins, sejam muito bem vindas, muito bem vindos... Eu estou de cabelo novo, e velho, né? Falei sobre isso na minha última foto no *Instagram*, vai lá ver. E eu vou fazer esse vídeo contando um pouco pra vocês sobre algumas mudanças, ou ao menos algumas informações a mais que eu quero passar pra vocês sobre o conteúdo do canal e também fazer um grande agradecimento. Primeiramente, obviamente, muito, muito obrigada! Faz mais de um mês que a gente, no caso, bateu meio milhão de inscritos, mas eu não tive tempo de aparecer aqui propriamente pra agradecer a vocês por isso, agradecer por divulgarem o canal, agradecer por fazerem parte desse grande espaço digital que nós somos... Muito, muito obrigada! Obrigada por apoiarem, por fazerem esse canal continuar crescendo, apesar de tudo. E se não fossem vocês, sinceramente, eu já teria desistido a muito tempo de tudo isso, e não por não acreditar no que eu faço, por achar que já não é mais transformador, mas talvez por entender que aqui seja muita exposição, que as coisas aqui sejam intensas demais, que é tudo demais, que talvez

valha a pena por conta do alcance, mas que eu poderia estar fazendo a mesma diferença em outros lugares, com nem tanto alcance assim, mas tudo bem. Obviamente ficar meio que famosa, porque eu me considero uma pessoa famosa quando as pessoas me param na rua, aleatoriamente, eu fico surpresa, eu acho que isso é muita coisa. Nunca foi meu objetivo, na verdade eu nunca achei que isso aconteceria, muito menos o glamour de conhecer pessoas que eu só via na TV, ou a possibilidade de desenvolver projetos incríveis e gigantescos, e fazer viagens para vários lugares fora do Brasil; que só foi possível e só aconteceu por conta do trabalho que eu faço aqui. Isso foi um sonho que eu nem sabia que eu sonhava, porque era tão distante da minha realidade que eu nem podia vislumbrar. Pra complicar, ou não, eu sou uma pessoa bem reservada, bem de boa, eu vim do interior, eu gosto do comum, eu gosto do simples, e eu nunca objectivei, nunca tive como sonho nada disso que está acontecendo na minha vida; talvez por não ter sonhado muito alto ou por ter acreditado que eu ia alcançar pouca coisa mesmo. Mas, capacidade de sonhar ou não de lado, quanto mais você cresce nessas redes, mais o peso aumenta, mais as coisas ficam complicadas. Mais a gente acaba se questionando, mais a gente acaba tendo que lidar com uma galera que é, literalmente, bizarra, que puxa mesmo o seu tapete, que fala muito mal de você por aí e nem te conhece. E não necessariamente to falando de gente que te critica, porque crítica construtiva existe! Eu sempre soube que eu não agradaria ninguém, a vida é assim, a gente não agrada ninguém nem offline quem dirá on-line, falando pra sei lá quantas mil pessoas, não é mesmo? Mas eu estou falando de coisas que eu nem achava que existia na realidade, por ter vivido numa cúpula no interior, por ter achado que as pessoas não poderiam ser tão ruins, ser tão intensas assim... E estar exposta dessa forma verdadeiramente me surpreendeu. E todas as vezes que eu encontrei pessoas assim no meu caminho, que, infelizmente, não são tão poucas; pessoas sem ética, pessoas realmente assustadoras, eu me vi com vontade de parar porque, tipo, mano, cansada! Tô cansada demais pra aguentar isso. Se você quer tanto, leva! Se você me odeia tanto, beleza, eu não tô nem aí pra isso. Mas todas as vezes que eu pensava talvez em ‘vou desistir porque estou cansada disso’, e eu nem estou falando de ataque racista, porque ataque racista é um outro rolê que a gente lida de outras formas, infelizmente. Eu pensava: ‘Não! Eu vou ficar!’ Eu vou ficar porque pra cada uma dessas coisas ruins que me aconteceram eu recebi milhares de mensagens incríveis, inspiradoras, esperançosas, de cada um de vocês. Pra cada uma dessas coisas ruins e mancadas que me aconteceram, eu via vocês compartilhando foto, entendendo coisas novas, buscando conhecer outras possibilidades de viver a vida... Eu vi vários de vocês dizendo que entraram na universidade, no mesmo curso que eu, na mesma universidade que eu, depois de ter assistido aos meus vídeos e, caramba! Caramba! Isso não

tem tamanho, isso é gigantesco, isso é poderoso demais. E eu realmente seria muito besta, eu seria muito ingênua de deixar tudo isso, de parar de fazer o que eu faço, me inspirar cada vez mais por vocês, ajudar vocês a se inspirarem, se eu simplesmente abandonasse por conta de meia dúzia que tentou me fazer mal. [trecho de clipe e música de Beyoncé – Formation – inserida no vídeo] Eu estou nesse canal vai fazer 4 anos, e quando eu comecei eu tinha acabado de acessar um mundo completamente novo, transformador, tirador de vendas e máscaras que simplesmente transformou a forma como eu entendia a minha vida e o universo ao meu redor. E o meu único e principal desejo era compartilhar com vocês tudo isso que eu estava aprendendo. Com o tempo, obviamente, as coisas foram mudando, e a minha vocação, que era inicialmente uma vocação, foi se transformando em uma nova possibilidade. Uma possibilidade de, de repente, construir um futuro mais digno pra mim, pra minha família, pros meus amigos próximos... E é isso que eu venho tentando fazer de forma pessoal e individual. Se no começo do canal eu utilizava os vídeos sobre trança pra conseguir cliente, poder trançar cabelo e ter dinheiro pra pagar meu aluguel e 2,50 era a diferença entre o meu almoço e a minha janta, ou seja, eu iria jantar ou almoçar; as coisas foram se transformando tanto ao ponto de eu já conseguir comer decentemente, inclusive poder começar a questionar se eu poderia ajudar a minha mãe a pagar uma dívida gigantesca que ela tinha durante a vida toda dela, coisa essa que eu nunca me imaginei ser capaz de fazer, ainda mais tão cedo, ainda mais tão jovem, ainda mais de formas tão improváveis como essa. Por isso eu sou eternamente grata, porque esse canal me possibilitou transformar a minha vida, literalmente. Eu vim pra São Paulo e não tinha grana nenhuma. Eu vivia de todo tipo de bolsa, porque a minha família nunca teve dinheiro, e, de repente, eu não só conseguia existir, como eu conseguia ajudar os meus familiares, tão jovem... Isso eu sou... Eu vou ser eternamente grata, eu sou absolutamente grata a todos e todas vocês que acreditaram em mim e a todas as marcas que também acreditaram no meu trabalho e puderam fazer com que isso fosse realidade, se tornasse real. Mas nem tudo são flores, obviamente, nada vem de graça, e tentar alinhar constantemente a minha necessidade de comer com os meus objetivos e ideologias quase sempre dava choque, e hoje em dia e desde sempre eu falo muito mais não do que sim. Eu cresço e vou andando em uma velocidade muito, muito menor do que a de muitas blogueiras que a gente conhece por aí. Mas isso não é um problema, porque eu estou muito feliz investindo no que eu acredito e sendo fiel as minhas verdades. Eu posso não ter uma casa própria, eu posso não ter um carro, eu posso não ter nada no meu nome, eu posso não ter terminado nenhum curso de línguas que eu comecei, mas eu tenho um espaço em que eu posso empregar duas pessoas pra me ajudarem a construir esse conteúdo pra vocês, e quando

eu durmo de noite eu estou satisfeita com o que eu venho fazendo e com a consciência tranquila de que tudo vai dar certo. E as pessoas que ficam na Internet, aqui desse lado, as vezes elas ficam por muito tempo... Eu estou só a quatro anos, mas eu conheço gente que está a 10, a 7, a 8 anos por aqui... E, obviamente, as coisas vão se confundindo em alguma altura, isso porque as pessoas vão mudando, porque as situações vão mudando, porque as possibilidades novas vão se criando. Quando as coisas se confundem, quando as necessidades objetivas se atravessam, a gente geralmente vai perdendo o chão, a gente vai voando, meio solto, sem saber pra onde ir, isso é totalmente normal. Eu já passei por isso, estou constantemente tentando voltar e me agarrar ao que eu acredito e aos meus porquês iniciais. Eu já não sou mais a mesma pessoa que criou esse canal a 4 anos atrás, lá em 2015, muito pelo contrário, o próprio fato de eu tê-lo feito me transformou enquanto indivíduo. Passar por processos de mudanças naturais e ver tudo mudando ao seu redor, faz com que você tenha que ficar muito atenta às suas respostas: porque eu tô aqui? O que me motiva? Pra onde eu quero ir? E se eu desistir... Será que eu quero isso? Se eu quero, isso me dá frio na barriga ou só mata a minha fome? Frio na barriga sempre existiu, a troca com vocês me mantém aqui fazendo o que eu faço, na medida do possível. Enquanto eu for necessária eu vou estar aqui. Eu nunca tive medo do trabalho, a minha família sempre me preparou pra isso, eu sempre soube que nada me seria dado, eu estava preparada pra encarar a vida da forma mais intensa possível. Se um dia eu decidi que eu preciso ir embora daqui, eu vou. Eu vou com a minha consciência tranquila, feliz por ter feito tudo que eu acreditava. Feliz por construir tudo que eu construí, entendendo o que eu pude fazer, o que eu era capaz até ali e tudo bem não estar apta a continuar fazendo mais. Mas eu quero ficar, eu quero ficar porque vocês me enchem de esperança, porque vocês me trazem felicidade. Porque eu quero descobrir, cada vez mais e poder compartilhar com vocês, eu quero que vocês estejam aptos e com vontade de trocar comigo. Então obrigada por cada comentário, por cada *like*, por cada abraço forte que vocês me dão quando me encontram na rua. Obrigada por cada vibração positiva quando projetos grandes ou pequenos dão certo. Obrigada por entenderem os meus infinitos processos de mudança, obrigada por entenderem meu tempo, obrigada por apoiarem as parcerias que eu faço com as poucas marcas que eu valorizo e acredito. Obrigada por sempre me devolverem se vocês gostaram ou não de algum conteúdo, com muito amor e sinceridade. Obrigada por me ajudarem a fazer esse canal ser uma via de mão dupla, toda vez que cada um de vocês faz cada uma dessas coisas vocês aumentam vários dias da minha presença aqui, da minha existência on-line. Verdadeiramente, profundamente, sinceramente, muito obrigada! Mas, sobre o canal... Pra começar, eu quero agradecer, novamente, a todo mundo que respondeu o

questionário que eu disponibilizei no começo do ano pra vocês, aqui, se você não respondeu a esse questionário, não tem problema, eu estou constantemente atenta às mensagens que vocês deixam aqui, sempre pra anotar as críticas positivas, as críticas negativas e o que vocês tiverem pra acrescentar de elogio ou de questão para o canal. O questionário me ajudou demais a pensar conteúdos pro canal, conteúdos que eu já posso fazer e com certeza eu vou trazer e alguns que eu não tenho a possibilidade, mas já vou colocar na lista de metas próximas, futuras. Mas eu fiquei especialmente feliz porque a quantidade de pessoas que respondeu a esse questionário foi suficientemente útil pra eu conseguir uma amostragem muito boa pra que eu possa entender quem são vocês, o que vocês querem, o que vocês estão procurando da vida e porque vocês estão aqui. E eu vou falar um pouco de vocês agora. Pra começar, vocês são jovens, jovens adultos e adultos, muito interessados pelas coisas da vida, seja elas as estruturais, as sociais ou as sutis, as subjetivas... E eu acho isso maravilhoso! Vocês estão sempre querendo saber mais, sempre sedentos pelo novo, sempre buscando novas possibilidades e ferramentas pra transformar as realidades em que vocês existem. Vocês desejam, mais do que tudo, os instrumentos, as ferramentas, as possibilidades de transformarem a vida das pessoas em volta de vocês, de mudarem as suas próprias realidades. Mas vocês querem transformação, esse é o único objeto que todos vocês têm em comum. E vocês também querem rir quando vocês estão na Internet, vocês também querem acessar dicas e conteúdo sobre como viver e consumir melhor. Vocês também querem relaxar e viver a vida, mas isso não acontece antes de vocês compreenderem quem são, onde estão, o que significa tudo que os cerca e como vocês podem andar pra frente e mudar a realidade. E isso, gente, é muito, muito, muito foda! Eu mesma gostaria de ter sido a jovem de 16, 17 anos que muitos de vocês são. Eu gostaria de, alguns anos atrás, ter tido amigas de 25 anos, cheias de referências e novas possibilidades, como grande parte de vocês também são. Eu queria ter tido professores e professoras, ter tido amigos e convivido com pessoas que, aos 30 anos, pensavam a vida de uma forma revolucionária e libertadora, como vocês fazem. Eu queria ter convivido com pessoas maduras abertas ao novo, ao jovem, que entendem que a vida está começando em qualquer idade que seja, como alguns de vocês entendem. Eu gostaria, no passado, obviamente, porque os tempos foram outros... Mas hoje eu não lamento, muito pelo contrário, eu fico feliz e agradeço por poder aglutinar tanta gente incrível, sobre uma mesma plataforma digital. Na verdade eu só queria que, um dia, todos vocês pudessem se encontrar, que vocês pudessem se acessar, que vocês conversassem uns com os outros nos comentários, que vocês se adiciassem e fossem amigos pra vida. Porque se vocês vissem uns aos outros de onde eu vejo cada um de vocês, a gente ia se juntar e a gente ia ter um grupo pra andar no

recreio da vida, pra sempre. É uma honra ter vocês me acompanhando, de verdade. Eu fico muito feliz, muito honrada, quando eu conheço cada um de vocês e eu falo: ‘CARAMBA! Essa pessoa é foda e ela me segue. ‘Isso é legal, isso é foda demais’. E agora, rapidamente, sobre a programação do canal que, no caso, não vai mudar; eu só quero deixar algumas coisas mais claras pra vocês de como eu produzo o meu conteúdo, com base em que, pra vocês conseguirem se achar e entender o que está acontecendo por aqui. Uma palavra que eu sempre amei e que sempre me motivou na vida, antes do canal, e mesmo depois do canal acabou sendo o tripé pra tudo que eu escolhia fazer aqui é autonomia. Autonomia pra pensar, autonomia pra existir, autonomia pra ser e, obviamente, não no sentido egoísta, individualista, ninguém é uma ilha, a gente só cresce se a gente cresce junto, mas autonomia pra tomar as escolhas de forma crítica. Autonomia, nesse canal e na minha vida, vem com a possibilidade de ponderar as informações que eu tenho ao meu redor, que eu tenho acesso... E tomar escolhas localizadas, críticas e conscientes sobre a minha vida ou sobre o que eu pretendo fazer. Eu faço algo porque eu faço ou porque eu não sei fazer de outro jeito? Se eu soubesse que existe uma nova possibilidade de fazer o que eu já faço, será que eu faria do mesmo jeito? Se eu soubesse que existe uma possibilidade diferente, de pensar o que eu já penso, será que eu pensaria do mesmo jeito? Autonomia, pra mim, é pegar tudo que você tem acesso e jogar em uma grande mesa, somar os seus conhecimentos adquiridos, a sua bagagem de vida, pra tomar decisões críticas, pra escolher sobre a sua vida. Os vídeos sociais, os tutoriais, sobre brechó, cabelo e etc.; sempre foram uma tentativa, pra mim, de tentar compartilhar um pouco disso com vocês. Sempre foi, talvez, minha contribuição pra esse processo de autonomia individual e coletiva, sabe? Acesse o novo, entenda novas possibilidades... Sabia que você pode fazer isso ao invés disso? Sabia que você pode olhar para essa situação assim, ao invés de assado? E dentro disso buscar autonomia intelectual foi o que me libertou. Saber acessar, ler, interpretar, debater conhecimento, questionar o que as pessoas dizem pra mim que é certo ou errado, foi o que me transformou, aos poucos, em uma protagonista da minha própria história. Eu lembro, até hoje, do dia em que eu me vi questionando informações que, até então, foram ditas por pessoas que eram inquestionáveis. Porque eu coloquei na mesa as informações que eu consegui acessar e adquirir e as coisas que eu pensava e acreditava e, de repente, isso eclodiu em algo totalmente diferente e criticamente elaborado sobre aqui que estavam me oferecendo como verdade. Nesse dia tudo fez sentido, e eu entendi o que de fato era ser autônoma intelectualmente, e como isso é importante e valioso pra mim. E o meu objetivo sempre foi compartilhar só um pouquinho dessas coisas com você. Obviamente não mostrar caminhos e obrigar vocês a entenderem que as minhas conclusões são as verdadeiras,

são as únicas e reais. Mas, unicamente, mostrar novas possibilidades, novas abordagens, sobre assuntos que a gente vê as pessoas debatendo, ou que a gente tem pré concepções que a gente nem sabe de onde vieram. O meu objetivo sempre foi contribuir pra esse canal, e alguns dos vídeos que eu posto aqui, seja um desses elementos que você joga na mesa quando vai refletir sobre sua vida, tomar suas decisões e posicionamentos. O conceito de autonomia de consumo, dentro desse canal, dentro das minhas interpretações, ele vem entendendo os limites que a gente enfrenta dentro da sociedade capitalista. Ele surgiu do desejo de tentar entender como é que eu iria equilibrar os meus desejos e sonhos de revolução e transformação com as minhas necessidades de entrar no mercado de trabalho, de continuar vivendo, de ajudar a minha família dentro de uma lógica que me explora e me discrimina. E aqui eu tento compartilhar descobertas, ferramentas, possibilidades de transformação, de criação e de acesso de coisas, unido a uma reflexão e pensamento constante sobre qual é a natureza dessas necessidades que nós acreditamos que nasceram com a gente. Hoje em dia as pessoas querem se diferenciar por aquilo que elas têm. E ter, nessa sociedade, agrega valor. Ter, nessa sociedade, te coloca em determinados lugares... E isso, obviamente, pode ser contornado, pode ser *hackeado*, pode ser subvertido. Reforme o que você já tem, compre coisas usadas, faça alguma coisa virar outra coisa; crie possibilidades com o tempo que você tiver disponível. E, finalmente, o terceiro conceito chave que eu uso pra elaborar e refletir sobre o conteúdo, aqui do canal, é autonomia mental. Autonomia mental como uma forma de a gente se auto conhecer, da gente compreender quem somos, entender como é que nascem e quão naturalizados, ou não, quão inatos, ou não, são as verdades que a gente constrói ao longo da nossa vida. Vida essa que não se constrói em cima de estatísticas, de conceitos de estrutura, vida essa que acontece aqui dentro [apontando para o peito], que acontece aqui dentro [apontando para a cabeça]. Vida essa que se relaciona com os outros, vida essa que te mobiliza, vida essa que te afeta, que te faz fazer escolhas que você nem sabe de onde vem. Obviamente eu estou longe de ser uma psicóloga, mas autonomia mental, no conceito desse canal, do que eu pretendo propor pra vocês e incentivar sempre, é o questionamento profundo sobre tudo aquilo que a gente aceita como natural, como verdade ou como nosso. Sobre tudo aquilo que a gente acha que a gente não pode mudar. É sobre a gente abrir os nossos olhares pra infinitas possibilidades, é sobre questionar a raiz de todos os nossos desejos. É sobre questionarmos, por que que a gente faz o que a gente faz? Por que a gente quer o que a gente quer? Com o objetivo único e final, de podermos fazer escolhas conscientes e críticas, como já dito mil vezes. Sete dias de escolha é exatamente sobre isso, é exatamente sobre questionar a natureza e a raiz dos seus desejos. Conclusão, os vídeos desse canal são separados nessas três *playlists*: autonomia intelectual,

autonomia de consumo e autonomia mental. Só lembrando que aqui eu não autonomizo, eu não empodero ninguém, eu não tenho estrutura ou capacidade pra fazer isso. O que eu faço aqui é apresentar novas possibilidades que, obviamente, sempre vão passar pela minha experiência, sempre vão passar pelo meu olhar, sobre o meu lugar, localizado no tempo, no espaço; sobre o meu lugar localizado socialmente, racialmente... Aqui eu só compartilho aquilo que me autonomizou, que me transformou e espero que você possa usar pra questionar, negar, você que sabe, e construir seu próprio caminho. Eu espero que vocês assistam as 3 *playlists* e, principalmente, percebam que nenhum conteúdo é igual ao outro. Que eu não falo da mesma maneira em todos os vídeos, ou como vocês esperariam ou gostariam que eu falasse, porque eu não vivo a vida e não sinto ela da mesma maneira sempre. Cada coisa nessa vida afeta a gente de um jeito, e nós somos serem multifacetados, como o meu conteúdo é. Não se decepcionem, compreendam tudo isso como um grande processo de compartilhamento orgânico, de alguém que, tal qual qualquer ser humano no mundo, está aprendendo, igualmente, a viver e a pensar, todos os dias. Novamente, muito obrigada, muito obrigada, muito obrigada! Eu espero que vocês continuem por aqui, não só por aqui, nas minhas redes sociais também, no *Twitter*, no *Instagram*, que eu compartilho coisas diferentes das que eu compartilho por aqui, enfim... Esse vídeo é pra vocês, esse vídeo também é pra mim, pra falar algumas coisinhas que eu as vezes não falo... E assiste aos últimos vídeos do canal, tenho certeza que você vai gostar. Grande beijo e tchau!

## 1. E SE EU FICASSE CARECA? VOCÊ AINDA FICARIA AQUI?

Raíza: Oi. Que história linda a nossa, né, gente?! Eu fiz escova no cabelo, esse vídeo é também desprogramado, eu não esperava estar gravando ele agora... eu acabei chegar no apartamento 84, vou terminar de pegar algumas coisas, e fazer uma gravaçãozinha ali... Mas aí eu fiquei pensando, como é que vou aparecer no *vlog* do apartamento 84, sem ter comentado o *vlog* da mudança, né? Sem ter comentado que eu estou de cabelo liso, e tal, daí eu pensei em gravar seu vídeo aqui, rapidinho, do carro pra vocês. E eu vim do apartamento da minha mãe refletindo sobre a nossa história, no sentido de a minha história daqui, a minha história comigo mesma, com o meu cabelo, com a minha família, da minha vida; e a sua história aí, na sua casa. Que, provavelmente, é muitíssimo parecida com a minha sob certo aspecto, porque, alisar o cabelo dessa vez, pra mim hoje, com 27 anos, dez anos depois de ter assumido o meu cabelo natural, depois de ter feito isso só umas três vezes, em todo esse tempo, acho que foi só umas três ou quatro vezes, em todo esse tempo... Já não é mais emocionante, é só uma escova, entendeu? É uma chapinha, é só um acessório diferente no cabelo, o cabelo como um acessório diferente... Isso é muito doido! Por isso que eu falo que a nossa história é muito legal e muito linda, porque eu penso que, cara, se eu escolhesse começar tudo de novo, eu teria vindo cacheada, eu teria sofrido com o fato de ser cacheada, eu teria analisado o meu cabelo de novo, eu teria feito relaxamento no meu cabelo de novo... Eu teria feito tudo de novo, porque eu sei que é uma palavra está muito em voga agora, tipo, privilégios, ser uma pessoa privilegiada uma coisa que está muito em voga agora, mas eu me considero uma pessoa absolutamente privilegiada, no sentido de ter a minha história. E eu acho que você deve pensar sim sobre a sua história também. É um privilégio ter aprendido tudo o que você aprendeu, melhor sentido da palavra; à parte dessa história, a partir de suas vivências, à partir das suas dores até. E agora uma coisa muito séria e muito polêmica: eu gosto tanto assim [apontando para o próprio cabelo escovado] quando com o cabelo cacheado. Eu sinto que a gente passa por várias fases com o nosso cabelo. Falando de mim, especificamente, é assim ó; passei pela ideia de “ah, odeio o meu cabelo, odeio o meu cabelo, não quero cabelo natural de jeito nenhum”, aí depois eu comecei a entender esse cabelo, tipo, “tá. Não, ok... Ele não é tão mau assim, mas vou domar esse cabelo, né? Um cabelo cacheado, deixa eu colocar bastante creme...”, aí eu passei por outra fase, uma terceira fase... depois vocês me contam aqui nos comentários se você se identifica com essas histórias, tá? Aí, essa terceira fase era ‘Tô nem aí, não vou nem passar creme, eu passo pente garfo, amo volume e etc.’. A quarta fase, que é a que eu estou agora, a que eu tive agora, nos últimos anos cacheada:

‘Cara, eu gosto muito do meu cabelo, ele é muito importante pra mim, ele carrega a minha identidade... Ele não sou eu, não sou a menina do cabelo cacheado, o cabelo cacheado é que é meu’, e eu falo isso pra vocês desde 1912, na verdade 2012, quando eu comecei a gravar vídeos aqui no *YouTube*...Esse cabelo é importante pra mim, eu acho que ele faz parte da minha personalidade, da minha identidade, da minha história, mas ele não sou. Esse cabelo não sou eu, ele não me define. Porque, imagina se eu fico doente e careca, vai acabar tudo sobre a minha personalidade? Vai acabar tudo sobre a minha história? Não vai... Lógico que não, de jeito nenhum! Nem sobre a sua. E eu quero trazer esse tipo de pensamento pra você, tá? Coloque as coisas em seu devido lugar de importância. Ó, um cachinho aparecendo aqui atrás [mexendo no cabelo]... amo, que certas coisas não mudam, certas coisas não mudam. O que importa, no final, é quem você é. Não quem você é no sentido de só se aceitar, sabe? ‘Eu sou fofoqueiro mesmo, ou eu falo mesmo, eu causo mesmo...’, cara isso não é bonito! É quem você é no sentido de essências, essencialmente... E todos nós fomos feitos, basicamente, com a premência de servir uns aos outros. Isso é absorvente bíblico, pastor fala muito disso, recentemente um psiquiatra que eu assisto muito, fiz um curso também, é doutor Italo Marsili, fala muito isso, que o serviço é o propósito da nossa vida, e a gente só encontra a felicidade no serviço. E aí no serviço... ‘Ah, mas eu trabalho de 8 às 8’, sim, mas você se relaciona nesse período com as pessoas, e aí você tem que se doar o máximo possível para as pessoas, durante esse período. As pessoas com quem você está e se encontra... Era um vídeo sobre o cabelo chapinha e agora estou em refletindo sobre a vida... Agora vamos falar da parte estética. A cor do meu cabelo ficou maravilhosa, está maravilhosa. Eu acho que ficou bem mais escuro no liso, né? Porque a raiz está bem mais escura, mas, meu Deus, tá lindo demais. Quem fez essa cor foi o Didierse, fez um *degradê*, na verdade. Tem dois vídeos aqui contando sobre a minha descoloração, vou deixar o link aqui na descrição, pra vocês... e eu estou olhando em cima porque é a minha telinha. Mas, recentemente eu dei uma esfriadinha no cabelo com o Eron. Ele está cuidando pra mim, e tá super hidratado, né? Fiz uns tratamentos lá de reconstrução, que eu num faço ideia, mas vou deixar o @. E aí a gente tonalizou também, pra esse tom um pouco mais frio; e aí, a ponta tá bem mais clara... tá loirão. E a raiz vai fazendo um esfumado, que eu acho muito bonito, e no liso dá pra ver bem. Ah, quem fez uma chapinha... minha mãe escova o meu cabelo, e aí ontem eu fui no Wilson Eliodorio... Muita gente envolvida. E aí ele deu uma finalizada e tirou mais algumas pontinhas nele liso assim, sabe? Uns fiapos.... Dá pra ver? E a ponta está bem retinha, tá vendo? Tá boa, assim... Pra um cabelo descolorido, que não corta, não cortava há sei lá quantos anos, e de chapinha... Tá funcionando. Me amei, tá? Acho que eu não preciso nem dizer, mas achei que esse cabelo tá lindo... Claro que eu tenho

uma preferência, minha quedinha pelos meus cachos, óbvio! Por tudo que carrega, e pela estética também. Eu acho que eu gosto, tipo, da minha cabeça mais preenchida em volta... ou é hábito, já não sei... Quero saber o que vocês acharam desse cabelo, assim. Eu sei que vocês são muito apegadas ao meu cabelo, e isso é absolutamente natural, mas eu amei. Eu estou feliz. Eu acho que ficou muito bom, eu até ia ficar só hoje, mas vou ficar até sábado. Ah, eu tô gravando! Eu estou gravando pra vocês... Ou seja, quatro dias. É bem menos do que costumava ficar antigamente, a gente sabe a verdade, né? Disso... Agora eu vou ter que ir, vou gravar lá em cima; estou me mudando, e assista mais detalhes disso no próximo *vlog*. Obrigado por estar aqui, desculpa o sumiço... No próximo *vlog* eu vou explicar mais sobre a minha rotina, eu estou morando na minha mãe, a minha obra não acabou, a gente estava fazendo uma mudança nos últimos dez dias... Por isso que eu estou um pouco sumida. Um pouco, não, muito sumida aqui no *Youtube*, um pouco sumida do *Instagram*; mas me segue lá, que eu canto todos os detalhes para vocês da minha vida por aqui, tá bom? E ah, eu tenho uma surpresa só pra vocês! De um... Não vou contar. [Mandando beijos] Amo vocês, Deus abençoe! Deus abençoe muito a sua vida, que você se olhe no espelho e vá muito além, e enxergue muito além da sua estética. Mas a sua estética é importante. Eu quero que você se cuide, eu quero que você hidrate o seu rosto, o seu cabelo, eu quero que você faça exercício, eu quero que você coma direito, eu quero você saudável e linda, no melhor sentido da palavra, pra glória de Deus, servindo aqui nessa Terra. Amém? Amo vocês! Tchaaau. [Música]

## 2. É OFICIAL, SAI DO APARTAMENTO 84... | RAYZA NICÁCIO

[Inscrição em branco, com fundo preto: ‘Neste Vídeo’ – imagem de uma porta sendo aberta e revelando um cômodo de um apartamento].

Rayza: Eu jurei pra mim que não ia chorar....

[Inscrição em branco, com fundo preto: ‘Mas Antes’]

Rayza: Um monte de caixa aqui... Meu novo quarto... Oi gente, tudo bem? Estamos aqui, a todo vapor, pra mudança... ‘Tá, mas Ray, o diário da obra ainda não acabou, não’. Não acabou mesmo... Eu vou situar vocês de tudo que está acontecendo, tá? Eu contratei uma empresa especializada, uma está ali embalando, a outra fica no celular mesmo, e a outra empresa especializada está aonde? Deitada! Mentira, todo mundo já ajudou muito, na verdade. Se você está por aqui e nem sabia que eu ia me mudar, eu vou deixar uma playlist aqui onde eu com todos os detalhes. Eu fiz o último tour aqui pelo apartamento em 84 antes de começar a desmontá-lo, que é o que está acontecendo agora. E eu estou em obra, vou me mudar para

uma casa. A obra da casa começou em novembro de 2018 e a ideia é que ela terminasse agora, mas cês sabem, né? Como é obra... Eram seis meses de previsão, mas eu já sabia que acabar sendo muito mais que isso, até porque vai sofrendo alterações. Tipo assim, ‘ah, vou trocar as janelas’, eu não ia trocar a janela, mas agora sim a gente está na reta final e no próximo diário de obra vocês vão entender. Eu estou me mudando porque eu já vendi esse apartamento aqui. Uma parte do tempo estava em contrato, que eu ia poder ficar aqui e uma outra parte do tempo eu paguei aluguel desse apartamento. Todo mundo ficou em dúvidas sobre isso. ‘Por que o cara era tão bonzinho assim?’ Porque era mais fácil pra eu não ter que me mudar, sabe? Não ter que sair daqui. Porém, ainda não foi tempo suficiente, o cara precisa do apartamento, e aí eu vou pra onde? Pro apartamento da minha mãe. Eu vou usar o quarto de visitas de lá. Também estou devendo tour. Agora sai, né gente? Sai no meio disso tudo. Todas essas caixas... Essas não, essas duas ainda a gente vai colocar coisas, mas todas essas caixas aqui já estão com coisas que eu vou levar. Tem cama, mesa e banho, tem os travesseiros aqui, tem as coisas de equipamento... Agora eu vou gravar tudo dessa câmera, enquanto eu e estiver nesse processo de mudanças... Aqui tem uma mala de roupas, que vou deixar guardado na obra. Tudo isso aqui vai para um dos quartos de visita lá da Rayza home, vou deixar trancadinho, já pedi para eles colocarem a porta de volta. Uma mala de roupa já foi lá pra casa da minha mãe, essa outra vai para a obra, vai ficar guardada. Meu quarto... Cês gostam de ver, né? A vida como ela é. Ó a minha mala... Olha só, isso aqui é roupa de cama que estava lavando, aí vou dobrar, ainda vou decidir... Aí essa mala já é de coisas que eu tô levando. Já foi uma mala grandona da casa da minha mãe, eu vou arrumar o guarda-roupa lá e mostro pra vocês também... E o meu guarda roupa está assim ó, para decidir... Isso aqui ainda falta o *closet*, tá? Mas eu já tirei tudo dos cabides... Esse lado está mais vazio e esse aqui é pra decidir o que vai ficar guardado na obra e o que vai pra casa da minha mãe, pra eu usar nesses mais de dois meses, eu suponho. Vai, cada um fala dos seus presentes, que você tá levando do apartamento 84 Ruth?

Mãe da Rayza: Tudo!

Rayza: Não, as coisas pequenas, não... Tudo, mãe?

Ruth: A pergunta é pra mim

Mãe da Rayza: Mas eu estou respondendo

Rayza: O clima é assim...

Ruth: Uma xícara, um copo...

Rayza: Ai, que mentira!

Mãe da Rayza: Só porque ela é mentirosa, por isso eu estou confessando...

Rayza: Não, não... As coisas grandes. Tenha vergonha na sua cara!

Ruth: A mesa...

Rayza: A mesa... E o aparador, menos a pedra, né? Essa pedra vai pra minha casa. Eu vou fazer um outro aparador menorzinho, de outra cor, e essa pedra vai em cima. O que você ganhou, mãe?

Mãe da Rayza: Ganhei cadeiras, ganhei a cômoda, ganhei espelho... Ruth, fica na sua de novo!

Rayza: E você, o que está levando do apartamento 84?

Mulher não identificada: De grande? A geladeira.

Rayza: É? E de pequeno?

Mulher não identificada: Todas as panelas.

Rayza: E que mais? A torradeira, o liquidificador....

Mulher não identificada: Muitas coisas!

Rayza: Muitas coisas! Esse sofá vai pra onde, Rose?

Rose: Pra minha casa!

Mulher não identificada (2): Eu vivi pra ver ela perder e ganhar [apontando pra outra pessoa ao fundo, enquanto Rayza filma e aparece em primeiro plano]

Rayza: Aleluia! Glória a Deus! É verdade gente... Nossa, é muito doido, isso; essa sensação de mudança daqui. Eu queria contratar uma empresa pra me ajudar a organizar as coisas, fazer mudanças e tal, mas não fazia sentido; porque agora eu realmente vou precisar aguardar em caixas e deixar reservado la num dos quartos da casa nova. E estou levando muita coisa de cozinha, muita! Todos os meus eletrodomésticos pequenos ou os que não vão ficar aqui, né? A geladeira vai pra Jica, os outros eletros foram vendidos junto com apartamentos, os grandes; mas eu estou levando todos pequenos, louças, talheres, copos, jarras taças... Eu estou levando tudo, porque tá tudo muito novinho, muito lindo... Essas coisas maiores... o sofá da minha casa vai precisa ser um pouco menor, eu teria que reformar esse, então eu vou comprar um novo, do tamanho adequado pra lá e vou ter que comprar um monte de mobília nova também. Eu falei 'cara, acho que faz sentido renovar todas as coisas agora', sabe? [Rayza falando com alguém que não vemos no vídeo]. Tá bom, beleza, valeu! Bjo! [Rayza volta a falar com o espectador]. Olha isso, que coisa mais linda! Tudo completinho... Sabe que está todo mundo perguntando: ah, mas como que eu consigo deixar a cristaleira assim tão transparente.

Mãe da Rayza: Pois é... E você usa tudo, tá?

Rayza: Conta o segredo! Eu uso tudo. Tudo. Mas o segredo é, quando você parar de usar, você coloca no mesmo lugar, de novo. Isso aqui eu vou levar tudo, tá vendo? [segurando

potes de vidro nas duas mãos] Estão muito lindos e eu não penso ‘ah, quero de outro jeito’. Não. Acho que eles estão muito lindos.

Mãe da Rayza: Querem saber quem é a pessoa mais desapegada do mundo? A mesma intensidade que ela arruma, organiza, quando ela vai desorganizar... ‘Pode levar, não, esse é seu...’ Não querendo saber móveis, se é a decoração, se é caro, se é barato... Isso é roupa, é tudo!

Rayza: De graça recebei, de graça dai! [inscrição no vídeo ‘Mateus 10.8’].

Voz de alguém não identificado: Glória a Deus!

Rayza: Só isso!

Mulher (2): Se ela pudesse, ela ajudava mais pessoas. O problema é que, é... A família é grande! Então é muitas tias, sobrinhos, primos... E todos também precisam, então... E mesmo assim ela ainda ajuda outras pessoas, tá?

Rayza: Saldo de hoje, um monte de caixa aqui, esse armário vazio e essa mesa pronta para sair. Aqui no *closet* o *home office* já estava vazio. A penteadeira ainda não, falta bastante coisa... Meu computador já está fora da tomada... Ai gente, que desespero... Mas tudo bem. Essa é a minha carinha de sábado à noite, cadê a sua carinha de sábado à noite, *momys*? Cadê, tia Ruth, a sua carinha de sábado à noite? Arrasada! [de 6’26” a 6’31” imagens de Rayza e familiares dela embalando coisas de sua mudança]. Eu estou vivendo entre a minha casa e a casa da minha mãe, né? Já me mudei pra lá, tipo, o meu corpo, meus produtos e as coisas... Mas agora ainda falta bastante roupa pra guardar. O quê que eu estou fazendo? Separando algumas roupas eu coloco em malas, levo pra casa da minha mãe, esvazio a mala e trago a mala de volta. Em outras malas eu estou colocando as roupas que vão ficar guardadas por esse tempo indeterminado. Eu confesso que eu cheguei a ficar em dúvida se eu ia levar essas coisas para a casa da minha mãe... Tipo, levar uma malinha, e tal... Mas, cara, eu estou me mudando como se eu fosse morar lá pra sempre. Bem entre aspas, né? Claro... Mas eu estou fazendo questão de deixar tudo bonitinho, arrumadinho, porque eu sempre fui assim, desde muito piveta. Eu ia pra casa da minha avó e tinha tipo um cantinho no guarda-roupa, assim, aí eu chegava, tirava da minha mala e dobrava as minhas coisinhas no cantinho colocava o creme e falava: ‘ah, eu vou ficar sete dias aqui, então as coisas tem que estar organizadinhas’. [Rayza tira uma peça de roupa de seu guarda roupa e diz ‘vou levar ele’] Oi Galera, eu estou aqui no meu novo quarto, minha mãe deixou eu trazer minha amiguinha.

Mulher não identificada (3): Minha mãe deixou eu vir também.

Rayza: E agora estou arrumando o meu guarda roupa. Eu trouxe mais algumas roupas de lá... Tá bem organizadinho, sapatos, tênis, sandálias... Mas isso eu só vou contar com mais

detalhes no vídeo do tour pelo meu quarto, tá? Acreditem se puder, mas isso é uma mala de costura. Eu acabei de levar um monte de coisas para ajustar, e aí, separando as coisas do que ia ficar guardado e o que eu vir pra cá, eu fiz essa mala de costura... Provavelmente ela vai ficar guardada, mas o melhor ajustas, porque depois que entra no armário fica ali um tempão, sabe? [De 8'00" a 8'25" Rayza mostra o apartamento, do qual está se mudando, já sem os móveis e diz 'eu jurei que não ia chorar' 'que sensação doida'] Eu achei que eu ia entrar aqui e só ia entra aqui, e falei 'vou lá gravar um pouco' e me despedir, mas eu já entrei chorando. Que doido, isso! Não é apego, é pela história... Ver ele vazio assim, sem nada... E hoje é o último dia, é oficialmente a última vez que eu entro no apartamento 84... E como eu estava dizendo, eu vim aqui e falei assim: 'ah, vou lá gravar algumas cenas dele vazio, falar pras meninas pra gente se despedir e tal', mas eu fiquei muito emocionada quando eu entrei e vi tudo limpinho e vazio. Eu sonhei muito com esse lugar, desde a construção desse prédio, eu já contei isso em outro momento, mas quando a gente veio comprar... quando a gente comprou o nosso comportamento, minha família... Naquele apartamento de onde eu comecei a gravar os vídeos, esse prédio aqui estava sendo construído, só que ele era muito caro pra gente, na época. E aí também a gente tinha um prazo, ele tinha um prazo para ser construído, obviamente, eu tive que morar de aluguel, por algum tempo, e a gente não tinha condições de viver isso naquele momento. Mas aqui, neste bairro, sempre foi: 'Querida morar ali, meu sonho é morar ali' e esse sonho se concretizou. Quando eu tinha, acho que 22 anos, eu comprei meu primeiro apartamento, que foi esse aqui, onde eu sempre sonhei em morar. O apartamento 84 especificamente ainda estava no contra piso, já era um prédio de sete anos mas ninguém nunca havia morado aqui. E eu falo com convicção que Deus reservou esse lugar para que eu vivesse a minha história aqui, exatamente do jeito que ela foi vivida, por que não há nada de ruim que não nos tragam lições. Existem muitas coisas boas, mas que não nos trazem lições, são só os momentos bons, mas as coisas ruins nos ensinam, nos amadurecem, sabe? Tipo, quanto mais bate, mais cresce? É o antifrágil! Existem coisas frágeis, fortes e antifrágéis. Eu, pela misericórdia do senhor, me sinto ante frágil. Porque, não confundam a sensibilidade, emoção com fragilidade. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, e eu sou realmente muito sensível, eu vivo com alma, eu dou corpo para as coisas, eu sinto o cheiro da luz do sol... eu contemplou os passarinhos, sempre fui assim e eu tenho sido cada vez mais, de propósito. Tá, chega de falação, vou mostrar com as coisas estão por aqui. Essa foi a minha sala... Eu amava a ideia de ter o sol entrando por aqui, ó. Essa hora mesmo, umas 9 da manhã. Tem até uma postagem antiga dizendo isso, como o sol da manhã é importante pra mim, quando eu comprei esse apartamento foi uma das coisas mais relevantes, assim... Esse sol da manhã. A

cozinha... Outra coisa super importante para mim era o conceito integrado, o conceito aberto da cozinha. E aí a parede que existia aqui foi demolida, aqui não tinha, não era assim, tinha só um quadrado, tipo um passar prato, sabe? Aqui em baixo... E aí eu demoli tudo isso aqui, a Lume fez um projeto maravilhoso pra essa cozinha, com dois balcões, um de cada lado.. essa porta também, de correr, separando da lavanderia, fez toda a diferença; por isso que valorizou tanto o apartamento. Aí esse painel é o Meso Bianco, eu nunca esqueço o nome de nada. Aí os banheiros vocês já conhecem bem... Quando eu escolhi os móveis daqui eu falei que não queria ter TV no quarto de jeito nenhum, porque quarto era um lugar de descansar e tudo mais... E me arrependi. Tanto que na minha casa nova tem TV. Ó, tudo vazio já. Esse quarto é pequeno, o apartamento em si ficou muito grande, por causa da demolição da sala, né? Tinha um terceiro quarto ali... Mas esse quarto é pequenininho. Mas eu vivi muita coisa legal aqui também. *Closet!* Como eu sonhei com esse cantinho, cara! Como eu sei que esse lugar... Aqui era o *home office*, aqui era a penteadeira e acomoda... guarda-roupa vazio - zinho... Meu pai me perguntou ontem se é pra eu repetir essas gavetas lá, com cava, porque ele diz que é melhor do que colocar puxador, e eu falei que sim. Eu preciso ir embora, gente. Tchaa... Tchau quartinho, tchau banheiro, tchau outro banheiro, obrigada por tudo. Obrigado por tudo sala, obrigada por tudo vista, como eu te contemplei! obrigado por tudo espelho das selfs oficial. Doido! Que sensação doida! Tchau apartamento 84.[De 13'26" a 13'52" Rayza fecha a porta de entrada do apartamento e passam imagens de diferentes vídeos do canal onde a mesma estava dentro do apartamento] [De 13'53" a 14'05" imagem de dentro do carro Rayza indo embora do prédio]

### 3. MAIS PODEROSA, LISA X CACHEADA? #RAYRESPONDE

Rayza: Tchu ru ru... Pareço plena, mas meu cabelo está imundo, implorando pra ser lavado. Está oleoso, todo trabalhado no *shampoo* seco, todo trabalhado na opacidade. Oi Meus amores, tudo bem? Estou aqui para mais um vídeo no canal... ó, eu estou gravando esses vídeos assim, com essa câmera mais despojada, eu estou gravando sozinha; eu espero vocês gostem... Eu sei que vocês reagem muito bem a esse tipo de vídeo, em breve a gente volta com vídeos mais elaborados e profissionais, mas enquanto essa coisa não acontece, estarei aqui como? Pertinho, coladinho, juntinho de vocês, com todo meu amor, carinho e dedicação. Eu estou muito feliz com os comentários dos últimos vídeos, que eu tenho recebido. Eu estou impressionada de como vocês estão maduras, e é sempre sobre o que eu falo aqui... Aqui nesse lugar a questão nunca foi número, gente. Eu poderia realmente ter feito coisas, e eu

deveria estar fazendo coisas e criando estratégias para crescer numericamente no *YouTube*, afinal é o meu trabalho, mas, eu estou muito mais preocupada com a qualidade de vocês aí, com a qualidade da cabeça de vocês desse lado. Não só pra me proteger, mas porque eu sinto que a gente é como se fosse uma comunidade, sabe? Não é o canal Rayza Nicácio e as pessoas que o acessam. Não! Não só isso. Mas é uma coisa que anda meio junto, sabe? A gente cresce junto, isso foi assim desde o começo, e eu estou muito orgulhosa que isso tenha continuado sendo assim. Mas chega de falação e vamos para o vídeo de hoje. E eu vou responder pra vocês essas dúvidas técnicas de chapinha, como eu faço pra fazer chapinha, quantos dias dura, se eu sofro com raiz e etc. A Ana Roque perguntou: ‘Como fazer chapinha sem deixar aquele efeito ressecado nas pontas?’ Gente, honestamente, vou ser totalmente sincera com vocês. Eu esperava que essa ponta [segurando o cabelo com as mãos] ficasse... sabe cabelo de boneca? Sabe cabelo de boneca velha? [risos] Melhor associação. Aquele... Sabe aquele cabelo tipo um nó? Nylon? Eu falei ‘cara, como eu fizer minha escova, chapinha, minha ponta vai ficar assim. Mas eu tenho hidratado tanto o meu cabelo, cuidado tanto dele. Eu tenho feito muitas vezes a hidratação de babosa que eu ensinei aqui no canal, vou deixar o link aqui na descrição. E meu cabelo está muito hidratado. Quando a gente fez escova, eu e minha mãe fazendo o cabelo, ela ‘nossa Ray, sua ponta tá ótima, seu cabelo também tá ótimo’. Também tem uma dica no vídeo que chama Glicopan, também é ótimo para as pontas... Eu coloco umas gotinhas, às vezes, na hidratação e aplico ou coloco umas gotinhas direto no cabelo. Eu vou deixar o link aqui em baixo. As pontas só não vão ficar ressecadas se eles não estiverem já ressecadas. Esse cabelo está totalmente sem creme. É *shampoo*, condicionador, máscara e um sprayzinho, agora *shampoo* seco e um monte de coisa... A chapinha expõe a qualidade do seu cabelo. Então eu estou super orgulhosa da qualidade do meu. Achei que ia estar mais quebrado também, porque na ponta cacheada está aparecendo mais os quebrados... Mas tá ótimo. Então cuidar do cabelo semanalmente é o segredo na verdade. Eu vou tentar responder mais rápido, se não esse vídeo vai ficar enorme. A Dayana Rahissa perguntou: ‘Alguma diferença de chapinha do cabelo natural pro pintado?’ Tá melhor agora. Eu não sei, eu acho que eu tô cuidando mais do meu cabelo, por ele estar descolorido e eu tá cuidado mais, quando a gente fez a escova foi mais fácil... E, detalhe, eu faço escova, chapinha. Já vou entrar nessa dica, mas tem que fazer as duas coisas, se não vai ficar armado mesmo, não vai dar esse efeito lisão, assim. ‘Quando você passa chapinha no cabelo, como faz pra ele ficar tão baixinho?’ Vamos lá... O segredo da escova. Eu sempre quando fazia escova na minha vida, tipo semanalmente, era a minha mamãe que fazia. Ela sempre fez muita questão de cuidar do meu cabelo, porque ela tinha medo que as pessoas estragassem e tal. E não só por

causa disso, as pessoas de salão convencional normalmente não estão acostumadas a lidar com o cabelo cacheado, que vai fazer uma escova. Geralmente é um cabelo de progressiva, geralmente é um cabelo quimicamente tratado, mais alisado, mais esticado já. E aí, o segredo da escova, pra quem for fazer em você, procurem um especialista nesse sentido ou alguém que já faça escova em si mesmo, porque ela já vai ter um pouco mais de noção. Mechas finas! Eu levo 2 horas pra alisar esse cabelo, quase, tá? Quase 2 horas, incluindo chapinha. Mechas finas... Pega uma mechinha, escova, escova, escova... Até você conseguir o melhor efeito possível na escovação. E depois a chapinha a mesma coisa, mechas pequenininhas, passa 2, 3 vezes na mesma mecha e pronto. Danifica Ray? É óbvio, tá gente?! Fonte de calor... Sempre usem protetor térmico pra fazer escova e chapinha, porque é lógico que muda a estrutura do cabelo. Tá bom? 'Não fica com *frizz*? Quando faço chapinha no meu não consigo usá-lo solto por conta disso'. Exatamente o que eu descrevi agora; a forma como você finaliza o seu cabelo, faz escova. Tanto que, eu falo pra vocês direto, eu me gostava já de cabelo alisado, não era uma questão... Achava bonito o meu cabelo eu fazia só chapinha e eu ainda fazia relaxamento na época, não parecia que era um cabelo de escova e chapinha. Detalhes, paciência, fazer mechas finas, pouco cabelo em cada mecha pra fazer tanto a escova quanto a chapinha depois. 'Como fazer os dias com a chapinha durar mais?' Eu não sei exatamente porque, mas dessa vez o meu cabelo fica oleoso, sei lá, no segundo dia, meu cabelo não fica oleoso... Não ficava! Mas eu estou achando que ele está ficando com a raiz oleosa e as pontas mais secas depois de eu descolorir. Eu tô achando que a raiz do meu cabelo está bem mais oleosa, o que não é de todo ruim... Afinal o meu cabelo era muito ressecado. Mas, dessa vez, eu fiz escova e com 2 dias eu já estava sentindo oleoso, então o que eu usei? Um *shampoozinho* seco da Dove, maravilhoso. Só que ele é muito levinho, tá? E isso é bom pra gente, é bom pra quem tem cabelo cacheado. Vou botar uma foto aqui pra vocês. [Aparece foto do produto]. Muito levinho, e aí eu usei o *shampoo* seco na raiz, bate a raiz e é isso aí. É o jeito que faz pra durar... Aí, em casa, eu gosto de deixar ele presinho assim [Rayza mexe no cabelo e demonstra como prende], por isso que ele está sempre com uma curva... Eu não gosto dele totalmente chapado, eu acho que essa curva, assim ó, ele meio assim... Ele dura mais, sabe? Aí, tipo, eu deixo pra trás, fica bonito, ou deixo todo para um lado só... No dia a dia mesmo, tá gente? Não ó, pra gravar vídeo, não. 'As suas pontas estão tão claras e tão hidratadas'. Então, principalmente no primeiro dia, né? Que ele estava limpinho, sem nenhum resíduo, sem *shampoo* seco nem nada. Eu fiquei impressionada. O Wilson tirou uns fiapinhos, assim... Enquanto ele estava liso e enquanto ele estava cacheado, então eu dei uma cortadinha no cabelo esses dias, 'Já escutou comentários das pessoas preferindo o seu cabelo liso? Como

lidar com isso?’. Olha só, na posição que eu tô hoje as pessoas vão comentar mesmo, e se eu não souber lidar com isso... Comentários positivos e negativos, eu não posso fazer o que eu estou fazendo. Não estou dizendo que elas estão certas em agir assim, mas eu tenho que saber lidar, porque é como as coisas são. Na minha vida, desde que eu tenha pedido a opinião da pessoa sobre se ela me preferia de cabelo liso ou cacheado e ela responda sinceramente, mesmo que seja liso, isso não faz diferença nenhuma. Desde que eu tenha pedido opinião. Agora, se não pediu opinião, a pessoa está sendo invasiva, mal educada e você tem todo o direito de ignorar, tá? [Rayza dá uma leve risada]. Agora, elas terem um gosto pessoal sobre isso, ainda mais uma pessoa que, tipo, sempre me elogiou nas fotos, dizendo que ama o meu cabelo cacheado, aí ela fala... Eu aliso o cabelo, ela fala ‘nossa, prefiro liso’, eu acho que não tem problema nenhum, é super normal, é uma questão de opinião estética, de gosto... No meu caso, especificamente, por estar trabalhando com a exposição da minha imagem, diversas vezes, tá? Mas é óbvio que tem a parada do preconceito contra o cabelo crespo e cacheado... o cacheado hoje muito menos, com outra proporção... E aí essa pessoa vai dizer que me prefere de cabelo liso porque eu fico mais dentro dos padrões, né? [Rayza faz sinal de aspas com as mãos, enquanto fala ‘padrões’] Não, não entre aspas, eu fico mais dentro dos padrões de beleza que existem... Existe um padrão de beleza, cara... Pelo amor de Deus! ‘Não, mas meu marido, não. O meu marido gosta do meu cabelo mais volumoso, ele gosta do meu corpo mais cheinho... Nem gosta quando eu estou tão magra...’ São exceções na vida. Mas existe, claro que existe um padrão de beleza. Quanto mais você se aproxima dele mais gente você vai agradar esteticamente. O ponto é, eu não estou preocupado em agradar pessoas esteticamente. Eu estou preocupada em me sentir feliz como eu estou, e eu estou super feliz com esse cabelo, agora, né? Amanhã vou lavar, e vou ficar com ele cacheado. ‘Quando eu fiz fiquei um pouco triste porque vi que muitos ao redor preferem me ver de escola’. Gente! A gente tem que ter passado dessa fase cara, porque se a gente for fazer as coisas que as pessoas preferem a nossa vida não anda! Cara, vocês acham que quando decide sair de um trabalho estável, no *shopping*... Só a minha mãe e um pouquinho da parte da minha família me apoiou... Várias pessoas falaram: ‘Cara, você é louca! Por que você está fazendo isso? Imagina, isso vai acabar depois...’ Cara, acaba e a gente busca outro emprego, entendeu? É isso aí, a gente tem que arriscar na vida e tem que atacar o... tem que ligar o dane-se, como diz o pastor Cláudio Duarte. Porque... Cara... Ah, prefere... Tá! Legal! Você vai se pautar pela cabeça dessas pessoas? Não dá, não tem como. Preferem... Ah, elas preferem.

A Jasminy Sarafim falou: ‘Como você faz pra dormir e ele continuar lindo assim? Você está muito linda’. Então, eu durmo com ele mais solto. Minha mãe ama toquinha, aquela toquinha

de meia, sabe? Mas eu acho que a raiz na minha cabeça, do meu cabelo, fica muito grudada, eu acho que ele fica mais oleoso... Eu não sei. Eu, pessoalmente, não sou fã de toquinha, nunca fui, mesmo quando eu alisava direto. Mas eu sei que é um jeito de fazer o cabelo durar, tá? Eu coloco um elástico bem baixinho aqui, meio frouxo... Acordo sem ele, provavelmente... Eu durmo quietinha também, nunca tive esse problema. ‘Não se pode pegar chuva’ Não! Passei uma raiva esses dias, inclusive. O estacionamento aqui é aberto, que eu vivo postando foto pra vocês, aqui na casa da minha mãe. E eu fui correndo. Frio, amor... E esse frio significa não vou estragar a minha chapinha. Alegrei-me quando me disseram vamos a casa do senhor... Só que, assim ó, a diferença entre antes, quando realizava e tinha que manter o cabelo liso e era um porre e hoje, é que eu... se cagar eu lavo e, tá, vou ficar chateada e já era, isso aí. Eu sou cacheada, afinal! Então eu saí correndo, aí deu uma pegadinha aqui, eu toquei, peguei uma chapinha e coloquei só que por cima assim, ó, depois... Porque eu estava sem guarda-chuva e tinha que ir até o carro... Eu aprendi a simplificar as coisas, entendeu? Viver de um jeito mais leve, mais simples. Se hoje... Se hoje... Eu nem acredito no que eu vou falar... Se, se... E se? Se hoje eu fosse uma pessoa alisada... quase não sai, quase não sai... Eu ia viver do jeito muito mais leve, sabe? Eu ia saber fazer mais penteados... Eu antes não prendia o cabelo de jeito nenhum, por causa da minha orelha... Me achava feia de cabelo preso. Então tem muitos poréns assim, sabe? Inclusive eu quero ficar alternando mais. ‘Querida uma foto do seu cabelo atrás, quero pintar igual’. Tá bom, aí vai. [É inserido no vídeo uma foto de Rayza, de costas, com o cabelo escovado] Foi? Bom! Eilarissa Gonçalves perguntou: ‘Pretende alisar com mais frequência?’. Pretendo, mas há dois anos atrás eu também disse que pretendia... Então eu não sei. Foi exatamente dois anos, a última vez que a alisei foi em março de 2017. Então eu não sei, mas acho que sim... Eu quero fazer mais coisas, eu vou comprar uns apliques, umas coisas assim... Talvez eu fale disso com vocês, tá? ‘Sua raiz permanece lisa com a humidade do banho?’ Touca de plástico! Agora eu estou usando toquinha de plástico que eu tenho aqui em casa... Eu nunca tinha usado isso, quando realizava o cabelo também... Muitas coisas tão simples, né? O acesso à informação é muito mais simples... Então eu coloco uma toquinha de plástico para entrar no banho, faço um rabinho baixo, coloco a touca, cubro para garantir e aí num vai ter problema, não. ‘Não é nenhuma pergunta, mas amei seu comprimento com cabelo liso’. Garota, e eu? Olha isso. [Rayza se levanta um pouco para mostrar o comprimento do seu cabelo escovado] está muito grande e meu cabelo, eu queria tanto cacheado ele desse tamanho... Mas tudo bem, é assim mesmo. Fator encolhimento. Como é que serão cachos se eles não encolherem? Não serão cachos! Aaah, que fofa! ‘Quem tem cachos é rainha, mas uma chapinha de vez enquanto também está valendo’. Lembra

quando essa frase surgiu? Que em terra de chapinha quem tem cacho é rainha... Eu gravei um vídeo na época, quem tem cachos é rainha, será? Porque eu sempre fui contra essa afirmação. Apesar de saber sim que a gente tem nossas mazelas, nossas dificuldades em assumir o cabelo cacheado e etc... Cada um tem suas coisas, sabe? Cada um tem seus problemas consigo, com a sua aparência... Então não me acho mais rainha do que ninguém porque eu venci uma fragilidade que eu tinha. Essa é uma; aí hoje tenho que vencer outra... E a menina lisa tem que vencer outra... ‘Mas Ray, ela é lisa, loira, pele clara, olho claro’. Cara, pode ter certeza que se você investigar de perto tem merda. Sempre tem! Sempre tem alguma coisa em casa, entendeu? Sempre. Todo mundo! ‘O olho ficou mais claro ou é impressão minha?’. O loiro apareceu mais, eu acho. Como tá liso, né? Ele apareceu mais... Só que aí também a raiz desceu mais, né? Eu fiquei com vontade de fazer um pouco aqui na frente, ó. Acho que eu vou fazer. ‘Quais são os teus cuidados pré chapinha e quais vão ser vão ser os pós?’ Eu tô, eu sou descolorida, então eu agora tenho uma rotina de hidratação regradíssima, assim como com a minha pele... Depois eu até quero gravar um vídeo atualizado. Hidratar o cabelo sempre, toda semana, se você for fazer chapinha nele ou não. ‘Se sente mais poderosa lisa ou cacheada?’. Arrumada! Eu me sinto muito poderosa arrumada, com as roupas de alfaiataria, de blazer... Aí se eu estou cacheada ou lisa não muda, não muda... O meu cabelo, eu acho que ele dá, ele tem... O meu cabelo natural, né? Ele tem uma imponência, assim... Tipo um volume, uma coisa tipo ‘cara, ela assumiu o cabelo dela’, isso é importante. Mas me sinto poderosa arrumada. Gente, eu amaria responder mais... Quem está aqui, ainda? Eu quero ver quem vai ficar aqui nesse rolês... Se você ficou aqui nesse vídeo, até agora, quero que deixe seu comentário aqui em baixo... Deixa seu *like* primeiro, se inscreve no canal. Vai ter muito mais vídeos nesse formato. É muito mais fácil de gravar, sabia? Eu não estou com luz, tô com nada. Eu sento e gravo sozinha, aqui. E eu sei que vocês gostam também, então deixe seus comentários, tá? E comenta aqui ‘livre pra caramba’. Amo vocês, meus amores. Deus abençoe muito a vida de vocês, espero que vocês tenham gostado desse vídeo tanto quanto eu gostei de gravar... Me segure lá no *Instagram*, meu *Instagram* é Rayza Nicácio, eu estou em obras, daqui a pouco a gente faz um diário da obra bem maravilhoso... Será que eu vou lá amanhã? Amo vocês, até a próxima, Deus abençoe, tchau. Vou te esperar na próxima, tá? Volta aqui, tá bom?

4. TEMOS BANCADAS, PISOS E A CHEGADA DO *CLOSET*! @RAYZAHOME  
#DIARIODAOBRA

Rayza: Sejam muito bem vindos a mais um diário da obra! Estou morrendo de sono, porque o dia está super chuvoso... Gente, cês são assim também? Quando está chovendo assim, eu fiquei muito na *bad*, sabe? Semana passado eu escolhi todas as tintas da casa, quase todas, está faltando de uma parede só, que é aquela parede especial. Agora, quem me acompanha lá no Rayza Home (@rayzahome) vai ver a saga que está sendo... vai saber a saga que está sendo escolher a tinta para a parede especial lá da sala, que vai ser a mesma cor do sofá. Um sofá que eu vou comprar posteriormente. Mas primeiro eu preciso definir a cor da tinta na parede. Eu escolhi um verde lá, mas não gostei, achei que ficou muito aberto, e agora tô vindo buscar mais duas ou quatro amostras de verdes e cinzas, porque eu vou ter que colocar o cinza como uma opção... É mais forte que eu. Só isso, gente, de opções de cores, assim... [Mostrando uma cartela com várias opções de cores nos espectros verde e cinza] Olha, a que eu levei foi essa aqui, lagoa natural, se eu não me engano... Só que aqui ele está bem cinzinha... pessoalmente, eu vou mostrar pra vocês como ele tá, ele parece mais aperto, assim, sabe? E não é o mesmo que eu quero... Quero uma coisa mais pra cá, ó. Talvez seja dessa paleta aqui. Vou esperar o vendedor e mostro pra vocês lá na obra, tão bom? As amostras que eu escolhi pra levar. Não tem ninguém na obra... Eu estou tentando ligar pro meu engenheiro, mas ele não atende.

Rayza falando ao telefone: Quem você falou que ia estar na obra hoje? O da pintura cê está faltando?

Rayza: Tudo bem, tá tudo bem, sem pressa... Já estou instalada na casa da minha mãe, não é? É! Vamos ao que evoluiu! E foi muita coisa, tá? Faz um tempo que eu não faço diário da obra, aqui, pra vocês, então muita coisa mudou, muita coisa evoluiu, eu tenho um monte de coisa legal para mostrar. Olha quem já tem um piso todinho... A casa também já está pintada... Essa parte aqui ó, não é um branco, branco... Chama porcelana, se eu não me engano, o nome da cor. Eu vou deixar escrito aqui em baixo. Esse cantinho aqui em baixo, ó, é o antes, e essa é a cor final, que é um cinzinha quase branco... E esse meu piso maravilhoso... Tá sujinho, pobrezinho, tá rejuntado... Ele estava coberto, né? Porque foi feita toda a parte de pintura, mas olha que lindo esse piso. Eu tentei configurar a câmera aqui, para as coisas ficarem um pouco menos cinzas... Talvez agora esteja até um pouquinho bege demais, mas acho que está mais próximo da cor, tá vendo? Aí aqui é a minha sala de tv, aqui é a escada, aqui vai ter muita moldura, muito, muito *boiserie*... Essa aqui é a parede especial, essas duas paredes são as paredes especiais. Eu testei essas duas cores... Eu tenho certeza que vocês vão dizer: 'Por que não, Ray? Meu Deus, é maravilhosa!'. Como a galera da pintura não tá aqui, eu não vou conseguir testar essas cores. Aí eu vou deixar essas tintas aqui... Ai, eu acho que vai ser muito

essa... essa, essa ou essa. Essa dica foi da Patrícia, uma arquiteta que assinou o projeto aqui da casinha, e eu e o engenheiro aqui de campinas estamos colocando em prática. Eu acho que essa cor é a que mais harmoniza, talvez um tonzinho mais escuro, mas eu vou pedir para eles fazerem um teste aqui, perto do piso, para mim também. Alguém me ajuda? Ó, o meu favorito, entre todos estes é o do meio aqui, ó; esse aqui. Acho que é o que está mais bonito aqui pessoalmente, e no vídeo também. Quando colocar a iluminação, *boiserie*, vai ficar demais. Porém, ainda estou pensando no cinza. Votem! Não é esse cinza, tá? Seria um cinza mais escuro, esse está muito claro. São essas duas paredes, ó; essa e essa. Não sei o que eu faço... Vou passar direto desses rosas e cês vão fingir que não estão vendo, e a gente vem aqui na cozinha. Está toda vestida! Surpresa! Tem a porta aqui na frente, mas o nicho também está pronto. Os 45 graus ficaram perfeitos. Aqui vai ser o interfone e aqui estão todos os comandos a das luzes, os cortes do gesso ainda vão ser feitos também, porque as lâmpadas não chegaram... Essa porta também já era pra tá aqui, vou dar uma cobradinha no cara. Parece uma fechadura ficou demorando chegar, alguma coisa assim, específica. Ali é geladeira, torre quente... Aqui é armário, armário, armário. Vocês já conhecem, né? Aqui o rejunte, ó, que eles passaram pra eu provar. Eu acho que está bom... Não sei, eu acho que talvez um cinzinhão fosse ficar mais... fosse ficar melhor. O que vocês acham? No vídeo está perfeito, mas aqui está aparecendo mais... E, finalmente... Gente, olha esse cubo rosa, que coisa mais linda deste mundo todo! Esse pedaço aqui, ó; acho que eu comentei isso em outro momento, não sei... Eles confundiram, eu falei pro engenheiro 'esse gesso não pode cortar, ele vai sobrepor a janela', devia ter um vidrinho, basculante, assim... E aí o confundiram, cortaram, e não terminou de colocar o revestimento. Porque vai vir até aqui, ó, e aí vai limpar pelo outro lado, entendeu? Vai ser como se fosse uma paredinha, até aqui mesmo. A ideia inicial era que o banheiro fosse branco, aqui em cima, mas eu queria que fosse tudo um rosa. Tá até meio escurinho, mas depois que colocar a iluminação... Aqui tem uma fita de *led* também. O pavimento superior desta casa que vos fala... Temos o quê? Saquinhos de balinha Finni... Mentira! Deve ser dos interruptores, já. Um banheiro lindíssimo de *onix* cristal, da Eliane Revestimentos, já está todo revestido... o ralo oculto já está colocado, olha que legal. O nicho já está todo feito também, tudo completinho... Ai, gente, eu sonhei tanto! Assim, cortadinho a 45 graus, com massa plástica... Ficou perfeito! Aqui vai ter um vaso sanitário que flutua, meninas... E aqui é o meu quarto, delícia... E o meu banheiro! Tchan, tchan, tchan... Já está tudo guardado aqui, essa são as tampas do vaso sanitário, esses são os vasos sanitários... Aqui são as cubas das duas bancadas, os nichos completinhos, também terminados... Depois vocês vão visualizar tudo isso melhor... Ah, o piso também já está colocado. É um banheiro, um

cubo de carrara também, né? Esse nicho também está prontinho, falta só rejuntar, no caso. Já foi colocada massa plástica, e é isso aí. E o *closet*... E essa é a iluminação maravilhosa que eu e você teremos pra gravar vídeos. Eu estou no *closet*, e esse é o primeiro cômodo que vai ficar pronto, porque a semana que vem o meu pai já entra com uma marcenaria daqui. Ele me disse que demorou um dia pra fazer a moldura de 6 das minhas portas. Pra vocês terem noção, ele pediu pra eu comprar 50 puxadores! É bem grande, bem grande! [Rayza correndo pelo cômodo]. Pra quem estava estressada, tá bom, né? A minha mudança está em um desses quadros, está trancada, eu esqueci a chave lá em cima... Também não tem muito o que mostrar, não. Um monte de caixa, um monte de caixa... Ah, esse aqui está vazio. Ótimo! Vê, só? O quarto também já está acabado, piso... Aí vai entrar a parte elétrica, as máquinas de ar condicionado... [Inscrição na tela: 'Alguns dias depois'] Gente, eu não sabia que o senhor estava aqui... [Rayza conversando com algum funcionário que está trabalhando na obra da casa].

Rayza: Como que faz, só por curiosidade, você pega, faz a peça inteira e depois corta?

Funcionário não identificado: É montada inteira. Reforçada por baixo, pra quando você cortar as duas, não quebrar... Se você quiser a gente pode pôr um pedaço dessa pedra aqui, então...

Rayza: É... Vai ficar bom, eu acho...

[Fim do diálogo com o funcionário]

Rayza: Mais um dia de obra, dessa vez muita coisa aconteceu, gente... Eu até cheguei aqui gravando e tomei um susto, falei, não, pera... Passaram alguns dias desde a última cena que vocês viram, e eu vou mostrar o que está acontecendo por aqui. Meu coração está até acelerado. Olha esse banheiro social, gente... A bancada já tá aqui, ó. A Pati indicou que a gente usasse essa cuba de louça e não a fazer esculpida, por causa da manutenção e da limpeza. Eu super concordei, e também acho que dá um ar mais clássico, sabe? Acho que fica lindo só com essas sainhas assim, sobrepondo... maravilhoso. O nicho já está pronto. Esse banheiro está praticamente pronto. Vai colocar a guarnição aqui, depois colocar o chuveiro, o box, o vaso sanitário também, que já está com a estrutura aqui... Perfeito. Tô emocionada. E essa bancada também, que coisa mais linda que tá ficando, meu Deus! Aqui vem um espelhão, vai cobrir bastante desse revestimento. Lembra que eu falei para vocês que o banheiro era integrado? Entrando no meu quarto, a gente passa primeiro pela bancada e aí tem o banheiro. Tá lindo demais. Aqui vai uma banheira, que também já era para estar por aqui, deve tá chegando... A área do box e o vaso sanitário. Está andando muito dessa vez! E a branco madeira já está entrando em ação, estou aqui com os meninos... Fala oi galera [Dois funcionários uniformizados acenam – Rayza conversa com um deles]

Rayza: E aí, muito grandes os armários?

Funcionário (2) não identificado: Enormes!

Rayza: Enormes, né? Deu trabalho lá na marcenaria?

Funcionários (2): Muito. As portas, nossa...

Rayza: Estão lindas, né:

Funcionário (2): Depois a Dani vai poder falar mais, ela que está dando acabamento nas portas...

Rayza: Ah, que legal!

Funcionários (2): Bem difícil.

Rayza: Bem difícil, né?

[Fim do diálogo com Funcionário (2)]

Rayza: Gente, as portas são aquelas com moldura, só que tem uma tecnologia nova, que depois vou mostrar pra vocês. Eu vou tentar achar uma foto bem detalhada, bem de perto, da minha porta antiga, lá do apartamento 84. Não tinha esse chanfro na moldura, ele acabava reto, o que fica muito mais fácil de fazer, mas esse acabamento com esse chanfro, viu que não acaba reto? É como se ele... A moldura fica diferente, assim, o acabamento fica muito mais lindo. No final o resultado fica surreal! Eu sei que é um detalhe, mas que faz toda a diferença. É um processo artesanal, eu tô superorgulhosa, de verdade, de toda a equipe do meu pai, né? Da marcenaria do meu pai que tá fazendo isso aqui e tá dando muito trabalho. E sei que está dando muito trabalho. É artesanal, tá? Vocês não encontram isso em qualquer lugar, falou isso com convicção! E essa aqui é uma portinha que ele fez de teste, ó. Eu vou levar lá fecha bem, onde eu vou comprar os puxadores e vou colocar aqui, porque essa espessura aqui da moldura é mais ou menos a que... Eu acho que é exatamente a que é usada nos armários. Não tem certeza. Se chama provincial 3d, meu pai a desenvolveu e o meu projeto tá sendo o primeiro ele está fazendo. Os armários estão desencaixados ainda, então fica difícil de vocês visualizarem, mas ó, esse armário vai de parede a parede... Os meninos estão trabalhando aqui já no fundo deles está vendo? Todo o esqueleto está pronto, toda a estrutura está pronta. As portas estão dando mais trabalho, vão chegar depois, e aí esse armário vai encaixar lá no fundo, tá? Tipo, ele vai ser empurrado lá profundo. Tá vendo, ó, tem uma pessoa lá atrás, aí empurra esse armário, vai ficar ali, um paredão. Aqui outro paredão... Já está montada a estrutura também, ó. Aqui, aqui, aqui e aqui, e aí vai ficar um outro paredão... Tem um nicho enorme que eu tô achando que... Não sei se é aqui, não. Eu sei que tem um nicho nesse armário que vai ter um espelho, que vai encostar lá na parede também. Aí aqui vai a penteadeira e aqui vai a sapateira. A sapateira ainda não veio. Aqui já tem bastante gaveta, pai

pediu para comprar uns puxadores que eu ainda não comprei... Estou apaixonado por esse banheiro. Meu Deus, que casa linda, senhor, meu Deus, muito obrigada. Olha esse piso, é o amazônia amêndoa Eliane, que foi colocado nessa paginação *chevron* até aqui na varanda. Eu preciso comprar, mandar fazer o guarda corpo especial, que eu quero pra cá, porque eu tirei o antigo que está bem ali, ó. A vizinha cantando.

Funcionário (3) não identificado: Desde cedo

Rayza: Desde cedo.

Funcionário (3): Ahan

[Fim do diálogo].

Rayza: E por aqui encerramos o vídeo de hoje, espero muito que tenham gostado... a obra agora... Agora está tomando forma, não tá? Num tá dando pra ver bem a carinha? Como que está a expectativa de vocês, aí? Eu sei que no começo, tipo, meu, a Rayza pirando... O quê que ela está fazendo? O que tá fazendo essa pia fora do banheiro? Mas acho que agora vocês vão acostumando, as coisas vão tomando forma, né? Claro que é importante pra mim saber a opinião de vocês, mas claro que de outro modo tenho que pensar na minha rotina, na minha vida, no dia-a-dia, se funciona ou não. Mas eu estou muito feliz em compartilhar todas as coisas com vocês, e estou muito feliz também que vocês gostam de assistir e estão sempre aqui nos comentários. Amo vocês, Deus abençoe muito e até o próximo *vlog*, até o próximo diário da obra, até o próximo vídeo no carro, até a próxima *tag*... Como? Pertinho, juntinho, coladinho. Amo vocês, fiquem com Deus. Tô apegada, vamos ficar aí. Deixa eu ver quem vai ficar aqui até o final. E aí, gente? Conta da sua vida... Conta o seu dia, como foi seu dia? o que você achou? Não, sinceramente, o que está achando da obra? Sinceramente, assim... Hashtag, sinceramente Ray, aí eu vou saber que você ficou até aqui. Aí cê me conta. Sinceramente, coisa boa, tá? Sempre. Tá, agora eu vou mesmo.